

BIANCA MACHADO QUINTINO DAMACENA

**VIVAS NOS QUEREMOS!
OS DISCURSOS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA QUE
FORAM EM BUSCA DE AJUDA**

PORTO ALEGRE, 2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS ÁREA: ESTUDOS DA
LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS ENUNCIATIVAS**

**VIVAS NOS QUEREMOS!
OS DISCURSOS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA QUE
FORAM EM BUSCA DE AJUDA**

ORIENTADORA: PROFa. DRa. ANA ZANDWAIS

Tese apresentada como requisito para a obtenção do título de Doutora em Letras: Estudos da Linguagem: Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE, 2021

BIANCA MACHADO QUINTINO DAMACENA

**VIVAS NOS QUEREMOS!
OS DISCURSOS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA QUE
FORAM EM BUSCA DE AJUDA**

Tese apresentada como requisito para a obtenção do título de Doutora em Letras: Estudos da Linguagem: Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 01 de abril de 2021.

Ana Zandwais, UFRGS, Dra. Presidente/Orientadora

Profa. Dra. Belmira Rita da Costa Magalhães

Profa. Dra. Luciana Vedovato

Profa. Dra. Verli Fatima Petri da Silveira

CIP - Catalogação na Publicação

Damacena, Bianca Machado Quintino
VIVAS NOS QUEREMOS! OS DISCURSOS DE MULHERES EM
SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA QUE FORAM EM BUSCA DE
AJUDA / Bianca Machado Quintino Damacena. -- 2021.
285 f.
Orientadora: Ana Zandwais.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Análise do Discurso Francesa. 2. Feminismo. 3.
Violência doméstica. 4. Desidentificação. 5. Formação
Discursiva. I. Zandwais, Ana, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Para minha mãe, minha maior incentivadora e
inspiração.

AGRADECIMENTOS

Não há palavras suficientes para dar conta de toda a alegria e gratidão que sinto neste momento. Ao longo desses anos todos de muito trabalho, estudos, pesquisa, de muitas lutas altos e baixos, eu tive apoio de tantas pessoas maravilhosas, de tantas formas diferentes, que não seria um exagero dizer que esta Tese só se tornou uma realidade por causa delas. Já me desculpando pela falta de espaço para colocar os nomes de todo mundo, começo os meus agradecimentos, como não poderia deixar de ser, pela minha pequena família.

Agradeço à minha mãe, Gilva, com todo meu amor. Seja porque ela sempre me incentivou muito a correr atrás dos meus sonhos, ou por ter estado ao meu lado nos momentos mais difíceis, segurando a minha mão e não me deixando desistir, sem ela eu não estaria onde estou, não teria alcançado mais esta conquista. E à minha irmã, Bruna, por ter tido paciência nas horas em que precisei me distanciar e por também ser uma grande incentivadora, que está sempre torcendo por mim, sem medir esforços para me ajudar quando preciso.

Agradeço aos meus amigos e amigas, do Distrito Federal, minha terra natal, e do Rio Grande do Sul, minha terra adotiva. Eles que me apoiaram, me deram colo quando eu precisei chorar, me deram ouvidos quando eu já não conseguia mais pensar sozinha, me deram conselhos, abraços, e muito incentivo. Tenho muita sorte de ter vocês por perto e muito privilégio de poder contar com tanto amor, carinho e torcida. Queria poder colocar todos os nomes aqui, mas tenho medo de pecar pelo esquecimento. Entretanto, não posso deixar de fazer um agradecimento especial às minhas amigas Thainá e Mariá que foram incansáveis na busca pelas entrevistadas, passando os contatos necessários e às vezes até mesmo falando com as pessoas por mim. Esta Tese também não seria possível sem vocês.

Agradeço à *Casa de Referência da Mulher – Mulheres Mirabal*, em especial às coordenadoras Nana, Nataniele, Júlia e Andressa, por terem me recebido de braços

abertos e muito dispostas a ajudarem na pesquisa. Além disso, sem o trabalho de vocês, muitas mulheres em Porto Alegre não teriam tido possibilidade de recomeços. O que vocês fazem é de uma importância sem tamanho e por isso eu também agradeço do fundo do meu coração, na esperança de que mais e mais casas de apoio como a *Mirabal* apareçam nos quatro cantos do país.

Um obrigada mais que especial às mulheres que aceitaram ser entrevistadas, Rosa, Angela e Clara. Agradeço imensamente por terem dividido comigo as suas histórias, suas aflições e também suas perspectivas para o futuro e esperanças. Vocês foram e são uma inspiração para mim e espero que meu trabalho esteja à altura das nossas ambições de combater, de uma vez por todas, a violência contra as mulheres no ambiente doméstico.

Agradeço à professora Ana Zandwais pelos ensinamentos, pelas provocações teóricas, pelos bons debates e pela minúcia com que corrigiu meu trabalho, apontando a cada linha coisas que precisavam ser melhoradas, sem deixar de apontar meus acertos. Sinto-me uma privilegiada por ter vindo de outra linha teórica, de outra universidade em outra cidade e, mesmo assim, ter sido acolhida como orientanda. Outro privilégio é que aprendi muito, não apenas sobre AD, mas sobre tantas outras coisas que tenho certeza que serei outra Bianca a partir de agora.

Agradeço às professoras Verli Petri (UFSM) e Gesualda Rasia (UFPR) que foram a banca de qualificação e, a partir de leituras carinhosas e atentas, fizeram contribuições valiosas para que eu pudesse dar andamento à Tese e, mais, pudesse aprender também.

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, uma das melhores universidades do Brasil, por ter me acolhido também e me possibilitado fazer um doutorado nota 7, conforme a CAPES, completamente gratuito. A UFRGS, assim como outras universidades públicas, sofre ataques todos os dias, mas resiste bravamente. Defendo a educação pública, gratuita, com qualidade, laica e socialmente referenciada e agradeço por encontrar na UFRGS parceiros para esta defesa.

Agradeço a todas as minhas companheiras e companheiros da Corrente Socialista de Trabalhadoras e Trabalhadores CST/PSOL pela compreensão nos meus momentos de ausência das lutas e reuniões e também por sempre estarem dispostos a me auxiliarem com textos, debates e tudo mais. É um orgulho imenso estar ao lado de vocês nas trincheiras da vida.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todas as mulheres que vieram antes de mim e deram sangue, suor e lágrimas para transformar nossa realidade. Se hoje eu tenho condições de estar terminando um doutorado em uma universidade federal com um tema que debate a libertação das mulheres na sociedade machista, patriarcal e capitalista brasileira é porque aquelas que vieram antes ousaram se levantar contra as ideologias dominantes. E por isso eu também ousou me revoltar para que sigamos conquistando vitórias e, no futuro, todas sejamos livres de fato das amarras do machismo.

Cuidado com as mulheres quando sentirem nojo por tudo que as rodeiam e se levantarem contra o velho mundo. Neste dia, nascerá o novo mundo! (Louise Michel - professora e poetisa, figura importante no episódio conhecido como Comuna de Paris)

Resistir para não morrer! (Palavra de ordem ecoada em atos feministas de combate à violência contra a mulher)

RESUMO

Este estudo tem como objetivo compreender os processos sociais, históricos, ideológicos e discursivos que corroboram para que as violências machistas, em especial a violência contra a mulher no espaço doméstico, foco deste trabalho, continuem apresentando números alarmantes de vítimas, inclusive fatais, até os dias de hoje. Ademais, buscou-se refletir sobre possibilidades de interferir na realidade da sociedade patriarcal e capitalista brasileira com vistas a contribuir para o avanço da luta contra as violências. Para tanto, o trabalho foi inscrito sob os pressupostos teóricos da Análise de Discurso de origem francesa, inaugurada por Michel Pêcheux, e possibilitou que conceitos-chave como ideologia, emergência do sujeito para a AD, formações discursivas e ideológicas e condições de produção pudessem ser abordados e discutidos. A análise teórica dos pressupostos da AD aponta que o assujeitamento dos sujeitos é ideológico e se dá sob o que Pêcheux chamou de tomadas de posição. Este estudo ainda faz uma discussão sobre condições de produção que permitem observar os processos históricos, discursivos e ideológicos que determinaram o lugar subalterno da mulher na sociedade ocidental machista, patriarcal e capitalista do século XXI. O *corpus* desta pesquisa é de natureza experimental uma vez que, conforme Courtine (2014) não se trata de documentos pré-existentes mas de relatos livres de mulheres que passaram por violência doméstica e foram em busca de ajuda na *Casa de Referência da Mulher – Mulheres Mirabal*, situada em Porto Alegre/RS. As entrevistas foram estruturadas em torno de 3 blocos. O primeiro deles compreendeu as narrativas sobre as infâncias, crenças, familiares, entre outras questões concernentes às condições de existência delas, o que possibilitou compreender o funcionamento e as condições de produção da violência contra a mulher no ambiente doméstico a partir de uma ótica histórico-discursiva; o segundo bloco tratou da convivência com o agressor até o momento em que elas saíram dos lares violentos, dando abertura para se refletir sobre o que ocorre no espaço-tempo de transição entre a casa violenta e a casa de passagem além de como as Flds configuram, nos discursos, a representação de contradições inerentes aos AIEs envolvidos; e o terceiro diz respeito à experiência de cada uma delas com a *Mirabal*. Após concluir as análises, foi possível observar que dentro da *Mirabal* circularam práticas, saberes, rituais de acolhimento e de formação feminista, contribuindo para que mulheres que passaram por diversas formas de violência doméstica pudessem retomar a vida e até mesmo tentar ajudar outras mulheres. Demonstrou-se que, na luta de classes, há espaço para mulheres vítimas de violência doméstica se configurarem como *sujeitas* contraidentificadas ou desidentificadas.

Palavras-chave: Violência doméstica. Formação Discursiva. Formação ideológica. Feminismo. Casas de apoio.

ABSTRACT

This study aims to understand the social, historical, ideological and discursive processes that corroborate that sexist violence, especially violence against women in the domestic space, the focus of this dissertation, continue to present alarming numbers of victims, including fatal ones, until nowadays. In addition, we sought to reflect on possibilities of interfering in the reality of Brazilian patriarchal and capitalist society with a view to contributing to the advancement of the fight against violence. To this end, the work was inscribed under the theoretical basis of French Discourse Analysis, inaugurated by Michel Pêcheux, and made it possible that key concepts such as ideology, emergence of the subject for DA, discursive and ideological formations and conditions of production could be addressed and discussed. The theoretical analysis of the DA postulates points out that the subject's subjection is ideological and takes place under what Pêcheux called positioning. This study also discusses the conditions of production that allow observing the historical, discursive and ideological processes that determined the subordinate place of women in the 21st-century male, patriarchal and capitalist society. The *corpus* of this research is of an experimental nature since, according to Courtine (2014), these are not pre-existing documents but free reports by women who have experienced domestic violence and sought help at *Casa de Referência da Mulher – Mulheres Mirabal*, located in Porto Alegre / RS. The interviews were structured around 3 blocks. The first one comprised the narratives about childhoods, beliefs, family members, among other issues concerning their conditions of existence, which made it possible to understand the functioning and conditions of the production of violence against women in the domestic environment from a historical-discursive perspective; the second block dealt with coexistence with the aggressor until the moment they left the violent homes, opening up to reflect on what happens in the space-time of transition between the violent house and the passage house, in addition to how the IFs are configured, in the discourses, the representation of contradictions inherent to the ISAs involved; and the third concerns the experience of each of them with *Mirabal*. After concluding the analyzes, it was possible to observe that within *Mirabal*, practices, knowledge, welcoming rituals and feminist education circulated, contributing so that women who went through various forms of domestic violence could resume their lives and even try to help other women. It was shown that, in the class struggle, there is room for women victims of domestic violence to be configured as counter-identified or de-identified subjects.

Keywords: Domestic violence. Discursive Formation. Ideological formation. Feminism. Emergency housing.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD – Análise de Discurso

AIEs – Aparelhos Ideológicos de Estado

ARE – Aparelho Repressor de Estado

CP – Condições de Produção

FD - Formação Discursiva

FDr - Formação Discursiva de Referência

FDrMA – Formação Discursiva de Referência da Mulher Agredida

FId - Formação Ideológica

SD – Sequência Discursiva

SDs – Sequências Discursivas

SDr – Sequência Discursiva de Referência

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 IDEOLOGIA, CONSCIÊNCIA E ANÁLISE DO DISCURSO: MARX & ENGELS, ALTHUSSER E PÊCHEUX	23
1.1 A produção da Consciência em Marx e Engels: o trabalho das ideologias	23
1.2 Ideologia em Althusser: Os Aparelhos Ideológicos de Estado	40
1.3 Concepções de Sujeito e de Discurso na Obra de Michel Pêcheux	55
1.3.1 <i>A noção de sujeito para a AD</i>	61
1.3.2 <i>As noções de Formação Discursiva e Formação Ideológica</i>	69
1.3.3 <i>A noção de condições de produção</i>	79
1.3.3.1 Condições de produção dos percursos determinantes do lugar da mulher na atual sociedade capitalista	84
1.3.3.2 O advento do capitalismo e a situação da mulher: nada de novo no front	93
1.3.3.3 As violências contra a mulher: uma questão de machismo	100
2 A CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DE PESQUISA EM AD	112
2.1 Condições de produção do <i>corpus</i> - Mulheres Mirabal	116
3 NARRATIVAS DE MULHERES QUE SOFRERAM VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FORAM EM BUSCA DE AJUDA: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DAS ENTREVISTAS	121
3.1 Relatos livres das entrevistadas a partir da proposta	123
3.1.1 <i>Primeira entrevistada - Rosa Luxemburgo: “Eu tenho uma felicidade que eu sobrevivi”</i>	123
3.1.1.1 Bloco 1 Condições de produção: histórico da entrevistada	123
3.1.1.2 <i>Bloco 2 Narrativa sobre as violências</i>	129
3.1.1.3 <i>Bloco 3 Narrativa sobre a experiência na Mirabal e sua influência sobre a entrevistada</i>	145
3.1.2 Segunda entrevistada Angela Davis: “Eu tô aqui pra te ajudar, amor, eu passei pela mesma coisa que tu. Vamo lá, mulher!”	149
3.1.2.1 <i>Bloco 1 Condições de Produção: Histórico da Entrevistada</i>	149
3.1.2.2 <i>Bloco 2 Narrativa sobre as violências</i>	153
3.1.2.3 <i>Bloco 3 Narrativa sobre a experiência na Mirabal e sua influência sobre a entrevistada</i>	169
3.1.3 Terceira entrevistada Clara Zetkin: “eu não tinha o direito de desistir”	175
3.1.3.1 <i>Bloco 1 Condições de Produção: Histórico da Entrevistada</i>	175
3.1.3.2 <i>Bloco 2 Narrativa sobre as violências</i>	181
3.1.3.3 <i>Bloco 3 Narrativa sobre a experiência na Mirabal e sua influência sobre a entrevistada</i>	192

3.2 Analisando semelhanças e diferenças entre as entrevistadas	197
CONSIDERAÇÕES FINAIS	200
REFERÊNCIAS	212
ANEXOS	215

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é uma realidade tangível. A título de exemplo, em 2000, 7% dos homicídios ocorridos no Brasil era de mulheres; em 2010 esse percentual aumentou para 16%, segundo pesquisa da Fundação Perseu Abramo¹. Entre fevereiro de 2018 e fevereiro de 2019, os dados são ainda mais alarmantes como mostra pesquisa da Datafolha, encomendada pela Organização Não-Governamental Fórum Brasileiro de Segurança Pública. De acordo com a pesquisa, 1,6 milhão de mulheres sofreram espancamento e 76,4% destas conheciam o agressor. A maioria aconteceu dentro de casa. Ainda, conforme a Datafolha, no Brasil são mais de 500 casos de agressão por hora. Um bom percentual destas mulheres mortas e agredidas faz parte de um contingente de minorias ainda mais oprimidas, na medida em que pertencem à condição racial negra e aos segmentos mais pobres da sociedade. E se dentro do lar não estamos seguras, os espaços públicos são ainda mais perigosos: em 2018 foram registrados 4 milhões de assédios em transporte público².

Quando se fala em violência contra as mulheres, muitos são os discursos: há o da mídia, o jurídico, o feminista, o machista, mas em se tratando das vítimas, os discursos ainda são incipientes, inclusive pela grande dificuldade que elas têm em denunciar casos de violência doméstica, algo que a sociedade patriarcal capitalista impõe. Entretanto, como os dados listados acima demonstram, as denúncias têm aumentado, o que pode significar crescimento no número de casos, ou na iniciativa de mulheres em buscar ajuda para tentar se libertar de seus agressores. De acordo com o Ligue 180, somente em 2015, a Central de Atendimento à Mulher realizou 749.024 atendimentos, ou 1 atendimento a cada 42 segundos³. Desde 2005, são quase 5 milhões de atendimentos. Já nos primeiros seis meses de 2019, o canal recebeu 46.510 denúncias, um aumento

¹ Estes dados podem ser encontrados em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/937293/mod_resource/content/1/CAMPOS%20C%20H%20Viol%C3%Aancia%20dom%C3%A9stica.pdf Acesso em: 10 maio de 2019.

² A pesquisa pode ser vista em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47365503> Acesso em 15 de setembro de 2019.

³ Conforme <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=7637908&disposition=inline> Acesso em 15 de setembro de 2019.

de 10,93% em relação ao mesmo período de 2018, conforme balanço anual do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos.⁴

Como mulher, feminista e socialista, sempre que me deparo com esses dados penso que não há mais como manter a “normalidade”. As mulheres no mundo inteiro não vivem na normalidade uma vez que a qualquer momento podem ser vítimas de algum tipo de violência desencadeada pelo simples fato de serem mulheres. Ao longo da minha vida vi familiares e amigas serem vítimas de violência machista. Eu também faço parte das estatísticas de mulheres que já sofreram algum tipo de violência machista. Porém, ao me encontrar com o feminismo e a construção de um partido revolucionário, a máxima que me inspirou a seguir em frente e tentar modificar essa realidade foi “faça da sua dor luta”, de autor (ou autora) desconhecido, e que conheci durante o movimento estudantil.

Nem todas as mulheres conseguem fazer da sua dor uma luta. Muitas apenas sentem dor e se conformam. Muitas sentem dor e morrem. Não é fácil, mas a quarta onda do feminismo que estamos vivendo agora aponta uma luz no fim do túnel. Um exemplo são as marchas multitudinárias em várias cidades no mundo reivindicando o fim da violência contra as mulheres. O título desta Tese, inclusive, “*vivas nos queremos*”, é uma das consignas mais ecoadas nos últimos anos desde a grande marcha de 2016, após o brutal estupro e assassinato da argentina Lucía Pérez⁵. “*Ni una menos, nunca más, porque vivas nos queremos*” era, e continua sendo, o grito comum ao redor do mundo, um grito desesperado em defesa da vida das mulheres.

Por isso, considero que é tempo de mobilizarmos todos os espaços possíveis, do lar à universidade, passando pela escola, pela igreja, pela conversa despretensiosa entre vizinhos, ou amigos em um bar, para que pensemos e discutamos a dimensão política, histórica e social da violência contra a mulher. E, da minha parte, pretendo mobilizar o espaço que compreende a minha Tese para não apenas fazer essa discussão, mas também tentar compreender os processos sociais, históricos, ideológicos e discursivos que corroboram esses números alarmantes até os dias de hoje. Para tanto, ao analisar discursos de mulheres agredidas em transição da situação de violência vivida no lar para

⁴ Conforme <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2019/agosto/balanco-anual-ligue-180-recebe-mais-de-92-mil-denuncias-de-violacoes-contra-mulheres> Acesso em 15 de setembro de 2019.

⁵ A notícia pode ser lida em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37692722> Acesso em 5 de abril de 2020.

uma Casa de Apoio, neste caso a *Casa de Referência da Mulher – Mulheres Mirabal*, situada em Porto Alegre/RS, a ideia é, primeiramente, compreender, sob uma perspectiva histórico-discursiva, as condições de produção e funcionamento da violência contra a mulher. Após, talvez seja possível que maneiras de interferir na realidade da sociedade patriarcal e capitalista brasileira sejam pensadas e que se contribua, de alguma forma, para o avanço da luta contra as violências, em especial a doméstica, foco deste trabalho.

O principal objetivo, então, é compreender o funcionamento e as condições de produção da violência contra a mulher no ambiente doméstico, a partir de uma ótica histórico-discursiva. Para conseguir fazê-lo, foi preciso, portanto, descrever percursos históricos que remetem à opressão das mulheres e às diversas violências machistas que elas sofrem.

Também refleti sobre as posições-sujeitos das mulheres em fase de transição do espaço doméstico violento para a Casa de Apoio em relação à sua condição de objetos da violência, com o objetivo de entender o que aconteceu com elas no espaço-tempo de transição.

Além disso, busquei investigar como diferentes formações ideológicas configuram, nos discursos das narrativas das mulheres, a representação de contradições inerentes às instituições da sociedade patriarcal e capitalista que se refletem como determinadas formas de luta de classes no campo socioeconômico, bem como no que tange a suas políticas de opressão às mulheres.

Por último, mas não menos importante, foi preciso compreender as condições de produção dos processos discursivos de mulheres vítimas de violência doméstica a partir de uma retomada histórica de suas próprias condições socioeconômicas, a educação recebida no ambiente familiar, crenças e saberes internalizados ao longo de suas trajetórias. Para tanto, através de narrativas, pude criar situações que me permitiram refletir sobre tais condições, bem como analisar os depoimentos daquelas que estão em transição da situação de violência doméstica para uma Casa de Apoio ou que já passaram por esta fase.

A Análise do Discurso de linha francesa, originada a partir dos estudos de Michel Pêcheux entre as décadas de 1960 e 1980, é uma teoria que permeia três regiões do conhecimento: o Materialismo Histórico marxista, como teoria das formações sociais, a

Linguística, sendo observada do ponto de vista sintático e da enunciação ao mesmo tempo, e uma Teoria do Discurso que disserta sobre a determinação histórica dos processos semânticos (PÊCHEUX, 2014). Essas três arestas são atravessadas por uma quarta região do conhecimento, a saber, a Psicanálise. Com a articulação de todas essas teorias, Pêcheux cria uma “teoria não-subjetiva da subjetividade” e modifica completamente a forma de observar as relações entre sujeito, discurso e sentido. Para chegar à ideia de “teoria não-subjetiva da subjetividade”, Pêcheux (2014) articula as noções de inconsciente e de ideologia, a partir de estudos realizados em torno da obra de Louis Althusser, demonstrando que o sujeito é afetado pessoal e socialmente. Pessoalmente porque ele tem um inconsciente e socialmente porque é interpelado pela ideologia.

Para a Análise do Discurso, é sob essa articulação entre inconsciente, ideologia e história que o sujeito produz seus discursos. Sobretudo, o sujeito de Pêcheux (2014) é histórico e social, mas ignora essa condição justamente por ser afetado pelo inconsciente, o que o faz se crer como origem do que diz e que domina o sentido de seu dizer. Dessa forma, trata-se de uma teoria não-subjetiva da subjetividade porque ela não centraliza o sentido do enunciado no sujeito em si, mas, a partir de outras questões. É uma teoria que vai dizer que sujeito, sentido e até mesmo a língua podem ser fruto de determinações sócio-históricas. Pêcheux desenvolve essa teoria a partir de leituras da obra de Althusser em torno da questão das Formações Ideológicas (Fid), mas completando a reflexão althusseriana com a noção de Formação Discursiva (FD), tomada de Michel Foucault. Ambas as noções são reconfiguradas por Pêcheux, como apresentarei no primeiro capítulo da Tese.

Em linhas gerais, conforme Pêcheux (2014), uma FD representa saberes que se relacionam com a ideologia vigente e que determinam o que pode e deve ser dito. A relação que o sujeito tem com a FD é o que revela o funcionamento do discurso. O conceito de FId, por sua vez, caracteriza um conjunto complexo de atitudes referentes a posições de classe em conflito umas com as outras. Os indivíduos são interpelados em sujeitos que enunciam por formações discursivas que, através da linguagem, representam as formações ideológicas a que são correspondentes.

Considerando os objetivos expostos anteriormente, a saber, compreender o funcionamento e as condições de produção da violência contra a mulher no ambiente doméstico a partir de uma ótica histórico-discursiva; refletir sobre o que ocorre no espaço-tempo de transição entre a casa violenta e a casa de passagem; compreender as condições de produção dos processos discursivos de mulheres vítimas de violência doméstica e como Flds configuram, nos discursos, a representação de contradições inerentes aos AIEs envolvidos, e que todo indivíduo está inserido em uma determinada ideologia, foi preciso, dessa forma, observar os saberes que emergiram dos discursos das mulheres com quem conversei para então pensar sobre como saberes de outras FDs migram para os seus discursos. Portanto, refletir sobre a FD e a Fld foi de extrema importância para pensar a constituição dessas mulheres em *sujeitas*⁶ para a AD.

As condições de produção também são de extrema relevância para a Tese, uma vez que esta categoria é uma das formas de trazer a concepção materialista marxista de história para dentro de uma teoria do discurso. A noção de condições de produção pode ser considerada tanto como o contexto da enunciação quanto o contexto sócio-histórico e ela vai auxiliar na determinação das FDs que interpelam os sujeitos e representam, por meio da língua, as Flds que lhes são correspondentes. Sendo assim, para a Análise do Discurso de origem francesa, a busca dos possíveis (efeitos de) sentidos que determinado discurso pode evocar precisa não mais se ater apenas à estrutura da língua, mas estar atenta a elementos externos, ou seja, às condições de produção em que o discurso analisado foi produzido, explicitando-se, na medida do possível, as FDs e Flds envolvidas.

⁶ A norma culta da língua portuguesa define que quando se tem homens e mulheres, os artigos, substantivos e adjetivos são flexionados no plural masculino. Mesmo se houver apenas um homem entre 100 mulheres, esta será a regra. De certa forma, trata-se de um apagamento das mulheres nas ações, processos históricos e etc. Em 2012, a então Presidenta Dilma, sancionou a Lei nº 12.605 que decretava a obrigatoriedade de flexionar títulos acadêmicos como bacharel e mestre, além de algumas profissões, para o feminino, justamente com essa preocupação de incluir as mulheres e contemplá-las. Na AD, o termo *sujeito* é um substantivo usado para indicar que um indivíduo foi interpelado por uma (ou muitas) ideologia(s). Isto é, um indivíduo, seja ele do gênero feminino ou masculino, passa a ser considerado um sujeito depois do processo de assujeitamento, que se dá em tomadas de posição (que veremos mais adiante). Este termo, com essa acepção, não tem flexão para o feminino. Entretanto, o meu intuito aqui é demarcar, ideológica e linguisticamente, que os sujeitos dos discursos analisados são somente mulheres e, portanto, acho necessário flexionar para o feminino. Ressalto, ainda, que esta escolha aparece apenas quando estou me referindo às mulheres vítimas de violência doméstica cujos discursos foram analisados.

Com base nessa breve introdução à AD, bem como no que autores como Jean-Jacques Courtine (2014), que faz críticas importantes à teoria de Pêcheux, entre outros, têm a acrescentar sobre a Análise do Discurso de origem francesa, entendo que filiar esta Tese à AD é de extrema importância.

Com os pressupostos teóricos que compõem esta área de estudos, tive a possibilidade de, ao analisar discursos de mulheres que sofreram agressão de seus companheiros e buscaram ajuda, refletir sobre o processo histórico da violência contra as mulheres, bem como sobre questões ideológicas envolvidas, a partir de uma perspectiva materialista.

Ademais, a AD permite pensar sobre língua e processos discursivos no cenário de resistência ou de súplica por ajuda que aparece em forma de discurso dessas mulheres que deram um passo em direção à liberdade. Mas, para dar início a esse processo, é preciso atravessar pelos caminhos que levaram a AD a constituir-se como uma área de conhecimento.

Dessa forma, ao longo desta pesquisa, fiz um estudo em torno de conceitos muito relevantes para Pêcheux, bem como para a AD como um todo. O primeiro deles é o de ideologia. Em seguida, apresento o sujeito para a Análise do Discurso, as Formações Discursivas e Ideológicas e, por fim, as condições de produção. Destaco que, com base em autores como Friedrich Engels, Heleieth Saffioti, Evelyn Reed e Rita Segato, discuto as condições de produção que determinaram (e ainda determinam) o lugar da mulher na sociedade capitalista, ocidental, que se diz democrática.

Nas pesquisas em Análise do Discurso, os procedimentos metodológicos são um tanto quanto diferentes dos aplicados nas pesquisas das outras áreas, inclusive dentro da Linguística. Isso se dá porque, primeiramente, teoria e metodologia caminham lado a lado, de maneira que uma apoia a outra e não se pode separá-las. Além disso, ao analista de discurso é dada a possibilidade de construir o seu próprio dispositivo de análise, a partir das especificidades apresentadas por um determinado *corpus*, o que faz com que, em AD, o procedimento metodológico não esteja acabado em si.

Uma terceira característica, intrínseca à própria essência da Análise do Discurso, é que o analista não fica preso somente ao nível linguístico, mas ultrapassa essas fronteiras já que as questões linguísticas só podem ser explicadas a partir das condições

sócio-históricas em que o discurso é produzido, pois as materialidades somente significam ao se inscreverem em um ordenamento histórico e o que a AD objetiva é a compreensão de como essas materialidades colocam em funcionamento certos processos de significação.

Considerando o exposto acima, cabe ressaltar, então, que o percurso de análise teórica feito nesta Tese e que discutiu aspectos importantes sobre a violência contra a mulher faz parte da metodologia empregada aqui. Parti do geral em direção ao específico. Isto é, comecei meu estudo fazendo uma leitura do contexto sócio-histórico de origem da opressão da mulher na sociedade capitalista ocidental, pois considero que esse movimento de retorno ao passado é fundamental para entender que a posição de “segundo sexo” relegada às mulheres hoje em dia nunca foi eterna, nem obra de um deus ou algo que se deva considerar natural.

Uma boa parte dessa análise teórica tratou das condições de produção que permitem observar os processos históricos e ideológicos que determinaram o lugar da mulher na sociedade ocidental machista, patriarcal e capitalista do século XXI. Depois, com as narrativas, foi possível analisar o *corpus* também em cotejo com as condições de produção estudadas no primeiro capítulo de maneira que pude observar que os discursos dessas mulheres são atravessados por outros discursos.

O segundo capítulo trata da constituição do *corpus* da pesquisa. Seguindo a nomenclatura proposta por Courtine (2014), o *corpus* desta Tese é experimental, uma vez que não se trata de um arquivo pronto, ele foi montado a partir de narrativas. A análise se deu através da seleção de fragmentos retirados do *corpus*, chamados sequências discursivas.

Depois de refletir sobre o percurso histórico que permite naturalizar o papel subalterno da mulher na sociedade, bem como as violências machistas, foi necessário pensar em como surgem as formas de subjetividade das mulheres que sofrem violência e vão buscar ajuda em Casas de Apoio. Para tanto, me baseei nas materialidades linguísticas das narrativas produzidas a partir das entrevistas.

Este estudo selecionou como *corpora* discursos de mulheres que foram buscar algum tipo de ajuda para se verem livres de uma situação de violência doméstica. Passada a etapa de coleta das narrativas, a análise dos recortes selecionados a partir do

discurso produzido se deu, num primeiro momento, em busca dos nossos objetivos propostos. Além de o *corpus* ser experimental, é preciso delimitar que sua forma é constituída por várias sequências discursivas produzidas por diferentes locutoras.

Como se trata da análise de discursos que emergem a partir de um rompimento com um ciclo de violência machista, as contradições estavam muito marcadas e, a partir delas, pude refletir se havia espaço para um rompimento efetivo com a formação discursiva machista ou se essas mulheres se encaixam no que Pêcheux (2014) chama de mau sujeito, ou se elas partem em direção à desidentificação.

O terceiro capítulo apresenta as análises das sequências discursivas de referência selecionadas a partir dos relatos livres das mulheres entrevistadas. A entrevista, para as três mulheres, se estruturou em torno de 3 blocos principais. O primeiro deles compreendeu as narrativas sobre as infâncias, crenças, familiares, entre outras questões concernentes às condições de existência delas; o segundo bloco tratou da convivência com o agressor até o momento em que elas saíram dos lares violentos; e o terceiro diz respeito à experiência de cada uma delas com a *Mirabal*.

Após concluir as análises, foi possível observar que as práticas, saberes, rituais de acolhimento e de formação feminista que circulam dentro da *Mirabal* contribuem para que mulheres completamente vulneráveis em decorrência das diversas formas de violência doméstica que sofreram, possam retomar a vida e até mesmo avançar para ajudar outras mulheres. Ou seja, há espaço para que os movimentos sociais e feministas atuem na luta de classes para ajudar mulheres vítimas de violência doméstica a se configurem como sujeitas contraidentificadas ou desidentificadas.

1 IDEOLOGIA, CONSCIÊNCIA E ANÁLISE DO DISCURSO: MARX & ENGELS, ALTHUSSER E PÊCHEUX

1.1 A produção da Consciência em Marx e Engels: o trabalho das ideologias

Na Alemanha do século XIX, os principais representantes da filosofia do chamado idealismo clássico, a saber, Kant com sua *Crítica da razão pura* em 1781, Schelling com *Investigações Filosóficas sobre a essência da liberdade humana* em 1801 e Hegel com *A fenomenologia do espírito* em 1807, refletiram sobre a relação sujeito/objeto segundo o entendimento das novas condições históricas. O idealismo clássico alemão nasceu e se desenvolveu em uma época na qual os países mais avançados economicamente da Europa Ocidental (França, por exemplo, com a Revolução Francesa) já tinham imposto as novas relações capitalistas, e o regime feudal absolutista rapidamente entrava em ruína. Esse foi o período em que o desenvolvimento da burguesia entrou em uma crescente, com seus movimentos e revoluções democrático-burguesas.

Tratava-se, também, de um momento em que os indivíduos, mais especificamente aqueles das classes mais favorecidas economicamente, estavam começando a se reconhecer como sujeitos que podiam agir sobre os objetos, intervindo, de algum modo, no processo histórico da mudança da realidade objetiva. Rompia-se com a ideia de que o conhecimento poderia ser pensado como um simples registro fiel da realidade objetiva por parte do ser humano. O idealismo clássico alemão defendia, em síntese, que os homens não poderiam gozar da possibilidade de abrir mão de sua subjetividade frente às realidades. Ao contrário, entendia-se que ao homem, cabia-lhe a tarefa de fazer uma representação o mais fiel o possível dos objetos, a partir de sua subjetividade. Ou seja, o ponto de partida do pensamento não é a realidade do mundo exterior, mas o próprio sujeito pensante.

O importante filósofo Hegel, nascido em Stuttgart, na Alemanha, em 1770, representa o ápice do idealismo clássico alemão e, ao mesmo tempo, do pensamento filosófico burguês da época anterior a Marx. Em suas reflexões, a evolução da natureza do homem e das relações sociais é proveniente da evolução do espírito, isto é, a primeira substância do mundo é, para Hegel, o pensamento, a consciência.

Seu legado filosófico pode ser compreendido a partir de sua principal obra, *A fenomenologia do espírito*⁷, e representava a reformulação das ideias trazidas pela revolução francesa, porém, nas condições alemãs do início do século XIX. O surgimento e desenvolvimento do idealismo alemão é inseparável da política do despotismo esclarecido da segunda metade do século XVIII, em especial, a de Frederico II⁸ da Prússia. Com a Revolução Francesa, muitos monarcas se viram com medo de que algo semelhante se passasse com eles e começaram a impor medidas para acelerar o processo de modernização de seus países e, assim, aumentar seu poder e prestígio a fim de enfraquecer a oposição ao seu governo. Argumentam que governam em nome da felicidade dos povos. Frederico II é um deles, talvez um dos mais importantes.

Em seu reinado, que compreendeu os anos de 1740 e 1786, Frederico II instituiu uma série de reformas com o objetivo de modernizar o Estado, porém evitando o surgimento de um movimento iluminista radicalizado como o que dera sustentação ideológica à Revolução Francesa. Suas medidas poderiam ser resumidas em: educação do povo, liberdade de consciência contra o predomínio da Igreja, redução dos abusos de autoridade, abolição da tortura e reconhecimento da igualdade perante a lei.

No que tange a Educação, Frederico II investiu na conformação de um sólido sistema educativo e no fomento das ciências e das artes. Tal política teve como resultado o desenvolvimento de amplas camadas da intelectualidade, com muito tempo para pensar e poucas coisas para fazer, dado que o capitalismo alemão se desenvolvia vagarosamente, em comparação ao da Inglaterra, por exemplo. Althusser (2015), em sua obra *Por Marx*, conta que o pai do comunismo costumava dizer que os franceses têm a cabeça política, os ingleses a cabeça econômica e os alemães, a teórica. Dito de outro modo, é como se a Alemanha das medidas de Frederico II, imersa numa Europa efervescente, não conseguisse avançar politicamente, como fizeram os franceses, e nem

⁷ Esta obra foi originalmente publicada em 1807, mas para este trabalho estou usando a tradução brasileira feita em 1992 por Paulo Gaspar de Meneses.

⁸ O Reino da Prússia foi um reino alemão de 1701 a 1918 e, a partir de 1871, o principal Estado-membro do Império Alemão, compreendendo quase dois terços da área do império. Para se ter uma ideia dessa dimensão territorial, o Reino da Prússia compreendia o que é hoje Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Lituânia, Polônia, República Tcheca e uma parte da Rússia. Frederico II governou o Reino da Prússia de 1740 a 1786. Suas realizações mais significativas durante seu reinado incluíram suas vitórias militares, sua reorganização dos exércitos prussianos, seu patrocínio das artes e do Iluminismo e seu sucesso final na Guerra dos Sete Anos contra as principais potências europeias da época.

economicamente, como os ingleses, mas exatamente por isso se desenvolveu em termos teóricos. Nas palavras de Althusser (2015, p. 58),

A Alemanha do início do século XIX, oriunda da gigantesca reviravolta da Revolução Francesa e das guerras napoleônicas, está profundamente marcada por sua impotência histórica para realizar *tanto sua unidade nacional quanto sua revolução burguesa*. Essa “fatalidade” dominará toda a história alemã do século XIX e mesmo muito além, por suas consequências indiretas. [...] O resultado desse conjunto de condições e de exigências históricas foi justamente o desenvolvimento prodigioso da “filosofia idealista alemã”, na qual os intelectuais alemães pensaram sua condição, seus problemas, suas esperanças e até sua “atividade” (Grifos do autor).

Hegel, autor de muitas obras consideradas importantes até os dias de hoje, é herdeiro desse contexto histórico. Para esta Tese, importa a sua obra *A fenomenologia do espírito* por tratar da formação da consciência, segundo Hegel, e para entender quais caminhos levaram Marx a definir sua própria concepção de consciência, que nos permite pensar sobre as possíveis relações entre esta e as ideologias.

A argumentação de Hegel (1992) se centraliza na relação que há entre a forma de apreender a realidade e a própria realidade. Ele afirma que o acesso “ao absoluto”, que seria o conhecimento do universal que contém o particular, pode acontecer somente em forma de ciência. A verdade se conhece através do *sistema científico* da verdade, que supera as considerações gerais abstratas para captar em suas múltiplas determinações o próprio movimento do objeto da ciência. Para Hegel, o centro da questão é o ser espiritual.

O que está expresso na representação, que exprime o absoluto como *espírito*, é que o verdadeiro só é *efetivo* como sistema, ou que a substância é essencialmente sujeito.

[Eis] o conceito mais elevado que pertence aos tempos modernos e à sua religião. Só o espiritual é o *efetivo*: é a essência ou o *em-si-essente*: o *relacionado consigo* e o *determinado*; o ser-outro e o ser-para-si, e o que nessa determinidade ou em seu ser-fora-de-si permanece em si mesmo – enfim, o [ser] espiritual é em-si-e-para-si.

Porém, esse ser-em-si-e-para-si é, primeiro, para nós ou em-si: é a substância espiritual. E deve ser isso também para si mesmo, deve ser o saber do espiritual e o saber de si como espírito. Quer dizer: deve ser para si como objeto, mas ao mesmo tempo, imediatamente, como objeto suprassumido e refletido em si. Somente para nós ele é-para-si, enquanto seu conteúdo espiritual é produzido por ele mesmo. Porém, enquanto é para si também para si mesmo, então é esse autoproduzir-se, o puro conceito; é também para ele o elemento objetivo, no qual tem seu ser-aí e desse modo é, para si mesmo, objeto refletido em si no seu ser-

aí.

O espírito, que se sabe desenvolvido assim como espírito, é a ciência. A ciência é a efetividade do espírito, o reino que para si mesmo constrói em seu próprio elemento (HEGEL, 1992, p. 33 grifos do autor).

Para desenvolver a ideia de “a substância é sujeito”, Hegel (1992) constrói um sujeito que é o Espírito (espírito do povo na história nacional, espírito do mundo na história universal). É um sujeito coletivo, mas não um sujeito concreto como por exemplo a sociedade, ou o Estado. Poderia ser representado na filosofia idealista alemã como o *Geist* que domina um povo, uma nação.

Trata-se de uma abstração construída pelas práticas humanas, que se apresenta acima destas. “A substância viva é o ser, que na verdade é sujeito, ou – o que significa o mesmo – que é na verdade efetivo, mas só à medida que é o movimento do pôr-se-a-si-mesmo, ou a mediação consigo mesmo do tomar-se-outro” (HEGEL 1992, p. 30). Por um lado, essa substância representa de algum modo a ideia de que a humanidade constrói uma segunda natureza através das relações sociais e culturais, movimento do pôr-se-a-si-mesmo. Por outro, o sujeito representado por uma ideia criada a partir de uma abstração que localiza os sujeitos reais como resultado de uma ação desse Espírito. Para Hegel (1992, p. 30), o espírito, as ideias são tratados como “o verdadeiro é o vir-a-ser de si mesmo, o círculo que pressupõe seu fim como sua meta, que o tem como princípio, e que só é efetivo mediante sua atualização e seu fim”. Seguindo o raciocínio:

A substância do indivíduo, o próprio espírito do mundo, teve a paciência de percorrer essas formas na longa extensão do tempo e de empreender o gigantesco trabalho da história mundial, plasmando nela, em cada forma, na medida de sua capacidade, a totalidade de seu conteúdo; e nem poderia o espírito do mundo com menor trabalho obter a consciência sobre si mesmo. É por isso que o indivíduo, pela natureza da Coisa, não pode apreender sua substância com menos esforço. Todavia, ao mesmo tempo tem fadiga menor, porque a tarefa em si já está cumprida, o conteúdo já é a efetividade reduzida à possibilidade. Foi subjugada a imediatez, a configuração foi reduzida à sua abreviatura, à simples determinação-de-pensamento (HEGEL, 1992, p. 36-37).

Hegel (1992) procura mostrar a experiência da consciência que se relaciona com a substância espiritual como um objeto da consciência. Isto implica que a contraposição entre substância e sujeitos é um estado necessário no desenvolvimento da verdade. Neste contexto, Hegel propõe entender a verdade e o absoluto como um *resultado*

através de um *devoir* que é um processo de *mediação* que transforma a oposição entre a substância e o sujeito em seu processo de volta à unidade, através da reflexão filosófica.

27 – [Dies Werden] O que esta “Fenomenologia do Espírito” apresenta é o vir-a-ser da ciência em geral ou do saber. O saber, como é inicialmente – ou o espírito imediato – é algo carente-de-espírito: a consciência sensível. Para tornar-se saber autêntico, ou produzir o elemento da ciência que é seu conceito puro, o saber tem de se esfaltar através de um longo caminho. Esse vir-a-ser, como será apresentado em seu conteúdo e nas figuras que nele se mostram, não será o que obviamente se espera de uma introdução da consciência não-científica à ciência; e também será algo diverso da fundamentação da ciência. Além disso, não terá nada a ver com o entusiasmo que irrompe imediatamente com o saber absoluto – como num tiro de pistola -, e descarta os outros pontos de vista, declarando que não quer saber nada deles (HEGEL, 1992, p. 35).

Conforme Henrique Claudio de Lima Vaz⁹, na obra são postas três significações importantes para a palavra consciência. Uma obra filosófica em que se questiona o significado de a consciência experimentar-se a si mesma por meio de formas de saber julgadas pela ciência. Uma significação cultural, que convoca o “espírito do tempo” e coloca o questionamento sobre o homem ocidental moderno viver o seu destino como uma missão de revelar o enigma da história. Por fim, uma significação histórica que questiona a consciência e a necessidade de “percorrer a história da formação do seu mundo de cultura como caminho que designa os momentos do seu próprio formar-se para a Ciência” (VAZ, Henrique Claudio de Lima *in* HEGEL, 1992, p. 12).

Hegel considera que o espírito dos tempos modernos, como por exemplo os ventos da Revolução Francesa, impõe à filosofia a tarefa de superar qualquer saber de tipo “esotérico” e prover à consciência comum a escada que leva até a ciência. Por meio da certeza que a consciência tem do objeto e sua verdade, que não coincide com a certeza, aparece um conjunto de figuras da consciência que vão surgindo da própria experiência que a consciência faz sobre o objeto. Cada nova figura consiste em uma superação da anterior, que por sua vez, a inclui e a toma como ponto de partida. São sete figuras ao todo.

⁹ Foi um padre jesuíta, professor, filósofo e humanista brasileiro autor de uma vasta obra filosófica hoje preservada e divulgada em seu memorial mantido pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Dedicou boa parte de seus estudos para as obras de Hegel e é dele o prefácio da edição de *A fenomenologia do espírito* consultada nesta Tese.

A primeira delas é a *certeza sensível*, na qual se apresenta o objeto em seu estado mais simples e imediato, mas da experiência que faz a consciência deste objeto imediato surge a verdade de que o objeto é uma coisa com propriedades. Porém, tais propriedades requerem uma nova figura da consciência para que o sujeito seja capaz de captá-lo. A segunda figura, então, Hegel (1992) chama de *percepção*, a que realizará em relação com seu novo objeto uma nova experiência que impulsiona o desenvolvimento de conjunto. A certeza sensível não toma posse do verdadeiro, uma vez que, conforme Hegel (1992) a verdade dela é o universal. É como se a certeza sensível quisesse captar o objeto, mas não consegue. Já a percepção, por sua vez, toma como universal o que para ela é o “essente”, ou seja, o essencial. O filósofo coloca que a universalidade é o princípio da percepção e, dessa forma, também são universais seus momentos, que nela se distinguem imediatamente: o Eu é um universal, e o objeto é um universal.

O comportamento dessa consciência, a ser tratado de agora em diante, é de tal modo constituído que a consciência já não percebe, simplesmente; senão que também é cônica de sua reflexão-sobre-si, e a separa da simples apreensão. [...] De fato, essa coisa é branca só para nossos olhos, e também tem gosto salgado para nossa língua, é também cúbica para nosso tato etc. Toda a diversidade desses aspectos, não tomamos da coisa, mas de nós. Para nós, em nossos olhos, incidem totalmente diversos um do outro, do que são para nosso paladar etc. Somos assim o meio universal onde esses momentos se separam e são para si. Por conseguinte, já que consideramos como nossa reflexão a determinidade de ser meio universal, mantemos a igualdade-consigo-mesma e a verdade da coisa: a de ser Uno (HEGEL, 1992, p. 88).

Com a figura da percepção, é como se o sujeito adquirisse uma capacidade que não tinha na figura da certeza sensível: poder duvidar. Dessa forma, a partir da dúvida que surge, o sujeito se rebela contra as limitações da consciência. Tem-se, assim, a terceira figura, chamada *entendimento*. Com essa figura, o sujeito ultrapassa a fronteira do sensível, do toque, e começa a buscar o conceito, pois observa, analisa, examina, duvida. “O entendimento é o pensar, é o puro Eu em geral. O inteligível é o que já é conhecido, o que é comum à ciência e à consciência não-científica, a qual pode através dele imediatamente adentrar-se na ciência” (HEGEL, 1992 p. 27).

A quarta figura é a *consciência-de-si*. Para Hegel (1992), esta figura tem um duplo objeto: 1) o imediato, o objeto da certeza sensível e da percepção; 2) ela mesma, que, segundo o autor, é a essência verdadeira e que de início só está presente na oposição

do primeiro objeto. Isso significa que além da consciência se debruçar sobre objetos, ela também se volta para si, se interroga e quer se conhecer melhor.

A consciência-de-si é um objeto para a consciência, objeto que põe em si mesmo seu ser-outro, ou a diferença como diferença de-nada, e nisso é independente. A figura diferente, apenas viva, suprassume sem dúvida no processo da vida mesma, sua independência, mas junto com sua diferença cessa de ser o que é. Porém o objeto da consciência-de-si é também independente nessa negatividade de si mesmo e assim é, para si mesmo, gênero, universal fluidez na peculiaridade de sua distinção: é uma consciência-de-si viva (HEGEL, 1992, p. 125).

Razão é como Hegel (1992) chama a quinta figura do movimento da consciência. Nesta, digamos, etapa, o sujeito passa a se pensar concretamente como parte de uma realidade de certa forma mais universal, de forma que seus interesses particulares estão inseridos em um todo mais abrangente que o filósofo caracteriza como o processo de realização do espírito.

A razão é a certeza da consciência de ser toda a realidade: assim enuncia o idealismo o conceito da razão. Do mesmo modo que a consciência que vem à cena como razão tem em si essa certeza imediatamente, assim também o idealismo a enuncia de forma imediata: Eu sou Eu, no sentido de que o Eu para mim é objeto. Não no sentido de objeto da consciência-de-si em geral – que seria apenas um objeto vazio em geral [...] mas sim no sentido de que o Eu é objeto, com a consciência do não-ser de qualquer outro objeto: é o objeto único, é toda a realidade e presença (HEGEL, 1992, p.153).

Conforme o autor, é essa inserção que confere aos atos humanos o sentido mais completo que eles poderiam ter. Porém, ela não é calma. Os indivíduos reconhecem as potencialidades de sua ação, percebem que o trabalho que realizam é por sua própria essência social, enxergam a direção da convergência de seus esforços, mas defrontam-se com um quadro extremamente tumultuado, dão-se conta de que estão se movendo numa situação institucionalizada que enseja múltiplos equívocos e lhes mutila a universalidade da ação: “o que parece ser ordem pública é assim essa beligerância geral, em que cada um arranca o que pode, exerce a justiça sobre a singularidade do outro, consolida sua própria singularidade que igualmente desvanece por obra dos outros” (HEGEL, 1992, p. 237).

Como dito anteriormente, cada figura precisa se superar a si mesma. Com a *Razão* não é diferente. Abre-se, então, espaço para a sexta figura da consciência: o *Espírito*

(Geist). Este ao mesmo tempo supera e preserva como momentos significativos tudo aquilo que havia de válido em todas as outras figuras do movimento da consciência: desde a certeza sensível e da percepção, passando pelo entendimento e pela consciência de si, até a razão. Paulo Meneses¹⁰ (1992), em *Para ler a Fenomenologia do espírito*, explica que as figuras são recapituladas e se tornam transparentes ao espírito, como momentos do seu devir e esse movimento é importante para que na rememoração cada espírito receba do que veio antes o caminho para o espírito absoluto.

Para que o sujeito possa dispor de toda a energia para agir mais eficazmente, conforme Hegel (1992), o espírito se beneficia da paixão. Absorvida pelo espírito, a paixão não se limita a qualquer entusiasmo intenso, porém passageiro: torna-se uma força poderosa. Em contrapartida, impulsionado pela paixão, o espírito se realiza e, ao se realizar, supera-se a si mesmo, elevando-se à última figura de *A Fenomenologia: o saber absoluto*.

O saber absoluto não é definitivo, mas trata-se da consciência do movimento que o sujeito realiza, através das contingências da história, recordando os momentos decisivos de suas experiências, mas exercendo sua liberdade de ir além delas. Nesse seu movimento, o sujeito se conhece a si mesmo e também conhece seus limites, seus sacrifícios. Dá-se conta de que os acontecimentos ligados à sua ação formam a face com que aparece o “tornar-se outro”, a mudança pela qual o espírito existe. Segundo nos explica Meneses (1992, p. 206), “o saber absoluto é, pois, a meta: o espírito que se sabe como espírito. Sua via de acesso é a re-memoração [sic] dos espíritos como são neles mesmos, e como organizam seus reinos”.

Vaz (*in* HEGEL, 1992, p. 19) coloca que o questionamento-chave em *A Fenomenologia* que surge com o advento da consciência-de-si é: “que experiências exemplares a consciência deve percorrer e cuja significação deve compreender para demonstrar-se como sujeito, a um tempo dialético e histórico, de um saber que contém em si a justificação da existência política como esfera do reconhecimento universal?”. Para ele, esse saber é a própria filosofia cujos portadores são os filósofos. “Dando razão

¹⁰ Paulo Gaspar de Meneses foi um especialista em estudos sobre Hegel. Lecionou Filosofia Hegeliana na UFPE e traduziu a edição de *A Fenomenologia do Espírito* consultada nesta Tese, entre outras obras do filósofo alemão. Já a sua obra é um roteiro didático para uma leitura mediada, destinada a estudantes de Filosofia.

da sua existência, o filósofo anuncia o advento, na história do Ocidente, do indivíduo que aceita existir na forma da existência universal, ou da existência regida pela Razão” (VAZ, Henrique Claudio de Lima *in* HEGEL, 1992, p. 19).

Observa-se, portanto, que para Hegel (1992), é necessário que o sujeito que se forma para a ciência passe pelas figuras que assinalam a emergência da reflexão sobre a vida imediata, ou de si mesmo. Somente essa emergência tornará possível a existência do sujeito como existência. Essa é a forma de existência histórica que o filósofo deve justificar e cujo porquê ele irá buscar exatamente na necessidade que conduz à sucessão de experiências descritas pela *Fenomenologia*.

Entendo que existe um paradoxo nessa lógica hegeliana de que a consciência passa por experiências, de fase em fase, até chegar no saber absoluto (a Ciência): quanto mais ela avança e se torna rica, mais interiorizada ela fica. Não é de fato uma superação como Hegel (1992) coloca, mas um acúmulo de experiências uma vez que para passar para a etapa seguinte, o sujeito leva consigo o que adquiriu na anterior. É fato que, conforme Hegel (1992) vai desenvolvendo, a cada etapa a consciência faz experiências com a sua própria essência, mas isso se dá por meio do que estava no passado, dos ecos, memórias. Esse sujeito tem, então, sua consciência formada de maneira abstrata, interna, lidando apenas com a evolução das sete figuras de movimento da consciência, sem considerar a atividade concreta, das pessoas de carne e osso.

É esse um dos pontos que Marx e Engels (2007) criticam ao escreverem *A Ideologia Alemã*¹¹. Ao longo das primeiras páginas do livro, eles criticam os jovens hegelianos Feuerbach, F. Strauss, e Bruno Bauer e o cerne da crítica está no fato de que esses filósofos, entre outras coisas, tentaram se contrapor ao pensamento hegeliano, mas mantiveram seu foco apenas em um aspecto da filosofia de Hegel, ao invés de analisar o todo, caindo no que Marx chama de *fraseologia sem sentido*. Ao minimizar a importância da atividade concreta dos homens, os jovens hegelianos, na esteira de Hegel, tinham a tendência a analisar o movimento dos seres humanos como determinado pelo movimento das ideias, da consciência.

¹¹ Originalmente publicado em 1867, na Alemanha. Aqui, uso a publicação traduzida para o português em 2007, da Editora Civilização. Esta obra é interessante porque contém muitas notas do tradutor e considera trechos que foram escritos e riscados pelos autores, ou escritos nos cantos das páginas do manuscrito original, como se Marx e Engels estivessem pensando em voz alta.

Dessa forma, no que tange à questão da ideologia, Marx e Engels (2007) partem do ponto de vista hegeliano de que as ideias, sejam elas religiosas, filosóficas, jurídicas ou morais, surgiam por si só como se fossem entidades, sem mediação da atividade material. Entretanto, os autores seguem caminho inverso ao afirmar que, na verdade, o homem passa a ser sujeito da consciência. De acordo com os autores:

Os homens são os produtores de suas representações, ideias, e assim por diante, mas apenas os homens reais e ativos, conforme são condicionados através de um desenvolvimento determinado de suas forças de produção e pela circulação correspondente às mesmas, até chegar a suas formações mais distantes. A consciência não pode ser jamais algo diferente do que o ser consciente, e o ser dos homens é um processo de vida real. Se em toda ideologia os homens e suas relações aparecerem invertidos como em uma câmara escura, este fenômeno provém igualmente de seu processo histórico de vida, assim como a inversão dos objetos ao se projetarem sobre a retina provém de seu processo diretamente físico (MARX & ENGELS, 2007 p. 48).

Marx e Engels (2007), ao compararem a inversão resultante da representação ideológica à inversão acarretada pela técnica da fotografia na câmara escura, recorrem a uma metáfora inspirada por uma invenção que fascinava as pessoas da época: um parente distante do que hoje é a câmara fotográfica. Para explicar como os autores chegaram a essa analogia, é preciso entender como funcionava o objeto. A câmara escura é considerada a primeira grande descoberta da fotografia. Consistia em uma caixa com paredes opacas. De um lado havia um orifício e do outro, paralelamente ao buraco, uma parede sensível à luz. O funcionamento da câmara se dá na medida em que raios luminosos que atingem um objeto qualquer e passam pelo orifício sejam projetados na parede paralela ao buraco, que, como dito anteriormente, é sensível à luz (fotossensível). Esta projeção produz, na superfície fotossensível, uma imagem real invertida do objeto que está recebendo os raios luminosos.

Com essa metáfora, Marx e Engels (2007) não estavam impondo um rigor científico sobre o funcionamento da ideologia, uma vez que se trata de um processo muito complicado. Aliás, ao longo de toda a obra não se vê a definição de ideologia como se fosse um verbete de dicionário. Isso se dá porque, entre outras coisas, para Marx e Engels (2007), as distorções ideológicas não podem ser explicadas mediante o emprego de uma fórmula apenas. Porém, é possível observar que, apesar de tomarem a imagem emprestada à física, a metáfora serve para explicar que a ideologia não é autônoma,

mas está entrelaçada ao “processo de vida real” dos seres humanos em condições históricas dadas e, além disso, sua “visualização” é invertida, no sentido de que não percebemos, no dia a dia, que ela é uma produção.

Considerando essa reflexão sobre a câmera, para os autores, a ideologia teria autonomia apenas na aparência, entretanto, essa impressão desaparece assim que nos concentramos no processo real que levou ao seu desenvolvimento e que controla o seu funcionamento, ou seja, passamos a perceber que ela está “invertida”. Nas palavras dos autores:

A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia e as formas de consciência que a elas possam corresponder não continuam mantendo assim, por mais tempo, a aparência de sua própria autonomia. Elas não têm história, elas não têm desenvolvimento próprio delas, mas os homens que desenvolvem sua produção material e sua circulação material trocam também, ao trocar esta realidade, seu pensamento e os produtos de seu pensamento (MARX & ENGELS, 2007 p. 49).

Dessa forma, constata-se que os autores defendem que a ideologia, enquanto faculdade do espírito, além de não ter autonomia própria, não tem história. Para eles, quem tem esse “poder” é o homem que, inclusive, consegue “mudar” seu pensamento e suas práticas na medida em que a realidade muda. Então, concluem que “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX & ENGELS, 2007 p. 49). Isso acontece porque o processo ativo de produção de consciência, de condições de existência dos homens, fica em evidência, de maneira que se compreende que as ideias nascem da atividade material sobre determinadas condições históricas. A consciência é um produto social e continuará a sê-lo enquanto houver homens e mulheres (MARX & ENGELS, 2007).

É possível perceber, com os autores, que o ser humano tem consciência, mas esta não é pura, uma vez que para produzir sua própria história, assim como a consciência, os indivíduos o fazem de uma maneira determinada pela sua organização corporal, suas relações com a natureza e com os outros indivíduos, bem como a partir do trabalho. Como colocado anteriormente, a ideologia não tem história própria porque ela é um resultado da atividade material de homens e mulheres. Marx e Engels (2007), para compreender a produção da consciência, partem, portanto, dos indivíduos ativos e

de seu processo de vida real para, então, entender o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo.

Eles fazem um apanhado histórico desde a sociedade tribal até a burguesa para estabelecer um ponto-chave de toda a sua teoria: a divisão social do trabalho no desenvolvimento histórico da humanidade. Para os autores, a divisão social do trabalho resultou na separação entre os modos e meios de produção, as condições, instrumentos ou mesmo o próprio trabalho. Primeiramente, tem-se a comunidade tribal e nela se observa que o trabalho se divide com base na diferença entre homens e mulheres e, depois, com base na diferença de força entre eles. Essas tribos se expandem com o intercâmbio externo, com outras tribos, o que resulta tanto em comércio como em guerras. A partir da separação entre campo e cidade, surge uma nova divisão do trabalho com a figura do comerciante que não é o agricultor.

Quando os comerciantes fazem trocas para além das fronteiras mais próximas, seus horizontes são expandidos e começa a haver uma espécie de interação entre produção e intercâmbio dando origem à grande burguesia. De acordo com os autores, “a expansão do comércio e das manufaturas serviu para acelerar a acumulação do capital móvel, enquanto nas corporações [da pequena burguesia], nas quais nada estimulava o aumento da produção, o capital natural-primitivo permanecia estável” (MARX & ENGELS, 2007, p. 83). Logo, com o advento das indústrias, apareceu uma nova categoria de trabalhador, que é o operário. O surgimento das grandes fábricas fez com que a relação de trabalho se tornasse insuportável tanto no que tange ao capitalista em si, como o próprio trabalho. Um dos motivos, conforme Marx e Engels (2007) é ter reduzido as relações naturais a relações fundamentadas exclusivamente no dinheiro.

Tais divisões se refletem, por sua vez, na desigual distribuição do produto do trabalho, além de testemunhar a origem das propriedades em suas mais variadas formas: desde a primeira cerca em torno de um pedaço de terra no início da era da civilização, até a propriedade privada burguesa, na modernidade. Há, assim, a formação de duas grandes classes: os que trabalham para produzir e os que lucram com o trabalho dos primeiros.

Trata-se, portanto, de uma diferenciação baseada na divisão do trabalho e nos instrumentos de produção. Além disso, é uma oposição que se dá no seio da propriedade

privada, considerada por Marx como a expressão mais densa da submissão dos indivíduos à divisão do trabalho. É dentro da propriedade privada que o trabalho vai servir como um instrumento de poder sobre os indivíduos. Em *O Manifesto do Partido Comunista*, Marx e Engels (2005, p. 52) apontam que “a propriedade privada burguesa é a expressão última e mais consumada da geração e apropriação dos produtos que repousam em oposições de classes, na exploração de umas pelas outras”.

Mas, de acordo com os autores, é quando se separa trabalho manual do trabalho intelectual que a divisão social do trabalho atinge seu ápice. Entende-se que a principal divisão entre trabalho físico e intelectual se dá quando cidade e campo são separados, pois daí surgem elementos como administração, impostos, organização política em comunidade e política em geral, o surgimento dos primeiros padres, etc.

Da divisão entre trabalho intelectual e físico surge um círculo fechado de indivíduos pertencentes às classes dominantes cuja tarefa exclusiva era apenas pensar, estavam desobrigados do trabalho braçal. Aos indivíduos das classes dominadas e exploradas ficou relegado o trabalho de produzir para gerar lucro para outrem. Dessa forma, o que se entende é que na medida em que pensar passa a ser o “trabalho” de um pequeno grupo da sociedade, o pensamento, ou seja, a consciência desses indivíduos se transforma na *Consciência* de todos. Marx e Engels (2007), portanto, não acreditam na consciência como um organismo vivo que surge sozinha, mas, novamente, como o resultado das relações materiais dos homens, na vida real.

Com as mudanças ao longo da história, na questão da propriedade privada e da divisão do trabalho, a mentalidade foi se modificando também, para servir a algum propósito. Não se pensou primeiro que era preciso um rei e que ele deveria estar nessa posição a mando de deus para depois se instituir a monarquia. Foi inclusive com muita ajuda e participação do clero, de acordo com Marx, um setor da sociedade responsável pelo “trabalho intelectual”, que a monarquia se manteve no poder por tanto tempo.

Dessa forma, a origem da produção da consciência para Marx e Engels (2007) estaria, então, na divisão social do trabalho, ou no surgimento da propriedade privada. Para eles, o trabalho é a primeira atividade do ser humano como ser humano. É através do trabalho que passa a existir a oposição sujeito/objeto. Devido à sua própria natureza, o trabalho humano é diferente da atividade dos animais uma vez que estes produzem,

porém, o que os guia é o instinto, as necessidades naturais. Já o ser humano consegue produzir até mesmo quando não está sofrendo pressão de uma necessidade natural. A partir do trabalho, o homem se criou a si mesmo e transformou a natureza e o mundo ao seu redor. Ainda:

Com a divisão do trabalho está dada, ao mesmo tempo, a contradição entre o interesse do indivíduo na condição de indivíduo ou da família individual e o interesse comum de todos os indivíduos relacionados entre si; e esse interesse comum não existe, com certeza, apenas na ideia, como algo “universal”, mas se apresenta na realidade, antes de tudo, como uma relação de mútua dependência dos indivíduos entre os quais aparece dividido o trabalho (MARX & ENGELS, 2007 p. 55).

Seguindo esse fio condutor, não se parte do que os homens falam, representam ou imaginam, como postulava Hegel (1992) e, posteriormente, os jovens hegelianos, mas sim das suas atividades reais, do processo de sua vida material, uma vez que “os indivíduos se fazem uns aos outros, tanto física quanto espiritualmente” (MARX & ENGELS, 2007 p. 61). Com isso, Marx e Engels (2007) chamam a atenção para o fato de que havendo uma divisão entre trabalho material e intelectual, sendo que este último é realizado somente por uma parte da sociedade, ligada às classes dominantes, serão as ideias da classe dominante as que vigorarão em cada período. Em outras palavras:

A classe que tem à sua disposição os meios para a produção material dispõe ao mesmo tempo, com isso, dos meios para a produção espiritual, o que faz com que lhe sejam submetidas, da mesma forma e em média, as ideias daqueles que carecem dos meios necessários para produzir espiritualmente (MARX & ENGELS, 2007 p. 71).

Inclusive, as classes dominantes se servem do seu próprio interesse para colocá-lo ao resto da sociedade como ideias universais, verdades únicas. Para tanto, se valem do Estado para tornar seus interesses e ideias comuns a todos.

Para Marx e Engels (2007), essa é uma prova de que as instituições tomam forma política através do Estado, que, por sua vez, é construído no seio de uma sociedade dividida em classes e, portanto, nasce comprometido com a continuação da divisão; seus movimentos são inevitavelmente influenciados pelas ideias e representações dos setores privilegiados da sociedade. As ideias da classe dominante têm a função de

legitimá-la em seu ser, não apenas aos olhos das classes dominadas, mas aos seus próprios olhos.

Uma classe domina em um dado momento, em uma dada situação, ou seja, pode-se considerá-la contingente e histórica. No entanto, a representação dessa dominação não é uma evidência, não é óbvia. O interesse da classe dominante, para que possa continuar assim, a se reproduzir em seu ser, deve ser apresentado e reconhecido, de uma forma ou de outra, como o interesse coletivo, como uma verdade. Tal legitimação funciona através da mobilização de conceitos como religião, moralidade, direitos, lugares sociais etc. É um efeito de estruturas; está relacionado com as estruturas fundamentais da dominação, no processo real, o que gera uma espécie de distorção ideológica, de acordo com Marx e Engels (2007).

De certa forma, o jeito como os trabalhadores são incluídos no processo produtivo determina, também, um tipo de inserção nas formas da sociedade, quer dizer, ao proletariado cabe, como se fosse uma verdade inalterável, uma posição subalterna e periférica no processo de formação da consciência, da ideologia. Ou seja, para Marx e Engels (2007), a classe dominante é quem tem esse privilégio. Por exemplo, às mulheres cabe uma posição subalterna em relação aos homens. Em ambos os casos, trata-se de uma posição que se crê dependente das hierarquias sociais e principalmente da produção e do controle social cada vez maiores, inclusive das subjetividades. É praticamente um véu que encobre a luta de classes para justificar a exploração (e a opressão) como elemento natural.

Entende-se, portanto, que a consciência para Marx e Engels (2007) não se caracteriza como “substância” exterior e autônoma do pensamento, como achava Hegel (1992) mas, ao contrário, vincula-se imediata e dialeticamente a ele, como resultado de relações materiais desenvolvidas no ser social. Deve-se considerar que, para os autores, a ideologia é a falsa consciência que está a serviço do pensamento burguês, do capitalismo¹².

Os estudos de Marx e Engels (2007) sobre a produção da consciência e a

¹² É claro que não se trata apenas disso, uma vez que os estudos de Marx e Engels sobre ideologia e produção da consciência abrem caminho para pensar outros elementos igualmente importantes como a questão da alienação, ou do fetiche. Como não entro nesses aspectos aqui na pesquisa, minha reflexão fica em torno da ideologia, da produção da consciência.

ideologia são muito importantes e geraram diversas outras formulações. A título de exemplo, trago a proposta de Lênin (1976), em *Obras Completas*¹³, porque o revolucionário russo acrescenta pontos interessantes à teoria marxiana.

Lênin, importante teórico do socialismo e um dos comandantes da Revolução Russa de 1917, concebe a ideologia como qualquer concepção da realidade social, a partir das classes sociais, afirmando, inclusive, existir uma ideologia burguesa e uma ideologia socialista (esta como sinônimo de marxismo). No caso da classe operária, a ideologia socialista seria uma consciência verdadeira da sociedade. Para Lênin (1976), todo e qualquer grupo social precisa, de alguma forma, legitimar suas práticas sociais, e suas crenças, já que as classes têm seus próprios interesses. Dessa forma, cada classe precisa de formulações teóricas para legitimá-las, para que elas façam sentido.

Lênin (1976) tinha o entendimento de que a teoria social inaugurada por Marx e Engels expressava as bases e os fundamentos de outra visão de mundo diferente, que não fosse conciliável com aquela trazida pela Revolução burguesa. A compreensão do revolucionário russo situava-se fortemente no âmbito das conclusões marxianas, expressas na última tese sobre Feuerbach, “os filósofos interpretam o mundo diferente, importa é *transformá-lo*” (MARX & ENGELS, 2007, p. 29, grifo do autor). Isto é, a necessidade da *práxis* no processo do conhecimento e a crítica que recai sobre o mero conhecimento interpretativo dos filósofos. Para Lênin (1976), assim como para Marx, a *práxis* estava na base, como condição indispensável, da superação do conhecimento metafísico.

Para o revolucionário russo, a ideologia, ou o que ele chama de forma-consciência do mundo, constitui sempre o resultado da realidade objetiva e deve ser tomada em suas relações dialéticas entre o universal e o particular, isto é, as formas abstratas e as formas concretas criadas pelo ser social. Como ressalta Lênin (1976, p. 312):

[...] A consciência social reflete o ser social: tal é a doutrina de Marx. O reflexo pode ser uma cópia aproximadamente exata do refletido, mas é absurdo falar

¹³ Trata-se de 43 tomos que reúnem toda a produção de Lênin, inclusive textos que foram publicados postumamente. Aqui nesta Tese, utilizo o *Obras Completas* em espanhol, publicado em Madri em 1976 e, importante ressaltar, todas as citações foram traduzidas por mim para o português.

aqui de identidade. Que a consciência em geral reflita o ser, essa é uma tese geral de todo materialismo. E não é possível deixar de ver sua conexão direta e indissolúvel com a tese do materialismo histórico que diz: a consciência social reflete o ser social.

O pressuposto da teoria social de Marx e Engels (2007), como visto anteriormente, é que toda construção ideológica se encontra ligada à materialidade da vida objetiva, e trata-se de um resultado das contradições originadas pelo homem na sua prática em sociedade. Nesse sentido, para Lênin (1976), era fundamental não somente definir o conceito materialista-dialético de consciência de classe como, também, encontrar e construir uma forma de torná-lo objetivo.

Lênin (1976) estabelece a identidade entre consciência e conhecimento, sendo que essa identidade está correlacionada com a divisão social do trabalho e, conseqüentemente, de classes. Para Lênin (1976), a ideologia é uma concepção legítima da realidade, compreendendo tanto a classe dominante quanto as classes dominadas, por exemplo o proletariado.

O que Lênin postula é que, de um lado, a consciência teórica dos intelectuais não existe sem o seu objeto e, de outro, que há a incapacidade dos operários para romper “de dentro” a ideologia burguesa. Para que isso fosse possível, Lênin (1976) colocou a necessidade de os proletários receberem, por fora de sua prática cotidiana, os conhecimentos oriundos de outro universo teórico (da ideologia do proletariado), conhecimentos indispensáveis para a compreensão das contradições existentes na realidade social e que os fizesse tomar consciência de que era preciso se insurgir contra as práticas da classe dominante. É dessa forma que, conforme Lênin (1976), a divisão entre prática e teoria, entre operários e intelectuais, poderia ser superada.

A próxima subseção trata dos estudos de Louis Althusser, filósofo marxista de origem franco-argelina, que, ao beber das fontes tanto de Marx e Engels, como de Lênin, desenvolve, como ele mesmo chama, uma *teoria geral das ideologias*, que vai ser bastante importante para a tarefa que me coloquei de debater a relação entre discurso e ideologia na Análise do Discurso inaugurada por Michel Pêcheux ao final dos anos 1960 e, posteriormente, para refletir sobre a representação de contradições inerentes às instituições da sociedade patriarcal e capitalista que resultam na luta de classes no campo socioeconômico, bem como no que tange a sua política de opressão às mulheres

tomando como base os discursos das mulheres em situação de violência que foram entrevistadas.

1.2 Ideologia em Althusser: Os Aparelhos Ideológicos de Estado

No que concerne ao conceito de ideologia, um dos objetos do presente trabalho, Althusser, para entender a função da ideologia na sociedade, diverge um pouco das concepções anteriores do marxismo. O filósofo marxista, ao estudar a sociedade capitalista sob o ponto de vista de sua constante reprodução, na esteira de Marx, ampliou e deu novos contornos ao conceito de ideologia.

Na obra *Sobre a Reprodução*, Althusser (1999) coloca que Marx vê a ideologia como algo negativo. Ele expõe que Marx reconhece, sim, a existência e a realidade da ideologia, bem como o fato de que a ela sobredetermina a luta de classes. No entanto, segundo o autor, quando Marx e Engels escrevem *A ideologia alemã*, eles apresentam uma concepção de que a ideologia se assemelha a um sonho, uma falsa consciência e que, ademais, não possui história. Nas palavras de Althusser (1999, p. 197), para Marx e Engels:

A Ideologia é um *bricolage* imaginário, um puro sonho, vazio e inútil, constituído pelos “resíduos diurnos” da única realidade plena e positiva, a da história concreta dos indivíduos concretos, materiais, que produzem materialmente sua existência. Nesse aspecto é que, em *A ideologia alemã*, a ideologia situa-se onde existe a única história real, a dos indivíduos concretos, etc. Em *A ideologia alemã*, a tese de que a ideologia não tem história é, portanto, uma tese puramente *negativa* já que significa, simultaneamente: 1) A ideologia nada é enquanto puro sonho (fabricado por uma potência desconhecida – salvo a alienação da divisão do trabalho, mas isso é também uma determinação *negativa*); 2) A ideologia não tem história, o que não quer dizer, de modo algum, que não tenha uma história (pelo contrário, já que ela não passa do pálido reflexo vazio e invertido da história real), mas *não tem uma história que lhe seja própria*.

Para o filósofo franco-argelino, uma teoria das ideologias deve estar em conexão com a história das formações sociais e, conseqüentemente, com os modos de produção e com as lutas de classes que se desenvolvem dentro dessas formações sociais. Dessa forma, o aporte de Althusser à teoria marxista da ideologia se dá em alguns pontos básicos entre os quais pode-se ressaltar: primeiro, ele se opõe à concepção filosófica que entende a ideologia centrada na consciência, ainda que ilusória; segundo, ele se

distancia daqueles que concebem a ideologia como algo não-material, determinando ou exprimindo uma realidade que lhe é exterior.

Esse é o ponto que difere Althusser e Marx no que tange ao sentido que ambos dão para a ideologia. Althusser também problematiza a ideologia com base nos conflitos de classes, mas sobretudo a partir de uma leitura sobre o funcionamento dos aparelhos de Estado. Dito de outro modo, a leitura de Althusser desloca a questão da ideologia para o campo da práxis e discute a relação entre Aparelhos Ideológicos de Estado e ideologia, pois o que importa para Althusser são os aspectos sociais e históricos investidos na luta de classes nessa relação.

Para ele, a ideologia contém um sentido lógico, epistêmico e político. Entretanto, é importante salientar que Althusser não nega a proposição de Marx. Ele só traz um conjunto de questões novas para a reflexão: a relação entre a ideologia e a práxis no âmbito da luta de classes, as relações entre as ideologias e as instituições como aparelhos ideológicos; ele requer da ideologia o caráter de um sistema que desenha as formações sociais.

Ora, se a história é a história da luta de classes, como postulou Marx, a ideologia sempre existiu, o que possibilita, para Althusser (1999), dizer que ela tem uma “história sua”. Com efeito, valendo-se da teoria marxista, Althusser lança *uma teoria da ideologia em geral*, fornecendo-lhe um terreno sólido, que se apresenta historicamente a partir de *posições de classe*.

Dessa forma, em oposição ao que postula Marx sobre ideologia, Althusser assume a tarefa de dar-lhe uma essência material, ficando a cargo da problemática da reprodução das relações entre as práticas e as ideias das classes dominantes em suas respectivas instituições. Mesmo assim, é possível inferir que Althusser se baseou nos pressupostos marxistas para se dedicar à questão da ideologia, considerando-a pelo que ela abrange em termos históricos, a partir do entendimento de que a luta de classes é, sobretudo, uma luta ideológica. Althusser (1999) defende que o movimento da luta de classes é dialético.

Uma das primeiras ações de Althusser é separar dois tipos de ideologia: a Ideologia, com I maiúsculo, e as ideologias, com i minúsculo. A primeira, é a ideologia em geral, já a segunda é o conjunto de ideologias particulares. Estas exprimem, em sua

particularidade, *posições de classe*. Alguns exemplos são a religiosa, a moral, a política, entre outras. Já a Ideologia em geral é o oposto: não há posição relativa, ela não pode ser definida através dos surgimentos, desaparecimentos/destruições e mudanças que as ideologias particulares tiveram ao longo da história. A Ideologia, para Althusser (1999), é definida a partir de um funcionamento que está presente em todos os momentos, uma vez que ela não tem história, ela é omni-histórica como veremos mais adiante.

Para manter-se hegemônica, a classe dominante impõe sua carga ideológica sobre as classes dominadas. Estas, por sua vez, para superar a ideologia dominante, estabelecem também um “sistema” ideológico que pode ser contra-hegemônico, e até mesmo revolucionário, como a História já demonstrou. Aqui, Althusser mostra sua aproximação com Lênin, uma vez que, ao contrário de Marx, o revolucionário russo também defendia a existência da ideologia do proletariado. Como visto na seção anterior, para Lênin (1976), qualquer grupo social tem a necessidade de legitimar suas práticas sociais, e suas crenças, e isso se dá porque todas as classes têm seus próprios interesses. Dessa forma, cada classe precisa de formulações teóricas para legitimá-las, para que elas façam sentido. Althusser (1999), por sua vez, para pensar a ideologia, toma como ponto de partida o princípio do materialismo histórico que, em suma, coloca que as sociedades só existem porque consomem, e só há consumo onde há produção.

Toda sociedade, então, se organiza em função de um determinado modo de produzir os bens materiais de que necessita e também devido ao fato de haver a necessidade de reproduzir seu modo de produção e as condições materiais da produção em geral. A força de trabalho, por exemplo, está entre as condições materiais da produção que precisam ser reproduzidas. Para tanto, a reprodução do modo de produção precisa de meios materiais, como por exemplo o salário, e formação, como é o caso da Educação em geral. Nas sociedades capitalistas da atualidade, tal formação não acontece mais no local de trabalho, mas fora da produção, por meio do sistema escolar, das igrejas, ONGS, sindicatos, e de outras instituições. É na reprodução da formação da força de trabalho, então, que se misturam conhecimentos técnicos, informações científicas, saberes práticos e também normas adequadas à submissão e critérios destinados a promover uma adaptação à ordem vigente. Em outras palavras, a aceitação

da ideologia dominante é promovida.

É preciso considerar que toda formação social e econômica é resultado de um modo de produção dominante. Ocorre que para se manter hegemônico, o modo de produção dominante necessita da reprodução das forças produtivas, bem como das relações de produção existentes. Ao reconhecer tais pressupostos, Althusser (1999) começa a pensar sobre os dispositivos que identificam a reprodução das condições de produção.

Outro ponto importante que surge nessa obra é o entendimento de Althusser (1999) acerca do Estado. Na esteira do que postula a teoria marxiana, Althusser (1999) também entende que o Estado se divide em infraestrutura e a superestrutura¹⁴. Em termos gerais, a infraestrutura indicaria ou, melhor dizendo, determinaria a superestrutura. A base econômica – que corresponderia às forças produtivas e às relações de produção – determina a infraestrutura.

Por outro lado, as esferas do âmbito jurídico, da política, do direito e do Estado, da religião e da moral, corresponderiam à superestrutura (ALTHUSSER, 1999). Isso posto, os elementos que indicam a noção de Estado em Althusser (1999) são: a reprodução das condições de produção; delineiam-se os métodos de funcionamento dos aparelhos de Estado na infraestrutura e na superestrutura. Assim, é possível aferir que, no que concerne ao sentido que Althusser (1999) confere ao Estado, sua proposta não se distancia da teoria de Marx. Esta estabelece que o Estado é um meio para manutenção e perpetuação da classe/ideologia dominante.

Convém, entretanto, ressaltar que Althusser define o que se chama *Poder de Estado*, sem o qual a própria ideia de Estado não faz sentido, uma vez que “toda a luta política de classes gira em torno do Estado: entendamo-nos, em torno da posse, isto é, da tomada ou conservação do Poder de Estado, por determinada classe ou um grupo no

¹⁴ Os termos superestrutura e infraestrutura, utilizados neste parágrafo, vêm da metáfora do edifício que Marx e Engels (2007) usam. Eles os empregam para explicar o funcionamento da sociedade. A sua base ou infraestrutura seria o conjunto das relações de produção, ou seja, as relações de classes estabelecidas em determinada sociedade. A infraestrutura é econômica. Sobre essa base ergue-se a superestrutura, que corresponde às formas de consciência social em geral, como a política, a filosofia, a cultura, as ciências, as religiões, as artes, etc. A superestrutura também compreende os modos de pensar, as visões de mundo e demais componentes ideológicos de uma classe. Ela é derivada do conflito de interesses das diferentes classes que fazem parte da infraestrutura econômica de determinada sociedade. A função da superestrutura é manter as relações econômicas que constituem a infraestrutura, reforçando assim os interesses coletivos da classe social dominante.

poder” (ALTHUSSER, 1999, p. 100). O autor levanta esse conceito para fazer a distinção entre Poder de Estado e Aparelho de Estado. Para o filósofo marxista, tomar o poder do Estado passa pela utilização do Aparelho de Estado, portanto, esses termos não podem se confundir.

Em sentido amplo, o marxismo entende que o Estado é um aparelho repressor (ALTHUSSER, 1999). Ele é um instrumento de repressão que aprova que classes dominantes garantam e eternizem sua dominação sobre as classes dominadas. Dito de outro modo, o Estado funcionaria como um aparelho repressor, decisivo no que tange à manutenção da ordem social em nome dos interesses das classes dominantes, a burguesia, nos termos do marxismo. Mais do que mediador dos conflitos de classes, o Estado, por meio de suas instituições, age de acordo com a dinâmica política, econômica e social intrínseco ao modo de produção capitalista (ALTHUSSER, 1999). Porém, Althusser chama a atenção para um aspecto importante: a questão do “aparelhamento” ideológico e da interpelação de sujeitos.

De acordo com a maneira como Althusser (1999) prossegue em seus estudos, três teses principais emergem cujo entrelaçamento constitui os pontos altos de uma teoria positiva (em contraposição à ideia de que Marx traz uma teoria negativa) da ideologia. São elas: 1) “A ideologia é uma representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1999, p. 201); 2) “A ideologia tem uma existência material” (ALTHUSSER, 1999, p. 204); e 3) “A ideologia interpela os indivíduos como sujeitos” (ALTHUSSER, 1999, p. 208).

A primeira tese defende que a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência. De certo modo, o jeito tradicional de entender a *ideologia* levou pensadores marxistas a mostrá-la como falsa consciência, que aponta para o mundo real escondido por ela mesma. Porém, Althusser (1999) entende que a ideologia não reflete o mundo real, mas retrata a relação imaginária entre os indivíduos para o mundo real. Com base nisso, o filósofo tenta responder à seguinte questão: “Por que motivo os homens “têm necessidade” dessa transposição imaginária de suas condições reais de existência para “representarem” suas condições de existência reais?” (ALTHUSSER, 1999, p. 204).

Em seus estudos, ele chega a dois tipos de respostas. A primeira delas, datada

do século XVIII, coloca que clérigos e déspotas inventaram “belas mentiras” para fazer com que os homens achassem que estavam obedecendo a deus, mas na realidade estavam obedecendo aos clérigos e aos déspotas. De acordo com Althusser (1999, p. 204), acredita-se que a “existência de um reduzido número de homens cínicos que consolidam sua dominação e exploração do “povo” sobre uma representação falseada do mundo” é a causa para a transposição imaginária das condições de existência real. Inicialmente, esta seria a leitura de Marx, no entanto, Althusser fez algumas críticas, revendo esta leitura em termos do trabalho das formações imaginárias. Althusser (1999) defende que o que é refletido na representação imaginária do mundo que se encontra em uma ideologia são as condições de existência dos homens, portanto seu mundo real. Na perspectiva de Althusser (1999), são as ideologias materializadas nos AIEs que respondem pelo modo como os homens constroem suas representações imaginárias. Elas são representadas no seio dos AIEs. Em suas palavras:

Os homens “representam” não suas condições de existência reais, seu mundo real, mas antes de tudo sua *relação* com essas condições de existência reais. É essa relação que se encontra no centro de toda representação ideológica, portanto, imaginária do mundo real. É nessa relação que se encontra contida a “causa” que deve explicar a deformação imaginária da representação ideológica do mundo real. É a natureza imaginária dessa relação que suporta toda a deformação imaginária que se pode observar em qualquer ideologia (ALTHUSSER, 1999 p. 205).

Althusser (1999) faz questão de frisar que essa existência material da ideologia não se assemelha à de um objeto qualquer, mas que ela existe, em última instância, em uma matéria física, que são os AIEs. Conforme o autor:

Portanto, nós diremos, limitando-nos a considerar um sujeito (tal indivíduo), que a existência das ideias da sua crença é material no sentido de que suas ideias são seus atos materiais inseridos em práticas materiais, reguladas por rituais materiais que, por sua vez, são definidos pelo aparelho ideológico material do qual dependem (como por acaso) as ideias desse sujeito (ALTHUSSER, 1999, p. 208).

Isso significa que para haver uma ideologia que inspire os indivíduos a “agir conforme suas ideias” (ALTHUSSER, 1999 p. 208), ela deve estar atrelada a práticas materiais realizadas por esses próprios sujeitos. Dessa forma, apesar da deformação

imaginária inerente às ideologias, Althusser (1999) defende que as ideias dos homens existem em atos inseridos em práticas, regulamentadas por rituais, no seio dos AIEs.

Com a primeira tese, então, Althusser (1999) considera que a ideologia é uma representação do mundo que não corresponde à realidade em si. É, na verdade, uma representação das relações que os homens têm com suas condições de existência, que são reais. É como se a ideologia tivesse uma produção própria porque é uma relação imaginária sobre o real a partir das condições empíricas de existência dos sujeitos e não simplesmente uma relação imaginária com o real. Aqui, podemos notar que Althusser se centra no campo da práxis e é o que vai afastá-lo de Hegel.

A distorção não vem da mera passagem pelo imaginário, mas da duplicação do relacionamento. Um exemplo que permite caracterizar a força das relações imaginárias é a violência contra a mulher. Tomemos o famoso ditado popular *em briga de marido e mulher, não se mete a colher*. Geração após geração, a simples repetição desse dito fez com que inúmeras mulheres fossem abandonadas à própria sorte com seus companheiros violentos. O funcionamento da ideologia machista, neste caso, impede que elas sejam ajudadas. Quando a mulher consegue sair daquele meio e fazer a denúncia, tornar a violência pública e um caso de polícia, o trabalho da ideologia machista praticamente dá ao agressor o benefício da dúvida, mesmo com todas as provas demonstrando que houve violência. Por trás da denúncia que a mulher faz, há sempre um “será que foi ele mesmo?”, ou “mas será que ela provocou e mereceu?”. Além disso, há também quem defenda que “sempre foi assim” ou “apanha porque merece” o que praticamente ajuda a cristalizar a posição agressor/agredida. De acordo com Althusser (1999, p. 205):

Para utilizar uma linguagem marxista, se é verdade que a representação das condições de existência reais dos indivíduos que ocupam postos de agentes da produção, da exploração, da repressão, da ideologização e da prática científica, depende em última instância das relações de produção e das relações dela derivadas, nós diremos o seguinte: em sua deformação necessariamente imaginária, toda ideologia representa não as relações de produção existentes (e as outras relações que delas derivam), mas antes de tudo a relação (imaginária) dos indivíduos com as relações de produção e com as relações que delas derivam. Portanto, na ideologia, não está representado o sistema das relações reais que governam a existência dos indivíduos, mas sim a relação imaginária desses indivíduos com as relações reais sob as quais vivem.

Nesse exemplo, é a relação imaginária de que a violência contra a mulher possa ser banalizada, dado o lugar de inferioridade relegado à mulher em uma sociedade machista, que faz com que mais e mais mulheres sigam sendo vítimas.¹⁵ Assim, para Althusser (1999), a ideologia é inconsciente, mesmo que refletida. Agindo através de imagens ou conceitos, ela se impõe como estrutura. Por estrutura ideológica, o filósofo pensa um sistema de representação do mundo que une os homens às suas condições históricas de existência. Esse laço que prende os homens entre si é uma relação vivida, duplicada por uma relação imaginária.

A ideologia é, pois, pensada como uma relação superdeterminada de uma relação real e de sua relação imaginária com as condições de existência dos indivíduos. Essa superdeterminação explica estrategicamente as relações entre o imaginário e o real através do que a ideologia se faz ativa. Novamente, de acordo com Althusser (1999, p. 205), se a representação das condições de existência deriva das relações de produção, então, “toda ideologia representa, na sua deformação necessariamente imaginária, não as relações de produção existentes, mas antes de tudo a relação (imaginária) dos indivíduos com as relações de produção e com as relações que delas derivam”.

A segunda tese, por sua vez, coloca que a ideologia tem sua própria materialidade, que consiste em práticas e saberes que circulam nos Aparelhos Ideológicos de Estado. Para Althusser (1999), os elementos da ideologia não são apenas interpretações sistêmicas de uma possível rede de ideias. Ela não fica no plano do ideal, do “espiritual”, do abstrato, mas sim, na “superfície”, no material, no concreto.

Isto posto, a ideologia pressupõe uma ação, práticas e saberes, rituais que circundam um dado aparelho ideológico de Estado. Nas palavras do filósofo, “uma ideologia existe sempre em um aparelho e em sua prática ou práticas. Essa existência é material” (ALTHUSSER, 1999 p. 206). Isso significa que a ideologia não flutua nas cabeças das pessoas, nem surge aleatoriamente. Ela só pode existir na forma de comportamentos, práticas, disposições socialmente instituídas, que são empregadas em toda uma série de instituições específicas que Althusser chama “Aparelhos Ideológicos de Estado” (AIEs).

¹⁵ Com relação a este assunto, no decorrer da Tese alguns aspectos se desenrolarão na medida em que acrescento outros pensadores e pensadoras que ajudam a refletir sobre isso.

No entendimento do autor, a ideologia sempre se manifesta através de ações, que estão inseridas em práticas, por exemplo, rituais, comportamentos convencionais etc. Na obra *A Reprodução*, a partir da indagação inicial sobre a reprodução da força do trabalho que se dá fora do ambiente de trabalho, por intermédio de toda uma rede de organizações (escolas, igrejas, sindicatos, partidos, a família etc.) com papel dominante na reprodução nas relações sociais, Althusser (1999) pensa a necessidade de uma ampliação do conceito marxista de Aparelhos de Estado. Ao retomar a definição do Estado, proposta por Marx, como uma máquina de dominação capaz de assegurar às classes dominantes o controle da imensa classe dos dominados e explorados, Althusser (1999) propõe um conceito novo – Aparelhos Ideológicos de Estado – para pensar as relações sociais estatais sob um prisma diferente. De acordo com o autor, a estrutura básica do Estado, enquanto máquina de repressão e, portanto, garantia da hegemonia das classes dominantes, compõe-se de governo, administração, forças armadas, polícia etc.

O conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado permite pensar como funciona o campo de ideologização constituído pelas diferentes igrejas, escolas, universidades, partidos, a imprensa, os sindicatos, o mundo cultural etc. Ou seja, todo um conjunto de organizações que constituem o Poder e o Estado formam o conjunto das ideologias, articuladas sobre saberes e práticas materiais onde, conforme Althusser (1999) se produzem os mecanismos de assujeitamento ideológico. Esse conjunto de práticas reproduz, assim, relações de classe na estrutura econômica, política e nos Aparelhos Ideológicos de Estado; práticas diferenciais sejam burguesas, pequeno-burguesas ou proletárias.

Para compreender o conceito de AIE proposto por Althusser (1999), é preciso entender que não são as instituições em si que produzem as suas respectivas ideologias, mas, pelo contrário, são “*determinados elementos de uma Ideologia (a Ideologia de Estado) que “se realizam” ou “existem” em instituições correspondentes e suas práticas*” (ALTHUSSER, 1999 p. 109 grifos do autor). Por exemplo, na sociedade ocidental capitalista a ideologia dominante é a da burguesia e esta acaba sendo a Ideologia de Estado, uma vez que a burguesia detém o Poder de Estado e o exerce por meio dos aparelhos repressores e ideológicos. Dessa forma, são determinados elementos das

Ideologias da burguesia, da ideologia capitalista que se realizam nas instituições, seus saberes e práticas.

O autor coloca, entretanto, que é preciso fazer uma distinção: de um lado há os elementos determinados da ideologia de Estado que se realizam e existem em determinado Aparelho, e suas práticas, e, por outro, a ideologia que é “produzida”¹⁶, no seio de tal Aparelho, por suas práticas. Althusser (1999) chama a primeira de Ideologia Primária e a segunda de ideologia secundária.

A Ideologia Primária, portanto, se refere às Ideologias de Estado, estas que se realizam no seio das instituições. Já as ideologias secundárias são produzidas por um conjunto de causas complexas em que aparecem o efeito de outras ideologias exteriores, de outras práticas exteriores, inclusive os efeitos da própria luta de classes.

O efeito da Ideologia Primária e das ideologias secundárias no seio de determinado AIE produz *formações ideológicas* que podem ser relacionadas às práticas e saberes existentes nesse AIE. Isto é, enquanto são “produzidas” pelas ideologias secundárias de determinada instituição, elas são, também, um subproduto da Ideologia Primária.

De acordo com Althusser (1999) as formações ideológicas são as responsáveis por fornecer a chave não apenas dos saberes e práticas das instituições, mas também de uma parcela das razões que produzem as subformações ideológicas que surgem em tais práticas. As formações ideológicas são do domínio da Ideologia de Estado e são realizadas nas instituições, com seus saberes, práticas e rituais. Os aparelhos ideológicos de Estado são, portanto, o palco onde se pode constatar a existência e a realização de formações ideológicas que os dominam. Além disso, para Althusser (1999), existem relações entre as formações ideológicas internas e externas a determinada instituição, porém, tal relação se dá por meio da luta de classes e de suas relações de contradição que possibilitam o intercâmbio de práticas entre aparelhos ideológicos. É essa característica em questão que faz com que a contradição inerente aos AIEs, às

¹⁶ Este termo é colocado entre aspas, até mesmo por Althusser (1999), porque não existe a possibilidade de uma ideologia ser produzida espontaneamente, ou de um aparelho produzir sua própria ideologia uma vez que existem interferências de outras ideologias subproduto da Ideologia Primária e também da luta de classes.

formações ideológicas, se revele.

Desse modo, é possível perceber que, para o filósofo, os AIEs são o lugar de reprodução das relações de produção e o local onde ocorre a luta de classes entre as formações sociais detentoras dos meios de produção e as formações sociais que são produtoras dos bens de consumo explorados pelas primeiras.

No que tange aos AIEs, estes são considerados o palco da luta de classes devido à relação de contradições existentes. São o meio concreto onde a ideologia trabalha. Segundo Althusser (1999, p. 104), em *Sobre a Reprodução*:

um Aparelho Ideológico de Estado é um sistema de instituições, organizações e práticas correspondentes, definidas. Nas instituições, organizações e práticas desse sistema é realizada toda Ideologia de Estado ou uma parte dessa ideologia (em geral, uma combinação típica de certos elementos). A ideologia realizada em um AIE garante sua unidade de sistema “ancorada” em funções materiais, próprias de cada AIE, que não são redutíveis a essa ideologia, mas lhe servem de “suporte”.

Através dos Aparelhos Ideológicos de Estado as classes que controlam os meios de produção garantem as relações de produção e, portanto, o modo de produção. Assim, pode-se constatar que, segundo Althusser (1999, p. 167) “todos os Aparelhos Ideológicos de Estado, sejam eles quais forem, concorrem para o mesmo resultado: a reprodução das relações de produção, isto é, das relações de exploração capitalistas”. Entretanto, é preciso lembrar constantemente que na medida em que os AIEs são o espaço onde se dá a luta de classes, no seu interior trabalham forças antagônicas, o que quer dizer que as ideologias dominantes não estão sozinhas e que precisam trabalhar bastante para se manterem dominantes.

Além dos Aparelhos Ideológicos de Estado, que funcionam por meio das ideologias, Althusser (1999) identificou o Aparelho Repressor de Estado (ARE) como aquele que funciona por meio da violência física, direta ou indiretamente. O autor coloca que todo Aparelho de Estado vai funcionar seja por meio da repressão ou por meio da ideologia, mas o que diferencia os AIE dos AREs é justamente o fato de que, apesar de as ideologias serem de certa forma violentas, os AIEs não usam da violência física especificamente. A ação do Aparelho Repressor se realiza normalmente pela disciplina que é uma forma fria de exercício da direção política da classe dominante contra as classes dominadas. Isto é, os AREs funcionam como um braço armado na defesa da

manutenção das relações de poder no sistema capitalista.

Novamente, as ideologias não são calmas nem pacíficas. Ao contrário, elas são bastante violentas uma vez que se realizam sob a forma de uma violência normalizada sobre os corpos, como por exemplo mais tempo de trabalho, maior produtividade, maior obediência, como é o caso da exploração diária da mão-de-obra operária nas indústrias e fábricas.

Pensando, por outro lado, a relação entre aparelhos repressor e ideológico, para que se mantenha a espécie de véu que encobre a realidade da luta de classes, por vezes as classes dominantes se utilizam do exercício da violência física mesmo, como a violência policial ou dos exércitos. É muito comum que se contenham protestos com excesso de violência policial que ataca manifestantes desarmados com bombas de gás lacrimogêneo, balas de borracha e etc.

Mesmo nos estados democráticos de direito, a violência física perpetrada pelo Estado se efetiva no interior de um amplo mecanismo de controle, de subordinação que se dá nos seus interstícios ou em afrontamentos mais fortes quando a “normalidade” entra em colapso, isto é, quando se questiona a ordem vigente das coisas através de manifestações coletivas. A polícia é um exemplo de Aparelho Repressor do Estado e sua função, na realidade, é a de proteger os interesses das classes dominantes, por meio da violência física.

Outro exemplo desta relação é a onda de protestos no Chile contra o governo de Sebastián Piñera. Em outubro de 2019, estudantes saíram às ruas em protesto contra o aumento da passagem, os altos custos da educação, reivindicando que os fundos de pensão passassem a ser estatais, entre outras coisas. Desde o início do levante, já são muitos mortos, feridos e desaparecidos em decorrência da violência policial. A crueldade foi tanta que centenas de manifestantes perderam um dos olhos porque a polícia disparava as balas de borracha exatamente mirando o rosto deles.

Outro caso contundente neste episódio é o índice de violência sexual cometida pelos soldados contra meninas e mulheres manifestantes¹⁷. O estupro é uma violência machista, mas é também uma arma de guerra, usada por soldados no mundo todo (em

¹⁷ Conforme notícia disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/mundo/2019/11/aumentam-casos-de-violencia-contras-mulheres-pela-policia-de-pinera-no-chile/> Acesso em 5 de março de 2020.

guerras efetivamente, ou apenas protegendo os interesses dos governantes como no caso dos protestos no Chile) para contribuir com a relação de poder sobre a consciência das mulheres, sustentando e reproduzindo as relações de produção.

Ainda pensando a situação das mulheres e lembrando a questão da violência simbólica, que não é da mesma natureza que a repressão, podemos pensar que além da violência física, a mulher sofre um outro tipo de violência menos visível, que já se naturalizou na sociedade.

Observemos o caso de muitas mulheres da classe trabalhadora que ainda hoje são “livremente obrigadas” a fazerem duplas jornadas quando trabalham fora e dentro de casa. Esta é uma espécie de violência simbólica que deteriora os corpos delas. Digo simbólica porque apesar de resultar em cansaço físico e mental, ela não é exercida diretamente no corpo como uma paulada o faria. O paradoxo *livremente obrigadas* está no fato de que é ideologicamente que se impõem as tarefas do lar e do cuidado com os filhos para as mulheres, assim como se impõe que o sustento do lar esteja a cargo do homem, mas possa ser dividido entre o casal, uma vez que em tempos de crise é impossível que uma família das classes menos favorecidas consiga sobreviver apenas com a renda de um só adulto. A dúvida entre cuidar bem dos filhos e ajudar no sustento do lar que acomete essas mulheres é violenta também.

Dessa forma, o Aparelho Repressor é o escudo que ajuda a manter o poder nas mãos das classes dominantes. É importante lembrar que Althusser não faz uma relação dicotômica entre a violência física e simbólica, pois, para ele:

[...] sutilíssimas combinações explícitas ou tácitas se estabelecem entre a repressão e a ideologização em e entre os Aparelhos de Estado, sejam eles, preferencialmente repressores ou ideológicos; além disso, no pressuposto de que fosse possível analisar os mecanismos dessas combinações sutis, tal análise permitiria explicar contratos patentes e cumplicidades entre diversos Aparelhos de Estado, não só nas Grandes Circunstâncias em que o Estado burguês se encontra ameaçado pela luta aberta de classe operária, mas em todos os dias da nossa vidinha (ALTHUSSER, 1999, p. 113).

Por isso, é preciso compreender que o Estado e seus Aparelhos, sejam eles repressores ou ideológicos, só adquirem sentido do ponto de vista da luta de classes, uma vez que são instrumentos que garantem, através de rituais, a opressão de uma

classe pela outra, em que a ideologia se realiza e se torna eficaz. Para Althusser (1999), a base da eficácia das ideologias se torna possível por meio dos rituais. Entretanto, não há ritual sem falhas, o que gera a perda da eficácia da ideologia e aponta para a contradição.

Dando continuidade às teses propostas por Althusser (1999), chegamos à terceira e última: “a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos” (ALTHUSSER, 1999, p. 208). De acordo com o autor, o propósito principal das ideologias é transformar indivíduos independentes em sujeitos dependentes. As ideologias se encontram tão difundidas que em sua constituição do sujeito formam nossa própria realidade se estabelecendo como a “verdade” e o “óbvio”.

Os indivíduos são sempre sujeitos, mesmo antes de nascer, pois recebem um nome, sobrenome, uma identidade. A depender se você é homem ou mulher, também recebe uma carga de papéis a desempenhar. Ou seja, antes de nascer, a criança já se encontra como um sujeito, classificada como sujeito pela configuração ideológica familiar específica na qual ela é esperada, já nasce com os papéis sociais ideologicamente e historicamente determinados para homens ou mulheres. Meninos vestem azul, meninas vestem rosa.

A maioria dos indivíduos aceita sua autoconstituição ideológica como “realidade” ou “natureza” e, portanto, raramente entra em conflito com os Aparelhos Ideológicos do Estado, que é projetado para qualquer um que aceite as ideologias dominantes. É como Althusser (1999) postula: o indivíduo é interpelado como um sujeito que se acredita livre para que ele possa obedecer livremente às ordens das ideologias que formulam sua sujeição, isto é, para que ele pense fazer os gestos e as ações de sua sujeição sozinho, de livre e espontânea vontade.

Os indivíduos são sempre já sujeitos, mesmo antes de nascer, como observado anteriormente. Além disso, os aparelhos e suas práticas têm como objeto os indivíduos tomados em suas relações de produção a fim de que se possa entender como as ideologias se desenvolvem a partir da ação desses sujeitos no seio das instituições. Nas palavras do autor, “somos sempre já sujeitos e, como tal, praticamos ininterruptamente os rituais do reconhecimento ideológico que nos garantem que somos efetivamente concretos, individuais, inconfundíveis e naturalmente insubstituíveis” (ALTHUSSER,

1999, p. 211).

A ideologia funciona na categoria de sujeito (como um motor, nos diz Althusser, trabalha com gasolina) e faz com que essa categoria trabalhe concretamente em rituais e práticas bastante concretas (como já vimos na tese 2). Todos são “desafiados” e respondem porque são atribuídos / oferecidos / garantidos um lugar / identidade / estabilidade na sociedade.

Dessa forma, Althusser (1999) vai defender que a categoria de sujeito é constitutiva de toda ideologia, porém, isso só acontece porque as ideologias em si têm como função determinar como os sujeitos se reconhecem. É um jogo duplo em que um constitui o outro, mostrando que o funcionamento da ideologia se dá através das formas materiais de existência desse próprio funcionamento. A partir dessa compreensão, Althusser (1999, p. 210) apresenta duas proposições: “toda ideologia existe pelo sujeito e para os sujeitos; a ideologia só existe para sujeitos concretos e esse destino da ideologia não é possível a não ser pelo sujeito”.

Retornemos, então, para o conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado para poder compreender também a tese 3. Estes fazem parte da superestrutura e têm como função primordial, sob a proteção do Aparelho Repressor de Estado, a reprodução das relações de produção na consciência dos indivíduos. Aqui entra o duplo jogo: “a reprodução das relações de produção pelos aparelhos ideológicos e seus efeitos ideológicos sobre os sujeitos, agentes da produção, é garantida no funcionamento das próprias relações de produção” (ALTHUSSER, 1999, p. 223). A repressão por si só não pode garantir a reprodução das relações de produção; a ideologia é quem garante, por excelência, a reprodução das relações de produção.

A garantia da reprodução se dá, essencialmente, porque o próprio caráter da ideologia é impor práticas como se elas fossem naturais, evidentes. Ou seja, a força da ideologia está no fato dela naturalizar atos, pensamentos, as ilusões criadas para o povo a fim de garantir a reprodução das relações desiguais. Mais uma vez, o caráter negativo da ideologia, expresso na concepção marxiana de falsa consciência é questionado de alguma forma, uma vez que a terceira tese demonstra que as ideologias têm relação com as relações reais entre os indivíduos. Como diz Althusser (1999, p. 202), “os indivíduos concretos “funcionam” e é a ideologia que os “leva na conversa”.

1.3 Concepções de Sujeito e de Discurso na Obra de Michel Pêcheux

É a partir dos estudos de Althusser que Pêcheux vai pensar uma teoria materialista do discurso com enfoque na descentralização do sujeito. Na Análise do Discurso de origem francesa, uma das regiões do conhecimento utilizadas para desenvolver a teoria é justamente o materialismo histórico de Marx em que a AD se interessa essencialmente pela superestrutura ideológica e sua conexão com o modo de produção dominante em uma dada formação social (PÊCHEUX, 2014a). Foi pensando nos trabalhos marxistas lançados em sua época que Pêcheux observou uma certa tendência a desconsiderar a superestrutura ideológica como expressão da base econômica. Para o autor, seguindo na esteira de Althusser, a ideologia é uma das condições de reprodução da base econômica e, a partir daí, Pêcheux vai desenvolver uma teoria que pensa o discurso como um processo atravessado pela História e pela Ideologia e que envolve indivíduos, ou melhor, sujeitos do discurso, afetados e constituídos por questões sociais, ideológicas e históricas, e que acreditam ser a origem do que dizem, mas não são.

Para tanto, Pêcheux foca em dois aspectos da teoria de Althusser, a saber, na tese de que indivíduos são interpelados em sujeitos e no conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs). O questionamento que perpassa os estudos de Pêcheux é que se, de fato, no seio dos AIEs, a ideologia transforma indivíduos em sujeitos, é preciso entender como é que os indivíduos aceitam como óbvio, ou não, o sentido daquilo que ouvem e dizem, leem e escrevem, e se tornam, assim, sujeitos.

Embora beba da fonte de Althusser, Pêcheux faz uma leitura crítica de seus estudos como, por exemplo, sobre a questão da reprodução das relações de produção. Enquanto Althusser defende que, no âmbito dos AIEs, a partir de práticas e rituais, a ideologia funciona a fim de *reproduzir* as relações de produção das classes dominantes, Pêcheux vai acrescentar a palavra *transformação*, no intuito de demonstrar que existe uma relação dialética. Nas palavras do autor, em *Semântica e Discurso*¹⁸:

¹⁸ A obra original foi publicada em francês sob o título de *Les vérités de La Palice. Linguistique, sémantique, philosophie (Théorie)* no ano de 1975. A versão utilizada aqui é 5ª edição da tradução de Eni Orlandi, publicada pela Editora Unicamp no ano de 2014. A título de organização das referências, esta obra está sendo citada com o ano 2014c porque dois outros textos do mesmo autor, também publicados pela mesma editora e no mesmo ano, estão sendo utilizados nesta Tese. A ordem estabelecida foi a cronológica com

Ao falar de “reprodução/transformação”, estamos designando o caráter intrinsecamente contraditório de *todo modo de produção que se baseia numa divisão em classes, isto é, cujo “princípio” é a luta de classes*. Isso significa, em particular, que consideramos errôneo localizar em pontos diferentes, de um lado, aquilo que contribui para a reprodução das relações de produção e, de outro, o que contribui para sua transformação: a luta de classes perpassa o modo de produção como um todo, o que, no campo da ideologia, significa que a luta de classes “passa por” aquilo que L. Althusser chamou de aparelhos ideológicos de Estado (PÊCHEUX, 2014c, p. 130).

Isso quer dizer que a ideologia dominante, isto é, da classe dominante, não existe sozinha dentro dos AIEs. Ela está em constante choque com as ideologias dominadas, o que torna perfeitamente possível que as relações de produção sejam reproduzidas ou transformadas. Pêcheux (2014c) retoma Althusser para lembrar que, apesar de a ideologia dominante se realizar pela instauração de AIEs, estes não são um instrumento exclusivo da classe dominante para reproduzir as relações de produção existentes, pois “os AIEs constituem, simultânea e contraditoriamente, o lugar e as condições ideológicas da transformação das relações de produção (isto é, da revolução, no sentido marxista-leninista)” (PÊCHEUX, 2014c, p. 131). As condições de reprodução/transformação, então, são formadas, num dado momento histórico e numa dada formação social, pelo conjunto complexo dos AIEs que estão dentro dessa formação social.

Pêcheux (2004), em *Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes*, a partir de seus estudos em Althusser, enfatiza que os AIEs não contribuem de maneira homogênea para a reprodução das relações de produção, tampouco para sua transformação uma vez que eles têm propriedades regionais, isto é, características próprias que condicionam sua importância relativa dentro do conjunto de aparelhos, e isso em função da luta de classes nessa dada formação social. Alguns exemplos de regiões, de elementos peculiares do AIE religioso, entre outros, pode ser deus, pecado, paraíso, etc.; para o AIE jurídico têm-se as leis, as punições, etc. E assim por diante, cada AIE possui saberes distintos, ou características peculiares, que condicionam sua importância dentro dos próprios AIEs. Além disso, tais saberes estão em função da luta de classes conformando, inclusive, uma relação de subordinação, por exemplo, entre AIEs.

Conforme Pêcheux (2004), é a partir da compreensão dessas características peculiares, desses saberes próprios de cada AIE e também das suas interrelações de contradição e subordinação que se dá a rede contraditória entre reprodução e transformação das relações de produção. Para o autor, o caráter contraditório entre reprodução e transformação das relações de produção se dá na medida em que os elementos ideológicos dos AIEs não são tomados separadamente, mas sim dentro das diferentes regiões de saber que os contêm e das relações de desigualdade existentes entre as classes sociais, constituindo o “palco da luta ideológica de classes” (PÊCHEUX, 2004, p. 5).

Ainda com base em Althusser, Pêcheux (2014b), em *Por uma análise automática do discurso*, toma o conceito de assujeitamento do sujeito. Ele vai dizer que o funcionamento da ideologia, no que tange à reprodução das relações de produção, se dá a partir da interpelação dos sujeitos. Ou seja, o assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico é essencialmente o que permite que as relações de produção sejam reproduzidas, no interior dos AIEs, “de tal modo que cada um seja *conduzido*, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a *ocupar o seu lugar* em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção” (PÊCHEUX, 2014b p. 162). Entretanto, a luta de classes não é estanque e se caracteriza, no seio dos AIEs, pelo confronto

de posições políticas e ideológicas [...] que não constituem a maneira de ser dos indivíduos, mas que se organizam em formações que mantêm entre si relações de antagonismo, de aliança ou de dominação. Falaremos de *formações ideológicas* para caracterizar um elemento (esse aspecto da luta dos aparelhos) suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento; desse modo, cada formação ideológica constitui um complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais” mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras (HAROCHE, HENRY, PÊCHEUX, 1971, p. 16).

O que nos faz retornar à questão de que a ideologia dominante não se encontra sozinha dentro de um AIE, utilizando-o como seu instrumento exclusivo de reprodução, é o próprio entendimento de que dentro dos AIEs convivem formações ideológicas distintas, que expressam posições de classes em conflitos umas com as outras, que

permite entender que tanto as condições de reprodução como as de transformação das relações de produção são possíveis. Mas no caso da transformação, não mais se falará em assujeitamento pleno dos sujeitos, uma vez que Pêcheux, em seus estudos vai fazer uma releitura em torno da teoria althusseriana. Retornaremos a essa questão mais adiante.

Dessa forma, Pêcheux (2014b; 2014c) coloca que a ideologia, em sua materialidade concreta, apenas existe como *formações ideológicas*, que é um termo emprestado de Althusser, como visto na subseção anterior. Estas formações têm natureza “regional” e englobam posições de classe, isto é, o conjunto de saberes que constituem a base de cada AIE é fornecido com uma orientação que visa a interesses das classes a que servem. Dito de outro modo, a ideologia existe materialmente sob a forma de *formações ideológicas* (FIDs), dentro dos AIEs, e elas possuem características regionais e uma orientação da classe a que tais formações, ou mesmo os aparelhos, servem.

Ser desigual e contraditório é parte da luta ideológica que acontece no interior das formações ideológicas. Trata-se de uma luta para tentar impor novas correlações de força e transformações, inclusive nos aparelhos, ou, ao contrário, reproduzir as já existentes. Um bom exemplo disso são as diferentes vertentes do feminismo. Para ilustrar melhor, trago uma diferenciação entre o feminismo liberal e o marxista. O primeiro tem suas raízes nas lutas legalistas da chamada primeira onda feminista, que surgiu pelo sufrágio universal, no fim do século XIX e início do XX. O marxista, por sua vez, advém da associação entre marxismo e feminismo que surge na discussão sobre a questão da mulher inserida nas organizações de esquerda, em especial o Partido Social Democrata Alemão que contava com grandes dirigentes mulheres como Rosa Luxemburgo e Clara Zetkin.

Ambas vertentes vigoram até os dias de hoje e tiveram algum grau de influência na segunda, terceira e, atualmente, quarta ondas feministas. Podem ser consideradas reivindicativas e que desejam transformar a realidade das mulheres, porém, há uma diferença crucial entre as duas: a vertente liberal caracteriza-se pelas lutas por reformas que igualem os direitos das mulheres aos direitos dos homens no que concerne a

propriedades e oportunidades; vê a opressão às mulheres como um erro que pode ser corrigido e não como um elemento estrutural do sistema econômico e social.

O feminismo liberal se foca na construção de um capitalismo mais humano como, por exemplo, quando se volta para a luta por cotas para mais mulheres no parlamento burguês como se isso, por si só, fosse suficiente para alterar a condição de “segundo sexo” das mulheres. As reivindicações pautam-se pelo direito burguês, e se inserem na ordem capitalista com o objetivo de reformá-la.

O feminismo marxista, por outro lado, engendra seus saberes e práticas com vistas a uma transformação revolucionária, não apenas da condição da mulher mas da sociedade como um todo entendendo que a desigualdade de gênero é um dos “efeitos” do sistema capitalista, ou seja, é estrutural. Ao associar os preceitos marxistas à luta pela emancipação das mulheres, esta vertente dá importância a questões como produção e reprodução social, divisão social e sexual do trabalho e sistemas de gênero e de classe social.

Ou seja, dentro do que se pode chamar Formação Ideológica Feminista, existem saberes distintos, que podem até mesmo ser contraditórios como é o caso das vertentes usadas como exemplo aqui. No seio dos AIEs onde estas vertentes se chocam, a liberal luta para reproduzir as correlações de força do sistema capitalista, já a marxista luta para transformá-las.

As Flds, então, permitem entender como funcionam as instituições e, como dentro delas, estão convivendo uma série de contradições e antagonismos. Tendo feito esse percurso, Pêcheux (2014b; 2014c) se vê na posição de questionar qual é, então, a relação entre ideologia e discurso. Para ele, a ideologia povoa o discurso e todo discurso é constituído por saberes que se representam por meio de materialidades ideológicas, mas não no sentido de Hegel, como um *zeitgeist*, uma vez que essas materialidades ideológicas se representam nas práticas. O exemplo que Pêcheux (2014c) nos traz é o dos rituais do baixo clero e do alto clero na Idade Média e como cada classe (nobreza e plebe), cada grupo nas suas relações de produção tinha que se comportar. Para o autor, o discurso é uma das materialidades da ideologia, assim como é a História e as práticas sociais. A língua é a base onde se realizam os processos discursivos, mas estes obrigam a inserir a língua na dimensão histórica e social.

Com base no que precede sobre a materialidade discursiva, Pêcheux (2014c) vai confirmar que as formações ideológicas estão inscritas nas formações sociais, mas que são materializadas como saberes por meio da *formação discursiva* (FD), dos lugares sociais que cada sujeito ocupa, e também estabelecem imagens que representam estes lugares. O conceito de *formação discursiva* em Pêcheux vem de Michel Foucault, em *Arqueologia do Saber*. Trata-se, também, de um conceito que sofreu alterações ao longo do tempo, como pode ser visto, por exemplo, na obra *Discurso Comunista Endereçado aos Cristãos*, de Jean-Jacques Courtine (2014). Essa noção, bem como a de Formação Ideológica, será mais bem explicada em outra subseção mais adiante.

As formações discursivas existem historicamente dentro de dadas relações de classes e, dessa forma, é importante salientar que elas não são estanques, ou seja, as FDs podem se transformar, ou até mesmo deixar de existir. Isso significa que elas podem fornecer elementos que resultam em novas formações discursivas, formando-se no seio de outras relações ideológicas, e colocando a possibilidade de surgimento de novas formações ideológicas.

Portanto, Pêcheux (2014b; 2014c) concebe a formação ideológica como uma força em confronto com outras, dentro do espaço da luta de classes, ocasionando a reprodução, ou a transformação, das relações de produção. Entretanto, é importante enfatizar que o autor defende que é através dos discursos que as formações ideológicas se revelam de modo que os processos discursivos são responsáveis pelos efeitos de sentido e é na língua que esses efeitos se realizam. Novamente, a língua é uma das materialidades do discurso que, por sua vez, materializa saberes das FDs. Dessa forma, o surgimento de um sujeito do discurso para a AD está intimamente ligado aos conceitos de formação ideológica e formação discursiva uma vez que

os indivíduos são “interpelados” em sujeitos falantes [...] por formações discursivas que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes. Especificamos também que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina” (PÊCHEUX, 2014c p. 198).

Dessa maneira, Pêcheux (2014c) também defende a tese althusseriana que diz que a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos. O indivíduo está sempre inserido em

uma determinada ideologia, portanto, se a ideologia faz dos indivíduos sujeitos, o indivíduo é sempre sujeito dentro da formação social em que está inserido. Mas, num exercício de retornar para avançar, a interpelação se dá sempre através de um conjunto complexo determinado de *formações ideológicas* que realizam dentro deste conjunto um papel desigual tanto para a reprodução quanto para a transformação das relações de produção. Como visto anteriormente, essa ação desigual acontece em razão de características ditas “regionais” das formações ideológicas. Pêcheux (2014b) vai afirmar que as formações discursivas intervêm nas formações ideológicas enquanto componentes tanto para a reprodução quanto para a transformação.

1.3.1 A noção de sujeito para a AD

Quando Pêcheux propõe “uma teoria não-subjetiva da subjetividade”, ele inicia um diálogo entre as noções de inconsciente e ideologia. Essas noções são fundamentais para compreender o conceito de sujeito para a AD na medida em que sua articulação, em conjunto com o materialismo histórico, resulta em uma subjetividade que não está centrada no indivíduo consciente de suas ações.

Para a Análise do Discurso, o sujeito não é o indivíduo, mas sim o sujeito do discurso, atravessado pela História, pela Ideologia e que acredita ser a origem daquilo que enuncia e que detém o sentido do que diz. Essas ilusões do sujeito são tratadas pela AD como esquecimento nº 1 e esquecimento nº 2. Por meio do esquecimento nº 1, o sujeito crê que ele é a origem dos sentidos daquilo que enuncia, porém, ele está somente enunciando algo que já foi dito anteriormente. Nessa perspectiva, as palavras possuem sentidos que são pré-existentes e, portanto, não podem significar apenas aquilo que queremos. O esquecimento nº 2, por sua vez, se constitui no momento da enunciação e confere a ilusão da certeza de que aquilo que se quer dizer tem somente uma forma de ser dito.

Através dos esquecimentos, é possível concluir que nem a linguagem e nem o sentido são transparentes. Para a AD, o sujeito é interpelado pela ideologia, porém ignora tal condição e, então, seu discurso é constituído sob a ilusão de que ele, o sujeito, é a origem do que tem a dizer. No entanto, a AD postula que o sujeito não está na origem

do dizer porque ele é duplamente afetado: pessoal (inconsciente) e socialmente (ideologia). O resultado desta articulação gera um sujeito histórico e ideológico, mas que ignora tal condição justamente por ser afetado pelo inconsciente e pela história.

Entender a noção de sujeito para a AD é bastante importante para esta pesquisa, uma vez que proponho pensar, também, sobre os sentidos dos discursos das mulheres que são objeto de violência e que serão analisados mais adiante, mulheres que saem de seus lares, fugindo de um ciclo de violência, e vão em busca de ajuda. Com base na teoria de Pêcheux, não será uma reflexão sobre essas mulheres enquanto indivíduos, mas sim enquanto sujeitos. *Sujeitas* no discurso, carregando marcas ideológicas, históricas, que interferem, de certa maneira, no discurso em si, nos sentidos. *Sujeitas* que decidem dar um basta à violência que sofrem, saindo do próprio lar (entre outras medidas).

No texto *A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas [1975]*, Pêcheux e Fuchs (2014b, p. 162), baseados em Althusser (1999), colocam que, a partir da interpelação ideológica, o sujeito é levado, sem que se dê conta disso, ou seja, inconscientemente, a acreditar que está agindo por livre e espontânea vontade. De acordo com Pêcheux e Fuchs (2014b, p. 162),

a modalidade particular do funcionamento da instância ideológica quanto à reprodução das relações de produção consiste no que se convencionou chamar *interpelação*, ou o assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico, de tal modo que cada um seja *conduzido*, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, *a ocupar o seu lugar* em uma outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção (ou naquela categoria, camada ou fração de classe ligada a uma delas) (grifos do autor).

Quando penso, novamente, no objeto de estudo selecionado para esta Tese, que envolve a questão da violência contra as mulheres, entendo o machismo como uma dos principais fatores que contribuem para a manutenção da desigualdade entre mulheres e homens, sendo estes detentores de privilégios, inclusive o de poder serem violentos com aval (nem sempre) velado da sociedade. Ao longo da história, essa ideologia foi mudando em alguns aspectos, mas seu funcionamento continua e uma prova disso é que até os dias de hoje a violência doméstica permanece com força, sendo, inclusive, um dos motivos que mais matam mulheres no mundo. Por outro lado, a formação

discursiva machista funciona também no sentido de, sutilmente, impedir muitas mulheres de perceberem esse lugar de submissão a elas relegado.

É claro que não se trata de má vontade ou de uma situação que permita que digam “o pior é que tem muitas mulheres que são machistas”, como se o simples fato de ser mulher já fosse suficiente para romper com esse processo de assujeitamento (inconsciente, é necessário lembrar) a que estamos todos expostos. Como seria possível? A ideologia dominante, no caso a capitalista, burguesa, nos “ensina” diariamente sobre a eternidade de seus pilares: a família, a Igreja, o lugar social do homem e da mulher, as violências, etc. Por isso, analisar discursos de mulheres que romperam, de certa forma, com o próprio ciclo de violência pode fornecer uma nova perspectiva com relação ao combate à violência contra a mulher e uma das formas possíveis de se fazer isso é observando o funcionamento (ou não) da FD machista ao interpelar essas mulheres em sujeito, antes e depois do rompimento com o ciclo de violência vivido.

Em *Semântica e Discurso*, Pêcheux (2014c) coloca que o lugar do sujeito é preenchido pela forma-sujeito, ou sujeito do saber, de uma dada Formação Discursiva (FD), isto é, o indivíduo se inscreve no discurso a partir de uma forma-sujeito com a qual se identifica e se constitui enquanto sujeito. O sujeito se identifica com determinados saberes e isso faz com que ele se inscreva em uma FD e, portanto, passe a ocupar o lugar de sujeito discursivo. É através da forma-sujeito que ele (o indivíduo) é interpelado em sujeito. É importante salientar que a forma-sujeito não é fechada, ela se constitui no bojo de contradições e de relações desiguais que podem resultar tanto em reprodução como em transformação dos saberes dentro das FDs.

O sujeito para a AD, então, é um sujeito histórico de determinada FD, ele não é homogêneo, mas sim fragmentado porque nele existe a forte presença de outros discursos, historicamente já constituídos. A noção de sujeito, para a AD, considera aspectos sociais, históricos e ideológicos como seus elementos constitutivos de maneira que o lugar que o sujeito ocupa nas relações de produção na sociedade (lugar social) determina seu enunciado, isto é, seu dizer.

Com a noção da forma-sujeito do discurso é possível reconhecer, no interior da FD, as práticas e saberes que identificam os modos de subjetivação dos sujeitos. Dito

de outro modo, conforme Pêcheux (2014c), a interpelação do indivíduo em sujeito do discurso está atrelada a um desdobramento dele em locutor e forma-sujeito. O primeiro é o “sujeito da enunciação”, já o segundo é o chamado “sujeito universal”. Sobre o desdobramento do sujeito, Ana Zandwais (2005), em seu texto intitulado *A forma-sujeito e suas modalidades de subjetivação*, coloca que, para Pêcheux, o sujeito-enunciador é representado por várias formas de subjetivação e, por isso, esse desdobramento não ocorre de forma simples ou homogênea. Esses múltiplos jeitos de subjetivação revelam o quão complexa é a relação entre sujeito-enunciador e forma-sujeito. Eles podem se relacionar com os saberes da FD de diferentes maneiras e nem todos os sujeitos inscritos em uma FD se relacionam de maneira igual com ela, o que significa que nas Formações Discursivas tem espaço para a contradição.

Desse modo, é no seio da FD que os sentidos são constituídos a partir das formas como o sujeito se reconhece com relação às práticas e aos saberes. Em outras palavras, a inscrição do sujeito em uma determinada FD acontece por meio da forma-sujeito do discurso. Esta pode se desdobrar no que Pêcheux (2014b; 2014c) chamou de *bom ou mau sujeito* através de três possíveis modalidades de tomada de posição. Segundo o autor,

a tomada de posição resulta de um retorno do “Sujeito” no sujeito, de modo que a não-coincidência subjetiva que caracteriza a dualidade sujeito/objeto, pela qual o sujeito se separa daquilo de que ele “toma consciência” e a propósito do que ele toma posição, é fundamentalmente homogênea à coincidência-reconhecimento pela qual o sujeito se identifica consigo mesmo, com seus “semelhantes” e com o “Sujeito” (PÊCHEUX, 2014b p. 160).

A partir das tomadas de posição, percebe-se que o sujeito da AD assume ou nega identificações, entretanto, é preciso lembrar que esses movimentos só são possíveis pelo que a realidade social oferece, uma vez que estamos falando de um sujeito determinado pelas condições sócio-históricas, ideológicas e também pelo inconsciente. As tomadas de posição apontadas por Pêcheux (2014c) provam que os sentidos estão em disputa.

A primeira modalidade de configuração do sujeito apresenta uma identificação plena entre os saberes que identificam o Sujeito universal da FD e o indivíduo que se reconhece como sujeito dentro dessa mesma FD. Neste caso, ele se identifica completamente com saberes circunscritos pela forma-sujeito que organiza esta FD e os

reproduz.

O indivíduo assume, então, o papel do sujeito-enunciador. Quer dizer, o sujeito se identifica com os saberes dominantes e os reproduz. Aqui se caracteriza a eficácia da ideologia, ou seja, a identificação plena que não considera as contradições. Pêcheux (2014c) chama de *bom sujeito* aquele que se identifica plenamente com o sujeito do saber da formação discursiva. Trata-se de uma metáfora que permite caracterizar o sujeito que não intervém na realidade, apenas reproduz o que o Sujeito “manda reproduzir”.

Nessa modalidade, há o que o autor chama de superposição entre “sujeito da enunciação” (o locutor) e “sujeito universal” (sujeito do saber, da FD), criando um efeito de unicidade em que o sujeito acredita que é a origem do que diz e aceita sem questionar o que lhe é ideologicamente imposto. É o que Zandwais (2005, p. 146) chama de “captura exitosa”.

Dessa forma, a tomada de posição do sujeito acontece por meio de seu assujeitamento sob a forma do “livremente consentido”, na esteira do que Althusser (1999, p. 291-292) postulou: “[...] o indivíduo é interpelado como sujeito (livre) para que se submeta livremente às ordens do Sujeito, portanto para que aceite (livremente) a sua sujeição, para que ele “realize sozinho” os gestos e atos da sua sujeição”. Considerando o contexto de violência doméstica, as “boas sujeitas”, podem ser mulheres que, através de seus discursos e práticas, contribuem para a manutenção da lógica machista. Por exemplo, as que seguem justificando as violências de seus companheiros com falas do tipo “ele só estava bêbado”; “eu mereci porque não deixei o almoço pronto”; “ele pediu desculpas e disse que vai mudar”.

É importante salientar que o livre assujeitamento de Althusser (1999) é uma leitura idealista justamente porque produz o efeito de que existe homogeneidade, isto é, de que os rituais da ideologia serão sempre infalíveis, resultando sempre em sujeitos plenamente identificados. Entretanto, embora o Sujeito seja a expressão da dominação da classe dominante, isso não quer dizer que somente haverá a coincidência entre sujeito e Sujeito. A História nos mostra diariamente que, a partir da luta de classes, essa convergência já foi rompida anteriormente demonstrando a existência do que Pêcheux (2004; 2014) chamou de “maus sujeitos”.

Pêcheux (2004, p. 8) anuncia, então, “o termo contraidentificação, segunda modalidade, para caracterizar esse processo ideológico de não-coincidência, no qual as evidências empíricas singulares se separam da evidência universal”. No processo de contraidentificação entre o sujeito-enunciador e o sujeito universal, aquele se volta contra este porque o questiona, contesta, duvida dele, e luta contra as evidências apresentadas pelo Sujeito do saber de uma Formação Discursiva. Nas palavras de Pêcheux (2014c, p. 199),

[...] o *sujeito da enunciação* “se volta” *contra o sujeito universal* por meio de uma tomada de posição que consiste, desta vez, em uma *separação* (distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta...) *com respeito ao que o “sujeito universal” lhe “dá a pensar”*: luta contra a evidência ideológica, sobre o terreno dessa evidência, evidência afetada pela negação, revertida a seu próprio terreno. (grifos do autor).

Existe, portanto, um distanciamento entre o sujeito do discurso e a forma-sujeito da formação discursiva, o que o leva a contraidentificar-se com esta. Embora, neste caso, não se trate de um descrédito completo, o sujeito desconfia dos saberes colocados e começa a intervir para reformulá-los. Ele passa a ser uma posição contraditória dentro da forma-sujeito em que está inserido.

Instaura-se uma tensão sobre a forma-sujeito e é justamente essa tensão que justifica a não existência de unicidade da forma-sujeito. Pode-se observar que existem contradições que podem fazer com que um indivíduo plenamente assujeitado, em uma tomada de posição, passe a se contrapor à, a questionar a forma-sujeito. A forma-sujeito não é homogênea e isto permite que diferentes modos de identificação ocorram.

Um bom exemplo é a Organização Não-Governamental (ONG), de caráter ecumênico, conhecida como Católicas pelo Direito de Decidir (CDD). Surgiu nos anos 1990, no Brasil e em outros países da América Latina, e agrupa mulheres católicas com o objetivo de articular algumas ideias do feminismo com o cristianismo, buscando argumentação teológica consistente e oferecendo às mulheres católicas (ou não) a possibilidade de encarar a sexualidade como algo positivo, que pode torná-las felizes, sem se sentirem culpadas. Além dos direitos sexuais, o grupo CDD debate a legalização e descriminalização do aborto, principalmente nos casos em que a prática já é legalmente aceita.

A Igreja Católica há bastante tempo demonstra posição contrária à prática de aborto, mesmo quando a gravidez traz complicações fatais para as gestantes, ou em caso de estupro ou ainda que se saiba que a criança nascerá morta. Ainda que esta não seja uma questão tratada como um dogma, para a instituição a proibição do aborto faz parte de um conjunto de leis concernentes à moral que católicos devem seguir no seu dia-a-dia, cujo principal argumento é a defesa da vida, considerando-se que exista vida humana desde o momento da concepção. Conforme Rosado-Nunes e Jurkewicz (2002) em *Aborto: um tema em discussão na Igreja Católica – O surgimento de Católicas pelo Direito de Decidir*, a Igreja Católica prega que a vida é um direito concedido por deus. Para a Igreja Católica, trata-se de uma prática condenada pois pode

provocar a morte de um ser humano considerado *inocente*, o que constitui uma situação de tríplice injustiça: contra a soberania de Deus, único senhor da vida; contra o próximo, que é privado do direito de existir como pessoa; e contra a sociedade, que perde um de seus membros (ROSADO-NUNES & JURKEWICZ 2002, p. 28).

Embora pareça que há um discurso homogêneo dentro da Igreja acerca da imoralidade do aborto, a constante atuação das CDD em atos feministas e pautando os direitos sexuais e reprodutivos, em busca de justiça social e mudança dos padrões culturais, na sociedade, demonstra que dentro do que se pode chamar forma-sujeito católica, coexistem, no mínimo, dois saberes bastante distintos: um a favor dos direitos reprodutivos e de escolha das mulheres e outro veementemente contra. As CDD não romperam definitivamente com a FD Católica, mas atuam em muitas frentes se contrapondo, questionando, contestando a proibição ao aborto. Elas passam a intervir no processo de reformulação dos saberes que representam a FD Católica. Com certeza, são “más sujeitas”.

A terceira modalidade, por sua vez, é a *desidentificação* do sujeito do discurso com os saberes da FD com a qual ele se identificava. Nesse caso, o sujeito rompe com a FD anterior e passa a se identificar com outra FD. Isto não significa que este sujeito esteja livre de ideologia uma vez que ele passa a ser identificado com a nova FD, mas também não significa que ele simplesmente passou a ser bom sujeito da outra FD. É uma tomada de posição que significa ruptura, um desarranjo para rearranjar. Não tem

como ser bom sujeito apenas porque não se encaixa mais no “livremente assujeitado”.

Segundo Pêcheux (2014c), essa modalidade seria como uma interpelação da ideologia só que reversa, uma vez que existe um deslocamento da forma-sujeito que passa a não mais se identificar com o Sujeito universal. Ela pode se filiar a outra FD. A terceira modalidade “[...] constitui um *trabalho* (transformação-deslocamento) *da forma-sujeito* e não a sua pura *anulação* (PÊCHEUX, 2014c, pp 201- 202, grifos do autor).

De acordo com observação feita por Zandwais (2009, p. 36), no texto *Perspectivas da Análise do Discurso fundada por Michel Pêcheux na França: uma retomada de percurso*, essa última modalidade de subjetivação do sujeito “configura tanto a identidade do sujeito da prática política revolucionária, como as formas através das quais ele intervém sobre os universos logicamente estabilizados.” É possível depreender dessa observação que a terceira modalidade é um processo de ruptura, mais forte do que apenas questionar os saberes e práticas do Sujeito universal. É prática revolucionária no sentido de que há uma transformação e uma reorganização em outro campo ideológico, isto é, em outra FD. As mulheres que não só passam a questionar a violência sofrida como também se transformam em feministas que lutam contra toda e qualquer forma de violência são “sujeitas” inseridas nessa terceira modalidade. Elas saem do campo ideológico machista para o feminista, por exemplo. Dito de outro modo, elas rompem com a FD machista e passam a se identificar com a FD feminista.

Assim, conforme o exposto acima, concluo que Pêcheux não concorda exatamente com o assujeitamento pleno de Althusser. É claro que ele também não descarta completamente os estudos do filósofo franco-argelino, mas, de certa forma, se baseia em grande parte dele, trazendo uma leitura crítica que acrescenta aspectos com o intuito de chegar a uma teoria materialista do discurso.

Em seu percurso teórico, então, Pêcheux, com base em Althusser, demonstra a importância de se reconhecer o funcionamento da ideologia no seio dos Aparelhos Ideológicos de Estado, e que esse funcionamento se dá através da interpelação dos indivíduos em sujeitos. Porém, o que se acrescenta é que existe uma materialidade através da qual esse assujeitamento acontece: o discurso. Este, por sua vez, se realiza por meio de formações discursivas diversas, contraditórias e antagônicas, contidas em formações ideológicas cujas características intrínsecas e inerentes as fazem igualmente

contraditórias dentro dos AIEs.

Quando Pêcheux traz as diferentes modalidades de tomada de posição, apontando para a possibilidade de que o assujeitamento pleno de Althusser possa se desdobrar tanto em um sujeito questionador como um sujeito revolucionário, ele apresenta a contradição inerente ao processo de assujeitamento. Não existe apenas a forma de se tornar sujeito por meio da plena identificação com os saberes das classes dominantes. E mais do que isso, ele coloca em evidência que a prática revolucionária pode trabalhar em contraponto com as ideologias das classes dominantes. Não se quer dizer com isso que, a partir do trabalho da prática revolucionária, os sujeitos estariam livres das ideologias, nem mesmo da Ideologia. Mas, que existe a possibilidade de, discursivamente, no campo da práxis e da teoria, da ciência e da luta de classes, desarranjar e rearranjar formações ideológicas e formações discursivas para gerar desidentificação, para gerar sujeitos que se encaminhem em direção à transformação do modo de produção das classes dominantes e não apenas reproduzi-lo ou reformá-lo.

1.3.2 *As noções de Formação Discursiva e Formação Ideológica*

As noções de Formação Ideológica (FIId) e de Formação Discursiva (FD) já estavam perpassando esta Tese desde o começo. É chegada a hora, então, de aprofundar um pouco mais a explicação sobre esses dois conceitos muito importantes para a Análise do Discurso de origem francesa.

Formação Ideológica (FIId) surge com Althusser, ao desenvolver a teoria dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs). Na seção 1.2, vimos que de acordo com Althusser (1999), a reprodução da relação de produção e exploração do modo capitalista de produção (e de todos os outros) se dá pelo assujeitamento ideológico de indivíduos e é através dos AIEs que essa reprodução está materialmente assegurada, de modo que os AIEs são o palco da luta de classes. É neles onde se confrontam relações contraditórias, de antagonismo, aliança ou dominação. Esse aspecto de luta nos aparelhos é denominado de *formação ideológica* e constitui um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais. A formação

ideológica relaciona-se diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras, dentro dos AIEs (ALTHUSSER, 1999).

Pêcheux (2014c), com base em Althusser, coloca que a ideologia existe materialmente sob a forma de FIDs, dentro dos AIEs, e que elas possuem características regionais e posições de classe, ou seja, uma orientação da classe a que tais formações, ou mesmo os aparelhos, servem. Ser desigual e contraditório é parte da luta ideológica que acontece no interior das formações ideológicas. Uma luta para tentar impor novas correlações de força e transformações, inclusive nos aparelhos, ou, ao contrário, manter as já existentes. Em resumo:

a objetividade material da instância ideológica é caracterizada pela estrutura de desigualdade-subordinação do “todo complexo com o dominante” das formações ideológicas de uma formação social dada, estrutura que não é senão a da contradição reprodução/transformação que constitui a luta ideológica de classes (PÊCHEUX, 2014c p. 134).

As formações ideológicas estão inscritas nas formações sociais e são determinadas através da formação discursiva, dos lugares sociais que cada sujeito ocupa e também estabelecem imagens que representam estes lugares. Isso quer dizer que o sujeito já possui um lugar social quando interpelado pela ideologia e influenciado pelas relações de poder institucionais. Um lugar discursivo é determinado pelo lugar social e pela estrutura da língua, que está materializada no discurso.

Em *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso*, Claudine Haroche, Paul Henry e Michel Pêcheux (1971) estabelecem a ideia de que as FIDs existem dentro das FIDs na medida em que

[...] as formações ideológicas comportam, necessariamente, como um de seus componentes, uma ou mais formações discursivas interligadas, que determinam aquilo que se pode e se deve dizer (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada (HAROCHE, HENRY, PÊCHEUX, 1971, p.16).

Os autores ainda explicam que a formação ideológica, a partir da luta de classes e de posicionamentos políticos e ideológicos dentro dos Aparelhos Ideológicos de Estado não se configura como o jeito de ser do sujeito, mas como:

[...] um elemento suscetível de intervir como uma força de confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento; desse modo, cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras (PÊCHEUX, 1971 p. 16).

Esta é a razão pela qual Pêcheux e Fuchs (2014b), com base em Althusser, concebem a formação ideológica como uma força em confronto com outras, dentro do espaço da luta de classes, ocasionando a reprodução, ou a transformação, das relações de produção. Os processos discursivos são responsáveis pelos efeitos de sentido, porém, é na língua que esses efeitos se realizam.

Pêcheux também não criou o termo Formação Discursiva (FD). Ele se apropriou do conceito de Michel Foucault, introduzido em *A Arqueologia do Saber*, mas o faz transformando-o. Nessa obra, Foucault (2008, p. 37), ao analisar o que se fala sobre a loucura, tentou entender se “a unidade de um discurso é feita pelo espaço onde diversos objetos se perfilam e continuamente se transformam, e não pela permanência e singularidade de um objeto.”

Para Foucault (2008), era preciso observar as séries de enunciados que constituem o objeto “loucura” e não a continuidade dele. Era preciso também reparar em suas separações. No desenrolar da obra, Foucault (2008) apresenta e refuta quatro maneiras diferentes de estabelecer a unidade do discurso: primeiro ele tenta verificar a permanência dos objetos, mas nota que diferentes coisas com o mesmo nome estão contidos nos enunciados sobre a loucura; em seguida, ele verifica os modos enunciativos, porém observa que há muitas formas de coletar e induzir dados para um mesmo discurso; então, ele parte para a observação de uma continuidade de noções, conceitos e ideias semelhantes, mas não dá seguimento à sua análise pois nota que um mesmo discurso pode conter conceitos diferentes, até mesmo antagônicos; por fim, o autor dá ênfase para as escolhas estratégicas, porém observando o exemplo do evolucionismo, em que o mesmo discurso permite que se obtenham diferentes escolhas estratégicas, Foucault (2008) entende que é preciso prestar atenção à dispersão, ao que separa e ao que faz de cada enunciado ser único num dado momento.

Ele, por fim, notou que não havia possibilidade de homogeneidade uma vez que o discurso é algo que passa pelas falas em público, pelos livros, documentos, etc., de uma certa época e tem sua característica específica não nas palavras ditas, nem nas causas externas a elas e muito menos às causas internas. Assim, a unidade dos discursos sobre a loucura não estaria ligada à palavra loucura em si, mas a determinadas regras que permitem o surgimento do objeto loucura em épocas diversas. Foucault (2008), então, fala de *sistemas de dispersões* que carregam consigo uma determinada *formação discursiva*, que descreve sua regularidade (seu núcleo). A FD é apresentada como um agrupamento de enunciados que não são apenas objetos linguísticos, mas estão submetidos a uma mesma regularidade e dispersão. O sistema de dispersão está submetido a regras de formação que são chamadas pelo autor de condições de existência. De acordo com Foucault (2008, p. 43):

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva - evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como "ciência", ou "ideologia", ou "teoria", ou "domínio de objetividade". Chamaremos de regras de formação as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas).

Sendo assim, no que tange aos diferentes objetos do discurso sobre a loucura, “definir um conjunto de enunciados no que ele tem de individual consistiria em descrever a dispersão desses objetos, apreender todos os interstícios que os separam [...] – em outras palavras, formular sua lei de repartição” (FOUCAULT, 2008 p. 37), ou seja, encontrar a formação discursiva.

Em sua definição, Foucault (2008) propõe que uma Formação Discursiva se estabelece quando se pode perceber regularidade entre o objetos, conceitos, temas de um certo número de enunciados. Portanto, a sua busca é pelo que é da ordem do repetível de modo que as Formações Discursivas, para Foucault (2008), são constituídas por saberes que se repetem, pela regularidade. Conforme o autor:

Uma certa forma de regularidade caracteriza, pois, um conjunto de enunciados, sem que seja necessário - ou possível - estabelecer uma diferença entre o que seria novo e o que não seria. Mas as regularidades - voltaremos a isso em seguida - não se apresentam de maneira definitiva; não é a mesma regularidade que se encontra atuante em Tournefort e Darwin, ou em Lancelot e Saussure, em Petty e em Keynes. Temos, portanto, campos homogêneos de regularidades enunciativas (eles caracterizam uma formação discursiva), mas tais campos são diferentes entre si (FOUCAULT, 2008, p. 164).

O que caracteriza uma Formação Discursiva, então, é a regularidade de uma prática. Mas, para Foucault (2008) a FD não tem o poder de congelar o tempo, nem se trata de um elemento acima dele, mas de algo que conecta séries temporais. A FD “coloca o princípio de articulação entre uma série de acontecimentos discursivos e outras séries de acontecimentos, transformações, mutações e processos” (FOUCAULT, 2008 p. 83). Isso quer dizer que no seio das FDs há diversas séries temporais, mas que precisam estar relacionadas a um mesmo sistema de formação.

Dessa forma, apesar de postular que as FDs não congelam no tempo e que estão relacionadas a séries temporais, de acontecimentos e mutações, etc., a definição de Foucault (2008) abre espaço para uma transformação que é bastante regrada, uma vez que o elemento da regularidade é cabal para a definição de FD em *A Arqueologia do Saber* e que não há espaço para falhas ou contradições. Ele mesmo afirma que na obra tenta:

mostrar como se pode organizar, **sem falha, sem contradição**, sem imposição interna, um domínio em que estão em questão os enunciados, seu princípio de agrupamentos, as grandes unidades históricas que eles podem constituir e os métodos que permitem descrevê-los (FOUCAULT, 2008 p. 129 - 130, grifos meus).

Da mesma maneira que não há espaço para falhas e contradições dentro da FD foucaultiana, também não há para a ideologia, pois os sistemas de formação não “são determinações que, formadas no nível das instituições ou das relações sociais ou da economia, viriam transcrever-se, à força, na superfície dos discursos” (FOUCAULT, 2008 p. 82). Para ele, esses sistemas se encontram nas fronteiras em que se definem as regras que dão existência à FD. É justamente esse aspecto que vai diferenciar a FD da *Arqueologia do Saber* para a de Pêcheux.

Em um primeiro momento, na AAD69, Pêcheux (2014a) delinea espaços de regularidades discursivas, na medida em que estabelece relações entre as Formações Ideológicas. As FDs, nessa fase inaugural da teoria, eram consideradas como algo que compunha as Formações Ideológicas, relacionadas às suas condições de produção dentro de uma realidade social marcada pela ideologia dominante. Ali, o sentido já estava relacionado a um exterior ideológico. Porém, em *Semântica e Discurso*, inicia-se uma formulação diferente em que a FD é colocada como um campo onde as repetições acontecem, mas além delas há a possibilidade da transformação sobretudo por causa do caráter contraditório que regula as relações de produção. A noção de FD, nessa etapa, passa a ser caracterizada não apenas pela sua relação com as Flds, mas também por ser atravessada por uma mobilidade de saberes que podem ser representados por diferentes posições-sujeito no seio de uma FD, numa determinada conjuntura social e histórica.

Ao propor uma teoria materialista do discurso, Pêcheux (2014a; 2014c) coloca ênfase sobre o fato de que na base linguística se desenvolvem os processos discursivos, mas, ao mesmo tempo, todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classe estabelecida pela contradição. Para o autor, língua e discurso têm materialidades diferentes, porém, complementares. De um lado, a base linguística é a materialidade necessária para a realização da ideologia, já os processos discursivos, por sua vez, são os lugares em que as ideologias trabalham e produzem efeitos de sentido a partir de seus modos de inscrição em determinadas condições de produção. É assim que Pêcheux (2014a, p. 235-236) insere a história na ordem do discurso e este na *práxis*. Para ele:

Os processos discursivos não constituem, pois, em absoluto, um “cantão” isolado em sua autarcia e submetido a uma necessidade específica. Em particular, o que chamamos de autonomia relativa da *base linguística* não poderia, sob pretexto de que está na base, imprimir *sua forma* aos processos discursivos que se desenvolvem sobre essa base; os termos interdiscurso, intradiscurso [...] não correspondem, portanto, a fenômenos linguísticos: *representam, em relação à base linguística, a existência determinante do todo complexo das formações ideológicas*, submetido em condições históricas sempre específicas, à lei “geral” de desigualdade que afeta essas formações [...] no processo de reprodução/transformação das relações de produção existentes (grifos do autor).

O que faz Pêcheux é estabelecer um elo entre ideologia, discurso e sujeito, de maneira que a interpelação do sujeito pela ideologia se realiza através do discurso e, portanto, observar a estrutura da língua não pelo viés formal, mas como base linguística, que integra os processos discursivos.

A partir do conceito de formação discursiva em Pêcheux (2014c), confere-se, à ideologia, não somente materialidades em termos de ação, rituais e práticas institucionais inscritas nas formações ideológicas, mas também materialidades discursivas, tomadas na base linguística. Dessa forma, ao estabelecer uma relação de complementaridade entre base linguística e processo discursivo, Pêcheux concebe o discurso como um dos aspectos materiais da ideologia.

Enquanto Foucault (2008) se afasta da ideologia para poder definir quais os critérios que unem enunciados dentro de uma FD, Pêcheux (2014c) vai colocá-la como ponto-chave para determinar uma FD e o faz relacionando sua noção de formação discursiva com a de formação ideológica (apropriada de Althusser), assim como com a de forma-sujeito e condições de produção, num entrelaçamento teórico de extrema importância para a AD.

Por exemplo, retomando a questão do feminismo marxista e liberal, Foucault trabalharia com as diferentes opiniões e formas de se lidar com o objeto “feminismo” como estratégias diferentes dentro do que ele chamaria de formação discursiva feminista de modo que a feminista liberal e a feminista marxista estariam numa mesma formação discursiva movendo estratégias diferentes. Já Pêcheux entenderia que uma feminista marxista é interpelada por uma formação discursiva diferente daquela que interpela a feminista liberal. As marxistas e as liberais seriam sujeitos de formações discursivas distintas que até podem se comunicar, mas ainda assim não podem ser consideradas iguais, na medida em que concretizam, por meio de processos linguísticos, posições de classe diferentes.

Em *Semântica e Discurso*, Pêcheux (2014c) mostra que a relação entre formação discursiva e formação ideológica é de dependência para gerar sentido. As materialidades das práticas e dos saberes se inscrevem no seio das FIDs e é na conjuntura destas que aparecem as FDs. Para explicar tal relação, Pêcheux (2014c) estabelece duas teses. A primeira delas defende que o sentido de uma palavra não existe em si mesmo. Isso quer

dizer que as palavras só adquirem sentido dentro da FD em que é utilizada, considerando-se as posições ideológicas social e historicamente envolvidas na situação em que tais palavras surgiram. Dito de outro modo,

as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência [...] às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem (PÊCHEUX, 2014c, p. 146-147).

Essa primeira tese vem ao encontro da discussão que Pêcheux estabelece sobre base linguística e processo discursivo, pois se uma mesma palavra pode ter sentidos diferentes a depender da posição ideológica em que se encontram os sujeitos que a utilizam, ou, ao contrário, palavras diferentes terem o mesmo sentido, isso significa que não existe sentido dicionarizado, literal. O sentido de determinada palavra, expressão, frase, emerge de cada formação discursiva, nas relações que estas mantêm com outras palavras, expressões ou frases. As ideologias, dessa forma, interferem nos processos discursivos, tornando-se a condição para que palavras, expressões, frases sejam dotadas de sentido.

Entendendo, então, que o sentido das palavras reside na formação discursiva, Pêcheux (2014c, pp. 148-149) chega à segunda tese: as formações discursivas dissimulam “sua dependência com respeito ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas”. Ao termo *“todo complexo com dominante” das formações discursivas*, Pêcheux vai dar o nome de *interdiscurso* e sua relação com a noção de FD está no fato de que, para o autor, toda formação discursiva dissimula, esconde, através do sentido gerado nela, que existam outros discursos capazes de influenciarem, determinarem essa formação discursiva como tal, “como se algo falasse antes e em outro lugar” (PÊCHEUX, 2014c p. 149), sob a égide do complexo das Flds.

Tal relação, entre FD e interdiscurso, significa que os sentidos, no seio das formações discursivas, estão sob a dependência do interdiscurso. Em outras palavras, é no interdiscurso que se formam os objetos que o sujeito/enunciador se apropria para usá-los em seu discurso e é também a partir dele que se pode analisar o assujeitamento do sujeito, suas tomadas de posição, que vimos na seção anterior. O indivíduo é

interpelado em sujeito pela Ideologia em geral no interdiscurso e interpelado em sujeito do discurso pela formação discursiva, onde acontece o processo de sua identificação com a forma-sujeito da formação discursiva determinada. Nas palavras de Pêcheux (2014c, p. 49):

[...] o funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas – aceitas – experimentadas (grifos do autor).

Sendo assim, Pêcheux (2014c) introduz a condição da ideologia e os fundamentos que instituem o sujeito como princípios organizadores da formação discursiva. Como vimos na subseção anterior, a relação do sujeito com as formações discursivas com as quais se reconhece pode se dar de diversas formas: identificação plena mas também dúvida, questionamento, contestação e, isso abre espaço para novas possibilidades de relação do sujeito com as FDs e, portanto, novas formas de produção de sentido. É o que permite dizer que as FDs são heterogêneas, isto é, há espaço para a contradição, para relações antagônicas dentro delas, para as falhas dos rituais.

Jean-Jacques Courtine, por sua vez, desenvolve os conceitos de FD e de interdiscurso de Pêcheux e propõe pensar a formação discursiva como “fronteiras que se deslocam”. Em *Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso*, Courtine (2016, p. 19) coloca que:

Consideramos assim uma FD como uma unidade dividida, uma heterogeneidade em relação a si mesma: o encerramento de uma FD é fundamentalmente instável, ele não consiste em um limite traçado separando de uma vez por todas um interior e um exterior do seu saber, mas se inscreve entre diversas FD como uma fronteira que se desloca em função das questões da luta ideológica [...]. Isso nos levará adiante a considerar uma redefinição teórica do conceito de FD; podemos, no entanto, identificar desde já os elementos desenvolvidos até agora, que se constituirão em tarefa prioritária para AD: em vez de caracterizar separadamente ou diferencialmente as FDs, será preciso identificar as modalidades de contato entre FDs dentro de formações ideológicas que unem e dividem ao mesmo tempo uma contradição desigual; será preciso caracterizar os efeitos discursivos da hegemonia ideológica, colocando em evidência as formas segundo as quais no interior de uma FD “dominada”, os elementos pré-construídos produzidos no exterior dela mesma são “interiorizados”, isto é, acolhidos, absorvidos, reconfigurados ou, ao contrário, negados, ou mesmo ignorados...

O que Courtine (2014; 2016) faz é incorporar à noção de FD a questão da memória estabelecendo o campo da História como sendo das FDs. A sua proposta considera as FDs como parte do procedimento de análise, o que implica também uma nova definição das redes de saberes que atravessam os enunciados e como estes saberes organizam o funcionamento do intradiscurso, considerando a heterogeneidade das FDs. Dessa forma, Courtine (2014) se aproxima de Foucault (2008) pois analisa os enunciados considerando a Formação Discursiva como um elemento central para a AD. Além disso, para Courtine (2016) é possível observar como os saberes, organizados pelo interdiscurso, sistematizam-se diante de determinadas Condições de Produção. Sobre o interdiscurso de uma FD, o autor afirma que:

[...] deve assim ser pensado como um processo de reconfiguração incessante pelo qual o saber de uma FD é conduzido, em função das posições ideológicas que esta FD representa em uma conjuntura determinada, a incorporar os elementos pré-construídos produzidos no exterior dela mesma, para gerar sua redefinição ou retorno; para suscitar também a retomada de seus próprios elementos, a organizar a repetição, mas também para lhe provocar, eventualmente, seu apagamento, esquecimento ou mesmo sua degeneração. O interdiscurso de uma FD, como instância de formação/repetição/transformação dos elementos do saber daquela FD, pode ser referido como aquele que rege o deslocamento de suas fronteiras (COURTINE, 2016, p. 23).

Na obra *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*, é possível compreender, com Courtine (2014), que a memória é dividida em duas redes de formulação: uma memória externa e uma interna. A primeira é está relacionada ao interdiscurso. Ela é repetida e reformulada na enunciação. Remonta à origem inidentificável do já dito, um “sempre-já do discurso” (COURTINE, 2014, p.113), “um conjunto de sequências discursivas que pré-existem à sdr [sequência discursiva de referência]” (COURTINE, 2014, p.111). Essa memória externa ultrapassa as fronteiras de uma FD, perpetuando-se pela repetição.

Já a segunda, a memória interna, está relacionada ao intradiscurso. Ela permite que os sentidos sejam estabelecidos no momento da enunciação. Essa memória é recuperada na “instância do acontecimento” (COURTINE, 2014, p. 112) em uma formação discursiva de referência (FDr) e ela também nos remete ao que pode ser novidade em uma “repetição”. Dessa forma, segundo Courtine (2014), a relação entre os discursos é regulada tendo como base as posições em que os sujeitos se inscrevem.

Nestas posições, o autor coloca que é onde se dão as repetições, as reformulações e estas são guiadas pelas Formações Discursivas de Referência (FDr).

Para delimitar a FDr nesta pesquisa, foi preciso refletir sobre o modo como as mulheres entrevistadas, as sujeitas, se relacionam com os diferentes saberes que circulam em uma determinada formação discursiva. A inscrição do sujeito em uma FD se dá a partir do preenchimento do sujeito por aquilo que Pêcheux (2014c) chama de forma-sujeito. Para Courtine (2014), a FDr é a formação discursiva da forma-sujeito, do Sujeito universal.

As noções de FD e FId interessam para a presente pesquisa uma vez que pretendo refletir sobre a violência contra mulher, mais especificamente a que ocorre em ambiente doméstico, sob um prisma materialista, que permita observar o funcionamento do machismo nesse contexto.

Como visto anteriormente, a ideologia se realiza dentro de um conjunto complexo de formações ideológicas que expõem a luta de classes dentro dos AIEs. Considerando que as FIds contêm inúmeras FDs, e que o funcionamento da ideologia só pode ser percebido no discurso, tais conceitos são importantes por possibilitarem fazer o movimento necessário para chegar ao processo discursivo de mulheres em situação de violência doméstica que romperam o ciclo e buscaram ajuda e, por fim, analisá-lo.

Para efeito das análises desta pesquisa, cujo *corpus* foi constituído por discursos de mulheres em situação de violência doméstica que saíram de seus lares em busca de ajuda na *Casa de Referência da Mulher - Mulheres Mirabal* em Porto Alegre/RS tomo, também, o conceito da Formação Discursiva de Referência (FDr), de Courtine (2014). Trabalho com a Formação Discursiva de Referência da Mulher Agredida. Trata-se de uma FDr onde saberes heterogêneos circulam. Alguns desses saberes têm relação com a historicidade do lugar de inferioridade relegado às mulheres na sociedade patriarcal e capitalista brasileira, mas também circulam saberes que, por outro lado, questionam o lugar subalterno imposto às mulheres.

1.3.3 A noção de condições de produção

As condições de produção são uma das mais importantes categorias dentro da Análise do Discurso de origem francesa. São elas que, de certa maneira, aproximam a

AD do Materialismo Histórico proposto por Marx. Acerca disso, Pêcheux e Fuchs (2014b) colocam que ela [a AD] trabalha com as relações sociais designadas pelo materialismo histórico, que são determinadas pelas relações do modo de produção que as dominam, pelas representações ideológico-teórico-políticas, entre outras. E uma das formas de trazer a concepção materialista de história para dentro de uma teoria do discurso é justamente a partir da noção de condições de produção.

Courtine (2014), em sua tese *Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*, coloca que existem três ordens de origem da noção de condições de produção. A primeira delas é com a Análise de Conteúdo, quando esta explicita que seu objeto é a “análise das condições de produção de textos”. A segunda seria com a Psicologia Social quando oferece seus serviços à Sociolinguística, o que estabelece uma origem indireta que vem com a ideia de que parâmetros sociolinguísticos como situação social do emissor, do destinatário, o gênero discursivo e a situação de comunicação podem servir, de forma indireta, como condições de produção de um discurso. Já a terceira origem está em Z. Harris no texto *Discourse Analysis*, publicado em 1952. Trata-se de uma origem implícita, pois o próprio Harris não chega a mencionar o termo, porém de acordo com Courtine (2014), é seu artigo que serviu de modelo para a AD, em sua primeira fase [AAD69], uma vez que ele utiliza a palavra *situação* correlacionada com a palavra *discurso*. Tal ligação aparece quando Harris (1969 apud COURTINE, 2014, p. 47) traz a “correlação entre características individuais de um enunciado e as “particularidades de personalidade que provêm da experiência do indivíduo em *situações interpessoais condicionadas socialmente*” (grifos do autor).

Para Courtine (2014, p. 47), as três formas de origem apresentam compatibilidade de definições acerca do termo *situação*, uma vez que ao estabelecer correlações entre noções como *características individuais* ou *situações interpessoais* elas “designam o que a Linguística conhece como *sujeito da enunciação e situação da enunciação*” (grifos do autor). Mas, aos olhos da AD, há faltas nas teorias acima listadas, o que justifica a sua própria necessidade de relações de multidisciplinaridade:

[...] a AD se inaugura sob o signo da *articulação de duas faltas*, da qual a noção de CP [Condições de Produção] constitui o mais certo sintoma: a psicologia social à qual falta a possibilidade, ao caracterizar o enunciado, de se sustentar sobre a base material da língua, o que não falta à Linguística; a Linguística, por

sua vez, para a qual faz falta uma “teoria do sujeito da situação”, ou seja, das CP do discurso, invoca as disciplinas psicológicas e sociais (COURTINE, 2014 p. 48, grifos do autor).

Courtine (2014) explica que as mudanças na noção de condições de produção do discurso para a AD se dividem em dois grupos: as definições empíricas e as definições teóricas. Na primeira, as condições de produção podem se confundir com situação da enunciação. Na segunda, o termo aparece juntamente com a noção de *formação discursiva* pois tem relação com o contexto sócio-histórico e ideológico de produção do discurso.

Pêcheux e Fuchs (2014b p. 164) em *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas*, colocam que “toda formação discursiva deriva de condições de produção específicas” porque as formações discursivas são o que determinam o que pode ser dito, porém em uma dada situação, “numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes”. As condições de produção são responsáveis pelo estabelecimento das relações de força no interior do discurso, mantendo com a linguagem uma relação necessária, pois constituem, com ela, o sentido do que está sendo dito, escrito.

Na primeira fase da teoria, então, na obra intitulada *Análise Automática do Discurso (AAD69)*, Pêcheux (2014a) se baseia no esquema transformacional da comunicação de Jakobson e determina que A e B (destinador e destinatário) “designam lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares dos quais a sociologia pode descrever o feixe de traços objetivos característicos” (PÊCHEUX, 2014a p. 81).

O autor conclui que tais lugares estão representados nos processos discursivos através de formações imaginárias que estabelecem a imagem que tanto destinatário como destinador têm um do outro a partir dos lugares que ocupam.

Para seguir e entender onde Pêcheux quer chegar, é necessário retomar a definição do autor, nessa primeira fase, sobre o processo de produção do discurso: “conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em “circunstâncias” dadas” (PÊCHEUX, 2014a, p. 73). As “circunstâncias” de um discurso são suas condições de produção. Nessa perspectiva,

Um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas: por exemplo, o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a um partido da oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal ou tal interesse, ou então está “isolado”, etc. Ele está, pois, bem ou mal, situado no interior da relação de forças existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado. O que diz, o que anuncia, promete ou denuncia, não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz. Um discurso pode ser um ato político direto ou um gesto vazio, para “dar o troco”, o que é uma outra forma de ação política (PÊCHEUX, 2014a, p. 76).

Quer dizer, na AAD69, as condições de produção do discurso mesclam o jogo de imagens em que o sujeito está inserido e a situação histórica, social e ideologicamente determinada. Com esse jogo de imagens e representação dos sujeitos envolvidos, os quais Jakobson chama de destinador e destinatário, Pêcheux vai além da mera transmissão de mensagens entre eles, e coloca que o que ocorre é efeito de sentidos¹⁹ (PÊCHEUX, 2014a). Porém, a questão do elemento imaginário coloca uma interpretação dúbia sobre dominar ou apagar as determinações que qualificam um processo discursivo. Para Courtine (2014, p 50), isso acontece porque:

[...] por um lado, o recurso ao esquema da comunicação de Jakobson permite compreender as condições (históricas) da produção de um discurso, como as circunstâncias da produção (no sentido psicolinguístico do termo) de uma mensagem por um sujeito falante; por outro, essas formulações não são decorrentes da distribuição das tarefas espontaneamente operada em AD, pela qual as CP recebem sua caracterização da psicologia ou da sociologia.

Dessa forma, é possível notar que a noção de condições de produção, na AAD69, tem um caráter ambíguo e instável (COURTINE, 2014), pois, de um lado se refere tanto à situação imediata de enunciação como ao contexto histórico mais amplo. Pêcheux e Fuchs (2014b, p. 169), mais tarde, fazem alguns esclarecimentos, que funcionam como críticas à visão reducionista, proposta inicialmente, de condições de produção:

[...] essa ambiguidade residia no fato de que o termo “condições de produção” designava ao mesmo tempo o efeito das relações de lugar nas quais se acha inscrito o sujeito e a “situação” no sentido concreto e empírico do termo, isto é, o ambiente material e institucional, os papéis mais ou menos conscientemente colocados em jogo etc. No limite, as condições de produção neste último sentido

¹⁹ Entende-se que sentido é efeito porque o discurso é o lugar de contato entre a língua e a ideologia e, portanto, está sob efeito do trabalho da ideologia que produz evidências, saberes, práticas...

determinariam “a situação vivida pelo sujeito” no sentido de variável subjetiva (“atitudes”, “representações” etc.) inerentes a uma situação experimental. Podemos agora precisar que a primeira definição se opõe à segunda como o real ao imaginário, e o que faltava no texto de 1969 era precisamente uma teoria deste imaginário localizada em relação ao real. Na falta desta localização era inevitável (e foi o que efetivamente se produziu) que as relações de lugar fossem confundidas com o jogo de espelhos de papéis interiores a uma instituição, o termo aparelho, introduzido acima, sendo, ele mesmo, indevidamente confundido com a noção de instituição. Em outros termos, o que faltava e o que ainda falta parcialmente é uma teoria não subjetiva da constituição do sujeito em sua situação concreta de enunciado.

Essa primeira versão sobre as condições de produção mereceu algumas críticas. Inclusive, como visto, o próprio Pêcheux destaca as principais (o que é uma atitude muito louvável para qualquer pesquisador). É verdade que, em meio a uma forte tendência estruturalista de reflexão sobre a língua, a inserção da categoria de condições de produção inaugura um momento em que aspectos exteriores são trazidos para o campo da análise linguística.

Não se trata mais de apenas olhar a estrutura da língua em busca de sentidos. Assim como também não basta apenas olhar para o sujeito. Pêcheux (2014b) também considera que o materialismo histórico não foi propriamente incorporado em sua teoria na primeira fase da AD.

O grande problema consiste no fato de o contexto sócio-histórico ter sido reduzido a um contexto pragmático. É preciso, portanto, ir além da simples menção sobre processos sócio-históricos, sob pena de transformar qualquer analista de discurso em historiador, sociólogo.

É o que vai acontecer alguns anos mais tarde quando Pêcheux e Fuchs (2014b) escrevem o *A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas* [1975]. A partir daí, a noção de condições de produção está aliada à de formação discursiva no sentido de que esta deriva daquela. Isso se dá porque as CP, mesmo estando fora da língua, são responsáveis pelas relações de força dentro do discurso, ou seja, elas vão ajudar a determinar de certa forma as FDs que interpelam os sujeitos e representam, por meio de processos discursivos, as Flds que lhes são correspondentes.

Com esse novo movimento, explicita-se que, além das questões sócio-históricas, existe o conjunto complexo, contraditório e desigual das FDs que estão envolvidas numa dada situação, sob a dominação de formações ideológicas.

Assim, a Análise do Discurso se propõe como uma teoria materialista do discurso de fato, defendendo que, na busca dos possíveis (efeitos de) sentidos que determinado discurso pode evocar, é preciso não mais se ater apenas à estrutura da língua.

É preciso, por outro lado, estar atento a elementos externos, ou seja, o contexto da enunciação e, sobretudo, o contexto sócio-histórico em que o discurso analisado foi produzido, explicitando-se, na medida do possível, as FDs e Flds envolvidas. A categoria de condições de produção é responsável pelos possíveis sentidos de um discurso e revela que a língua é, na verdade, relativamente autônoma.

Para o presente trabalho, o que primeiramente me mobilizou foi o questionamento: qual é a justificativa para que, na atual sociedade capitalista ocidental, que se diz democrática, certos discursos que colocam a mulher em lugar inferior ao do homem ainda sejam proferidos? O que justifica que ainda haja tanta violência, de tantas formas, contra as mulheres? E muitos outros discursos, em várias esferas da vida das mulheres, são proferidos diariamente, confirmando esse papel de “segundo sexo” que nos foi relegado há tantos anos.

A resposta mais óbvia para todas essas perguntas pode vir rapidamente quando se pensa no machismo. Entretanto, a AD não trabalha com o que é óbvio, com o que é evidente. Nesse sentido, compreendo que a categoria de condições de produção auxilia na observação de como se deu o processo de construção do mito da inferioridade da mulher e como a violência contra as mulheres, tanto física quanto psicológica e patrimonial, é consequência desse processo. Na próxima subseção, serão debatidos processos históricos desde a época do comunismo primitivo até a contemporaneidade, passando pelo advento do capitalismo, sob a ótica de autores marxistas como Friedrich Engels, Evelyn Reed e Heleieth Saffioti. Entretanto, é necessário dizer que não serão apenas os processos históricos da violência contra a mulher, afinal é impossível enveredar-se por eles sem que se fale de ideologia, discurso e língua.

1.3.3.1 Condições de produção dos percursos determinantes do lugar da mulher na atual sociedade capitalista

A origem da opressão da mulher, o lugar relegado a elas na sociedade capitalista ocidental e a violência de gênero têm bastante em comum. Observar, sob um prisma

materialista e histórico, o lugar das mulheres na atual sociedade de classes que se diz democrática, é entender que não é de hoje que suas condições de submissão caminham lado a lado com a exploração capitalista, bem como com outras formas de opressão. Tal compreensão é ainda pouco difundida, uma vez que a falta de informação sobre os processos históricos que transformaram a família, a mulher e a própria sociedade é muito útil para que a lógica de submissão e os mitos que se desenvolvem em sua volta se mantenham.

Um dos maiores mitos acerca desse tema é o da inferioridade das mulheres com relação aos homens. Uma inferioridade que estaria relacionada com o fato de as mulheres engravidarem, serem o “sexo frágil” ou ainda o “segundo sexo”. Ao longo dos anos, diversos estudos que trazem justificativas para a atual posição da mulher na sociedade foram conduzidos. Entretanto, nesta Tese, eu me baseio na obra *A origem da família, da propriedade privada e do estado*, de Friedrich Engels (1980)²⁰, para tentar entender como se deu a construção social que coloca as mulheres em posição de inferioridade em relação aos homens, nas sociedades capitalistas ocidentais contemporâneas.

Para escrever tal obra, Engels (1980) partiu de algumas notas que o amigo e companheiro Karl Marx, recém-falecido, havia feito sobre o livro *Ancient Society, or Researches in the line of Human Progress from Savagery through Barbarism to Civilization*²¹, de um antropólogo norte-americano chamado Lewis H. Morgan²². Marx havia se encantado com Morgan, pois seria a primeira vez que um autor que desconhecia a obra dele chegava à mesma conclusão no que tange a elementos cruciais para o materialismo histórico: a propriedade privada não é eterna e pode ser entendida pelo

²⁰ Data referente à edição consultada para o presente trabalho. Engels publicou a primeira edição no ano de 1884, em Zurich, na Suíça.

²¹ Sociedade Antiga, ou Estudos sobre o Curso do Progresso Humano, desde a etapa Selvagem, passando pela Barbárie até a Civilização (tradução minha).

²² Lewis Henry Morgan foi um antropólogo, etnólogo e escritor norte-americano do século XIX. Considerado um dos fundadores da antropologia moderna. Fez pesquisa de campo na tribo dos iroqueses, um grupo de nativos americanos que vivia no nordeste dos Estados Unidos e também na região sul do Canadá. A partir dessa pesquisa de campo, Morgan retirou material para sua reflexão sobre cultura e sociedade e para escrever o livro que chamou a atenção tanto de Marx quanto de Engels. Em nota no prefácio da primeira edição de *A origem da família, da propriedade privada e do estado* (1884), Engels informa que o livro de Morgan foi publicado em 1877.

viés histórico, assim como os modos de produção das diferentes sociedades e seus aspectos superestruturais, no interior dos quais se encontra a família. Trata-se de um posicionamento que vai de encontro aos teóricos burgueses que definiam, e definem, como eternos o capital e a família, projetando sua origem na natureza ou no divino.

Segundo a concepção materialista de Karl Marx e Friedrich Engels, o fator decisivo na história é, em última instância, a produção e a reprodução da vida imediata, que são de dois tipos: 1) a produção de meios de subsistência, de produtos alimentícios, roupa, habitação, e instrumentos necessários para que estes se tornem possíveis; 2) a produção do próprio homem, ou seja, a continuação da espécie. De acordo com Marx e Engels (2007), a ordem social em que vivem os homens de determinada época ou determinado país está condicionada por essas duas espécies de produção, ou seja, pelo grau de desenvolvimento do trabalho, de um lado, e da família do outro.

Conforme a leitura de Engels (1980), Lewis Morgan partiu do ponto de vista evolucionista e criou a sua teoria em torno da ideia de que a humanidade teria se desenvolvido através de uma série de estados que foram progredindo, desde a fase dita selvagem até a civilização. Como ele considerava básicas as atividades de trabalho para assegurar gêneros de primeira necessidade ou tornar possível uma vida mais cômoda e, a partir daí, fazia a análise das instituições superestruturais, como os costumes e as crenças dos povos primitivos, pode-se dizer que Morgan se valeu do materialismo histórico, ainda que não conhecesse os escritos de Marx e Engels. Ele usou esse método para caracterizar os três estágios de progresso humano: selvagem, barbárie e civilização.

Há dois aspectos da obra de Morgan que Engels (1980) considera importantes. O primeiro deles diz respeito à questão da organização dos clãs, das famílias, no decorrer dos três estágios de progresso da humanidade ser a chave para nascimento do Estado grego na Grécia Antiga, marcado pelo surgimento da *polis*, que é o modelo da cidade-estado grega; e o segundo se refere à descoberta indubitavelmente valiosa para a ciência de que a descendência patrilinear coincide com a possibilidade de transmitir bens a filhos cuja legitimidade é garantida.

Engels (1980) percebeu que, para chegar a essas conclusões importantes, Morgan mesclou conhecimentos de História com os da Ciência da Natureza, destruindo

crenças sobre a eternidade das formas de família de sua época. Essa concepção e essa colocação modificaram ideias não só religiosas ou filosóficas, mas até mesmo científicas, uma vez que superaram a ideia do “plano divino”, pregado pela Igreja acerca do passado da humanidade. A descoberta de uma dimensão histórica da realidade natural e, portanto, também da realidade humana, foi uma grande conquista. A Teoria de Darwin²³ da evolução orgânica, que evidenciou a origem animal da humanidade, já implicava o fato de que o homem não era criação de um ser divino, e sim fruto da evolução de um ramo evoluído dos primatas. Para Marx e Engels, os estudos de Morgan foram tão importantes quanto os de Darwin, uma vez que possibilitaram uma forma de confrontar as ideologias burguesas que negam a história e defendem que o modo de produção capitalista sempre existiu, bem como a família monogâmica patriarcal.

É com base em Morgan que Engels (1980) acena para a relação entre parentesco, família e o desenvolvimento das forças produtivas. Trata-se de uma relação inversamente proporcional: nas sociedades primitivas, a produção é limitada enquanto os vínculos de parentesco são extensos, ou seja, toda a comunidade tem deveres e obrigações para com as crianças, sem distinção de filhos.

Na medida em que a sociedade vai se desenvolvendo, os vínculos familiares vão se acirrando, diminuindo no sentido de que surgem casais, e a propriedade privada vai aparecendo. Em contrapartida, na medida em que a propriedade privada vai tomando forma, a mulher vai se encerrando dentro de casa e perdendo prestígio. É aí que, para Engels (1980), começa, no contexto ocidental, a opressão das mulheres. Ao enxergar a opressão feminina como uma contradição a ser analisada, Engels (1980) relacionou essa questão a formas de organização familiar e à divisão sexual do trabalho, demonstrando que o lugar de submissão das mulheres não tinha nada de natural.

Apesar de ser uma obra relativamente antiga e de, desde os tempos de Engels

²³ Charles Darwin foi um naturalista britânico do século XIX. Em suas pesquisas, ele buscou realizar um estudo comparativo entre espécies que tinham algum grau de parentesco, mas viviam em diferentes regiões. Além disso, o pesquisador notou que havia semelhanças entre animais vivos e aqueles que já haviam sido extintos. Assim, concluiu que as características biológicas dos seres vivos passam por um processo dinâmico em que fatores de ordem natural seriam responsáveis por modificar os organismos vivos. E em conjunto com essa teoria, ele levantou a ideia de que os organismos vivos estão constantemente competindo uns com os outros e apenas os que estão mais bem preparados às condições ambientais impostas poderiam sobreviver. Portanto, em sua obra, *A origem das espécies*, escrita em 1859, Darwin propõe a teoria da Evolução e ela baseia-se em alguns pontos-chave: ancestralidade comum e a seleção natural.

até os dias atuais, muitas transformações terem ocorrido, a importância desse estudo recai sobre o fato de o filósofo comunista ter relacionado a produção das condições materiais de existência à produção de seres humanos e à família mostrando que as formas como essas relações se estabelecem, inclusive no que tange à opressão das mulheres, são historicamente determinadas.

Na obra analisada aqui, Engels (1980) demarcou os grandes contrastes entre a sociedade primitiva sem classes, com base nos estudos de Morgan, e a nossa sociedade de classes (ocidental, capitalista) e tirou também conclusões sociológicas do material recolhido pelo antropólogo que redescobriu que as sociedades selvagens se caracterizavam, entre outras coisas, pela ausência de instituições de classe.

Por exemplo, os meios de produção eram propriedade comum e cada membro da comunidade trabalhava sob bases igualitárias, ou seja, é possível que não houvesse uma classe rica dominante que explorasse a outra classe para ter mais poder, nos moldes da exploração entre as classes que conhecemos depois da divisão da sociedade, conforme Marx postula. Esse estágio da evolução do homem é chamado de comunismo primitivo por Morgan. Engels (1980) também chama a atenção para o fato de que Morgan descobriu a inexistência, na sociedade do comunismo primitivo, de um aparato estatal coercitivo, com exércitos que servissem de braço armado da classe rica governante e também que a sociedade primitiva era matrilinear²⁴.

Engels (1980), então, discorre sobre a descoberta de Morgan, fazendo um diálogo com seus próprios estudos e de Marx, e comparando essa evolução que a humanidade passou aos moldes de família, sociedade, propriedade e Estado de sua época (lembrando que o livro foi publicado em 1884). Mais de cem anos depois, nossa sociedade avançou em diversos aspectos, porém muito ainda permanece desde Engels para cá, inclusive a ideia de que a mulher é o “sexo frágil”, entre outras coisas.

Segundo a perspectiva de Morgan apresentada por Engels (1980), a família monogâmica é um resultado da vagarosa evolução de três estágios ascendentes do desenvolvimento. No princípio, na etapa da humanidade que Morgan chamou de

²⁴ Esse termo significa que a descendência das pessoas era traçada pela mãe, uma vez que, como veremos mais adiante, as relações amorosas não eram monogâmicas e, portanto, era difícil saber quem era o pai. É diferente de matriarcal no sentido de que este termo indica uma supremacia de mulheres em determinada sociedade, coisa que Engels não menciona.

selvagem, havia um estágio primitivo de promiscuidade em que grandes grupos de homens e grandes grupos de mulheres se relacionavam mutuamente, independente de seus graus de parentesco e sem abertura para o ciúmes, por exemplo.

Desse processo, surgiu a família consanguínea e que Engels (1980) define como uma forma de família em que as relações sexuais acontecem entre todos, independente do grau de parentesco. Era uma comunidade que vivia em poligamia e que praticava incesto.

O próximo estágio da humanidade é a barbárie, que compreende dois tipos fundamentais de organização familiar: a família punalua e a sindiásmica. As duas organizações também pressupõem formas poligâmicas de relacionamento, porém, de maneira um pouco diferente entre si, e com relação à etapa anterior. A família punalua, entre outros aspectos, aumenta as proibições ao incesto e se restringe ao casamento de várias irmãs com os maridos de cada uma das outras, e ao casamento de vários irmãos com as esposas de cada um dos outros. Não mais poderia haver relações entre pais e filhos, irmãos e irmãs, como acontecia no estágio anterior. Nesse momento, as famílias começam a diminuir, dando origem às primeiras gens. Este é um termo que representa a identidade familiar de um determinado conjunto de famílias. Os membros da gens estavam ligados por uma linhagem definida pela ancestralidade e, posteriormente, na Roma Antiga por exemplo, pelos feitos militares dos seus antepassados.

É a partir desse raciocínio que se entende que uma vez que as relações consanguíneas vão sendo restringidas, que as relações entre irmãos e irmãs estão proibidas, um dado grupo que vive sob esse sistema se transforma em um grupo fechado, se diferenciando uns dos outros cada vez mais, através de instituições sociais e religiosas, entre outras. Engels (1980) observa que na medida em que as relações sexuais foram perdendo o seu caráter de grupo, do comunismo primitivo à barbárie, mais opressivas tais relações se tornaram para as mulheres.

Não se trata de uma inversão mecânica em que antes as mulheres não sofriam algum tipo de opressão e depois passaram a sofrer todos. Mas, é fato que houve uma restrição dos corpos das mulheres, tanto no que tange às relações sexuais, como nas relações sociais. Engels (1980) entende que essa transformação nas relações tem a ver com questões econômicas e que isso, de alguma forma, resultou em uma monogamia

compulsória somente para as mulheres.

Para explicar essa monogamia compulsória, Engels (1980) aponta que na medida em que as riquezas aumentavam, o homem ia ganhando uma posição mais importante do que a da mulher e isso fazia com que ele quisesse se valer dessa vantagem para modificar a ordem de herança. No entanto, enquanto houvesse a obrigação da filiação segundo o direito materno, isso não seria possível. Era necessário abolir esse direito. Para tanto, convencionou-se que os descendentes de um membro masculino continuariam na gens, mas aqueles que descendessem de um membro feminino deveriam ir para a gens do pai.

Dessa forma, já na família sindiásmica, acabou-se com “a filiação feminina e o direito hereditário materno, sendo substituídos pela filiação masculina e pelo direito hereditário paterno” (ENGELS, 1980 p. 75). Surge a família patriarcal buscando garantir que a mulher fosse fiel ao seu marido e que os filhos fossem legítimos herdeiros da propriedade privada.

Evelyn Reed²⁵ (2008), na obra *Sexo contra sexo ou classe contra classe*, considera que para além das mudanças concernentes ao parentesco, a transformação mais grave, com a chegada da família patriarcal, se refere às questões da propriedade. Se antes todos os bens eram comunitários e entregues pelos clãs maternos aos clãs de filhas, agora a propriedade pertencia apenas ao pai individual e era passada ao seu filho, dentro da linhagem familiar. A autora coloca que “os membros femininos da família eram mantidos pelo pai até se casarem, e então a responsabilidade de seu sustento passava para seus maridos” (REED, 2008 p 49).

O que se pode perceber com os estudos de Engels (1980) é que, a grande mudança que se dá é da ordem do patrimônio, ou seja, é mais ou menos quando os bens deixam de ser comuns a todos e passam a ser propriedade de diferentes chefes de família. E aí que, conforme Engels (1980), começa também a opressão da mulher: até o momento em que as instituições coletivas existiram, as mulheres tinham importância e espaço na sociedade, porém, quando o sistema de propriedade privada foi criado, junto com o matrimônio monogâmico e a família individual, as mulheres foram encerradas cada uma em sua casa. Isso contribuiu, também, para deslocá-las de uma posição social

²⁵ Comunista estadunidense e ativista dos direitos das mulheres na metade do século XX.

com importância semelhante à dos homens, para a posição de esposa solitária cuja função no lar é desprezada. Para Engels (1980),

A divisão do trabalho na família havia sido a base para a distribuição da propriedade entre o homem e a mulher. Essa divisão do trabalho na família continuava sendo a mesma, mas agora transformava as relações domésticas, pelo simples fato de ter mudado a divisão do trabalho fora da família. A mesma causa que havia assegurado à mulher sua anterior supremacia na casa a exclusividade no trato dos problemas domésticos – assegurava agora a preponderância do homem no lar: o trabalho doméstico da mulher perdia agora sua importância, comparado com o trabalho produtivo do homem; este trabalho passou a ser tudo; aquele, uma insignificante contribuição (ENGELS, 1980, p. 214).

E Engels (1980) vai além quando afirma que antes de serem apenas corpos que ficam dentro de casa com o advento da família monogâmica, as mulheres mantiveram a organização das tribos enquanto os homens saíam para a caça. Há estudos que apontam que a técnica da agricultura foi inicialmente desenvolvida pelas mulheres, já numa tentativa de garantir sobrevivência caso os homens voltassem sem caça, ou não voltassem. Com base em estudos feitos pelo antropólogo Robert Briffault, em 1927, no livro *As Mães*, Evelyn Reed (2008, p. 38) coloca que:

durante um período em que os homens se ocupavam exclusivamente da caça e da guerra, as mulheres desenvolveram a maior parte dos instrumentos, dos conhecimentos e técnicas que estavam na base do progresso social. Da colheita espontânea de frutos, passaram à horticultura rudimentar e depois à agricultura.

Dessa forma, pode-se concluir que as mulheres haviam ganhado importância na sociedade primitiva não apenas por serem capazes de engravidar, mas porque justamente por tal característica e pela função de cuidar e garantir a sobrevivência das crianças, elas empreenderam a atividade produtiva de gêneros essenciais para viver. Porém, com a derrota do direito materno, o homem tomou a frente da direção da casa também e a mulher “viu-se degradada, convertida em servidora, em escrava da luxúria do homem, em simples instrumento de reprodução” (ENGELS, 1980 p. 76). A família monogâmica surge, então, da patriarcal, “baseia-se no predomínio do homem; sua finalidade expressa é a de procriar filhos cuja paternidade seja indiscutível; e exige-se essa paternidade indiscutível porque os filhos, na qualidade de herdeiros diretos, entrarão, um dia, na posse dos bens de seu pai” (ENGELS 1980, p. 81).

Marx e Engels (2007) já diziam que a primeira divisão do trabalho é a que se deu entre homens e mulheres para a procriação dos filhos. O que os autores entendem é que antes mesmo do antagonismo entre classe trabalhadora e patrão, houve a oposição homem e mulher na monogamia. Trata-se da primeira forma de opressão: um sexo oprimindo o outro. Ainda, conforme Reed (2008),

A nova instituição do matrimônio monogâmico surgiu para servir as necessidades da propriedade, que a partir de então era possuída pelo homem. Um homem rico necessita de uma mulher que lhe dê herdeiros legais, que sejam portadores de seu nome e que herdem sua propriedade. [...] Na verdade significou sempre monogamia para a mulher, já que somente a mulher era gravemente castigada pelo marido ou pela lei quando quebrava os votos matrimoniais.

Na antiga sociedade do comunismo primitivo, a direção do lar era tão importante quanto a caça, porque ambos se revertiam em benfeitorias para a comunidade como um todo. O primeiro ficava a cargo das mulheres e o segundo, dos homens, uma divisão de tarefas que se complementavam e eram igualmente importantes. Com a família monogâmica, as coisas mudaram bastante: a direção do lar perdeu caráter e importância social, se transformando em um serviço privado em que a mulher se tornou uma empregada. Elas não mais cuidavam coletivamente umas das outras e dos membros da comunidade. Agora, estavam encerradas em seus lares, com a tarefa de cuidar de seus próprios filhos, com “selo de legitimidade” garantido pelo casamento monogâmico.

Para concluir esta subseção, faz-se necessário colocar que para Engels (1980), a emancipação da mulher viria quando ela pudesse sair do lar e participar da vida social. Existem duas questões acerca disso que merecem ser pontuadas. A primeira é que desde a divisão da sociedade em classes, as mulheres da classe trabalhadora sempre trabalharam, inclusive fora de casa.

Quando a Revolução Industrial acontece, mais e mais mulheres (assim como crianças) foram inseridas no “mercado de trabalho” da época, porém, é sabido que os níveis de exploração eram até maiores que os dos homens. Ou seja, ao contrário do que Engels (1980) previa, sair do lar para a indústria não contribuiu para a libertação das mulheres, sobretudo as da classe trabalhadora. Outro fato relevante a ser levantado é que na medida em que as mulheres foram ocupando espaços de trabalho fora de casa,

os espaços domésticos se mantiveram também sob sua responsabilidade. Isso quer dizer que o regime de escravidão da mulher explicado por Engels (1980) se mantém, inclusive até os dias de hoje.

1.3.3.2 O advento do capitalismo e a situação da mulher: nada de novo no front

A sociedade capitalista como a conhecemos hoje também passou por uma evolução. Marx & Engels (2007) fazem um apanhado histórico desde a sociedade tribal, do chamado comunismo primitivo, já apresentado na seção anterior, até a burguesa para debater a divisão social do trabalho no desenvolvimento histórico da humanidade.

Para os autores, a divisão social do trabalho resultou na separação entre as condições, instrumentos, meios ou mesmo o próprio trabalho. Primeiramente, tem-se a comunidade tribal e nela se observa que o trabalho se divide com base nos papéis desempenhados por homens e mulheres, como também foi verificado na subseção anterior, e, depois, com base na diferença de força entre eles. Essas tribos se expandem com o intercâmbio externo, com outras tribos, o que resulta tanto em comércio como em guerras. A partir da separação entre campo e cidade, surge uma nova divisão do trabalho com a figura do comerciante que não é o agricultor. Quando os comerciantes fazem trocas para além das fronteiras mais próximas, seus horizontes são expandidos e começa a haver uma espécie de interação entre produção e intercâmbio dando origem à grande burguesia. De acordo com os autores “a expansão do comércio e das manufaturas serviu para acelerar a acumulação do capital móvel, enquanto nas corporações [da pequena burguesia], nas quais nada estimulava o aumento da produção, o capital natural-primitivo permanecia estável” (MARX & ENGELS, 2007, p. 83).

No que tange à situação da mulher, o advento do capitalismo apresenta condições muito adversas para ela, com um importante recorte de classes, que vai diferenciar mulheres trabalhadoras das burguesas. Para estas últimas, o casamento continuava sendo sua forma de inserção social, uma vez que a família patriarcal, como visto anteriormente, em que o cuidado da mulher passa do pai para o marido, ainda predominava. O marido ganhava uma esposa servil, submissa e que colaborava com ele

no serviço. Alexandra Kollontai²⁶ (2017, p. 151), no texto *A mulher trabalhadora na sociedade contemporânea*, apresentado no I Congresso de Mulheres de Toda a Rússia, em 1908, coloca que

Em meados do século XIX, a burguesa dá seus primeiros e tímidos passos rumo à libertação financeira; ela *bate* insistentemente à porta de universidades, oficinas artísticas, escritórios. Enquanto isso [...] a proletária, tendo experimentado todo o horror da exploração capitalista, da força de trabalho, exige do governo alguma intervenção no campo da “liberdade contratual” entre o capital e o trabalho. Não é a liberdade de trabalhar que ela alcança, mas a normatização do dia de trabalho [...] e outras medidas que determinam um limite à ávida utilização da força de trabalho feminina pelo capital.

Confirma-se, então, que o trabalho, com o advento do sistema de produção capitalista, não significou a libertação das mulheres das camadas inferiores das sociedades. Jogou um fardo a mais sobre os ombros de mães e donas de casas e ainda por cima não refletiu em liberdade econômica. De acordo com Heleieth Saffioti (2013, p. 65) em sua tese intitulada *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*,

Este papel, entretanto, na medida em que é menos relevante que o do homem, se define como subsidiário no conjunto das funções econômicas da família. Enquanto a produtividade do trabalho é baixa (isto é, enquanto o processo de criação da riqueza social é extremamente lento) não se impõe à sociedade a necessidade de excluir as mulheres do sistema produtivo. Seu trabalho é ainda necessário para garantir a ociosidade das camadas dominantes. Todavia, o processo de sua expulsão do sistema produtivo já está esboçado na forma subsidiária assumida pelo seu trabalho. Tanto na economia feudal quanto na economia de burgo, e sobretudo nesta última, que prepara o advento da economia urbana, fabril, o emprego da força de trabalho feminina encontra sérias barreiras.

As barreiras encontradas pelas mulheres no capitalismo têm dupla dimensão. De um lado, o mito da inferioridade da mulher, desvalorizada pela descrença em suas capacidades, justificava a supremacia masculina. Do outro, na medida em que as forças produtivas se desenvolviam, a mulher era marginalizada das funções produtivas e assumia um papel periférico no sistema de produção (SAFFIOTI, 2013).

A autora explica que quando há a transferência do modo de produção feudal para

²⁶ Kollontai foi uma importante líder revolucionária russa e teórica do marxismo, membra do partido bolchevique e militante ativa durante a Revolução Russa de 1917.

o capitalista, os setores menos favorecidos da população acabam sofrendo consequências mais drásticas e vão se tornando classes sociais sub-privilegiadas. O regime capitalista deixa bem clara a divisão da sociedade em classes em que uma explora a outra e, nesse sentido, para justificar essa lógica, ele lança mão da tradição, da ideia de eternidade das posições sociais. O gênero, por exemplo, que há muito já se tratava de uma justificativa para inferiorizar a mulher, passa a configurar uma justificativa também dentro do sistema capitalista. Heleieth Saffioti (2013, p. 66) aponta que

A elaboração social do fator natural sexo, enquanto determinação comum que é, assume, na nova sociedade, uma feição inédita e determinada pelo sistema de produção social. Aparentemente, no entanto, são as deficiências físicas e mentais dos membros da categoria *sexo feminino* que determinam a imperfeição das realizações empíricas das sociedades competitivas. A mulher faz, portanto, a figura do elemento obstrutor do desenvolvimento social, quando, na verdade, é a sociedade que coloca obstáculos à realização plena da mulher (grifo da autora).

Voltando aos conceitos de infraestrutura e superestrutura de Marx e Engels (2007), no campo ideológico elabora-se que a mulher é inferior e que o fato de ela, supostamente, ser frágil, menos inteligente e menos capaz é um empecilho para o bom funcionamento da vida industrial. Porém, elas já estão inseridas na produção material da sociedade só que com salários mais baixos, condições mais precárias entre outros problemas. Esses é que são os verdadeiros obstáculos aos quais Saffioti (2013) se refere.

Tais obstáculos, impostos pela sociedade de classes, impedem que a mulher tenha uma integração social igualitária, no entanto, não agem com uniformidade. Essas barreiras são reguladas pelas necessidades da sociedade competitiva, de forma que “as oportunidades sociais oferecidas aos contingentes femininos variam em função [...] do estágio de desenvolvimento atingido por suas [do modo de produção vigente] forças produtivas” (SAFFIOTI, 2013 p. 66). Por exemplo, quando o capitalismo industrial está sendo implementado, o imenso maquinário inventado absorve uma quantidade enorme da força de trabalho tanto de homens como mulheres e crianças. E, conforme Alexandra Kollontai (2017, p. 150):

O que expulsou essas mulheres de casa foi o choro dos filhos famintos, os

olhares aflitos de pais esgotados, a doença do arrimo da família, a própria miséria, a pobreza... O capital lança suas redes cada vez mais longe. E a mulher se atirou impetuosamente às portas do inferno das fábricas que se abriram hospitaleiras, diante dela.

O objetivo do capitalismo industrial, com o surgimento de todas aquelas máquinas, era reduzir o trabalho humano, mas na verdade o que aconteceu foi reduzir o papel do chefe de família que provê o sustento de seu lar, não porque se trata de uma nova sociedade que subverte a hierarquia na família, mas sim porque a mulher é considerada um ponto tão fraco que se torna passível de mais exploração ainda: a indústria capitalista, empregando todos os membros da família, divide o valor da força de trabalho do chefe entre os outros membros, que recebem bem menos para exercer as mesmas funções, praticamente. Heleieth Saffioti (2013, p. 67) afirma que:

a inferiorização social de que tinha sido alvo a mulher desde séculos vai oferecer o aproveitamento de imensas massas femininas no trabalho industrial. As desvantagens sociais de que gozavam os elementos do sexo feminino permitiam à sociedade capitalista em formação arrancar das mulheres o máximo de mais-valia absoluta através, simultaneamente, da intensificação do trabalho, da extensão da jornada de trabalho e de salários mais baixos que os masculinos, uma vez que para o processo de acumulação rápida de capital era insuficiente a mais-valia relativa obtida através do emprego da tecnologia de então.

Em se tratando da questão salarial, ainda que se entenda que o montante recebido pelos trabalhadores em geral não corresponde às suas necessidades, é possível afirmar que as mulheres recebiam e recebem menos ainda que os homens.

Na fase inicial do capitalismo, como visto anteriormente, a sua força de trabalho foi convocada para as fábricas mas isso não significou emancipação econômica para as mulheres. Os salários eram muito menores que o dos homens. No século XXI, por outro lado, as formas de inserção das mulheres no mercado de trabalho são diferentes do que no início do sistema capitalista, porém as estatísticas em termos de comparação salarial entre homens e mulheres continuam não sendo nada favoráveis. Hoje vemos com mais frequência que elas estão em muitos postos considerados majoritariamente masculinos, como na construção civil. São muitos lares chefiados por mulheres, cuja renda é o que garante a sobrevivência da família, no entanto, ainda é possível perceber como o machismo relega às mulheres uma posição inferior.

Uma recente pesquisa do IBGE²⁷ aponta que com relação ao rendimento habitual médio mensal de todos os trabalhos e razão de rendimentos, por sexo, entre 2012 e 2016, as mulheres ganharam, em média, 75% do que os homens. Isso significa que as mulheres têm rendimento habitual médio mensal de todos os trabalhos no valor de R\$ 1.764, enquanto os homens, R\$ 2.306. Por outro lado, as mulheres são a maior parcela da população desempregada ou trabalhando na informalidade. Ainda, a pesquisa do IBGE informa: as mulheres são maioria com ensino superior completo o que derruba a tese da falta de qualificação e corrobora a tese do mito da inferioridade da mulher. Em termos gerais, as mulheres continuam em trabalhos menos lucrativos e que não permitem desfrutar dos benefícios. Elas ganham menos que os homens e, ainda, sustentam o enorme peso – fundamental em termos econômicos – que representam o trabalho de cuidado não remunerado e trabalho doméstico.

O relatório da Oxford Committee for Famine Reliefe (OXFAN / Comitê de Oxford para o Alívio da Fome) *Tempo de cuidar*, de janeiro de 2019, revelou que mulheres e meninas em todo o mundo dedicam 12,5 bilhões de horas, todos os dias, ao trabalho de cuidado não remunerado – uma contribuição de pelo menos US\$ 10,8 trilhões por ano à economia global – mais de três vezes o valor da indústria de tecnologia do mundo²⁸.

É importante ressaltar também que esse número de horas dedicadas ao trabalho doméstico, entre as mulheres, diminui na medida em que aumenta o nível de escolaridade e que existe um recorte de classes em que as mulheres das classes mais baixas estão em patamares diferentes das da burguesia. Isto é, as mulheres das classes mais baixas têm menor escolaridade e mais horas de trabalho doméstico não remunerado do que as mulheres das classes mais altas.

Em 2008, a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), organizou uma tabela que mostra a relação de horas em trabalho remunerado versus doméstico não remunerado, semanal, por anos de estudo em vários países. No Brasil, a diferença entre mulheres que tiveram 13 anos ou mais de estudo chega a ser de 7 horas de trabalho doméstico não remunerado a menos que aquelas que tiveram de 0 a 5 anos

²⁷ A pesquisa pode ser acessada em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101551>

²⁸ O relatório pode ser acessado em: <https://oxfam.org.br/justica-social-e-economica/forum-economico-de-davos/tempo-de-cuidar/>

de estudo.

Num país tão desigual quanto o Brasil, tantos anos de estudo tende a significar melhores condições de vida, o que corrobora o recorte de classes nesse aspecto. Já entre homens e mulheres, a diferença chega a ser de mais de 20 horas de trabalho doméstico não remunerado.²⁹ Verifica-se que, ao contrário do que Engels (1980) pensava, não bastava apenas inserir as mulheres no mercado de trabalho. Para verdadeiramente libertá-las das amarras do trabalho doméstico, que é uma espécie de escravidão, seriam necessários refeitórios, lavanderias, creches comunitárias, nos moldes do que a Revolução Russa proporcionou às mulheres russas nos primeiros anos do novo regime. Isto é, uma forma de transferir as obrigações domésticas que escravizam as mulheres para o Estado de forma que geraria tanto emprego como mais horas de lazer.

Heleieth Saffioti (1976, p. 8) em seu artigo *A mulher sob o modo de produção capitalista*, coloca que as mulheres são vistas através de quatro funções fundamentais que elas realizam na sociedade, quais sejam, produção, sexualidade, reprodução e socialização da geração imatura. A produção está relacionada com a força de trabalho que é vendida para produzir no sistema capitalista. A sexualidade tem a ver com o fato de as mulheres serem sempre vistas como objetos sexuais. Por exemplo, uma mãe amamentar em público, ainda hoje, é tido como um tabu porque não se entende o seio como uma parte do corpo que naturalmente serve para alimentar uma criança, mas sim como se fosse um “órgão erótico”. Outro exemplo desse aspecto é o próprio assédio sexual a que muitas mulheres estão expostas em seus ambientes de trabalho, pois é como se o fato de serem consideradas em sua função sexual, como postula Saffioti (1976) desse direito ao chefe de fazer investidas ou coisas piores. A reprodução, por sua vez, está relacionada com a maternidade e a socialização da geração imatura com a educação das crianças que geralmente está relegada às mães e, posteriormente, às professoras do primário. Através desses dois tipos de educação é que as crianças são guiadas a interagir em sociedade. Se algo dá errado, primeiro culpa-se a mãe.

Tais funções servem de mediações ideológicas para regular a forma como o

²⁹ A tabela pode ser acessada em:

<https://www.cepal.org/mujer/noticias/noticias/0/33810/CargaTotalTrabajo.pdf>

mercado absorve a força de trabalho feminino. Por exemplo, o fato de a socialização da geração imatura ser majoritariamente considerada uma tarefa apenas da mulher faz com que muitas ou desistam de ser mães ou desistam de suas carreiras, pois conciliar as duas coisas sem ter condições financeiras para contratar um serviço para os cuidados com os filhos e com a casa é praticamente impossível.

Nas camadas mais baixas da sociedade em que não se tem a possibilidade de escolha entre ser apenas mãe ou trabalhar, a realidade é de crianças crescendo sozinhas, praticamente. No caso da educação primária, esta é uma profissão majoritariamente feminina e que muitos “confundem” com dom, com amor, com membros da família (quando são chamadas de tia, já lembrava o Paulo Freire). Praticamente, não são vistas como profissionais. A minha escolha em usar aspas no verbo *confundem* é justamente para demarcar que não se trata de mera confusão, mas sim que se trata de ideologia. Não é à toa que as mulheres são delimitadas por esses quatro aspectos. Não é à toa que as profissionais da Educação Básica são tão desvalorizadas em comparação, por exemplo, com professores universitários, em sua maioria homens.

Outro fator que pode ser pensado é que, como visto na subseção anterior, se nas sociedades antigas era o fato de as mulheres gerarem vidas que as tornava especiais, hoje em dia a função *procriadora* se torna um dos principais argumentos para desvalorizar a mão-de-obra feminina. Apesar dos avanços nas leis trabalhistas que garantem segurança às trabalhadoras que engravidam, muitos são os casos das que são demitidas logo que retornam. Inclusive, o então deputado e atual presidente Jair Bolsonaro, em entrevista à apresentadora Luciana Gimenez em seu programa de TV, afirma que entende porque os empresários pagam menos para as mulheres uma vez que é um prejuízo ter uma funcionária que engravida³⁰. Conforme Heleieth Saffioti (2013, p. 85):

A condição da mulher nas sociedades de classes tem sido vista por numerosos estudiosos como o resultado da injunção de fatores de duas ordens diversas: de ordem natural e de ordem social. Dentre os primeiros, o mais sério diria respeito ao fato de a capacidade de trabalho da mulher sofrer grande redução nos últimos meses do período de gestação e nos primeiros tempos que se seguem ao parto.

³⁰ A entrevista pode ser acessada em: <https://revistacrescer.globo.com/Familia/Maes-e-Trabalho/noticia/2015/02/jair-bolsonaro-diz-que-mulher-deve-ganhar-salario-menor-porque-engravida.html>

O aleitamento tornaria ainda insubstituível a mãe junto à criança pequena. Estes fatos biológicos são, muitas vezes, utilizados para justificar a inatividade profissional da mulher durante toda a sua existência, o que, por vezes, tem consequências extremamente desastrosas quer para o equilíbrio da personalidade feminina, quer para a socialização dos filhos, quer ainda para as relações conjugais.

Porém, o machismo sozinho não é suficiente para barrar por completo a entrada das mulheres no mercado de trabalho. Quando seus familiares se encontram em situação de carência econômica, elas acham as mais variadas formas de trazer sustento para dentro do lar. Uma outra pesquisa do IBGE revela, no entanto, que são as mulheres as principais provedoras de 4 em cada 10 lares³¹. Aqui mora uma grande contradição: como é possível que as principais provedoras de quase metade dos lares brasileiros sejam consideradas inferiores? A resposta está no fato de que o machismo e todas as ideologias da desigualdade que envolvem essa situação atuam no sentido de instalar no homem a condição de superioridade e na mulher uma grande dicotomia entre a trabalhadora e a dona de casa. Para Saffioti (1976, p. 18) tal dicotomia “que responde às exigências de uma economia sujeita a períodos de prosperidade e a períodos de recessão, é que faz da mulher uma trabalhadora especial”. Assim, compreende-se que o capitalismo se fia, também, no mito da inferioridade feminina. A questão é que esse mito ultrapassa as esferas econômicas e avança para a esfera da violência.

1.3.3.3 As violências contra a mulher: uma questão de machismo

A despeito do conceito de violência já ter sido cunhado há bastante tempo, a violência contra a mulher só foi receber atenção especial depois da pressão e do conjunto de reivindicações do movimento feminista. No início dos anos 1970, e de posse de evidências empíricas que comprovavam o caráter peculiar e, portanto, urgente da violência à mulher, feministas americanas denunciavam casos de violência relacionados a abuso sexual, entre outros. Somente na década de 1980 é que a violência contra a mulher foi definida como uma categoria de violência, chamando atenção de teóricos do Direito, da Antropologia, da Sociologia, além de se tornar pauta importante, senão

³¹ Dados podem ser acessados em <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2016/12/mercado-de-trabalho-discrimina-mulheres-revela-pesquisa-do-ibge.html>

central, de movimentos feministas.

Hoje, após uma grande mobilização feminista, já existem vários termos para nomear as diferentes formas de violência sofridas pelas mulheres. Por exemplo tem-se a violência contra a mulher, a violência de gênero e as violências doméstica, conjugal e intrafamiliar. Esses diferentes termos não são sinônimos entre si, pois contêm peculiaridades específicas que remetem às condições diferentes de violência a que as mulheres estão sujeitas, mas podem sim estar inseridos dentro da categoria de violência de gênero.

A *violência de gênero* é abrangente, pois pode se tratar tanto de lesões corporais como de humilhações, porém a palavra gênero está associada à construção social do masculino e do feminino englobando, também, crianças e adolescentes, de ambos os sexos, entre as vítimas. Esse tipo de violência relaciona-se com padrões de crença sobre lugares e papéis sociais decorrentes do gênero, ou seja, padrões que modificam caso se trate de um homem ou de uma mulher. Isso quer dizer que a depender da situação, um homem pode sofrer também violência de gênero.

Entretanto, simplesmente colocar essa categoria de violência em termos iguais para ambos os sexos é ignorar uma série de fatores sócio-históricos. Inclusive, a violência institucional é um tipo de violência de gênero, uma vez que algumas práticas políticas do Estado contribuem para dificultar a vida das mulheres em geral, como quando não se garante minimamente igualdade de condições de trabalho e salarial, por exemplo.

Heleieth Saffioti, no artigo *Contribuições Feministas para o Estudo da Violência de Gênero*, apresenta que, a sociedade patriarcal coloca os homens no papel de detentores do poder de determinar o comportamento das categorias sociais (mulheres, adolescentes e crianças), e enfatiza que os homens exercem esse papel inclusive “recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio” (SAFFIOTI, 2001 p. 115).

A violência de gênero, portanto, “não ocorre aleatoriamente, mas deriva de uma organização social de gênero, que privilegia o masculino” (SAFFIOTI, 2004 p. 81). A autora ainda acrescenta que é possível, embora inusitado, que mulheres pratiquem violência contra homens, porém, “como categoria social [elas] não têm um projeto de

dominação-exploração dos homens. E isto faz uma gigantesca diferença” (SAFFIOTI, 2001 p. 116, 117). É esse detalhe que faz com que seja possível inserir dentro da categoria de violência de gênero tanto *violência contra a mulher*, como *violência doméstica, conjugal e intrafamiliar*, mas não usá-los como sinônimos.

Em razão do caráter histórico e social que envolve a questão das violências sofridas por mulheres, fica difícil denunciar e implementar medidas preventivas para acabar de vez com a violência de gênero, e todas as outras formas. Entretanto, é possível dizer que a situação poderia ser pior, caso os movimentos feministas não tivessem pressionado as autoridades a tomarem medidas mais drásticas. Talvez não houvesse nem mesmo a categorização dessas agressões sofridas pelas mulheres como um tipo particular de violência que merece atenção especial.

Porém, é preciso considerar, como dito anteriormente, as especificidades de cada termo para que sejam pensados e combatidos em suas particularidades. Saffioti (2001) exemplifica que os casos de estupro em que o agressor é um membro da família (pai, tio, avô) são bem diferentes de quando acontece com algum desconhecido. De forma bem ampla, ambas agressões podem ser consideradas violência de gênero e podem ser criminalizadas, embora essa categoria não se restrinja a isso. No entanto, o primeiro tipo de estupro deve ser reconhecido e categorizado como *violência intrafamiliar*.

O que difere também dos casos de violência entre casais, a chamada violência doméstica ou conjugal. Trata-se de um outro tipo de violência que pode incluir, inclusive, casos de estupro, mas que vem acompanhada de uma série de outras violências (humilhações, agressões físicas, controle financeiro, etc.). Esta também pode ser considerada *violência de gênero*, uma vez que em sua maioria é cometida por homens no posto de patriarca da família que os torna “permanentemente autorizados a realizar seu projeto de dominação-exploração das mulheres, mesmo que, para isto, precisem utilizar-se de sua força física” (SAFFIOTI, 2001 p. 121). Nesta pesquisa, meu foco recai sobre a violência doméstica e, para tanto, a partir de agora, sempre que o termo violência ou violência contra a mulher surgir, entende-se que se trata desta última categoria.

No Brasil, a questão da violência doméstica, além das outras formas mencionadas anteriormente, tornou-se agenda especial dos movimentos feministas a partir da década de 1980, o que possibilitou aumentar o diálogo com a academia, a sociedade civil e

organizações não governamentais, além de facilitar políticas públicas. Como bem pontua Lourdes Maria Bandeira (2014, p. 451), em sua obra *Violência de Gênero: a Construção de um Campo Teórico e de Investigação*, “a atuação da militância feminista e as reivindicações dos movimentos sociais criaram as condições históricas, políticas [...] necessárias ao reconhecimento da legitimidade e da gravidade da questão”.

As diversas formas de violência contra a mulher, como colocado anteriormente, são fruto das ideologias patriarcal e machista que colocam homens e mulheres em posições de desigualdade na sociedade. O funcionamento dessas ideologias, de certa forma, permite aos homens qualquer coisa, às vezes abertamente, outras veladamente, inclusive que cometam violência para manter seus privilégios, o que vem acontecendo com certo sucesso, porém, encontrando resistência na sociedade atual após a promulgação da Lei Maria da Penha.

A história demonstra que, apesar de tudo, as mulheres vêm resistindo e um recente fruto dessa resistência é a própria diferenciação da violência sofrida pelas mulheres pelo fato de serem mulheres em comparação com os outros tipos de violência existentes no mundo. Tudo isso começou com os movimentos feministas na década de 1980 e segue até os dias de hoje na tentativa de terminar com essa prática.

No final da década de 1970 e início de 1980, os primeiros grupos de combate e atendimento às mulheres em situação de violência foram criados em Pernambuco, São Paulo e Minas Gerais. Com a frequente demanda dos movimentos feministas, logo o Estado criou as *Delegacias Especiais de Atendimento às Mulheres* (DEAMs), em 1985.

As DEAMs representaram a confirmação de uma demanda social e coletiva, por meio dos movimentos feministas, que clamavam pelo reconhecimento de que a maioria das brasileiras sofria agressões. No entanto, como coloca Lia Machado (2010), em *Feminismo e Movimento*, a mídia naquela época deu mais enfoque para o grande poder de vida e morte de homens sobre mulheres e não para a crítica à frequente violência machista a que estavam expostas.

As DEAMs eram delegacias normais, que deveriam contar com um contingente feminino preparado para lidar com mulheres em situação de violência. Entretanto, não era bem assim que acontecia (e acontece até os dias de hoje). Para Lourdes Bandeira (2014), as mulheres agredidas que buscavam esses serviços muitas vezes eram

surpreendidas com mais constrangimentos, humilhações, o que resultava na dificuldade de registrar o Boletim de Ocorrência. O Estado, então, cumpre, mais uma vez, um papel de silenciador, pois

predominava a ideia no imaginário policial de que eram as mulheres as responsáveis por provocar a agressão. Com a prerrogativa de que estas situações eram assunto da esfera privada e que as mulheres eram deflagradoras dos conflitos conjugais, a intervenção do Estado era mínima, assim como também o era a proteção daquelas agredidas em situação de risco. Os agressores usufruíam da impunidade e encontravam no policial, muitas vezes, um aliado (BANDEIRA, 2014 p. 452).

Entretanto, é inegável o impacto que as DEAMs causaram na vida dessas mulheres, principalmente as com menor poder aquisitivo, pois colocavam a possibilidade real de salvação da situação de violência. Embora tivesse problemas, a DEAM representou um avanço político na conscientização de mulheres para o fato de que não há nada de natural na violência doméstica. No entanto, os movimentos feministas ainda consideravam um ponto muito negativo que o fenômeno da violência de gênero, que tirava as vidas de milhares de mulheres, fosse insuficientemente reconhecido como um crime, o que não era apenas um problema da ordem do despreparo dos policiais, fruto da ideologia do patriarcado, em tratar dessas denúncias. Dessa forma, as instituições em geral se tornam e se perpetuam como espaços privilegiados de manutenção dessa dominação masculina, principalmente porque se mantêm em uma neutralidade falsa. Pensando nisso e com vistas a solucionar o problema de tratamento dentro das delegacias, o movimento feminista seguiu lutando para modificar essa realidade. Infelizmente, é algo que acontece até os dias de hoje.

Mais recentemente, a Lei nº 11.340/2006, Maria da Penha, foi instituída. Trata-se de uma lei que abarca melhor a situação da violência contra a mulher e se volta para prevenção, punição e erradicação da violência doméstica. Para a Lei Maria da Penha, tanto o homem quanto a mulher podem praticar a violência, mas apenas a mulher pode ser considerada vítima, quando fica caracterizado o vínculo de relação doméstica, familiar ou de afetividade, além da convivência íntima, com ou sem coabitação, e desde que a violência seja baseada no gênero, com a ocorrência de opressão, dominação e submissão da mulher em relação ao agressor. Pode-se perceber que a lei em si

reconhece que se trata de um tipo de violência de gênero, uma vez que são agressões que acontecem com as vítimas apenas por serem mulheres.

São cinco tipos de violência tratados na Lei: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. Trata-se de formas de agressão consideradas perversas e que não acontecem isoladas umas das outras, ou seja, é muito comum que uma mulher que sofra agressão física do seu companheiro, também sofra alguma das outras cinco, senão todas elas juntas. Além disso, consequências para a mulher são graves podendo resultar até mesmo em morte.

Conforme o disposto no artigo 7º da Lei Maria da Penha, Capítulo II, incisos I, II, III, IV, e V, a violência física é entendida como qualquer atitude que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher. A psicológica é considerada qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima, por exemplo, por meio de humilhação, manipulação, isolamento, insultos. A violência sexual busca constranger a mulher a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força. A patrimonial significa retenção, subtração, destruição parcial ou total de objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos. E, por fim, a moral é considerada qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (BRASIL, 2006).

No que tange às opiniões de intelectuais, juristas, feministas e sociedade em geral, a Lei Maria da Penha recebe críticas e elogios. O fato de colocar a mulher claramente como quem sofre a violência, de incluir casos de violência moral, psicológica, patrimonial como passíveis de punição são pontos positivos da lei. O consenso é que existem ainda muitas coisas a serem modificadas e acrescentadas para que de fato ela consiga sanar a questão da violência contra a mulher, minimamente no âmbito familiar.

Mesmo com a Lei Maria da Penha, a violência doméstica faz milhares de vítimas todos os anos. Só em 2018, foram registrados 606 casos por dia³² e nos últimos 5 anos, estima-se que o número de mulheres assassinadas dentro de casa tenha subido 17%³³.

³² Conforme <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/08/brasil-registra-606-casos-de-violencia-domestica-e-164-estupros-por-dia.shtml> Acesso em: 10/09/2019

³³ Conforme <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/08/brasil-registra-606-casos-de-violencia-domestica-e-164-estupros-por-dia.shtml> Acesso em: 10/09/2019

Embora as pesquisas tenham insistentemente mostrado dados alarmantes, muitas vezes, essa gravidade não é devidamente reconhecida graças a mecanismos sócio-históricos e ideológicos que geram e mantêm desigualdades entre homens e mulheres e alimentam um pacto de silêncio e conivência com estes crimes. Por exemplo, na pesquisa *Tolerância social à violência contra as mulheres*, feita pelo Ipea em 2014³⁴, 63% dos entrevistados concordam, total ou parcialmente, que “casos de violência dentro de casa devem ser discutidos somente entre os membros da família”. E 89% concordam que “a roupa suja deve ser lavada em casa”, enquanto que 82% consideram que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Ou seja, ainda existe uma resistência em entender que a violência doméstica pode e deve ser tratada como um problema social que precisa ser combatido de todas as formas.

Uma das disposições da Lei Maria da Penha é com relação às Casas de Apoio, consideradas uma medida radical de proteção da vida da mulher. Estas Casas são locais de caráter temporário, seguro e sigiloso cujo principal objetivo é garantir a integridade física e psicológica das mulheres que estão em situação de violência e sob risco iminente de morte.

A ideia dos primeiros abrigos para mulheres que viviam em situação de violência, como forma de enfrentamento ao problema surgiu, também, com os movimentos feministas em várias partes do mundo, na década de 1970. Novamente, o ativismo, as denúncias e as reivindicações dos movimentos feministas e das mulheres contribuíram para a visibilização das questões de gênero e apontaram para a falta de políticas públicas, programas e serviços que pudessem auxiliar as mulheres na garantia dos seus direitos.

A primeira casa abrigo de que se tem registro foi criada em 1971, na cidade de Chiswick, em Londres. De início, era um local criado para o encontro de mulheres que buscavam ajuda para seus problemas cotidianos, porém, tornou-se um abrigo diante da necessidade de acolhimento e segurança demandados pelas mulheres que frequentavam aquele espaço e que vivenciavam situações de violência contra si e seus

³⁴ Conforme

http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=21827&catid=10&Itemid=9
Acesso em: 10/09/2019

filhos, em suas casas. No Brasil, os primeiros registros dessas casas se dão na década de 1980.

Além de fornecer esta medida radical de enfrentamento ao problema da violência doméstica, as casas abrigo também promovem atendimento integral às mulheres e a seus filhos, especialmente nas áreas social, jurídica e psicológica; promovem condições para a reinserção social da mulher após sua saída da casa de apoio (trabalho e renda, moradia, creche para os filhos e inserção nos programas de saúde); informam à mulher quanto aos seus direitos e meios para exercê-los; oferecem um ambiente acolhedor para as mulheres com vistas ao exercício de sua autonomia e recuperação da autoestima, atuando como um importante dispositivo no conjunto de recursos para o enfrentamento da violência contra a mulher (BRASIL, 2011).

O acesso das mulheres às Casas de Apoio ou abrigo pode ocorrer por meio dos serviços de assistência social aos quais as casas são vinculadas ou pela denúncia da violência, em que a delegacia realiza o encaminhamento aos órgãos competentes ou diretamente para a casa abrigo. O tempo de permanência das mulheres no local varia de acordo com cada caso, considerando o estado psicológico e as condições de segurança necessárias para retomar suas vidas socialmente. A equipe de profissionais que realiza intervenção nas casas abrigos pertence às áreas da saúde, jurídica, psicológica, assistencial e administrativa (BRASIL, 2011).

Mulheres que têm filhos são autorizadas a levá-los para o abrigo. Quando chegam, precisam seguir regras de convivência, acordadas antes da entrada da família, a fim de proteger todos que lá vivem. Em geral, as casas acolhem entre 5 a 10 mulheres, além de seus filhos, mas há locais preparados para acolher um número maior e que funcionam como uma espécie de albergue. Diferente dos abrigos, os Centros Especializados de Atendimento à Mulher (CEAM) não são sigilosos.

Em 2013, instituiu-se via Decreto nº 8.086 o Programa Mulher: Viver sem Violência cujo objetivo era de integrar e aumentar os serviços públicos voltados às mulheres em situação de violência por meio da articulação de atendimentos nas áreas da saúde, da assistência social, jurídica e também para a promoção de autonomia financeira (BRASIL, 2013). Entretanto, não são todos os estados da União que entraram nesse programa. Para além disso, as sucessivas medidas governamentais de cortes de verba nas pastas

de combate à violência contra a mulher impõem cada vez menos medidas de enfrentamento real ao problema. Um levantamento feito pelo jornal O Estado de S. Paulo indica que, entre 2015 e 2019, o orçamento da Secretaria da Mulher foi reduzido de R\$ 119 milhões para R\$ 5,3 milhões. A pesquisa aponta que, no mesmo período, os pagamentos para atendimento às mulheres em situação de violência recuaram de R\$ 34,7 milhões para apenas R\$ 194,7 mil. Até fevereiro deste ano, o governo Bolsonaro não havia enviado qualquer repasse de verba para a pasta. Ou seja, dois meses sem investimento.³⁵

A Lei Maria da Penha sozinha não é suficiente para diminuir os números de agressões e, mesmo que o acolhimento, em Casas de Apoio, de mulheres ameaçadas de morte esteja previsto na Lei, sem investimento e políticas públicas as mudanças não acontecerão. Por exemplo, entre todos os municípios no Brasil, somente 2,4% deles têm casa-abrigo como previsto na Lei Maria da Penha, conforme dados do IBGE, divulgados em 2018.³⁶ A esmagadora maioria não tem e entre os municípios menos populosos é ainda mais discrepante a situação porque além de não haver a Casa de Apoio, é difícil que haja delegacia da mulher, etc.

De fato, muito ainda deve ser feito, não apenas com relação à Lei Maria da Penha, mas também na sociedade como um todo para que não haja mais casos de violência contra a mulher. Em pleno século XXI, mulheres continuam sendo assassinadas por quem elas acham que as amam. Ainda que tenha havido certos avanços, o motivo concreto para que as violências contra a mulher continuem acontecendo está atrelado à ideologia patriarcal de que a mulher é inferior em relação ao homem. É preciso um estudo aprofundado da composição de relações de poder, das Formações Discursivas patriarcal e capitalista e, sobretudo, dar voz às mulheres em situação de violência para que elas também se tornem sujeitos de sua própria libertação.

Há diversos estudos nacionais e internacionais que enfatizam a urgência em reconhecer que a violência doméstica (assim como qualquer tipo de violência contra a

³⁵ Dados podem ser visualizados em <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,parlamentares-cobram-governo-por-falta-de-repasse-para-politicas-de-protECAo-a-mulher,70003185186> Acesso em: 4 de abr de 2020.

³⁶ Dados podem ser visualizados em <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/ibge-975-das-cidades-nao-tem-casas-abrigo-para-mulheres,51927ea7920b5410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html> Acesso em 4 de abr de 2020.

mulher) é inaceitável e, sobretudo, que os governos, organismos internacionais, empresas, instituições de ensino e pesquisa e a imprensa devem assumir um compromisso de não conivência com o problema. A existência de uma lei como a Maria da Penha demonstra que o Estado brasileiro reconhece que o lugar social relegado ao gênero feminino e o lugar privilegiado do gênero masculino nas relações geram vulnerabilidades para as mulheres, que acabam sendo mais expostas socialmente a certos tipos de violência e violações de direitos. Entretanto, a lei por si só não consegue dar conta da violência doméstica. Conforme demonstrado, ela existe desde 2006 mas os números só vêm aumentando. Isso se dá porque o reconhecimento do Estado ainda não passou completamente do papel. Faltam políticas públicas e investimento para treinamento de policiais que lidam com esses casos, para construção de mais casas de apoio, para incentivar que as mulheres vítimas consigam se desvencilhar da dependência econômica e psicológica e, de fato, reconstruir suas vidas.

Retomando a teoria de Althusser (1999) sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado, compreende-se que se trata dos espaços onde se realizam todas as ideologias. Se pensarmos em termos de machismo, são várias as instituições que durante séculos contribuem para que a mulher permaneça em posição inferior à do homem na sociedade de classes. Da Igreja Católica com Eva culpada pela expulsão do homem do paraíso, à legislação que até pouco tempo atrás permitia que homens pudessem cometer crime de honra em caso de adultério de suas esposas, diferentes instituições colaboram, à sua maneira, para que o mito da inferioridade se mantenha, e junto com ele, as violências.

Outro importante AIE nessa questão é a própria família. Como visto na subseção anterior, Engels (1980) defende que a família como a conhecemos nem sempre existiu, mas foi surgindo na medida em que as relações pessoais iam se fechando e a propriedade privada ia sendo criada. Conforme o autor, o termo família, em si, surge com os romanos para designar um grupo social cujo chefe era o homem e este tinha poder sobre a mulher, os filhos e alguns escravos (ENGELS, 1980).

O capitalismo, como modo de produção mundial dominante, impôs mudanças importantes na configuração da família ao longo do tempo. A primeira coisa que fez foi chacoalhar a estrutura do patriarcado, uma vez que foi, lentamente, relegando ao mercado e à indústria os poderes do pai. Nesse novo formato, não era mais o homem

da família que comandava mulher e filhos, mas os donos das fábricas. Assim, aos poucos, o mercado capitalista foi substituindo o patriarcado. No entanto, conforme coloca Alexandra Kollontai (1920),

os capitalistas se dão conta, perfeitamente, de que o velho tipo de família, em que a esposa é uma escrava e o homem o responsável pelo sustento e bem-estar da família, de que uma família desse tipo é a melhor arma para afogar os esforços do proletariado pela sua libertação, para debilitar o espírito revolucionário do homem e da mulher proletários.

Ou seja, a família é uma instituição que sofre transformações constantes. Está em permanente movimento e pode existir ou não sem que o sistema capitalista desapareça ou sofra abalos importantes. Porém, na medida em que se trata de um AIE, é também nele que a ideologia dominante trabalha para se manter dominante. A família é um importante determinante nas situações em que a mulher desiste de levar adiante a queixa contra o marido agressor. É como se fosse menos importante a violência que se dá no seio da família do que a manutenção da família enquanto instituição sagrada. E aí voltamos ao famoso dito, *em briga de marido e mulher, não se mete a colher*. Não se pode interferir em um processo que se dá dentro de casa, da família.

O capitalismo ganha com o mito da inferioridade da mulher e a família enquanto AIE contribui em grande parte para isso. Na família tradicional do capitalismo, não é só o homem que garante o sustento do lar, porém, conforme a estatística citada anteriormente, as mulheres em geral recebem 75% do salário dos homens. Os afazeres domésticos que lá no comunismo primitivo tinham o mesmo status social que a caça, por exemplo, na família do regime capitalista eles são completamente desvalorizados e recaem majoritariamente sobre as mulheres que além de trabalhar fora ainda têm que cuidar da educação, da saúde, da alimentação dos filhos e da limpeza do lar. E, por fim, porém não menos importante, há a violência.

Conforme Rita Segato (2003), em *Las estructuras elementales de la violencia*, a violência tem papel crucial na reprodução do mito da inferioridade feminina de forma que fica evidente que a moral e o costume são indissociáveis da dimensão violenta do regime hierárquico. Saffioti (2004, p. 139) complementa dizendo que:

A ideologia constitui um relevante elemento de reificação, de alienação, de

coisificação. Também constitui uma poderosa tecnologia de gênero, assim como “cinema, discursos institucionais, epistemologias e práticas”, estas últimas entendidas como as mais amplas práticas sociais e culturais. A alienação, em sua acepção de cisão, é alimentada pelas tecnologias de gênero, aí incluídas as ideologias. [...] não obstante a força e a eficácia política de todas as tecnologias sociais, especialmente as de gênero e, em seu seio, das ideologias de gênero, a violência ainda é necessária para manter o status quo. Isto não significa adesão ao uso da violência, mas uma dolorosa constatação.

É claro que há mulheres que fogem dessa marca. Os AIEs são o palco da luta de classes e dentro deles há espaço para contradições, o que justifica a possibilidade de transformação. Inclusive, houve avanços na questão da mulher após tantas ondas feministas. Porém, esses casos não podem ser tomados como expressão de uma categoria, a categoria de mulheres. Como via de regra, mesmo com tantas ondas feministas, o índice de mulheres que morrem pelas mãos de seus companheiros ainda é muito grande, os salários continuam diferentes, as mulheres falam baixo ou se calam em discussões de grupos sexualmente mistos e quando não o fazem são taxadas de loucas. Sendo assim, os discursos proferidos ao longo dos séculos e até os dias de hoje materializam a ideologia machista e contribuem para que a violência contra a mulher siga acontecendo.

Quando o senso comum reproduz discursos do tipo “mulher gosta de apanhar”, “tinha que ser mulher mesmo”, “mulheres deveriam ganhar menos porque engravidam”, “sente-se como uma moça”, “mulher de verdade transforma o homem”, “mulher no volante, perigo constante” e tantos outros que ouvimos por aí, estamos na realidade observando a olho nu a eficácia das ideologias machistas sendo reproduzidas e reproduzindo-se num exercício cíclico praticamente sem fim.

2 A CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* DE PESQUISA EM AD

Em Análise do Discurso, o processo de análise começa pelo próprio estabelecimento do *corpus* e é por causa disso que se diz que teoria e metodologia estão lado a lado: é necessário que aquela interfira constantemente nesta de modo que a relação do analista com seu *corpus* seja administrada, auxiliando-o com a interpretação do objeto, com os sentidos, entre outros. Isto é, as decisões do analista envolvem retomadas constantes de conceitos e princípios da Análise de Discurso.

Tais retomadas da teoria confirmam que, quando o *corpus* é delimitado, o trabalho de análise também já vai sendo feito. Entretanto, é necessário lembrar que o *corpus*, para a Análise de Discurso pode ser bastante heterogêneo, a começar pelo *corpus* documental até o experimental. Estes *corpora* não são dados, *a priori*. Eles são construídos a partir de gestos de leitura, de interpretação e de compreensão de seu próprio objeto de investigação.

Para a AD o discurso é o lugar onde língua e ideologia se encontram. Com base nessa compreensão, além de entender que o discurso materializa a ideologia, eu, como analista, frente a frente com o meu *corpus*, devo buscar as condições sócio-históricas em que o discurso é produzido, o que não quer dizer que as questões linguísticas passem despercebidas.

Segundo Pêcheux (2008), em *O discurso: estrutura ou acontecimento?*, qualquer sequência de enunciados pode ser descrita linguisticamente como uma série de pontos de deriva possíveis, o que fornece espaço para a interpretação. Isso faz com que exista uma infinidade de materialidades que podem ser usadas como dispositivo de análise, de interpretação. Porém, isso não quer dizer que seja fácil constituir um *corpus* de pesquisa.

Diante disso, é importante reafirmar que a constituição do *corpus* para a análise é, na perspectiva da Análise de Discurso, um gesto de leitura. Isso acontece porque a escolha das materialidades e sua organização são os primeiros gestos de interpretação [ideológica] do analista.

Ao propor uma redefinição da noção de *corpus* discursivo, Courtine (2014), em *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos* problematiza as maneiras mais comuns de organizar os *corpora* em AD, apresentando o que considera

a impossibilidade de identificar, no material pesquisado, o efeito das contradições ideológicas de classe.

Courtine (2014) define *corpus* como um conjunto de sequências discursivas (SDs), orais ou escritas, de dimensão superior à frase, extraído de um campo discursivo. No caso de seu trabalho e de analistas contemporâneos a ele, no momento em que esta definição foi elaborada, tal campo discursivo restringia-se aos discursos produzidos por órgãos de imprensa ou partidos políticos da esquerda francesa. Quando a Tese de Courtine foi escrita, havia a necessidade de se resgatar a relação entre as práticas de análise do discurso político e a prática política e, por isso, era preciso que essas sequências discursivas estivessem estruturadas considerando-se a língua em si, mas também um dado estado das condições de produção do discurso.

É importante lembrar conforme vimos na subseção 1.3.3 que a noção de CP é, inicialmente, proposta por Pêcheux (2014^a) no texto *Análise Automática do Discurso (AAD-69)*. Em *A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas (1975)*, Pêcheux e Fuchs (2014b) discutem mais uma vez esse conceito, admitindo que no texto de 1969 havia questões ambíguas no que tange às condições de produção. Os autores, então, trazem uma nova proposta, com a teoria não subjetiva subjetividade, aliando o conceito de condições de produção ao de formações discursivas.

A concepção de condições de produção em que Courtine (2014, p. 51, grifos do autor) reflete sobre a noção de Pêcheux, a fim de rever seus limites, coloca que “[...] a noção de CP do discurso apresenta um conteúdo ao mesmo tempo empírico e heterogêneo. Queremos acrescentar que esse conteúdo é igualmente instável.” Ademais, segundo o autor, a noção de condições de produção do discurso para a AD instaura a relação entre a materialidade linguística de uma sequência discursiva e as condições históricas que determinam sua produção, estabelecendo, dessa forma, os procedimentos de constituição de *corpora* discursivos.

Sendo assim, uma vez delimitado o campo discursivo de referência, são as condições de produção do discurso que atuam sobre as sequências discursivas, funcionando como uma peneira que separa “um campo discursivo determinado de um ‘universal de discurso’” (COURTINE, 2014 p. 55 grifo do autor).

Em relação aos critérios de constituição de *corpora*, Courtine (2014) retoma as exigências de “exaustividade, de representatividade e de homogeneidade”³⁷ (COURTINE, 2014, p. 56). Estas estão diretamente relacionadas aos objetivos de pesquisa. Conforme Marcellesi e Gardin (1975, p. 280) em *Introdução à Sociolinguística*, esta relação com os fins da pesquisa supõe que o pesquisador ou pesquisadora sabe o que está procurando e resulta na limitação das “conclusões ao conjunto dos fatos analisados e que, para uma extensão dos resultados, faz reduzir as conjecturas ao conjunto dos factos análogos”.

A exigência de exaustividade pede que o analista esgote o corpus, ou seja, não deixe nenhum fato discursivo de lado. Não se trata, segundo Marcellesi e Gardin (1975, p. 280), de “recusar excluir os factos que incomodam o investigador, mas de os analisar ou de reduzir as conclusões explicitamente aos factos analisados”.

A representatividade, por sua vez, exige que não se façam generalizações, ou seja, que o analista não deve considerar como uma regra um dado que aparece apenas uma vez no corpus. Segundo os autores, “não há *corpus* suficientemente representativo que, num momento ou noutro, não exija [...] a formulação de uma hipótese, ela mesma confrontável com outros factos” (MARCELLESI & GARDIN, 1975, p. 280 grifo dos autores).

Já acerca da exigência de homogeneidade, Marcellesi e Gardin (1975, p. 280, grifo dos autores) colocam que o pesquisador ou a pesquisadora deve ter uma única preocupação na composição de seu *corpus*: “constituir um conjunto de enunciados ou de segmentos de enunciados em relação com a natureza e a extensão da investigação, ou antes, deve condicionar as suas ambições de pesquisa à natureza e à extensão do seu *corpus*”. Ainda, sobre a exigência de homogeneidade, Marcellesi e Gardin (1975) colocam que é mais complicada de se cumprir uma vez que um estudo de contrastes discursivos obrigatoriamente exclui a possibilidade de homogeneidade.

Courtine (2014) lembra que estas três exigências provêm da linguística descritiva e encontram-se definidas por meio de princípios próprios à análise da língua, o que o leva a considerar a necessidade de uma “apreciação especificamente discursiva desses

³⁷ Courtine toma as três exigências dos estudos de Gardin & Marcellesi (1974), cuja referência é: GARDIN, B. MARCELLESI, J. B. Introduction à la sociolinguistique. Paris: Larousse, coll, Langue et langage, 1974. A obra aqui consultada é a traduzida por Maria de Lourdes Saraiva, para o português de Portugal, em 1975.

princípios” (COURTINE, 2014, p. 56). Por apreciação discursiva, é possível entender que na AD é preciso levar em conta a aliança entre materialidade linguística e processos sócio-históricos ideológicos, ou seja, as CP, para analisar um *corpus*.

Sobre o critério de homogeneidade, Courtine (2014, p. 56) considera que este é difícil de se realizar em AD, pois tal critério apresenta um obstáculo: um dos pressupostos da exigência de homogeneidade é que o analista deveria condicionar a pesquisa à natureza e à extensão do seu *corpus*. No entanto, o *corpus* para a AD não é apenas o texto em si. Ele é resultado de outros discursos, é atravessado por processos históricos e ideológicos e, portanto, não tem como ser homogêneo.

Considerando o exposto, as sequências discursivas são reunidas e organizadas de acordo com um plano que lhes confere forma de *corpus*. Courtine (2014) aponta possibilidades variadas de organização, por exemplo uma sequência discursiva ou muitas, sequências produzidas por meio de posições ideológicas homogêneas ou heterogêneas, sequências produzidas em sincronia ou diacronia. As dominantes em AD se destacam, a saber, aquelas que privilegiam perspectiva contrastiva e agrupamento sincrônico.

Além disso, Courtine (2014) fala sobre as formas do *corpus* com relação ao tipo de arquivo do qual as SDs são recortadas. De acordo com o autor, os *corpora* de arquivo são “constituídos a partir de materiais preexistentes, como aqueles com os quais, por exemplo, os historiadores são confrontados.” Por outro lado, os *corpora* experimentais “equivalem à produção de sequências discursivas por locutores colocados em uma situação experimental definida” (COURTINE, 2014, p. 77), como por exemplo, uma entrevista.

Dando seguimento à proposta de Courtine (2014), o analista deve selecionar as sequências a serem tomadas como ponto de referência, chamadas *sequências discursivas de referência (Sdr)* a partir do qual os elementos do *corpus* e seu conjunto serão organizados. Conforme Courtine (2014, p. 108, grifos do autor):

escolher uma sequência discursiva de referência equivale assim a determinar a pertinência histórica de tal conjuntura, a situar a produção dessa sequência na *circulação* de formulações trazidas por sequências discursivas que se opõem, se respondem, se citam..., a descrever, enfim, o âmbito institucional e as circunstâncias enunciativas dessa produção.

A sequência discursiva de referência tem relação com um sujeito da enunciação e com uma situação de enunciação. Para o autor:

Sujeito de enunciação e situação de enunciação podem ser referidos a um lugar determinado, tomado em uma relação de lugares no interior de um aparelho: isso equivale a atribuir ao ato de enunciação de uma sdr a regularidade de uma prática, assim como a caracterizar os rituais que a regulam (COURTINE, 2014 p. 108).

Tais relações de lugar são, na verdade, as relações de classe, ou seja, um determinado momento das contradições ideológicas de classe em uma dada conjuntura histórica e social.

Como base no exposto acima, faz-se necessário estabelecer que o arquivo com o qual trabalharei no próximo capítulo será constituído por narrativas de mulheres que sofreram violência doméstica mas que foram em busca de ajuda, especificamente, na Casa de Referência da Mulher – Mulheres Mirabal, situada em Porto Alegre/RS, uma casa de passagem autogestionada. Portanto, trata-se de um corpus experimental, conforme Courtine (2014) descreve.

Quando nos encontramos para a conversa, solicitei que elas contassem, livremente, sobre a história delas até chegar na Casa. Dessa forma, não há um arquivo pronto. É com base nas narrativas dessas mulheres que o arquivo foi sendo construído e, a partir dele, as sequências discursivas de referência foram recortadas para análise.

Além de o *corpus* ser experimental, é preciso delimitar que sua forma será constituída por várias sequências discursivas produzidas por várias locutoras e, conforme Courtine (2014) sugere, serão determinadas sequências discursivas como pontos de referência. Encaminho-me, então, para a subseção que fala um pouco da Casa Mirabal.

2.1 Condições de produção do *corpus* - Mulheres Mirabal

A *Casa de Referência da Mulher - Mulheres Mirabal* é uma ocupação de mulheres para mulheres. Em uma primeira leitura, pode parecer redundante todas essas ocorrências da palavra mulher em uma frase só. Acontece que cada uma delas é necessária. É uma casa de referência da mulher, o que significa que mulheres que

estiverem em situação de violência podem contar com esse espaço. E é uma ocupação de mulheres para mulheres porque ela é autogestionada. São as próprias mulheres que vivem ali que organizam e administram a Casa por meio de assembleias. Além disso, não há homens lá.

Conforme as organizadoras, a ideia da Casa de acolhimento surgiu com o Movimento de Mulheres Olga Benário³⁸, que é um movimento feminista brasileiro e surgiu em 2011. A primeira experiência de casa de acolhimento do Olga foi em Minas Gerais, a Casa Tina Martins³⁹, em 2015. Com referência nesta ocupação, o movimento em Porto Alegre começou a surgir. Durante um ano, muita mobilização foi feita: núcleos do movimento de mulheres foram reunidos, as mulheres necessitadas foram sendo organizadas nessas reuniões, até que houvesse um número expressivo para fazer a ocupação.

O ano era 2016, início do governo Sartori (MDB) cuja primeira medida foi extinguir a Secretaria Estadual de Políticas Públicas para as Mulheres. Parece que não havia momento melhor. Em 25 de novembro de 2016, aconteceu a ocupação em Porto Alegre como uma forma de pressionar o governo do estado com relação às políticas públicas de combate à violência contra a mulher, mas também fazer uma coisa mais prática para salvar, de fato, a vida de mulheres. A data também é marcada internacionalmente como o dia do assassinato das irmãs Mirabal: Minerva, Patria e Maria Tereza, que foram três comunistas que lutaram contra a ditadura na República Dominicana. Elas foram assassinadas pela polícia secreta daquele país. Por isso, em Porto Alegre, a Casa de Acolhimento se chama Mirabal. É uma forma de homenagear mulheres que ousaram questionar o sistema patriarcal e capitalista.

A organização do coletivo Olga aponta que a ideia não era fazer só uma casa para abrigar mulheres em situação de violência doméstica. Era para ser um espaço de formação, onde as mulheres pudessem estar ali se formando politicamente, entendendo a situação de violência pela qual passaram, as razões e circunstâncias para que, então,

³⁸ Em homenagem a Olga Benário, revolucionária alemã que teve grande destaque no Partido Comunista da Alemanha e da União Soviética. Após receber uma missão desse partido de Moscou, ela veio ao Brasil junto de Luís Carlos Prestes e participou da Intentona Comunista de 1935. Como consequência, Olga foi presa e deportada para a Alemanha, onde morreu na câmara de gás em 1942.

³⁹ Em homenagem à ativista gaúcha, Tina Martins, que lutou pelos direitos dos trabalhadores no início do século XX.

pudessem se “emancipar ideologicamente”. Percebe-se aqui praticamente uma intenção de agir concretamente para “desidentificar” essas mulheres que chegam na casa, ou seja, para que elas venham a ser, realmente, feministas, rompam com a FD machista. Dessa forma, há dois aspectos coexistindo: o abrigo e a formação política.

A Casa funciona com uma gestão que elas chamam de coordenação. Esta é formada por mulheres que compõem o Movimento Olga Benário. Depois da coordenação tem o pessoal de acolhimento que é quem recebe as mulheres que vão chegando na casa. Esse funcionamento é bastante autogestionado e se dá por meio de reuniões semanais. A coordenação se reúne para organizar a Casa, pensar nas reuniões de rede de solidariedade, as festas e festivais para arrecadação de dinheiro e as oficinas para ajudar as acolhidas a se emanciparem. Já as reuniões de acolhimento servem para discutir caso a caso. Por fim, há as assembleias que reúnem tanto as acolhidas como a coordenação e é onde se discute tudo que envolve a Casa.

A primeira ocupação foi na rua Duque de Caxias, no centro de Porto Alegre. O prédio era dos Salesianos, congregação católica. Ficaram lá por dois anos, com muito apoio de movimentos sociais, até que os proprietários pediram reintegração de posse. Por outro lado, o próprio governo já havia prometido um outro espaço para a Mirabal, mas os trâmites não evoluíam. Com o medo de uma ação policial e na tentativa de agilizar que o novo espaço fosse logo cedido, as mulheres se mobilizaram e fizeram uma nova ocupação. O novo endereço fica no bairro São José, em Porto Alegre, mais afastado do Centro, porém ainda é considerado uma boa região.

Sobre a manutenção da Mirabal, uma parte é feita pelo Governo (municipal ou estadual), mas apenas na base de muita insistência e até mesmo ações radicalizadas como ocupações de departamentos e secretarias. Por exemplo, conforme as organizadoras, quando o governo estadual havia prometido o novo espaço, eles disseram que a responsabilidade seria da prefeitura que lavou as mãos durante um bom tempo. O movimento e as acolhidas conseguiram quitar uma conta de luz após ocupar a prefeitura e exigir que o prefeito ou pagasse ou suspendesse. A outra parte da manutenção financeira é feita pelas organizadoras e acolhidas que fazem brechós, festivais e, algumas até têm empregos ou fazem bico como faxineira em casas de terceiros. O

próximo passo da casa é começar a montar uma cooperativa de doces caseiros para serem vendidos e arrecadar fundos.

Na Casa, todas as acolhidas têm tarefas a executar. A cada semana, uma assembleia é feita para debater questões da Casa e já votar quem ficará responsável por qual tarefa durante a semana seguinte até a próxima assembleia. As tarefas compreendem tanto as comuns de uma casa qualquer (limpeza, alimentação, cuidados) como o brechó (quem vai vender, quem vai buscar doações).

O que é diferente, e bastante interessante, nesse formato da Casa Mirabal é justamente a questão da ocupação. O termo é bastante usado nos meios referentes aos movimentos sociais e significa utilizar um espaço público que está abandonado. É também uma ferramenta de enfrentamento para estabelecer exigências, como por exemplo quando estudantes ocupam uma reitoria exigindo da administração da universidade que alguma pauta seja atendida. A ferramenta da ocupação utilizada pelo Movimento Olga Benário entra em choque direto com os Aparelhos Ideológicos de Estado, senão com o próprio Estado mesmo.

No primeiro momento, o espaço ocupado é privado, mas pertencente a um ramo da Igreja Católica. Já foi mencionado anteriormente que a Igreja é um dos AIEs mais importantes na disseminação do mito da inferioridade feminina e em seu seio concorrem FDs de todos os espectros no que tange a violência doméstica, em especial a interpretação bíblica que defende a submissão das mulheres aos maridos. A ocupação do espaço dos Salesianos perdura por dois anos entre insistência e reintegração de posse. O Estado, na figura do governador Sartori, soluciona dizendo que vai dar um espaço para essas mulheres ficarem. Porém, fica apenas na promessa. Enquanto isso, a ameaça do braço repressor do Estado, a polícia, usar da força para retirá-las dali resulta não em desistência da Casa, mas em outra ocupação, dessa vez no lugar que o governo havia prometido, porém não tinha ainda dado demonstração de que cumpriria com a palavra.

É importante notar que mesmo que seja um espaço previamente cedido pelo Estado, o fato de só ter se concretizado por meio de uma ocupação torna as coisas muito diferentes. Não é possível chamar a Casa Mirabal de Aparelho Ideológico de Estado porque lá dentro a disputa para que a ideologia dominante seja quebrada é grande.

Começa com a ideia de arrancar do próprio governo uma casa que sirva para salvar vidas de mulheres e passa pela intenção de formação política das acolhidas. Como termina, não se sabe ainda. Será que de alguma forma o fato de estas mulheres terem rompido com o ciclo de violência do qual faziam parte e ido morar em uma Casa de apoio que é autogestionada, sem interferência do Estado, e com formação política mínima pode influenciá-las de tal modo que seja possível considerar que elas talvez passem pelo que Pêcheux chamou de *desidentificação do sujeito*?

3 NARRATIVAS DE MULHERES QUE SOFRERAM VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FORAM EM BUSCA DE AJUDA: CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DAS ENTREVISTAS

Como mencionado anteriormente, o *corpus* desta Tese é experimental, ou seja, não faz parte de um arquivo pronto ou que possa ser considerado acabado. Ele foi sendo montado a partir das narrativas de mulheres que já passaram pela *Casa Mulheres Mirabal*.

Após o contato com a casa, tendo marcado encontros, consegui falar com essas mulheres e expliquei em que consiste minha pesquisa e como elas poderiam me ajudar. Antes de passar para os relatos das entrevistadas, procurei falar sobre a minha motivação para tratar desse tema em uma Tese de doutorado.

Considero que tenho uma motivação anterior à minha relação com questões epistemológicas e que tem um duplo caminho: sou uma mulher que também já sofreu diversas formas de violência machista ao longo da vida e sou feminista. Ao introduzir esse aspecto da minha vida pessoal para cada uma delas, houve uma aproximação que as deixou à vontade, na medida do possível, para compartilhar suas histórias comigo.

A conversa com cada uma das mulheres se deu em três blocos. No primeiro, eu solicitei que elas contassem sobre sua infância, família, hábitos, escola, crenças e tudo mais. Na medida em que elas iam contando, sempre que surgia alguma dúvida, busquei elaborar questões que pudessem ajudá-las a desenvolver melhor a narração. Era como se estivéssemos em uma conversa normal, e não em uma entrevista e por isso eu chamo de narrativas as respostas dadas durante a conversa.

Esse formato fez com que todas se abrissem e contassem muitos detalhes pessoais. Esta etapa foi importante porque, assim, entrei em contato com relatos sobre as suas histórias, sobre suas condições socioeconômicas, crenças e saberes internalizados ao longo de suas trajetórias. Ademais, pude refletir sobre as condições de produção dos processos discursivos de mulheres vítimas de violência doméstica que foram em busca de ajuda na *Casa Mulheres Mirabal*.

Em relação ao bloco 2, solicitei que elas contassem como conheceram os companheiros agressores e como haviam sido os primeiros momentos de relacionamento. Para essa etapa da narrativa, solicitei que elas narrassem episódios da violência sofrida até chegar ao dia em que elas decidiram que não queriam mais passar

por tais situações de violência e sofrimento.

Então, no bloco 3, chegou o momento de elas narrarem como foi o período em que ficaram na *Casa Mirabal* e, por fim, quais as perspectivas de futuro que elas almejavam agora que estavam livres daqueles episódios conjugais trágicos em suas vidas.

O objetivo da análise foi compreender as condições de produção para melhor entender o funcionamento da violência doméstica, a partir de uma ótica histórico-discursiva, mas também refletir sobre o que acontece com as sujeitas no espaço-tempo de transição da casa violenta para a *Casa Mirabal*, com relação à sua condição de objetos da violência.

Os nomes das entrevistadas foram substituídos por nomes de mulheres conhecidas por sua luta pela emancipação feminina. Esta escolha se deu primeiro para preservar a identidade delas, segundo, para evitar enumerá-las como se fossem objetos e não pessoas e, terceiro, para homenagear mulheres muito importantes para o movimento feminista.

Acompanhando os procedimentos metodológicos de Jean-Jacques Courtine (2014), para efeito das análises a Formação Discursiva de Referência (FDr) foi chamada de Formação Discursiva de Referência da Mulher Agredida (FDrMA). Nessa FDr, circulam saberes heterogêneos relacionados à historicidade do lugar subalterno relegado às mulheres na sociedade patriarcal e capitalista brasileira, que remetem a uma sujeita que não resiste à violência que lhe é imposta, que assume a “missão de salvar o casamento”, de cuidar do marido, mas também saberes que questionam esse lugar inferiorizado das mulheres.

Conforme visto na seção 1.3, *Concepções de Sujeito e de Discurso na Obra de Michel Pêcheux*, desta Tese, um sujeito é preenchido pela forma-sujeito de uma determinada FD. O indivíduo se identifica com práticas e saberes desta FD e se constitui enquanto sujeito. A forma-sujeito da FDrMA pode disseminar saberes e práticas que reproduzem, em maior ou menor grau, o imaginário de que uma mulher precisa aceitar a violência que sofre do marido, namorado, companheiro. Mas também pode questionar o lugar subalterno da mulher na sociedade.

Ao mesmo tempo, há a circulação de saberes relacionados a uma sujeita que, ao

ingressar na *Casa Mirabal*, passa a ter contato com saberes e práticas feministas, ainda que de forma superficial. Por exemplo, como descrito no capítulo anterior, assim que as mulheres são acolhidas, elas passam por sessões de formação com as coordenadoras da Casa que fazem parte do Movimento Feminista Olga Benário e também por sessões de terapia com psicólogas feministas que demonstram que violência machista é muito mais do que a física, que existem outros tipos como a psicológica e a patrimonial. Além disso, a coordenação da *Casa Mirabal* tem o cuidado de incentivar que elas aprendam ofícios novos para que essas mulheres tenham oportunidade de se emancipar financeiramente.

Ainda para as análises, tratei os recortes selecionados do *corpus* como Sequências Discursivas de Referência (Sdr), acompanhando a proposta de Courtine (2014), pois estão compreendidas na FDr por meio dos relatos das mulheres vítimas de violência doméstica com quem conversei. Vamos à análise dos relatos.

3.1 Relatos livres das entrevistadas a partir da proposta

3.1.1 Primeira entrevistada - Rosa Luxemburgo: “Eu tenho uma felicidade que eu sobrevivi”

3.1.1.1 Bloco 1 Condições de produção: histórico da entrevistada

A primeira entrevistada é a Rosa Luxemburgo⁴⁰. Rosa tem 36 anos, nasceu em Bagé e foi criada pelos avós paternos e por uma tia. O pai morava na mesma casa, mas quem tinha a guarda dela e da irmã era esta tia. Conta que foram abandonadas pela mãe quando Rosa tinha apenas 7 dias de vida. Rosa enfatiza que Bagé era uma cidade muito interiorana, sem perspectivas de trabalho. O avô era tanoeiro (construtor de barris) e, como a profissão foi deixando de existir, ele acabou perdendo o emprego, o que levou a família a experimentar grandes dificuldades financeiras. A avó era dona de casa. Na casa

⁴⁰ Rosa Luxemburgo (1871-1919) foi uma revolucionária e teórica marxista, feminista polonesa, naturalizada alemã. Foi filósofa e economista. Tornou-se mundialmente conhecida pela militância revolucionária ligada à Social-Democracia da Polônia (SDKP), ao Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD) e ao Partido Social-Democrata Independente da Alemanha (USPD). Participou da fundação do grupo de tendência marxista do SPD, que viria a se tornar mais tarde o Partido Comunista da Alemanha (KPD). Tornou-se uma destacada dirigente do movimento comunista internacional. Rosa acreditava que a mulher só alcançaria a completa libertação através de uma ampla e profunda revolução social.

em Bagé eles tentavam plantar coisas e criar galinhas, e, segundo seu relato, era tudo consumido por eles.

Em 1998, os homens da família, isto é, o avô, o pai e o tio de Rosa, se mudaram para Porto Alegre, pois um outro tio que morava na capital gaúcha e trabalhava como vigilante havia conseguido emprego para eles em uma obra. Eles mandavam dinheiro para as mulheres, que ficaram em Bagé. Mais tarde, eles conseguiram reunir fundos suficientes para levar todas as mulheres de Bagé a Porto Alegre, quando Rosa tinha apenas 14 anos. Nesta parte do relato, é importante ressaltar como determinados saberes da FD Machista funcionam no sentido de naturalizar que quem deve prover um lar são os homens. As mulheres devem ficar em casa cuidando dos afazeres domésticos.

O pai de Rosa tinha problema com alcoolismo e era muito violento com os avós. A relação dele com o avô era bastante conturbada, e eles brigavam muito, às vezes chegando às vias de fato. Entretanto, ela enfatiza que nenhum dos homens da família praticou violência física com as mulheres.

O avô e a avó nunca brigaram. Rosa conta sobre a avó que era a responsável pela casa. Ela cozinhava, cuidava da limpeza, da criação dos animais. Rosa a considera o exemplo de mulher que teve na infância e na adolescência: dona de casa, cuidando da família e dos bichos. Um exemplo que termina por reproduzir o que é imposto pela sociedade machista.

As Sdrs que seguem foram selecionadas para caracterizar os papéis que as mulheres desempenharam no ambiente familiar e na educação de Rosa e o imaginário da figura materna da entrevistada:

Sdr 1: Era assim, a minha avó ela era responsável mesmo pela casa, sabe? **Ela era aquela mãe que fazia comida, lavava a roupa, fazia pão, ela estava sempre à volta dos bichos, ela era muito carinhosa com a gente. Eu chamo, chamava ela de mãe, né? Porque eu fui criada por ela desde que eu tinha sete dias.** A minha mãe se separou do meu pai grávida de mim ainda e aí ela levou a minha irmã que tinha três anos. Aí na época, **ela ganhou eu e daí com sete dias ela retornou na casa dos meus avós deixando a minha irmã e eu com sete dias, e, a minha vó criou nós dali até a nossa fase adulta.**

Sdr 2: **Quem cuidava da educação da gente muito, se envolvia muito com escola, com dentista, com médico, quando a gente ficou moça eu**

e a minha irmã, era essa tia que eu vou para lá amanhã. Ela fazia esse papel assim administrativo, sabe? [...] O meu pai passou a minha guarda e da minha irmã para ela quando a gente ainda era bem pequena, antes da fase da escola, para que ela tivesse toda a autonomia para mandar na gente, vamos dizer assim, né? Para resolver tudo que precisasse a interferência dele, porque ele fazia esse trabalho de rua e era muito envolvido com vício, ele estava a grande maioria da parte da vida dele ele passou alcoolizado.

Sdr 3: Ela [a tia] é a mãe que eu tive toda a minha infância, toda a minha juventude, mas ela era aquela mãe dura, forte, mais tudo o que a gente tem de referência, de amor, de carinho [...]

Essas Sdrs demarcam situações muito importantes na infância e adolescência de Rosa. Tem-se o abandono da mãe aos sete dias de nascimento, o “abandono” do próprio pai expresso no alcoolismo e no distanciamento e, em consequência, o convívio com a avó e a tia que a criaram. Falarei mais adiante sobre o “abandono do pai”. No momento, gostaria de chamar a atenção para este recorte da Sdr 1 “*ela ganhou eu e daí com **sete dias** ela retornou na casa dos meus avós deixando a minha irmã e eu com **sete dias**”.*

Rosa repete a expressão “sete dias” no mesmo enunciado. Esta repetição reforça o sentimento de abandono fruto do fato de a mãe biológica deixá-la com tão pouco tempo de vida na casa do pai. A repetição é uma forma de Rosa enfatizar sua crença de que sete dias de vida é muito pouco tempo para uma mãe se afastar de um filho. Mais adiante, ainda na Sdr 1, reportando-se à avó no recorte “*Eu chamo, chamava ela de mãe, né? Porque eu fui criada por ela desde que eu tinha **sete dias**”*”, mostra que ela volta a usar a expressão “sete dias”. Agora, a referência temporal serve de justificativa para o fato de que Rosa passou a chamar a avó de mãe, uma vez que é ela quem assumiu esse papel.

Sobre qual é o papel de uma mãe, Rosa descreve como a avó atuava, no trecho da Sdr 1 “*Ela era aquela mãe que fazia comida, lavava a roupa, fazia pão, ela estava sempre à volta dos bichos, ela era muito carinhosa com a gente*”. Esse recorte demonstra que no imaginário de Rosa, uma boa mãe cozinha, lava a roupa, faz pão e é carinhosa. Entretanto, o papel de mãe não fica a cargo apenas da avó. A tia também assume algumas funções na criação de Rosa e da irmã.

Por exemplo nesse trecho da Sdr 2 “*Quem cuidava da educação da gente **muito**, se envolvia **muito** com escola, com dentista, com médico, quando a gente ficou moça eu*

e a minha irmã, era essa tia que eu vou para lá amanhã. Ela fazia esse papel assim administrativo, sabe?”. Rosa descreve qual era a função da tia depois que o pai passou a guarda das filhas para ela. Ela usa o advérbio de intensidade **muito** como um modalizador duas vezes, o que demonstra que o envolvimento da tia com essas tarefas, que deveriam ser do pai ou da mãe biológica, é intenso.

A Sdr 3 *“Ela [a tia] é a mãe que eu tive toda a minha infância, toda a minha juventude, mas ela era aquela mãe **dura, forte, mais tudo o que a gente tem de referência, de amor, de carinho**”* aponta que Rosa também considerava que a tia era uma mãe, mas os adjetivos **dura** e **forte** a colocam em um outro patamar que o da avó, que era **carinhosa** , de acordo com Rosa. É possível que a tia, além de cuidar da educação, das idas ao médico e dentista, também fosse a responsável pelas broncas quando as crianças não se comportavam, assumindo o papel da autoridade familiar.

Observa-se, então, que tanto a avó como a tia se transformam em mães, pois assumem a tarefa de cuidar de Rosa e de sua irmã. Porém, de modos diferentes. A avó ficou com o trabalho doméstico, cozinhava, lavava, passava enquanto a tia assumiu o “papel administrativo”, como Rosa coloca: cuidar da educação, ter o diálogo com a escola, levar ao médico e ao dentista e de colocar limites nas crianças, representando-a pelo adjetivo *dura* .

Na ausência da mãe biológica e com o pai passando as suas responsabilidades para a tia e para a avó, a tarefa de cuidar das crianças recai sobre as costas das mulheres da família, reforçando o que Saffioti (1976) fala sobre como as mulheres são vistas pela sociedade.

Como vimos no capítulo 2, Saffioti (1976) argumenta que as mulheres, na sociedade capitalista ocidental, são consideradas a partir de quatro funções essenciais: produção, sexualidade, reprodução e socialização da geração imatura. Esta última é a que impõe às mulheres a tarefa de educar as crianças e, com ela, há um imaginário na sociedade de que o trabalho de ensinar bons modos, valores, entre outras coisas, deve ser incumbido às mulheres, sejam elas mães biológicas ou não.

Sobre a contraidentificação com a figura paterna e o imaginário construído acerca da identidade do pai, selecionei as seguintes sequências discursivas de referência:

Sdr 4: O meu pai trabalhava lá em Bagé **muito** na rua **assim**. Ele descarregava caminhão nas lojas, ele limpava pátio, **mas muito do que ele ganhava era para o vício dele, então a gente passa muita muita necessidade mesmo ele trabalhando. Eu cresci com o meu pai na rua, assim, dentro de casa eram raros os momentos que ele estava. Quando ele estava ele estava bêbado.** Então eles tiraram a gente do convívio dele, sabe? Afastavam a gente, porque ele estava sempre bêbado e o meu vó não deixava a gente ter contato com ele quando ele estava bêbado.

Sdr 5: **Eram raros os momentos que ele estava sóbrio. Então ele não ia em escola, não participava de reunião, não fazia matrícula, ele não levava a gente no médico, ele não fazia nada disso, só quem fazia era ela.**

Sdr 6: **Ele [o pai] delegou toda formação e educação da gente para essa minha tia e para minha avó.**

Ao chegar à casa da avó, Rosa sofreu um segundo abandono, o do pai. Na Sdr 2, o trecho “*O meu pai passou a minha guarda e da minha irmã para ela quando a gente ainda era bem pequena, antes da fase da escola, para que ela tivesse toda a autonomia para mandar na gente, vamos dizer assim, né? Para resolver tudo que precisasse a interferência dele, porque ele fazia esse trabalho de rua e era muito envolvido com vício, ele estava a grande maioria da parte da vida dele ele passou alcoolizado*” explica que o pai transfere a sua responsabilidade para a irmã, para que ela pudesse tomar atitudes sem que ele precisasse participar. Ela ainda justifica que isso se dá porque ele trabalhava na rua além de ser alcoolista.

Rosa segue descrevendo o imaginário que ela tem do pai na Sdr 4: “*Eu cresci com o meu pai na rua, assim, dentro de casa eram raros os momentos que ele estava. Quando ele estava ele estava **bêbado***”. Mais uma vez, Rosa expressa que, mesmo morando sob o mesmo teto, o pai de Rosa não era presente tanto porque “*trabalhava na rua*” como porque frequentemente “*estava bêbado*”.

O trecho, também na Sdr 4 “ ***muito** do que ele ganhava era para o vício dele, então a gente passa **muita muita** necessidade mesmo ele trabalhando*” confirma a sensação de abandono porque demarca que além da distância física e de ele estar quase sempre alcoolizado, ainda há o fato de o pai não sustentar financeiramente as suas filhas, enquanto morava em Bagé. A repetição do advérbio muito/muita indica a força para

descrever o imaginário que Rosa tem de alguém viciado, que se distancia do ambiente em que ela está. São modalizadores de intensidade para intensificar a imagem do pai negligente e alcoólatra.

Como colocado anteriormente, um dos saberes que circulam dentro da FD machista é o de que o homem deve prover sua família. Quando Rosa expressa em seu discurso que mesmo com o pai trabalhando elas ainda passavam por dificuldades financeiras, o que fica demarcado é que o papel do pai, de prover sustento como homem da família, conforme o que se preconiza em uma sociedade machista, não foi cumprido e isso contribui para sedimentar em Rosa a sensação de abandono que já existia com o distanciamento físico e com o alcoolismo.

Este recorte da Sdr 5 “*Eram raros os momentos que ele estava sóbrio. Então ele não ia em escola, não participava de reunião, não fazia matrícula, ele não levava a gente no médico, ele não fazia nada disso, só quem fazia era ela [tia].*”, demonstra que Rosa constrói uma imagem bastante negativa do pai quando usa os termos “alcoólatra”, “não sóbrio” e também quando enumera as responsabilidades que ele não cumpria.

Ela usa o mesmo modalizador diversas vezes: o advérbio de negação, **não**, e ainda termina com uma dupla negação “*não fazia nada disso*”, reforçando a ideia de que realmente o pai não cumpria o seu papel de pai. As repetições enumeram as formas de ausência do pai, “não ia em escola”, “não participava de reunião”, “não fazia matrícula”, “não levava ao médico”, e vêm a fortalecer o imaginário de um pai ausente, que não assume qualquer responsabilidade como pai com relação às filhas.

Através da narrativa, Rosa estabelece relações entre o papel que a tia cumpria e o que deveria ser cumprido pelo pai e isso também corrobora o imaginário de abandono paterno. Nos trechos analisados até agora, fica bem marcado que Rosa se sente abandonada tanto pela mãe como pelo pai.

No entanto, o abandono do pai parece mais impactante uma vez que ela fala muitas vezes sobre a condição de viciado e como isso contribuiu para que ele estivesse longe com frequência, além de não cumprir com a obrigação de sustento, como atestam as sequências discursivas acima, respondendo à FD machista que constrói a imagem de que um pai deve sustentar um lar.

A mãe a abandonou aos sete dias de vida e o pai, apesar de morar na mesma

casa, não está presente porque é alcoolista, trabalha fora e não as sustenta financeiramente. Dessa forma, a imagem de proteção que ela tem vem das mulheres da família, ou seja, da tia e da avó, de tal modo que Rosa até mesmo passa a chamá-las de mãe.

Em contrapartida, o pai não deixa de ser pai, mesmo não cumprindo com sua obrigação: ele mora sob o mesmo teto que Rosa, mas delega a responsabilidade para a irmã e para a mãe. Na Sdr 6 “*Ele [o pai] delegou toda formação e educação da gente para essa minha tia e para minha avó*”, Rosa usa o verbo *delegar*, o que indica que, para ela, o pai escolheu repassar sua responsabilidade na formação e educação de suas filhas para a irmã e a mãe.

Tal transferência de responsabilidade não vem apenas na forma do distanciamento físico, do alcoolismo, ou do não comprometimento financeiro. Ela está também balizada pela decisão jurídica de conceder a guarda de Rosa e sua irmã para a tia e a avó, o que ficou expresso no trecho “*O meu pai passou a minha guarda e da minha irmã para ela quando a gente ainda era bem pequena, antes da fase da escola, para que ela tivesse toda a autonomia para mandar na gente, vamos dizer assim, né?*” Sdr 2. Na medida em que o pai não assume o papel paterno e entrega a responsabilidade jurídica para a tia, o imaginário que Rosa tem dele é de um pai ausente, que a abandonou, que abandonou suas responsabilidades como pai e segue alimentando seu alcoolismo.

Diante do relato de Rosa que apresenta suas construções imaginárias sobre as figuras materna e paterna, pode-se colocar que ela foi vítima de uma dupla privação: a) materna, quando sofre o abandono da mãe biológica e b) paterna, quando o pai transfere sua responsabilidade para a tia e a avó. Tudo isso atravessado pela privação financeira, porque viveu uma infância e adolescência muito pobre.

3.1.1.2 Bloco 2 Narrativa sobre as violências

Chegamos ao bloco 2, em que Rosa narra sobre o período trágico em sua vida. Sem concluir o segundo grau em razão da necessidade de trabalhar, acabou se casando aos 19 anos e teve um filho, que hoje está com 14 anos. Pouco tempo depois de se separar do primeiro marido, ela conheceu o segundo e já se casou com ele também, com quem ficou 12 anos. Este a agredia psicológica e fisicamente. Ela conta que a violência

física só começou com 9 anos de casados, mas que antes ele demonstrava ser muito ciumento.

Conforme vimos no primeiro capítulo, há diversas formas de violência contra a mulher. Existem as agressões físicas, psicológicas, controle financeiro, entre outras. Em seu relato, Rosa demonstra que o que mais demarcou seu casamento foram as violências física e psicológica. Surras, queimaduras de cigarro, facada, pé quebrado, humilhações são alguns dos exemplos que Rosa dá para ilustrar os abusos e as agressões que sofreu de seu companheiro. As Sdrs a seguir falam sobre a violência física que Rosa sofreu:

Sdr 7: A violência física começou de uma forma muito agressiva assim. Não foi um puxão de cabelo primeiro, um tapa no rosto, um empurrão, não, foram surras assim. Ele imaginava coisas, criava as coisas na cabeça dele que ele não via, que não existiram na verdade e... De tá andando na rua de ônibus, de me ver na rua e eu estar no trabalho, sabe? **De ele me ver na televisão uma mulher parecida comigo, de tá vendo um vídeo pornô no celular com outros colegas de serviço e enxergar eu, que era eu que tava ali, que eu que tinha gravado, que eu tinha mandado para todo mundo.**

Sdr 8: Ele quebrou o meu pé aqui, rachou aqui e eu estava com rosto todo queimado de cigarro [...] Fora os hematomas assim, os machucados e tal e eu levei uma facada aqui assim.

O recorte “*A violência física começou de uma forma muito agressiva **assim**. Não foi um puxão de cabelo primeiro, um tapa no rosto, um empurrão, não, foram surras **assim***” da Sdr 7 mostra que depois de 9 anos de casados, o ex-marido começou a agredir Rosa fisicamente. Em seu relato, ela tem a crença de que não foi sendo agredida gradualmente (puxão de cabelo, empurrão, tapa), mas de imediato foi tudo muito intenso e violento.

Ainda na Sdr 7, Rosa define o modo como a violência começou usando a expressão “*muito agressiva assim*” e, logo em seguida, utiliza “*foram surras assim*”. Nos dois enunciados, o advérbio **assim** seguido pela negação de gestos comuns de agressão funciona como um modalizador que traduz um imaginário de agressividade colocado de uma forma intensa.

Na Sdr 8, o trecho “*Fora os hematomas **assim**, os machucados e tal e eu levei uma facada aqui **assim***” também apresenta a repetição do advérbio *assim*, o que

confirma o uso desse advérbio como uma forma de enfatizar a força da agressão, dos hematomas e da facada.

Voltando à Sdr 7, o trecho em que descreve o comportamento do marido “*De ele me ver na televisão uma mulher parecida comigo, de tá vendo um vídeo pornô no celular com outros colegas de serviço e enxergar eu, **que era eu que tava ali, que eu que tinha gravado, que eu tinha mandado para todo mundo***”, demonstra que se tratava de um homem muito ciumento, pode-se até dizer que ele apresentava traços de paranoia, uma vez que imaginava situações que acabavam se tornando motivos para agredir Rosa.

Nesse trecho, Rosa enumera situações imaginadas pelo ex-marido através da repetição “*que era eu que tava ali*”, “*que eu que tinha gravado*”, “*que eu que tinha mandado*”. Essa repetição reforça o imaginário que ela tem da paranoia dele.

Como já mencionado anteriormente, Rosa não sofreu apenas violência física. Ela também foi vítima da violência psicológica, um dos cinco tipos de agressão no âmbito doméstico, elencados pela Lei Maria da Penha. Esse tipo de violência remete aos impactos à saúde emocional, à autoestima e ao desenvolvimento humano de forma plena, por meio de atitudes como controle, ameaça, constrangimento, manipulação, perseguição e humilhação. As próximas Sdrs mostram momentos em que a entrevistada sofreu a violência psicológica.

Sdr 9: Quando eu falava em voltar a estudar [ele dizia] “**Tu não tem mais idade para isso. Quem vai cuidar das crianças? Eu não vou ficar com eles a noite inteira sozinho para ti estar no colégio**”.

Sdr 10: era muito ameaça psicológica “**Eu vou fazer, eu vou te matar, eu vou picar o teu corpo e vou atirar um pedaço em cada lugar e ninguém nunca vai achar, ninguém nunca vai saber o que aconteceu contigo, tu não tem família...**”, sabe? “**As crianças vão esquecer, não vão mais lembrar de ti, eu vou arrumar uma outra mãe para eles**”.

Além do ciúme, da paranoia e da violência física, o marido também praticava a violência psicológica, atribuindo unicamente a ela o papel de cuidadora. Por exemplo, ele a impedia de continuar estudando. Ele determina que ela não pode estudar quando faz a pergunta “*quem vai cuidar das crianças?*” e logo em seguida responde “*Eu não vou ficar com eles a noite inteira sozinho para ti estar no colégio*”, trechos da Sdr 9.

Novamente, a mulher como cuidadora das gerações imaturas (SAFFIOTI, 1976) ressurgue no relato de Rosa. Desta vez, é o marido que impõe que o lugar dela é em casa cuidando dos filhos e não na escola dando continuidade aos seus estudos. Entretanto, esse lugar de cuidadora foi imposto por meio da violência psicológica, no sentido de fazer com que ela perdesse a identidade, por exemplo quando ele diz “*tu não tem mais idade pra isso*”. Ele a constrange levando-a a acreditar ser verdade que ela não tinha mais idade para se desenvolver pessoal e profissionalmente.

Na Sdr 10, o trecho “*Eu vou fazer, eu vou te matar, eu vou picar o teu corpo e vou atirar um pedaço em cada lugar e ninguém nunca vai achar*” demonstra uma série de ameaças sofridas por Rosa. Essas ameaças emergem no discurso da entrevistada na primeira pessoa, sob a forma de discurso citado. Ao retomar o discurso dele com a repetição do pronome pessoal **eu**, Rosa revela a força que a ameaça de ex-marido representava para ela.

Ainda retomando o discurso do agressor, Rosa segue apontando as ameaças feitas por ele: “*As crianças vão esquecer, não vão mais lembrar de ti, eu vou arrumar uma outra mãe para eles*”. Aqui, a ameaça se dá no sentido de incutir em Rosa a ideia de que ela pode ser facilmente substituída por outra mulher, que os filhos nem se lembrarão dela, que ela pode ser brutalmente assassinada e ninguém notará a sua ausência. O imaginário que emerge é de que Rosa é descartável, caracterizando, novamente, violência psicológica, uma vez que o marido ameaça, manipula, e suas ameaças funcionam como tortura psíquica, conseqüentemente influenciando para que a autoestima da mulher seja ferida.

Como fruto das violências sofridas, Rosa passa a se anular. Ela constrói um imaginário de si cuja base vem justamente do discurso e das ações do ex-marido. As seguintes Sdrs foram selecionadas com o intuito de caracterizar o imaginário que Rosa tinha de si, quando estava casada com o agressor.

Sdr 11: Ele ficou muito tempo desempregado ao longo desses anos que eu vivi com ele, quem manteve a casa fui eu fazendo faxina. **Se eu tivesse uma profissão, se eu tivesse terminado o segundo grau e feito o magistério que eu queria ou ter feito técnico enfermagem, os meus filhos teriam uma condição de vida muito melhor hoje.** E eu não vivi, não fiz, por medo do que outra pessoa ia pensar, **por medo** de como outra pessoa ia agir.

Sdr 12: **Eu não podia, eu não tinha opinião própria. Eu não podia opinar pela comida que eu ia fazer, eu não podia opinar pelo modo que queria comprar. Eu tive que viver todos esses anos como ele quis que eu vivesse**, então não sentia que era um lugar meu. Eu não mandava na minha casa. Eu não podia receber uma amiga para tomar um chimarrão. Eu não podia receber uma visita, uma vizinha para conversar.

Sdr 13: **Todo o lugar que eu trabalhei nesses últimos doze anos nunca foi do agrado dele, eu nunca permaneci muito tempo no emprego, acabei prejudicando muito muito meu lado profissional** por causa disso e a grande maioria das vezes eu trabalhei só em casa de família e como diarista, porque eu também já não tinha muito estudo, né?

As Sdrs acima demarcam que Rosa foi sendo anulada enquanto mulher, enquanto ser humano. Na medida em que os discursos e ações do ex-marido a fragilizavam, ela foi criando um imaginário de si mesma que é, de certa forma, negativo. Por exemplo, no trecho *“quem manteve a casa fui eu fazendo faxina. **Se eu tivesse uma profissão, se eu tivesse terminado o segundo grau e feito o magistério que eu queria ou ter feito técnico enfermagem, os meus filhos teriam uma condição de vida muito melhor hoje**”* da Sdr 11.

Nesse trecho, Rosa aponta uma série de construções hipotéticas: *“se tivesse terminado o segundo grau”, “se tivesse feito o técnico em enfermagem”*, demonstrando que tinha sonhos e ambições, mas que foram enterrados pela violência psicológica e física que sofreu. O modo como ela constrói os enunciados utilizando o subjuntivo, que remete para situações que não conferem com a realidade, demonstra que ela sempre se considerou incapaz de transformar suas condições de vida, no entanto, a contradição emerge em seu relato porque mesmo sentindo-se incapaz, era ela quem sustentava a família.

Rosa provia a casa trabalhando como faxineira. Entretanto, no enunciado seguinte ela diz que *“se tivesse uma profissão”* a vida dos filhos seria melhor. Rosa não considera que fazer faxina seja uma profissão, mesmo tendo sido esta atividade a responsável pelo sustento da casa. Ela minimiza seu trabalho, considerando-o uma não profissão e não tem consciência de que era a provedora da casa.

Além disso, esse recorte aponta para o fato de que Rosa tinha dois papéis dentro

de casa: prover o lar e cuidar dos afazeres domésticos. Entretanto, ela não conseguia compreender sua importância dentro do lar, principalmente por estar convencida do contrário, por isso se submetia às agressões físicas e psicológicas feitas pelo marido.

Na Sdr 12, no recorte “*Eu **não** podia, eu **não** tinha opinião própria. Eu **não** podia opinar pela comida que eu ia fazer, eu **não** podia opinar pelo modo que queria comprar*”, Rosa usa repetidamente o advérbio de negação *não* para elencar situações em que ela não podia ser ela mesma, pois, segundo seu relato, isso desencadeava no marido a vontade de agredi-la, além de fazer com que ela não se sentisse em casa, à vontade. O modo como ela representa o imaginário dela mesma se dá pela negação “*não tinha opinião própria*”, “*não podia opinar pela comida*”, “*não podia opinar pelo modo de comprar*”, “*não mandava na casa*”, “*não podia receber uma amiga para tomar um chimarrão*”.

Os trechos “***E eu não vivi, não fiz**, por medo do que outra pessoa ia pensar, por medo de como outra pessoa ia agir*” da Sdr 11 e “*Eu tive que viver todos esses anos como ele quis que eu vivesse*” da Sdr 12 mostram que Rosa viveu uma vida de medo, submissão, que a fez ir se conformando a não poder dar opinião, a não seguir seu sonho de continuar estudando, entre outras coisas.

É importante lembrar que o discurso do ex-marido agressor contribuiu para que ela não seguisse esse sonho, não se desenvolvesse pessoal e profissionalmente, como mostra o trecho da Sdr 13 “*Todo o lugar que eu trabalhei nesses últimos doze anos **nunca foi do agrado dele, eu nunca permaneci muito tempo no emprego, acabei prejudicando muito muito meu lado profissional por causa disso***”. A expressão “*nunca foi do agrado dele*” aponta para o fato de que o agressor tinha poder de decisão sobre onde Rosa trabalhava, mesmo sendo ela a provedora da casa. Mais uma vez, Rosa se define pela negação, dessa vez com o uso do advérbio **nunca**. O seu trabalho *nunca* agradou o marido e, por isso, conforme sua narrativa, ela *nunca* ficou muito tempo em um mesmo emprego. Porém, quando Rosa usa o verbo na primeira pessoa do singular “*acabei prejudicando*” ela transfere a culpa desse fracasso profissional para ela mesma, o que corrobora, mais uma vez, o imaginário negativo que ela construiu de si mesma.

Os saberes da FD machista que naturalizam a violência doméstica e que convencem as mulheres de que elas são descartáveis ou não importantes circulam com

muita força na FDrMA, o que colaborou para que Rosa se mantivesse por tanto tempo submissa em um lar violento, uma vez que ela estava convencida de sua não importância no lar.

Outro fator que contribuiu para que Rosa ficasse tanto tempo à mercê da violência doméstica foi por achar que poderia mudar o ex-marido. Observemos as Sdrs a seguir que falam sobre como Rosa tinha esperança de poder transformá-lo, sem, contudo, ficar atenta às violências que ela sofria:

Sdr 14: **Eu apanhei... Eu apanhei três anos, mas eu não pensava em abandonar ele. Eu pensava que ia melhorar, eu pensava que eu podia mudar ele, eu pensava que com o amor que eu tinha ia conversando e dizendo “Não, eu tava trabalhando. Eu me arrumei, mas eu me arrumei para ti. Eu fui trabalhar. Eu estou tentando te ajudar a sustentar a casa, as crianças...”** Eu fui tentando, fui criando para mim mesma várias desculpas para aquilo [...].

No trecho “**Eu apanhei... Eu apanhei três anos, mas eu não pensava em abandonar ele. Eu pensava que ia melhorar, eu pensava que eu podia mudar ele, eu pensava que com o amor que eu tinha ia conversando**” da Sdr 14, pode-se observar a repetição do pronome pessoal **eu**, o que mostra como ela se enxerga, como ela constrói uma imagem daquilo que ela era. Se antes ela se descreve pela negação, agora o seu imaginário de si aponta para alguém que por três anos, sofreu agressões, mas não pensava em abandonar a casa porque acreditava que poderia mudar o comportamento do ex-marido.

Rosa tinha a esperança de poder transformar o marido, contudo não estava atenta às violências sofridas, o que ela mesma admite através do enunciado: “*Eu fui tentando, fui criando para mim mesma várias desculpas para aquilo [...]*”. Nesse trecho, emerge o modo como ela se autoenganava, isto é, inventando desculpas para a violência que sofria.

Sdr 15: Eu não sabia, eu não entendia que eu tinha que conversar com alguém sobre aquilo, que eu tinha que buscar ajuda. **Eu achava que sozinha eu ia resolver, que ele ia ver que eu amava ele, que eu não estava traindo, que eu queria estudar para ter uma vida melhor.**

Na Sdr 15, o trecho “**Eu** achava que sozinha **eu** ia resolver, que ele ia ver que **eu** amava ele, que **eu** não estava traindo, que **eu** queria estudar para ter uma vida melhor”, também aponta para a crença que Rosa tinha de que conseguiria fazer com que o marido parasse de agredi-la. Mais uma vez, Rosa lança mão da repetição do pronome **eu** para caracterizar-se, demonstrar o imaginário de si mas, desta vez, o que emerge no discurso é uma Rosa vítima que, mesmo diante das evidências tentava convencer o agressor: “que eu amava ele”, “que eu não estava traindo”, “que eu queria estudar para ter uma vida melhor”.

Esta tentativa de modificar o comportamento do companheiro vem junto com a autoanulação como ser humano, isto é, ao mesmo tempo em que tenta convencê-lo de que ela não está fazendo nada de errado - como no trecho da Sdr 14 “*Não, eu tava trabalhando. Eu me arrumei, mas eu me arrumei para ti. Eu fui trabalhar. Eu estou tentando te ajudar a sustentar a casa, as crianças...*” - ela também passa a não confrontar, não ter opinião dentro de casa.

Esse trecho está constituído por um enunciado polifônico que responde à afirmação do marido através dos seguintes enunciados: a) Eu me arrumei; b) mas foi para ti. Conforme se pode observar, em a) Rosa reafirma o dito do marido e em b), o emprego do operador argumentativo *mas* com valor semântico de objeção⁴¹ passa a reformular o sentido inferido do dito do marido, ou seja, ela não havia se arrumado senão para ele e não para outro. Quando ela justifica que se arrumou sim, mas para ele, ela tenta convencê-lo que não está errada e, portanto, ele não precisa brigar com ela. É um argumento para agradar o marido e evitar que ele a agrida por ciúmes (isto é, paranoia).

Já o enunciado “*Eu estou tentando te ajudar a sustentar a casa*”, também da Sdr 14, constitui-se em um argumento que minimiza, novamente, o importante papel que Rosa cumpre dentro da sua casa, que é o de provedora uma vez que, como vimos antes, o marido ficou desempregado boa parte do tempo. Para Rosa, ela apenas ajuda o marido, e não sustenta sozinha o lar, além de ser responsável pelos afazeres domésticos.

Na análise das sequências discursivas 14 e 15, pode-se observar o

⁴¹ Sob o aspecto semântico, conforme Ingedore Koch (2000) em *Argumentação e Linguagem* e Ana Zandwais (1994) em *Processos de coordenação e subordinação: uma retomada de abordagens semântico-sintáticas*, as conjunções funcionam como operadores argumentativos e seus valores semânticos passam a ser múltiplos em função dos contextos em que operam discursivamente.

atravessamento de saberes da FD machista vindos da Fld Igreja Universal que colaboram para que Rosa se mantivesse no lar violento e acreditasse que poderia mudar o comportamento do marido. Esse aspecto será analisado com mais cuidado adiante. Porém, a título de ilustrar tal atravessamento, trago o seguinte trecho da Sdr 17: “*Se eu abandonasse ele eu seria cobrada por Deus por ter abandonado ele se acontecesse alguma coisa com ele*”.

A partir desse enunciado do pastor, observa-se a visão que a Igreja tem da mulher: deve ser submissa e permanecer no casamento, independentemente de qualquer coisa, sob pena de sofrer um castigo divino. Esse saber religioso acerca do lugar da mulher na sociedade circula com muita força no discurso de Rosa, quando esta narra sobre sua permanência no lar violento, até mesmo levando-a a inventar desculpas e não reconhecer que precisava de ajuda. De acordo com seu relato, a primeira vez que alguém interferiu e tentou ajudá-la foi quando, em um dos episódios de violência, o filho mais velho chamou a polícia. Observemos a Sdr 16 a seguir:

Sdr 16: A Brigada entrou na minha casa, derrubou a porta, levou ele arrastado, usando de muita violência contra ele e **ele defrontando a Brigada, que era meu dono, que ele podia fazer o que ele estava fazendo porque eu era a mulher dele, estava dentro da casa dele e que tinha todo direito.** [...] A Brigada invadiu a minha casa, o meu filho mais velho ainda morava comigo e ele chamou a Brigada. **E aí a Brigada invadiu a minha casa e levou ele preso. E mesmo assim não melhorou em nada a forma dele pensar, as atitudes que ele tem, não ajudou em nada.**

Conforme relato de Rosa, nesse episódio, ele foi enquadrado pela Lei Maria da Penha. O marido, ao ser preso, enfrenta a polícia e ainda reivindica seu direito de ser violento com a sua mulher com termos como “*dono dela*”, “*dono da casa*”. No trecho “*ele defrontando a Brigada, que era meu dono, que ele podia fazer o que ele estava fazendo porque eu era a mulher dele, estava dentro da casa dele e que tinha todo direito*”, Rosa descreve o imaginário que o ex-marido tem da condição de esposa. É através de expressões como “*seu dono*” e “*dono da casa*” que se pode remeter ao imaginário desse sujeito de que a esposa nada mais é do que propriedade do marido, assim como é a casa, e do mesmo modo como ele tem direitos de propriedade sobre bens, tem sobre a mulher.

A análise das condições de produção sobre o lugar da mulher na sociedade ocidental machista e capitalista nos demonstraram que a situação da mulher foi se degradando ao longo dos anos a ponto de ela estar em um patamar abaixo, ser taxada como “segundo sexo”. São as condições histórico-ideológicas que sustentam o discurso do marido de Rosa se reivindicando dono de sua mulher e, portanto, detentor de todo o direito de agredi-la.

O trecho “*E aí a Brigada invadiu a minha casa e levou ele preso. E mesmo assim não melhorou em nada a forma dele pensar, as atitudes que ele tem, não ajudou em nada*” demarca que Rosa se desilude com a ineficácia da instituição jurídica para ajudar em seu caso. Embora tenha sido a polícia (o Aparelho Repressor de Estado) que invade a casa e prende o marido, é a justiça, isto é, a Lei Maria da Penha que atua na condenação, prisão e soltura. Para ela, após algum tempo preso, o marido volta com o mesmo modo de pensar e atitudes, que fica expresso no enunciado “*não melhorou em nada a forma dele pensar, as atitudes que ele tem*” e a sensação que ela discursiviza é de que de nada adiantou ele ter sido preso.

No primeiro capítulo, discutiu-se sobre a Lei Maria da Penha e como ainda faltam muitas transformações para que ela seja de fato um instrumento de apoio às mulheres vítimas de violência doméstica. O Estado deveria garantir que Rosa, e todas as mulheres que buscam esse mecanismo, fossem para um espaço seguro com os filhos, que pudessem se emancipar financeira e psicologicamente do agressor.

Entretanto, o que há hoje é muito pouco perto da demanda. Conforme a Agência Brasil⁴², em matéria publicada em setembro de 2019, 91,7% dos municípios do Brasil não têm Delegacias da Mulher. Além disso, elas não são 24h e não funcionam nos finais de semana.

De acordo com matéria publicada pelo site BBC Brasil⁴³ em 2015, também não há profissionais qualificados o bastante para tratar de todos os tipos de agressão, não apenas a física. Neste quesito, a reclamação mais constante é de como as vítimas são

⁴² Ver matéria em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2019-09/em-917-das-cidades-do-pais-nao-ha-delegacia-de-atendimento-mulher> Acesso em 24 de julho de 2020.

⁴³ Ver matéria em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151209_obstaculos_violencia_mulher_rm Acesso em: 24 de julho 2020.

tratadas. Os agentes públicos as colocam em dúvida quanto a denunciar ou não seu agressor. Também são poucas as casas de acolhimento existentes no Brasil. Um censo do IBGE⁴⁴ publicado em 2019 aponta que no país inteiro há apenas 43 casas-abrigo especializadas em mulheres vítimas de violência doméstica.

Sendo a Justiça um AIE onde, portanto, circulam os saberes das classes dominantes e entendendo, na esteira do que Saffioti (2013) postula, que às classes dominantes, no modo de produção capitalista, interessa a submissão das mulheres, pode-se dizer que o Estado não tem interesse em fazer as transformações necessárias na Lei Maria da Penha, assim como não investe em outras políticas de combate à violência contra a mulher tais como aumentar o número de delegacias especializadas e investir em capacitação dos agentes públicos; investir em educação para o combate à violência contra a mulher com o objetivo de ensinar aos meninos que não se deve bater em mulheres e às meninas que não devem aceitar violência; construir mais casas de acolhimento que, além de fornecer um espaço para se estabelecer por um tempo, forneçam cursos de capacitação com vistas a ajudar as mulheres agredidas a se emanciparem financeiramente, atendimento psicológico para as acolhidas e seus filhos e também cursos de formação para empoderamento.

No caso de Rosa, a polícia levou o marido e o devolveu sem que houvesse nenhuma transformação, como fica expresso no enunciado da Sdr 16 “*E mesmo assim não melhorou em nada a forma dele pensar, as atitudes que ele tem, não ajudou em nada*”. Ele se mantém violento, agressivo, ciumento, paranoico.

Então, ela vai em busca de ajuda em outros espaços. A Sdr a seguir foi selecionada para ilustrar uma das instituições na qual Rosa busca ajuda: a Igreja Universal. O que ela busca vai de encontro às suas expectativas, uma vez que ela procura conforto e soluções para o seu caso e acaba encontrando mais elementos que contribuem para que ela permaneça ao lado do marido violento. Vamos ao relato do discurso do Pastor.

Sdr 17: Que eu tinha que esperar em Deus, que Deus ia fazer uma obra

⁴⁴ Ver censo em: <https://censo2020.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/25518-mesmo-com-lei-maria-da-penha-somente-2-4-dos-municipios-oferecem-casas-abrigo.html> Acesso em: 24 de julho de 2020.

nele e que ele ia deixar de ser violento. Mas que deixar dele não seria a solução. **Que eu era a responsável pela alma dele. Se eu abandonasse ele eu seria cobrada por Deus por ter abandonado ele se acontecesse alguma coisa com ele.**

Sdr 18: É inacreditável, mas é isso que a gente ouve hoje da igreja. Que a mulher não pode abandonar o marido mesmo apanhando. E aí eles dão exemplos, um pior que o outro. O pastor disse para mim **“A minha mãe apanhou 30 anos do meu pai, mas ela perseverou até Deus mudar ele”**.

As sequências acima demonstram o funcionamento de um AIE importante na questão da violência doméstica: a Igreja. Historicamente, as diversas Igrejas pregam em seus discursos que a mulher deve ser submissa ao homem, honrar o marido. Não foi diferente com Rosa, em pleno século XXI, que foi buscar conforto e acabou ouvindo que seu papel enquanto mulher e esposa é aguardar um milagre, permanecer ao lado do marido agressor.

Por exemplo, no trecho da Sdr 17 *“Que eu era a responsável pela alma dele. Se eu abandonasse ele eu seria cobrada por Deus por ter abandonado ele se acontecesse alguma coisa com ele”*, conforme o pastor da Igreja Universal, a mulher tem responsabilidade sobre a própria alma do marido e abandoná-lo é digno de receber um castigo divino.

Os saberes da FD machista que emergem na FId da Igreja Universal, materializados pelos discursos de seu líder religioso, nesse caso, aparecem no discurso de Rosa para atestar o lugar de vulnerabilidade que a religião coloca a mulher diante do perigo e para reforçar a naturalização do lugar da mulher como *mãe* e *esposa*, que se submete a uma vida de violência para cumprir o papel de estar ao lado do marido. E Rosa se convenceu disso. Acabava voltando para o agressor, disposta a tentar mudar o casamento e acreditando que essa seria a saída do sofrimento.

Na Sdr 18, com o trecho *“A minha mãe apanhou 30 anos do meu pai, mas ela perseverou até Deus mudar ele,”* que consiste no argumento do pastor, é possível observar perfeitamente o atravessamento de saberes machistas. Quando ele usa o exemplo da sua mãe que suportou 30 anos de violência, ele se identifica com o marido violento e, além disso, reforça que o papel da mulher é de vítima pela vontade de Deus e que ela deve aceitar sua condição, até que Deus decida interferir, operar um milagre.

Conforme seu relato, em três anos, Rosa fugiu quinze vezes, mas sempre acabava voltando. Ela, assim como muitas outras mulheres, voltou para o convívio com o agressor porque o atravessamento de saberes da FD machista, nesse caso, que emergem da Fld da Igreja Universal, tornaram-na mais vulnerável do que já estava. Por determinado tempo de sua vida ela acreditava que era sim seu dever estar ao lado do marido, que tinha que mudar seus próprios hábitos e seu jeito de se vestir, que precisava ser paciente e confiar em um deus porque estes eram o ensinamentos de sua religião.

Porém, o discurso sobre qual o dever da mulher nessas condições não veio apenas da Igreja, mas também da Família, outro importante AIE concernente à violência contra a mulher. A seguinte Sdr mostra como os saberes da FD machista estão presentes no discurso do pai:

Sdr 19: Ele [o pai de Rosa] não tem mais uma casa fixa, porque a casa que a minha avó deixou, que ficou para ele, ele vendeu. Botou todo o dinheiro fora em álcool e mulher e droga e tudo, ficou sem ter onde morar. **Então ele vivenciou muita violência dentro da minha casa da parte do meu marido comigo, mas ele não reagia, não tinha reação nenhuma [...]. A única coisa que eu ouvi dele uma vez assim é “O papel da mulher é ajudar o marido”**

O trecho “o papel da mulher é ajudar o marido”, vindo do pai que presenciou a violência sofrida pela filha, é mais um discurso machista que impõe a Rosa que ela deve ficar ao lado do marido agressor. Mais uma vez o machismo paterno contribui para que ela não achasse seu lugar na sociedade.

O discurso machista que naturaliza a violência contra a mulher e a submete a um lugar subalterno na sociedade emerge, no relato de Rosa, através dos homens que a cercam. É o marido que determina quem vai cuidar dos filhos, impedindo-a de voltar a estudar quando diz “*Eu não vou ficar com eles a noite inteira sozinho para ti estar no colégio*”; é o pastor que diz “*A minha mãe apanhou 30 anos do meu pai, mas ela perseverou até Deus mudar ele*” aconselhando-a a ter paciência e rezar, pois o dever da mulher é estar ao lado do marido; é o próprio pai que, mesmo vendo a filha sofrer, confirma que o lugar da mulher na sociedade é ao lado do marido, não importa se isso pode resultar na morte dela.

No entanto, parte de seu depoimento, conforme trecho da Sdr 17 “*É inacreditável,*

*mas é isso que a gente ouve hoje da igreja. Que a mulher não pode abandonar o marido mesmo apanhando. E aí eles dão exemplos, **um pior que o outro***”, demonstra que Rosa passa a ser uma má sujeita com relação os saberes machistas da Igreja Universal. Ou seja, Rosa contraidentifica-se com os preceitos religiosos. Os sintagmas adjetivos **inacreditável** e **pior** na expressão “*um pior do que o outro*” vêm caracterizar, respectivamente, a descrença de Rosa em relação aos saberes da Igreja e a desqualificação dos exemplos e posições assumidas pelo pastor. Para ilustrar melhor ainda a contraidentificação de Rosa com os saberes machistas da Fld Igreja Universal, observemos a Sdr a seguir:

Sdr 20: **Eu fui na igreja e perguntei para o pastor “Qual é a explicação que eu tenho que dar para os meus filhos do pai deles nunca deixar de me bater? Eu tenho que dizer que a culpa é do diabo? É essa a desculpa que eu tenho que dar? Eu tenho que aceitar que ele está com o diabo no corpo, que é por isso que ele age assim, que ele é um coitadinho? Que ele precisa de ajuda? Quer dizer que quem bate, quem é cruel, precisa de ajuda?”** O pastor não me disse nada.

Depois de várias tentativas de buscar ajuda na Igreja Universal, ela confronta o pastor. No trecho “*é essa a **desculpa** que eu tenho que dar?*”, quando ela chama de “*desculpa*” o argumento religioso de que é o diabo quem tem a culpa pelo marido ser violento e quando, em outro trecho, ela questiona que “*quem bate, quem é cruel, precisa de ajuda*”, é possível observar que ela está em um nível máximo de contraidentificação na realidade, não concorda com esses saberes, mas vai uma última vez ao encontro do pastor para questioná-lo, não recebendo nenhuma resposta.

Nessa Sdr, Rosa está mostrando a posição que ela assume em relação aos saberes machistas que circulam na Fld Igreja Universal. A contraidentificação aparece nesse momento, pois, é quando ela passa a questionar o discurso do pastor e a se mostrar insatisfeita com as respostas que ele dá. Por exemplo, com o enunciado “*Que ele precisa de ajuda? Quer dizer que quem bate, quem é cruel, precisa de ajuda?*”, emerge uma certa indignação em resposta ao discurso do pastor de que o papel da mulher é estar ao lado do marido para apoiá-lo, independente se isso causa sofrimento ou não.

Esta é uma prova da heterogeneidade da FDrMA: os saberes e práticas machistas

circulam com muita força nesta FDr, fragilizando Rosa, fazendo com que ela se convença de que tem um papel subalterno ao do marido e que precisa estar ao lado dele. Entretanto, se não houvesse a heterogeneidade, se não houvesse a possibilidade de outros saberes além dos machistas circularem nessa FDr, Rosa não seria capaz de confrontar o pastor, de se contraidentificar, como mostra a Sdr 20.

Pode-se dizer que houve uma falha no ritual da Igreja Universal que serviu como possibilidade inicial para a ruptura de Rosa com esses saberes. Ela desiste de buscar ajuda nessa instituição justamente porque compreendeu a existência dessa falha e passa a procurar psicólogas. Selecionei as Sdr a seguir para caracterizar como Rosa vai começando a questionar o abuso e a violência que sofria, buscando ajuda com profissionais.

Sdr 21: Eu fui tentando, fui criando para mim mesma várias desculpas para aquilo, até chegar num limite de apanhar muito, muito, ficar muito machucada, **ter medo de morrer e ver que aquilo ali não ia mudar, porque foram mil e uma tentativa de todas as formas**, foi buscando no lado religioso, foi buscando atendimento psicológico.

Sdr 22: **Porque o grande problema da maioria das mulheres é buscar uma solução que não existe.** É muito difícil, muito difícil, é assim ó, nem um por cento dos casos o homem muda, o agressor deixa de ser um agressor. Ele jamais vai deixar de ser um agressor. **Homem que bate em mulher gosta de bater. Não muda. A solução é deixar o relacionamento. A solução é buscar ajuda realmente.**

Sdr 23: E aí quando fui buscar atendimento psicológico que eu acho que comecei a ter uma visão diferente das coisas, porque as pessoas que estão de fora assim, enfermeiro, enfermeira, médica, psicóloga, é... coordenadora, as gurias que trabalham com esse tipo de situação, elas têm uma visão diferente para mostrar para a gente: **“Não, olha só, não é amor. É controle. É obsessão. É violência. Tu não poder te arrumar, não poder tomar um banho e sair, não poder pentear o cabelo, não poder botar uma roupa que tu goste, é violência”**.

Essas sequências são importantes porque elas ajudam a entender o que falhou no ritual dos AIEs Igreja e Família para que Rosa se imbuísse de coragem, fugisse da sua própria casa e buscasse apoio em outra instituição, almejando outras referências. Ainda que acreditasse, por influência da Igreja Universal e do pai, que seu lugar era ao

lado de seu marido mesmo sendo agredida, a dor era tanta, o medo de morrer era tamanho que ela seguiu buscando ajuda, por exemplo como demonstra o trecho da Sdr 21 “*ter medo de morrer e ver que aquilo ali não ia mudar, porque foram mil e uma tentativa de todas as formas...*”. O uso da hipérbole “*mil e uma tentativas*” indica que sim foram muitas tentativas, mas também aponta para um cansaço de tentar, por conta própria, mudar o marido e não obter resultados. Ela passa a rejeitar os conselhos dados pelo pastor entendendo que é “*buscar uma solução que não existe*”, como aponta este recorte da Sdr 22.

Ainda na Sdr 22, o trecho “*Homem que bate em mulher gosta de bater. Não muda. A solução é deixar o relacionamento*” ajuda a corroborar que Rosa conclui que ela não poderia transformar o marido, pois está além de seu alcance e que ficar no relacionamento, como preconiza o pastor, não é uma opção.

Ela, então, encontra um serviço gratuito de acompanhamento psicológico, em Porto Alegre, onde uma psicóloga apresenta um discurso completamente antagônico ao que ela estava acostumada a escutar. Não era mais o “*tenha paciência e aguente a violência, pois seu papel é estar ao lado do seu marido*”. Agora os substantivos usados para classificar as atitudes e os discursos do agressor são outros: “*Não é amor. É controle. É obsessão. É violência*”, como aponta este trecho da Sdr 23. “*Não, olha só, não é amor. É controle. É obsessão. É violência. Tu não poder te arrumar, não poder tomar um banho e sair, não poder pentear o cabelo, não poder botar uma roupa que tu goste, é violência*”.

Ainda na Sdr 23, o discurso da psicóloga que emerge no relato de Rosa através do trecho “*Tu não poder te arrumar, não poder tomar um banho e sair, não poder pentear o cabelo, não poder botar uma roupa que tu goste, é violência*”, elenca, a partir do uso repetido do advérbio de negação *não*, situações em que Rosa foi privada enquanto estava à mercê do agressor. Cada privação, isto é “*não poder te arrumar*”, “*não poder tomar banho*”, “*não poder pentear o cabelo*”, “*não poder colocar uma roupa que gosta*”, é classificada, pela psicóloga, como uma forma de violência.

Quando a psicóloga define todas essas privações como **violência**, seu discurso entra em conflito com o discurso do pastor, do pai e do marido. Coloca para Rosa uma nova perspectiva. Ela já desconfiava do discurso do pastor, mas a partir do encontro com

a psicóloga, ela passa a questionar a violência física e a psicológica que sofreu, fugindo de casa para nunca mais voltar. Esperou o marido sair e fugiu pela décima quinta e última vez. Foi até uma delegacia, com os filhos, e lá pediu ajuda. Eles a levaram até a *Casa Mirabal*. Temos aqui a condição de desidentificação da sujeita Rosa com as instituições religiosa e familiar.

Nos termos de Pêcheux (2014c), nesta etapa, também é possível classificar Rosa ora como uma sujeita que se identifica com o papel da mulher submissa quando não confronta o marido ao apanhar e também os argumentos do pastor, contraidentificada quando passa a questionar os saberes familiares e religiosos e, por fim desidentificada quando abandona definitivamente o marido.

Pêcheux coloca que o sujeito da segunda modalidade vai questionar os saberes da FD na qual está inscrito. Não é um questionamento a ponto de fazê-lo romper com esses saberes, mas não mais os aceita “cegamente”. Rosa voltou para casa 14 vezes, mesmo tendo apanhado, sido insultada, ameaçada. O que justifica essa “escolha” é justamente o fato de ela aceitar como uma verdade o que ouviu na Igreja e na Família, ou seja, os saberes e práticas machistas que circulavam nesses AIEs e que determinavam que seu papel enquanto mulher é aceitar as agressões para apoiar o marido e “salvar o casamento”.

Quando ela segue buscando ajuda, isso significa que algo não encaixava. Foi preciso um discurso antagônico chegar aos seus ouvidos - não é amor, é violência - para que ela saísse e não olhasse mais para trás. Ela discorda que o seu papel seja o de aguentar as agressões até que um dia um deus resolva curar o marido violento, ela discorda que seja “obra do diabo” e também que seu papel seja o de ajudar seu marido agressor. Então, depois de entrar em contato com o discurso da psicóloga, no qual emergem saberes da FD feminista, ela resolve que não quer mais passar por isso, foge e se instala na *Casa Mulheres Mirabal*.

3.1.1.3 Bloco 3 Narrativa sobre a experiência na Mirabal e sua influência sobre a entrevistada

Na sequência da narração de Rosa, chegamos ao bloco 3, em que ela fala sobre a experiência na *Casa Mirabal*. Ela ficou lá por 45 dias, quando conseguiu contato com a

tia, que ainda mora em Bagé. Entrou em contato com ela e, no dia seguinte à nossa conversa, embarcou para o sul do estado para recomeçar a vida. As sequências discursivas de referência a seguir foram selecionadas para mostrar como foi a experiência na casa de passagem e como ela influenciou na maneira como Rosa passa a entender as violências que sofreu:

Sdr 24: **Mas eu não tinha essa visão do que era violência, a gente não tinha muita informação naquele tempo, né?** Hoje eu consigo ver porque tem muito informativo, **a gente passa também por todo um tratamento psicológico [dentro da Mirabal] pra poder identificar o que é violência psicológica que a gente não sabe o que é.** Na maioria das vezes, a grande maioria das mulheres que sofre violência não sabe identificar que é violência. Porque ela vem maquiada pelo sentimento, a gente pensa que é cuidado demais “Ah, tu não pode botar essa roupa”, a gente acha que “Ah, tá com ciúme de mim é porque eu sou bonita”, então a gente tem também esse costume errado de maquiar, de dá outro nome para aquilo e na verdade aquilo já é violência.

Sdr 25: **No primeiro casamento eu não sofri a violência física. Mas hoje eu consigo ter uma visão de que já existia violência psicológica, né?** O fato de prender a mulher dentro de casa... Meu primeiro marido também não gostava que eu trabalhasse fora, queria que eu fosse só dona de casa, fez eu sair da escola [...].

O recorte da Sdr 24 “*a gente passa também por todo um tratamento psicológico [dentro da Mirabal] pra poder identificar o que é violência psicológica que a gente não sabe o que é*” mostra que Rosa participou do protocolo da *Casa Mirabal*, discutido no capítulo anterior. Ela chama de **tratamento** o que na realidade é uma **formação** para a emancipação da mulher. As mulheres são acolhidas, passam por psicólogas, pelas coordenadoras, pelas assembleias da Casa e pela formação em violência contra a mulher.

A palavra **tratamento** tem relação com saúde, com cura. É o procedimento que uma pessoa realiza para cuidar da saúde e se curar de alguma doença por meio da ingestão de remédios, por exemplo. É possível que Rosa faça essa correlação entre cuidar da saúde e estar na Casa porque foi lá que ela pode dar fim ao seu sofrimento e compreender, sobretudo, as condições de violência a que esteve submetida.

Com a formação em violência contra a mulher, Rosa pode entrar em contato com

os termos *violência física* e *violência psicológica*. Por exemplo, no recorte da Sdr 24 “*Mas eu não tinha essa visão do que era violência, a gente não tinha muita informação naquele tempo, né? Hoje eu consigo ver porque tem muito informativo*”, Rosa reconhece que antes de chegar à *Mirabal* ela não sabia que era vítima de violência. Quando ela diz que “*não tinha muita informação*” na realidade não é falta de informação em si, mas a existência de discursos que naturalizam a violência contra a mulher, que fazem com que a violência doméstica seja aceita como algo natural. Tais discursos circulam em praticamente todos os espaços da sociedade machista e ajudam a colocar em dúvida o sofrimento de mulheres que são agredidas e psicologicamente abusadas por seus companheiros.

Antes Rosa sofria as agressões físicas e psicológicas, mas a Igreja e a Família diziam que fazia parte do papel da mulher. Na *Mirabal*, ela passa a entender que sofreu violência até mesmo no primeiro relacionamento, o qual ela achava que tinha sido normal, como aponta o trecho “*No primeiro casamento eu não sofri a violência física. Mas hoje eu consigo ter uma visão de que já existia violência psicológica, né?*” da Sdr 25. É apenas depois que ela tem contato com uma organização não-governamental cuja FD dominante é a feminista, que esses discursos de emancipação da mulher, começando pela definição do que é violência física e violência psicológica, passam a fazer parte do seu próprio discurso. As Sdrs a seguir mostram que determinados saberes da FD feminista migram para o discurso de Rosa:

Sdr 26: Primeiro prioriza a tua formação, tua educação [...] **vai fazer curso, vai te formar, para ti não depender financeiramente de ninguém, para ti ter autonomia, autossuficiência, autodeterminação e depois tu vai aprender a se relacionar com alguém.**

Sdr 27: **Se eu vejo um casal brigando na rua, se eu tiver um celular eu chamo a polícia na hora, porque aonde eu vejo um homem agredir uma mulher, eu já vejo ali uma vítima igual a mim.**

Sdr 28: **Mas eu tenho uma felicidade que eu sobrevivi.** Eu posso contar isso para outras pessoas, que outra mulher... **Se eu conseguir, se eu conseguir que uma mulher escute isso e caia na realidade que eu cai, tem que sair desse relacionamento, tem que buscar ajuda. Se uma mulher se salvar já ganhei a minha vida, entendeu?**

Com essas sequências, podemos dizer que os saberes da FD feminista que emergem nos discursos das coordenadoras e psicólogas da *Casa Mirabal* influenciam Rosa de certa forma tanto que, diferentemente do que aconteceu em sua vida, ela tenta criar suas filhas com outros saberes. O recorte na Sdr 26 “*vai fazer curso, vai te formar, para ti não depender financeiramente de ninguém, para ti ter **autonomia, autossuficiência, autodeterminação***” é um exemplo de conselho que Rosa passa a dar para as suas filhas. Palavras e expressões como “*não depender financeiramente de ninguém*”, “*autonomia*”, “*autossuficiência*” e “*autodeterminação*”, que perpassam seu discurso enquanto tenta ensinar suas filhas, adquirem um sentido que vai em direção à emancipação das mulheres. Ela quer que suas filhas se empoderem e não sofram como ela sofreu. Mais ainda, ela quer que as filhas estudem, algo que ela mesma sempre quis para si, mas foi impedida, primeiro pela dificuldade financeira e depois como vítima da violência psicológica perpetrada pelo ex-marido.

Na Sdr 27, o recorte “*Se eu vejo um casal brigando na rua, se eu tiver um celular eu chamo a polícia na hora, porque aonde eu vejo um homem agredir uma mulher, eu já vejo ali uma vítima igual a mim*” entra em choque com o ditado machista “*em briga de marido e mulher, não se mete a colher*”. É interessante porque este ditado vem sendo reproduzido ao longo das gerações e funciona muito bem no sentido de naturalizar a violência e convencer as pessoas de que não é de bom tom ajudar mulheres agredidas por seus maridos. Em seu discurso, Rosa desconstrói o ditado e fala, com todas as palavras, que vai tentar ajudar qualquer mulher em situação de violência porque ela se coloca no lugar dela.

Na Sdr 28, “*Se eu conseguir, se eu conseguir que uma mulher escute isso e caia na realidade que eu caí, tem que sair desse relacionamento, tem que buscar ajuda. Se uma mulher se salvar já ganhei a minha vida, entendeu?*” ela demonstra que gostaria de usar sua história como exemplo para ajudar outras mulheres a saírem dos lares violentos. O que também se confirma no trecho “*Mas eu tenho uma felicidade que eu sobrevivi. Eu posso contar isso para outras pessoas*”.

Isso comprova que ela rejeita os saberes que naturalizam a violência doméstica e almeja atuar em busca de ajudar outras mulheres a também saírem de seus ciclos de violência, como ela conseguiu fazer. Ela está feliz que sobreviveu e pode ajudar outras

mulheres.

Quando Pêcheux (2014c) traz a terceira modalidade de subjetivação, a desidentificação, ele coloca a importância de que não é apenas se identificar com uma nova FD. Essa nova identificação se dá pela ruptura e significa necessariamente que há um desarranjo para reorganizar. É uma tomada de posição que caracteriza os discursos da prática política revolucionária.

Tendo em vista isso, talvez Rosa não possa ainda ser considerada uma sujeita desidentificada com a FD machista que se torna uma feminista, afinal de contas seriam necessários muitos outros saberes e práticas, além de romper com muitos outros saberes e práticas que existem dentro da própria FD machista.

No entanto, considerando a natureza heterogênea das formações discursivas, pode-se entender que Rosa, depois da temporada na *Casa Mulheres Mirabal*, apresenta bastante resistência aos saberes machistas que circulavam na FDr da Mulher Agredida, mais do que já demonstrava quando começou a se contraidentificar com o discurso do pastor.

Ela não apenas passa a rejeitar esses saberes e práticas que naturalizam a violência contra a mulher, como acolhe alguns saberes e práticas da FD Feminista, no que tange a violência doméstica, para si e os utiliza para tentar transformar as relações de produção/reprodução das relações sociais machistas, minimamente entre seus filhos, mas também almejando poder ajudar outras mulheres vítimas de violência doméstica. É inegável que saberes da FD Feminista que circulam na *Casa Mirabal* transformaram a sujeita Rosa de alguma forma, levando-a em direção a uma possível ruptura e desidentificação.

3.1. 2 Segunda entrevistada Angela Davis: “Eu tô aqui pra te ajudar, amor, eu passei pela mesma coisa que tu. Vamo lá, mulher!”

3.1.2.1 Bloco 1 Condições de Produção: Histórico da Entrevistada

Angela Davis⁴⁵ tem 30 anos e é natural de Porto Alegre. A sua mãe biológica a

⁴⁵ Angela Davis é, atualmente, uma professora e filósofa socialista. Ela alcançou notoriedade mundial

deixou junto com o irmão gêmeo com uma mulher, a qual Angela não conhece. Quando ela estava com 18 dias de nascimento, o pai adotivo a levou para sua casa. O irmão foi adotado por outra família e, segundo relata a entrevistada, ele não tem conhecimento de que tem uma irmã. Mas ela sabe quem ele é e até mesmo recebe informações sobre o irmão.

O pai adotivo de Angela é homossexual, umbandista, trabalha com serviços gerais como autônomo. Viviam apenas os dois em uma casa no bairro Teresópolis, na Zona Sul da capital gaúcha. Angela relata que houve alguns momentos de dificuldade financeira em que o pai e ela eram ajudados por vizinhas. Estas levavam comida para eles e até cuidavam de Angela quando era preciso.

As sequências discursivas de referência a seguir foram selecionadas para mostrar o papel que as vizinhas tiveram na criação de Angela em relação ao papel que o próprio pai teve:

Sdr 29: Então quando eu tinha algum problema que eu queria falar com mulher, eu falava com elas. Aí elas “Ai, Angela, vamo lá em casa” “Ai, a Angela vai lá em casa”. Muitas pegavam eu pra dar banho, pra arrumar direitinho... Porque meu pai é bem... sendo homossexual, ele é homem né? **Então assim, quando eu virei mais mocinha meu pai não encostava mais em mim. Aí elas começaram a dizer “não... que tem fazer assim... assim... assim...” então elas mesmo me ajudavam.**

Sdr 30: Quando eu menstruei, que foi que eu tomei um susto, que fiquei com as pernas abertas e eu comecei a chamar ele e ele tava dormindo - “pai, olha aqui!”. Aí ele botou um balde, foi na minha vizinha, pegou um absorvente e me deu. **Aí ele pegou e me levou no posto “eu quero dar anticoncepcional para minha filha”.** Aí eu comecei a tomar anticoncepcional, tudo [...]. Mas quando eu não queria falar coisas com ele assim, eu tinha amigas dele, as amigas, vizinhas, mulheres que vinham falar comigo.

Sdr 31: **E meu pai também quando viu que eu tava com um calorzinho ele começou a fazer eu tomar comprimido.**

As sequências acima demonstram como foi a criação de Angela, revelando que as vizinhas tiveram uma participação muito importante. Além de ajudarem Angela e o pai

na década de 1970 como integrante do Partido Comunista dos Estados Unidos, dos Panteras Negras, por sua militância pelos direitos das mulheres e contra a discriminação social e racial nos Estados Unidos.

quando a dificuldade financeira surgia, fornecendo comida quando eles passavam fome, as vizinhas estavam presentes na vida dela, ocupando um lugar relevante em sua criação, em sua formação como mulher.

O trecho *“Então assim, quando eu virei **mais mocinha** meu pai não encostava mais em mim. Aí elas começaram a dizer “não... que tem fazer **assim... assim... assim...**”* da Sdr 29 corrobora o lugar que a mulher tem de cuidadora das gerações imaturas, mesmo não sendo a mãe. Angela pondera que mesmo o pai sendo homossexual, isto é, não se encaixando no padrão heteronormativo que institui o papel e o lugar de um homem na sociedade, ele ainda era um e, por isso, as vizinhas assumiram certas “tarefas” como por exemplo o de dar banho nela, de arrumá-la.

O termo *“mais mocinha”* indica uma transição da infância para a adolescência, quando o corpo da mulher se desenvolve, os seios crescem, pelos aparecem e também outras questões como a menstruação, os desejos sexuais. No relato de Angela, a expressão marca também a transição de cuidado do pai. Angela diz *“ele não encostou mais em mim”*. Coube às vizinhas a tarefa de ensiná-la a ser mulher. Isto é, depois de se tornar adolescente, o pai se afasta de certa forma e as vizinhas entram em cena.

O entrar em cena das vizinhas está expresso também no discurso citado que surge na narrativa de Angela. As vizinhas diziam *“tem que fazer **assim... assim... assim...**”*. Ainda que não esteja explícito o que exatamente as vizinhas diziam, o uso repetido do advérbio de modo **assim** indica que elas interferiam de forma a ensinar Angela a fazer coisas relacionadas ao ser mulher logo após sua transição para a adolescência.

Entretanto, isso não significa um abandono por parte do pai. Por exemplo, no trecho da Sdr 30 *“Aí ele pegou e me levou no posto “eu quero dar anticoncepcional para minha filha”. Aí eu comecei a tomar anticoncepcional”*, pode-se observar a preocupação que o pai demonstra com a gravidez na adolescência. Depois de lidar com a primeira menstruação da filha, de maneira até meio atabalhoada, de buscar um absorvente na casa da vizinha (novamente as vizinhas e sua participação concomitante à do pai na vida de Angela), ele a leva a um posto de saúde e determina que a filha tomará anticoncepcional, como demonstra o discurso citado que emerge na narrativa: *“eu quero dar anticoncepcional para minha filha”*.

Se, por um lado, esta atitude, da forma como Angela narra, demonstra a

preocupação do pai com a possibilidade de a filha engravidar, ela também mostra a ausência de alternativas para que Angela decidisse por si mesma como se protegeria e também a ausência de diálogo sobre sexo. O recorte “*E meu pai também quando viu que eu tava com um calorzinho ele começou a fazer eu tomar comprimido*” da Sdr 31 também confirma isso. O pai percebe, de alguma forma, que a filha já começava a demonstrar desejos sexuais, que no discurso de Angela fica expresso como “*um calorzinho*”, e se adianta, fazendo com que a filha tomasse o anticoncepcional.

Não há diálogo sobre sexo, no sentido de prevenção. Há apenas a determinação de que o uso da pílula anticoncepcional bastava. Mas se voltarmos à Sdr 29, veremos que o trecho, “*Então quando eu tinha algum problema que eu queria falar com mulher, eu falava com ela [vizinha]*” e à Sdr 30, com o trecho “**Mas** quando eu não queria falar coisas com ele **assim**, eu tinha amigas dele, as amigas, vizinhas, mulheres que vinham falar comigo” demonstram que as vizinhas assumiram inclusive o papel de conversar sobre “*coisas de mulher*”. Isto é, quando Angela tinha algum problema que ela julgava que o pai, por ser homem, não conseguiria ajudá-la, ela procurava as vizinhas. Novamente o advérbio **assim** surge no discurso de Angela, mas dessa vez ele modaliza “*falar coisas*” e contribui para que compreendamos que o que quer que seja que Angela não tinha abertura para falar com pai está relacionado a um suposto universo feminino, uma vez que são mulheres que ela busca para conversar.

No recorte da Sdr 30 “**Mas** quando eu não queria falar coisas com ele **assim**, eu tinha amigas dele, as amigas, vizinhas, mulheres que vinham falar comigo”, é possível ainda observar que o operador argumentativo **mas** tem valor semântico de objeção e é usado justamente para colocar que apesar de o pai ter interferido e determinado que ela faria uso de anticoncepcional logo depois da primeira menstruação e de perceber que a filha começava a ter desejos sexuais, ela não se sentia à vontade para falar sobre questões de sexualidade e por isso recorria às vizinhas.

Podemos observar, então, que Angela acabou sendo criada ao mesmo tempo pelo pai adotivo e pelas vizinhas. Nesta dupla criação, os papéis de gênero ficam muito demarcados. Ela aponta para o fato de que mesmo o pai sendo homossexual ele era homem, ou seja, seguia um padrão pré-estabelecido pela sociedade machista: se afastou do cuidado com a higiene da filha quando percebeu que ela havia entrado na puberdade;

não sabia lidar com a primeira menstruação; deliberadamente mandou a filha tomar anticoncepcional sem ter diálogo sobre sexo.

É como se todas essas “tarefas” fossem exclusivamente femininas e, na ausência da mãe biológica, quem acaba assumindo são as vizinhas com quem Angela aprendeu a se cuidar, tinha abertura para falar sobre sexo e, provavelmente, com elas termina construindo seu imaginário do que é ser mulher, na sociedade patriarcal, capitalista brasileira que foi constituída por uma prática política escravagista, coronelista.

Para finalizar esta etapa sobre o histórico da entrevistada, importa relatar que Angela estudou apenas até o 6º ano do ensino fundamental e que, segundo seu relato, parou de estudar porque começou a se interessar por festas e namoros. Ela narra que teve muitos namorados antes de conhecer o marido agressor, com quem ficou por 10 anos. Vamos à próxima subseção para tratar sobre as violências sofridas por Angela.

3.1.2.2 Bloco 2 Narrativa sobre as violências

No Bloco 2, Angela narra sobre o período em que esteve se relacionando com o agressor. As sequências discursivas a seguir foram selecionadas para mostrar a violência física sofrida pela entrevistada:

Sdr 32: Era começo, acho que não fazia nem um mês e eu falei que queria ir embora, e ele **“não, que não sei o que”**. Eu sei que teve uma discussão, aí ele pegou e me deu um soco no olho. Ai inchou e ele me mandou embora, aí eu fui pro meu pai. Aí eu cheguei no meu pai, meu pai queria saber o que foi que houve e eu disse “não, eu me machuquei, **não sei o que, não sei o que...**”

Sdr 33: Eu comecei a ter marca, **aqui na testa foi uma coronhaça** que eu tomei dele. Ele me deu em mim quando eu tava grávida, ele me deu **rapa e eu caí de barriga**, do Max, do meu mais velho. Ele já **me deu de pau, de pedaço de pau**. Ele uma vez, eu desci do ônibus e ele me **deu um rapa**, ele desceu primeiro, eu desci e em seguida ele desceu e botou o pé e eu caí no chão (barulho com as mãos). **Então, tipo assim, eu sofri várias agressões dele, sofri várias... Muitas, muitas.**

Angela narra que começou a sofrer agressões físicas já no primeiro mês de relacionamento. Na Sdr 32, ela usa a expressão *“não que não sei o que”* como se

estivesse reproduzindo a fala do ex-marido em discurso direto, mas não revela em si o que ele disse. Como se trata de uma expressão que vem logo depois de informar que queria ir embora, resta-nos inferir que ele foi contrário à sua partida. O mesmo ocorre quando ela relata a resposta que deu para justificar o retorno à casa do pai. No trecho “*e eu disse, “não, eu me machuquei, não sei o que, não sei o que”*”, é possível interpretar que a expressão “*não sei o que, não sei o que*” é a mentira que ela conta para o próprio pai, uma vez que ela começa dizendo que se machucou e não que foi machucada pelo marido.

O trecho “*Eu sei que teve uma discussão, aí ele pegou e me deu um soco no olho. Ai inchou e ele me mandou embora, aí eu fui pro meu pai*” da Sdr 32 revela a sequência de ações que se deram após Angela demonstrar que queria se separar: ela quer sair, eles discutem, ele bate nela e aí sim a manda embora.

Com essa sequência, vemos o funcionamento da ideologia machista reproduzindo a ideia de que a mulher não tem liberdade nem sequer para decidir sair de casa quando ela bem entender. É o homem que decide. Angela queria sair, porém, ao que tudo indica, a partir da expressão “*não, que não sei o que*”, o marido verbaliza que ela não pode, depois a agride fisicamente e aí sim ela sai. Não por livre e espontânea vontade, mas por ter sido agredida e porque ele manda.

Já a Sdr 33 é uma lista de agressões horríveis sofridas por Angela. Ela aponta para a testa, mostrando uma cicatriz e revela: “*foi uma coronhaça que eu tomei dele*”. Até mesmo grávida, ela não foi poupada: “*ele me deu rapa e eu caí de barriga*”. Da forma como ela narra, por exemplo este trecho “*Ele uma vez, eu desci do ônibus e ele me deu um rapa, ele desceu primeiro, eu desci e em seguida ele desceu e botou o pé e eu caí no chão*” aponta para o fato de que nem mesmo estar em local público constituía um impeditivo para a agressão. É como se, além de machucar fisicamente, houvesse também o intuito de expô-la, constrangê-la perante outras pessoas.

Angela finaliza a sequência discursiva 33 reiterando que foram várias as vezes que ela foi agredida pelo marido. A repetição do quantificador *muitas*, no trecho da Sdr 33 “*Então, tipo assim, eu sofri várias agressões dele, sofri várias... Muitas, muitas*”, ao final, corrobora para o entendimento de que além das formas de agressão que ela citou em seu relato, outras aconteceram.

Conforme vimos anteriormente, a Lei Maria da Penha, a violência física quase sempre vem acompanhada de, pelo menos, uma das outras quatro listadas: psicológica, moral, sexual e patrimonial. No caso de Angela, não foi diferente. Observemos as sequências a seguir, que mostram que ela também sofreu violência psicológica.

Sdr 34: Que **eu era culpada**. Que tudo que... se eu apanhava, a **culpada era eu**. E ele botava aquilo na minha cabeça e de tanto ele botar era aquilo que eu achava. “Ah, mas se eu não tivesse feito de repente ele não ia bater em mim.” [...] Nesses 10 anos **foi só agressão, foi só agressão**. Só não tinha agressão quando ele tava preso.

Sdr 35: Muitas vezes eu não me separava por medo. Porque muitos dizem assim “**A mulher não se separa do homem que bate porque ela gosta.**” **Não, nenhuma mulher gosta de apanhar**. Eu tomei uma paulada que meu crânio aparecia. Então eu gostava daquilo? Claro que não! Eu tive que curar em casa pra não ir no hospital, pra não dizer **o que é que era porque eu tinha medo. Porque ele me ameaçava e ameaçava o meu pai**.

Sdr 36: E como eu tinha sofrido também violência verbalmente, porque as vezes a violência não é só te dar um soco. [...] Porque ele dizia pra mim quando eu tava com ele! “Ah, **tu é gorda, não vão te querer**. Ah, **tu tem três filhos, qual é o homem que vai querer uma mulher com três filhos? Ah porque tu é isso... Ah porque teu pai é viado, tu acha que vão te querer?**” Então assim, eu me ofendia com aquilo. Às vezes o verbal dói mais do que um tapa.

O trecho da Sdr 34 em que Angela repete “**Que eu era culpada. Que tudo que... se eu apanhava, a culpada era eu. E ele botava aquilo na minha cabeça e de tanto ele botar era aquilo que eu achava**” permite ilustrar como a violência psicológica acompanha a violência física. Em “*que eu era culpada [...] se eu apanhava, a culpada era eu*”, observa-se que Angela faz uma retomada a partir de uma anáfora para enfatizar que não importava a circunstância da violência, ela sempre seria considerada culpada e merecedora da agressão.

Com o trecho, também da Sdr 34, “*E ele botava aquilo na minha cabeça e de tanto ele botar era aquilo que eu achava*”, observamos que o marido além de agredi-la ainda conseguia convencê-la de que ela era a culpada, fazendo com que ela pensasse que se tivesse agido diferente, não teria apanhado. Esse é um tipo de violência psicológica que gera insegurança, ou mesmo autoanulação: a mulher passa a se anular

para não correr o risco de “irritar” o marido porque acredita que sua conduta é que faz com que ele fique violento.

O enunciado “*Ah, mas se eu não tivesse feito de repente ele não ia bater em mim*” da Sdr 34 mostra como ela estava submetida a ambas formas de violência e, de fato, convencida de que ela poderia modificar o seu próprio comportamento para evitar que o marido a agredisse. Com isso, podemos observar que saberes e práticas da FD machista migram para a Formação Discursiva de Referência da Mulher Agredida. Angela é uma sujeita que se identifica com a forma-sujeito desta FDR uma vez que ela acredita que o marido tem razão, que ela fez alguma coisa de errado e por isso apanhou. Ela se resigna ao seu lugar subalterno, seu lugar de culpada, e discursiviza isso com a construção hipotética “*se não tivesse feito*”. Isto é, ao usar esta hipótese, Angela confirma que acreditava na possibilidade de não sofrer agressão caso não tivesse “feito algo de errado”, segundo o imaginário construído a partir do discurso do agressor.

É possível evocar discursos paralelos que circulam pela FD machista e que ajudam a corroborar tanto a culpa carregada pela mulher, quanto o mito da inferioridade dela na sociedade patriarcal, por exemplo: “*se apanhou é porque mereceu*”; “*será que ele bateu mesmo?*”. Na medida em que estes (e outros como o do ex-marido de Angela) seguem sendo reproduzidos, vão confirmando a hegemonia de uma das ideologias das classes dominantes (a machista), fortalecendo suas relações de poder. Conforme vimos com Saffioti (2004; 2013) no Capítulo 2, a violência, não apenas física, mas todos os outros tipos também, têm papel fundamental na manutenção da mulher em um lugar inferior ao do homem na sociedade de modo que o capitalismo ganha com isso.

Na Sdr 35, o recorte “*Eu tomei uma paulada que meu crânio aparecia. Então eu gostava daquilo? Claro que não! Eu tive que curar em casa pra não ir no hospital, pra não dizer o que é que era porque eu tinha medo. Porque ele me ameaçava e ameaçava o meu pai*” apresenta mais um exemplo do efeito da combinação entre violência psicológica e física. O marido fazia ameaças não somente a ela, mas também ao pai dela e o medo era tão grande que fazia com que Angela suportasse a agressão, a dor, não buscasse ajuda, nem mesmo para tratar dos ferimentos.

A pergunta “*Então eu gostava daquilo?*” é um questionamento que de certa forma dialoga com o trecho que inicia a Sdr 35: “*A mulher não se separa do homem que bate*

porque ela gosta.” Não, nenhuma mulher gosta de apanhar”. Ao narrar sobre uma das vezes em que foi agredida fisicamente, ela traz um questionamento muito importante: o fato de que no imaginário do senso comum, uma mulher volta para o agressor porque “gosta de apanhar”.

Este é um imaginário constituído também pela FD machista, que isenta o agressor e culpabiliza a vítima. Os saberes e práticas da FD machista naturalizam a impressão de que é muito fácil sair de um relacionamento abusivo porque eles mascaram que a violência é apenas a física e que se a mulher não rompe com o companheiro agressor é porque ela não quer.

No entanto, como bem pontua Angela no trecho selecionado no parágrafo anterior, o medo das ameaças, resultado da agressão psicológica que ela sofria, é um dos fatores que contribuem para que ela não só não busque ajuda como permaneça na companhia de um marido violento por 10 anos. A força da coerção psicológica resulta em uma contradição: ao mesmo tempo em que Angela diz não aceitar a situação, expressa no enunciado *“nenhuma mulher gosta de apanhar”*, ela não age, não denuncia, se rende às ameaças.

Outro exemplo de violência psicológica pode ser visto na Sdr 36, por meio da reprodução de enunciados através dos quais ela é qualificada *“Ah, tu é gorda, não vão te querer. Ah, tu tem três filhos, qual é o homem que vai querer uma mulher com três filhos? Ah porque tu é isso... Ah porque teu pai é viado, tu acha que vão te querer?” “Então assim, eu me ofendia com aquilo. Às vezes o verbal dói mais do que um tapa”*. Cada uma destas afirmações é seguida de um ato de fala com efeito depreciativo, a fim de construir um imaginário de rejeição, conforme ilustrado a seguir:

Ah, tu é gorda / não vão te querer

Ah, tu tem três filhos? Qual o homem que vai te querer?

Ah, teu pai é viado / Tu acha que vão te querer?

Angela reproduz o discurso ácido através do qual o marido a convenceu, dia após dia, de que ela não é bonita o suficiente, de que ser *“gorda”*, *“mãe de três filhos”* ou ter um *“pai viado”* são características ruins e que ninguém, além dele, estaria *“disposto”* a se

relacionar com ela. Angela se ofendia e conta que, para ela, algumas vezes as palavras machucavam bem mais do que uma agressão física, o que fica expresso no enunciado “Às vezes o verbal dói mais do que um tapa”.

Pierre Bourdieu, sociólogo francês, entende a agressão verbal como uma forma de violência simbólica. Em seu livro *A dominação masculina*, Bourdieu (2002) reflete sobre a violência simbólica que afeta as mulheres na sociedade patriarcal. O autor procura demonstrar que este tipo de violência é tão ofensivo e perigoso quanto a violência física, pois não necessita de motivação ou coação uma vez que já se encontra inserida, naturalizada, nas estruturas da sociedade.

Segundo Bourdieu (2002), na sociedade patriarcal espera-se que o homem tenha um capital, isto é, poder maior do que o da mulher. Isso se dá pela naturalização da dominação masculina na sociedade. Por exemplo, ao julgar a mulher incapaz de ocupar determinados cargos, oferecer salários mais baixos para mulheres ocupando os mesmos postos que homens e considerar que elas devem ganhar menos porque engravidam, há uma espécie de prejuízo para as mulheres que se reflete nos outros campos, como o econômico e o social. Esse prejuízo é simbólico mas afeta as mulheres de maneira contundente, pois acaba contribuindo para as vítimas de violência simbólica, no caso as mulheres, se tornarem praticamente acorrentadas por seus algozes, na medida em as práticas se naturalizam na sociedade, como se fossem banais.

O conceito de violência simbólica que Bourdieu (2002) traz em *A dominação masculina* ajuda a compreender o que acontece com Angela e muitas outras mulheres vítimas de violência doméstica. No entanto, nesta obra, ele não traz para a sua reflexão o papel das ideologias dominantes na manutenção da violência simbólica como instrumento de inferiorização das mulheres na sociedade patriarcal.

Pensando sobre a violência simbólica de Bourdieu (2002) e sobre o funcionamento das ideologias dentro dos Aparelhos Ideológicos de Estado a partir da relação entre Formações Ideológicas e Discursivas, como preconiza Pêcheux (2014a; 2014b; 2014c), entendo que a agressão verbal é tão violenta quanto a física porque não se trata apenas de palavras, mas de discursos que se naturalizam ao produzir determinados efeitos de sentidos que se reiteram e se conformam como uma das materialidades da ideologia. Ou seja, quando o ex-marido de Angela a agride verbalmente, ele está discursivamente

materializando a ideologia machista, que impõe às mulheres um lugar subalterno na sociedade. Ele está reproduzindo saberes e práticas que servem como um ritual para a perpetuação do machismo como ideologia das classes dominantes, que lucram com o mito da inferioridade da mulher, como Saffioti (2013) coloca em *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*.

Agora, observemos as sequências discursivas de referência a seguir, nas quais Angela apresenta o imaginário que ela tem do ex-marido.

Sdr 37: Ele roubava, roubava no Marinha. Aí ele caiu preso e eu visitava ele, muitas vezes eu visitava ele. [...] **[eu] trabalhava e ele pegava todo o meu dinheiro como ele usava droga, usava cocaína.** [...] Ele usa droga desde os 9 anos, ele usava com a mãe. Eu entrei numa família totalmente complicada. **Todo mundo tinha medo dele, os irmãos dele tinham medo dele, a mãe dele tinha medo dele, todo mundo tinha medo dele.**

Sdr 38: **Mas ele já vem de um ciclo de violência, porque o pai dele batia na mãe dele, o avô dele batia na avó dele. Então ele vem de um ciclo de violência, ele vem de um ciclo que ele era o homem da casa, que ele mandava e que a mulher tinha que limpar o chão, entendeu?** Então ele já vem de uma vida assim. A mãe dele mesma falou... ele já bateu na mãe dele, entendeu? E isso começou a me dar medo quando eu vi.

Sdr 39: **Ele comprava as coisas pra casa, ele nunca me deixou faltar nada, mas ele não me deixava ter paz.** Então eu prefiro comer o arroz e feijão e ficar tranquila. **Ele me dava tudo, mas eu não tinha sossego.**

Angela descreve o ex-marido como alguém que tem problemas de drogadição, que é bastante violento e cuja fonte de renda era o roubo no Parque Marinha, em Porto Alegre. Na Sdr 37, o recorte “[eu] trabalhava e ele pegava todo o meu dinheiro como ele usava droga, usava cocaína” revela mais um tipo de violência sofrida por Angela: a patrimonial.

Conforme relata a entrevistada, o marido confiscava o dinheiro recebido pelo trabalho de Angela e gastava consumindo drogas. Esse recorte juntamente com “Todo mundo tinha medo dele”, também da Sdr 37, descrevem o perfil de caráter do marido que Angela não percebia naquele momento. A partir dos enunciados acima, isto é, do fato de que ele roubava e se mostrava violento com “todo mundo”, pode-se dizer que a violência já seria esperada desde o início do relacionamento.

Se analisarmos todo o trecho “*Todo mundo tinha medo dele, os irmãos dele tinham medo dele, a mãe dele tinha medo dele, todo mundo tinha medo dele*”, da Sdr 37, é possível depreender que ele não era violento apenas com a esposa, uma vez que outras pessoas da família tinham medo dele. No relato, Angela comenta que até a mãe sofreu agressões dele. A repetição da construção “*X tinha medo dele*”, estabelece no discurso de Angela uma forma de reforçar, realçar, como o marido era violento, não apenas com ela, mas com outras pessoas da família. Não era apenas ela que tinha medo, “*a mãe, o irmão, todo mundo tinha dele*”. É como se o fato de outras pessoas sentirem medo do ex-marido servisse como uma prova do que ela sofreu, prova de que ela não estava exagerando, mentindo.

Já na Sdr 38, tem-se o trecho “*Mas ele já vem de um ciclo de violência, porque o pai dele batia na mãe dele, o avô dele batia na avó dele. Então ele vem de um ciclo de violência, ele vem de um ciclo que ele era o homem da casa, que ele mandava e que a mulher tinha que limpar o chão, entendeu?*” que demonstra que Angela apresenta uma justificativa para a violência do ex-marido.

Pode-se entender que o operador argumentativo **mas** tem valor semântico de atenuação, e está sendo usado de modo que o enunciado “*mas ele já vem de um ciclo de violência, porque o pai dele batia na mãe dele, o avô dele batia na avó dele*”, da Sdr 38, suaviza o argumento dos enunciados anteriores, que descreviam o ex-marido como sendo violento, ou um ladrão. Isto é, o uso do **mas** nesse enunciado do recorte em questão orienta para a conclusão de que há uma origem para o comportamento do agressor: um ciclo de violência na família, em que o avô batia na avó e o pai batia na mãe; e do qual ele é/foi também uma vítima.

Ainda considerando o trecho selecionado da Sdr 38, Angela usa o termo **então**, outro operador argumentativo, para introduzir um novo enunciado que acaba por repetir o anterior: “*ele vem de um ciclo de violência*”. Desta vez, o operador argumentativo **então** orienta para uma conclusão relacionada ao argumento apresentado anteriormente: de que o ciclo de violência de onde o ex-marido vem também faz com que os homens estejam acima das mulheres na sociedade, o que fica expresso na construção “*X vem de um ciclo de violência*”, em que **violência** pode ser entendida sob vários aspectos: física, psicológica, “hereditária”, uma vez que passa de pai para filho, como se pode observar

em “*ele mandava e a mulher tinha que limpar o chão*”.

A justificativa de Angela é, de certa forma, correta. Se pensarmos que a família é um dos AIEs mais importantes, conforme Althusser (1999), para a reprodução das ideologias dominantes, a reprodução dos rituais machistas que perpassam as famílias brasileiras colabora e muito para a manutenção da mulher em um lugar subalterno, se comparado ao do homem, na sociedade patriarcal, capitalista, machista.

Pode-se citar como exemplo de rituais o fato de que em muitos lares as tarefas domésticas ainda recaem sobre os ombros das mulheres da família, mesmo quando crianças. As mulheres aprendem desde muito cedo a cuidar de uma casa, de um bebê, os brinquedos são voltados para isso (panelinhas, vassourinhas, bonecas que choram).

Com Engels (1980), vimos que na medida em que a família como a conhecemos foi sendo constituída, a mulher foi perdendo seu papel na sociedade e sendo encerrada dentro de casa, responsabilizada pelos afazeres domésticos e estes perderam o prestígio que um dia tiveram. Não é à toa que surge no discurso de Angela o trecho “*ele era o homem da casa, que ele mandava e que a mulher tinha que limpar o chão*” da Sdr 38, que coloca “*mandar*” versus “*limpar o chão*” como atividades referentes aos diferentes papéis de gênero que se consagram na sociedade machista e que são assumidos na família do ex-marido: o homem manda, a mulher limpa o chão.

A violência recorrente, que “passa de pai para filho”, pode ser considerada outro ritual da ideologia machista dentro do AIE Família, não apenas para reafirmar entre os homens que eles têm “direito” de agredir suas companheiras, como também para fazer com que mulheres acreditem que é certo apanhar, pois viram suas mães e avós sofrerem também. Sendo assim, a família tem participação relevante e até mesmo determinante nas situações em que a mulher desiste de levar adiante a queixa contra o marido agressor.

Agora, gostaria de chamar a atenção para a Sdr 39 “*Ele comprava as coisas pra casa, ele nunca me deixou faltar nada, mas ele não me deixava ter paz. Então eu prefiro comer o arroz e feijão e ficar tranquila. Ele me dava tudo, mas eu não tinha sossego*”. Na Sdr 37, Angela narra que trabalhava mas o ex-marido ficava com todo o dinheiro, o que é caracterizado como violência patrimonial. Já na Sdr 39, ela afirma que o ex-marido dava tudo para ela, porém ela não tinha sossego.

É possível concluir que apesar de ficar com todo o dinheiro da casa e consumir drogas, o ex-marido não deixava Angela e os filhos passarem por necessidades. Isto é, ele se portava como se fosse o provedor da família, embora se apossasse dos ganhos da mulher e não fosse o único a trabalhar. Porém, Angela identifica que não era suficiente. Ao usar o operador argumentativo **mas** no enunciado “*mas eu não tinha sossego*”, ela demonstra que aprecia o fato de o ex-marido se portar como provedor, sem dar-se conta do fato de que ela era também provedora e que parte do sustento da casa tinha origem em seu trabalho. Para ela, não era apenas uma questão de não passar fome, não era suficiente, mas de não estar segura no próprio lar, de ter medo de morrer ou de que seus filhos morressem.

Então, Angela começou, de certo modo, a questionar a violência que sofria. Se antes ela se conformava os papéis de gênero impostos pela FD machista e o seu lugar subalternizado de objeto de violência, duvidando de si mesma e acatando a culpa, com o tempo ela passou a perceber que “*não ter sossego*” tem importância. Ela começou a fugir de casa, várias vezes, mas acabava voltando para o convívio com o agressor. As Sdrs a seguir foram selecionadas com o intuito de mostrar as justificativas que Angela dá para voltar a se relacionar com o agressor.

Sdr 40: Eu voltei com ele porque eu tava morando com meu pai, meu pai tinha um companheiro e não tava dando certo eu conviver com eles. O meu pai sim, mas com o companheiro dele. Então tava uma coisa... Ai meu pai me deu o terreno, mas faltava fazer a casa. **Aí quando ele saiu, ele fez a casa pra mim, o pai dos meus filhos, aí eu voltei com ele, mas voltei ainda naquele inferno.**

Sdr 41: Porque quando ele caiu preso eu abandonei ele na cadeia, deixei dois anos na cadeia. Foi quando minha filha nasceu, a Eva. E tive relacionamento com outro homem e eu engravidei desse outro homem (risos). Quando ele saiu eu estava grávida do outro. [...] **E eu voltei com ele porque o pai do meu último filho não tomava uma decisão se queria ficar comigo ou não queria. Eu queria uma pessoa ali do meu lado pra gente andar juntos e ele não sabia o que ele queria. Então pensei eu vou voltar com esse que esse aí vai terminar a minha casa.**

As fugas e os retornos são recorrentes ao longo do relato de Angela. As Sdrs acima foram retiradas do momento da narrativa no qual Angela fala da ocasião em que o

ex-marido estava preso e ela foi morar com o pai e, além disso, teve um relacionamento com outro homem. Nelas, Angela apresenta duas razões para retornar com o agressor, as quais considero importantes para a análise feita aqui.

Peguemos, por exemplo, o recorte da Sdr 40 “*Aí quando ele saiu (da cadeia), ele fez a casa pra mim, o pai dos meus filhos, aí eu voltei com ele, mas voltei ainda naquele inferno*”. Nessa ocasião, o ex-marido saiu da cadeia e construiu uma casa no terreno que foi dado pelo pai de Angela. Desta vez, o termo que ela usa para definir o ex-marido é a perífrase “*pai dos meus filhos*”, o que modifica completamente o imaginário de companheiro que ela vinha apresentando até este momento da narrativa. Ele deixa de ser identificado como o homem violento, que rouba, que tem problemas de drogadição, do qual todos tinham medo e passa a ter uma imagem de pai que construiu uma casa para a sua família.

Quando Angela utiliza “*pai dos meus filhos*” para descrevê-lo, isto o eleva à condição de parceiro ideal, ainda que seja um agressor que acabou de sair da cadeia após ser condenado por roubo. O que possibilita deduzir que, ainda que ele fosse violento, perigoso, se construísse uma casa para ela e os filhos, todo seu passado seria ignorado. E aqui entra em cena a contradição: ela passa boa parte da narrativa descrevendo um sujeito insuportável, mas quando ele constrói a casa, deixa de ser violento e passa a ser o “pai dos filhos”.

É possível observar que, nesse caso, saberes e práticas da FD machista migram para a FDrMA na qual Angela está inscrita por meio de construções ideológicas ligadas, novamente, à Família. Angela já havia expressado sua vontade de sair do relacionamento, desde os primeiros meses. Porém, quando ela finalmente tem a chance de ser acolhida pelo próprio pai e seguir em frente, surge o argumento de que “*o pai dos filhos*” construiu uma casa para ela e por isso ela deveria voltar a se relacionar com ele.

Esse recorte da Sdr 40 analisado aqui mostra uma sequência de ações a partir do uso do advérbio *aí*, que expressa continuidade, ligação entre um evento e outro: o agressor saiu da cadeia, construiu a casa, Angela voltou com ele. Com o enunciado “*aí eu voltei com ele, mas voltei ainda naquele inferno*”, também retirado da Sdr 40, Angela revela que nada mudou na relação com o marido, mas que as concessões feitas estavam alicerçadas em interesses materiais. A partir do operador argumentativo *mas*, pode-se

inferir que ela volta a se relacionar com ele, *o pai de seus filhos*, que constrói a casa, só que ele continua sendo o *agressor do qual todo mundo tem medo*. Isso fica expresso no uso do advérbio ***ainda*** que orienta para o entendimento de que a violência continuou como era antes. Ou seja, ela acabou voltando para o relacionamento abusivo nutrida pela necessidade material de ter uma casa, porém se deparou com a continuidade da violência doméstica, “aquele inferno”.

Na Sdr 41, Angela narra outro argumento que a fez reatar seu relacionamento. Enquanto ele estava preso, ela conheceu um homem com quem teve uma filha, mas acabou voltando a se relacionar com o agressor depois que ele saiu da cadeia. O trecho “*Eu queria uma pessoa ali do meu lado pra gente andar juntos e ele não sabia o que ele queria. Então pensei eu vou voltar com esse que esse ai vai terminar a minha casa*” da Sdr 41 revela que Angela tinha uma grande carência de companhia masculina. Essa carência fica expressa na construção “*eu queria uma pessoa ali do meu lado*”. Porém, o outro homem com quem Angela se relacionou não demonstrava o mesmo sentimento, o que ela identifica como “*não sabia o que queria*”. Assim, ela encontra um outro argumento para voltar para o ex-marido agressor, a quem ela identifica como “*esse que vai terminar a minha casa*”. Sendo assim, além da questão material, a carência (já que o pai de seu último filho não assumiu a paternidade) se configura em outro argumento que Angela usa para justificar o retorno para a companhia do agressor

Diferentemente das Sdrs 37, 38 e 39 em que Angela traz um imaginário de que o ex-marido era muito violento, com ela e com outras pessoas, que tinha problemas com drogadição e roubo, nas Sdrs 40 e 41, o imaginário muda, mas não por acaso. Muda em função dos interesses materiais e da carência dela. Ao construir um imaginário do marido, ela também projeta um imaginário sobre ela, que revela uma mulher bastante pragmática, que apesar de toda a violência sofrida consegue colocar a necessidade material e a carência de companhia em primeiro plano. A situação dela é permeada pela contradição.

Os termos que ela usa para descrevê-lo são “*o pai dos meus filhos*” e “*o que vai terminar de construir minha casa*” e ambas descrições vêm para justificar, para sustentar o fato de que Angela voltou a conviver com o agressor. Tais argumentos, em parte, estão ancorados na FD machista que preconiza que a família e o lar são instituições que devem ser preservadas a qualquer custo, e, em parte, no pragmatismo de Angela. Ela até tentou

buscar outro relacionamento, mas não sentiu segurança afetiva.

Angela justifica que seu lugar é ao lado de um marido agressor porque ele é o *pai dos filhos* dela e *construiu o lar*. Além disso, se convence que tem que voltar para casa mesmo depois de ter fugido, primeiro porque ele construiu a casa, o que demonstra a importância que ela atribui à questão material, e segundo porque ela queria alguém para estar ao lado dela, mesmo que esse alguém fosse uma ameaça, um risco à sua vida.

Entretanto, como ela mesma coloca na Sdr 40 com o enunciado “*voltei ainda naquele inferno*”, a violência continua. Em sua narrativa, ela conta que além de agredi-la, o ex-marido passou a ser uma ameaça também para os filhos. E foi aí que Angela definiu que, de fato, não queria mais estar com ele, tomando a decisão de fugir.

É importante ressaltar que Angela chega à conclusão de que, pelo bem de seus filhos, ela não poderia mais conviver com o agressor em função do perigo de morte que corria e porque determinados saberes sobre feminicídio começam a migrar para o seu discurso através do AIE Mídia. As Sdrs a seguir foram selecionadas com o intuito de mostrar como a televisão influenciou a sua decisão:

Sdr 42: Qualquer jornal que tu botar, o jornal do cinco, do SBT, ele dá muita coisa sobre a mulher e eu tava vendo aquilo ali. Eu tava vendo. Um dia tava eu e ele vendo um senhor que matou, a mulher morreu, dormindo. Porque ele disse que a mulher tava traindo ele, mas a mulher tava dormindo do lado dele. **Aí ele começou a rir! E eu disse assim “do que é que tu tá achando graça?” e ele “ah, isso aí que é amor” e eu disse “não, isso é loucura, é obsessão” e ele disse “é, eu vou fazer isso contigo” e eu disse “não, tu não vai fazer. Eu vou me livrar”.** **Aí eu comecei a dormir com faca, porque eu tinha medo, então eu dormia com faca. Muitas vezes eu tive vontade de esfaquear ele,** mas eu falei com minha comadre e ela disse “Se tu fizer isso, tu vai perder a guarda das crianças, eles vão ficar com teu pai, mas não é a mesma coisa de ficar contigo. Pensa bem, tu vai destruir tua vida”.

Sdr 43: **Eu comecei a ver pela TV. A TV que começou a falar que tinha. Eu nunca soube disso, nunca soube. Aí a TV que me falou dai eu falei pra elas, eu falei pra elas** [assistentes do CREAS que atendiam ao ex-marido devido ao problema de drogadição] - “eu quero ir pra uma casa de acolhimento”. [...] Eu preciso ver que tem mais gente que passa por isso, que não é só eu”.

Na Sdr 42, Angela conta que começou a ver na TV coisas relacionadas à violência

doméstica e até mesmo sobre feminicídio. Ela traz a reprodução de um diálogo que teve com o marido enquanto os dois viam a notícia de uma mulher que havia sido assassinada, enquanto dormia, pelo próprio marido que a acusara de traição. Angela reproduz o diálogo, trazendo a voz do agressor:

“do que é que tu tá achando graça?”

“ah, isso aí que é amor”

“não, isso é loucura, é obsessão”

“é, eu vou fazer isso contigo”

“não, tu não vai fazer. Eu vou me livrar”

É possível observar no diálogo reproduzido, de um lado, a crueldade do ex-marido que ri de um crime horrendo e ainda por cima o define como *amor*, e, de outro, uma Angela que confronta o marido violento. Ela define a situação narrada pelo jornal televisivo como *loucura*, *obsessão* e termina dizendo que não vai deixar o mesmo acontecer com ela. Aqui acontece outra mudança de imaginário: a sensação de perigo que ela está correndo é mais forte do que as necessidades materiais. É interessante observar os diferentes sentidos que emergem neste diálogo:

Agressor -> matar alguém que está dormindo, por motivo de ciúme = amor

*Vítima -> matar alguém que está dormindo, por motivo de ciúme = loucura,
obsessão*

No trabalho *Lugares de Enunciação e Discurso*, apresentado na mesa redonda Discurso e Sujeito, no II Congresso Internacional da ABRALIN, realizado em Fortaleza, em março de 2001, Mónica Zoppi-Fontana (1999) traz o conceito de *lugar de enunciação*. Com base nos estudos de Pêcheux, a autora reafirma que o processo de constituição do sujeito acontece através da interpelação ideológica estabelecida com as posições de sujeito. Estas seriam definidas não apenas em relação ao domínio de saber de uma dada formação discursiva mas também considerando determinados lugares de enunciação. Tanto pela presença como pela ausência, os lugares de enunciação “configuram um

modo de dizer (sua circulação, sua legitimidade, sua organização enunciativa)” (ZOPPI-FONTANA, 1999 p. 23). Nas palavras da autora:

os lugares de enunciação devem ser considerados, dessa maneira, como uma das dimensões das posições de sujeito [...], sendo sua definição, portanto, subordinada lógica, teórica e analiticamente a esse conceito; os lugares de enunciação se definem em relação ao funcionamento do Estado e de suas instituições, consideradas as regras de projeção pelas quais as posições de sujeito, das quais esses lugares são parte integrante, se delimitam no interdiscurso, no processo contínuo de sedimentação das condições de produção (ZOPPI FONTANA, 1999 p. 23).

Com base no que traz Mónica Zoppi Fontana (1999), pode-se entender que, Angela e seu ex-marido são sujeitos que falam de lugares de enunciação diferentes: ele fala do lugar de enunciação do agressor, machista, enquanto ela fala do lugar de enunciação da mulher agredida, em perigo permanente.

Na análise feita aqui, tem-se que o agressor é um sujeito plenamente identificado com a forma-sujeito da FD machista, que preconiza que ciúme é uma forma de amor, a ponto de acreditar e discursivizar que assassinar a própria companheira é um ato legítimo de amor. Já Angela, mulher vítima de violência doméstica, começa a demonstrar que não tem acordo com a definição, com o sentido enunciado pelo ex-marido. Ela confronta seu agressor e mostra, a partir de palavras como *obsessão* e *loucura*, que ela não acredita que seja amor. E mais, ela se dá conta do perigo e diz que vai “se livrar”.

Com esse trecho, já se pode observar que ela está contraidentificada com determinados saberes da FD machista e passa a identificar-se com saberes da FD feminista que começam a fazer efeito. Angela passa a mostrar-se contraidentificada em seu próprio discurso a partir dos discursos veiculados na TV sobre o aumento da violência doméstica e do feminicídio. É assim que ela entra em contato com o termo “*violência*” e passa a entender que ela também é vítima.

A contraidentificação de Angela também emerge com o trecho “*Aí eu comecei a dormir com faca, porque eu tinha medo, então eu dormia com faca. Muitas vezes eu tive vontade de esfaquear ele*” da Sdr 42. O operador argumentativo **porque** é usado para justificar sua decisão de dormir com uma faca, ou seja, ela tinha medo. Logo em seguida ela usa outro operador argumentativo, **então**, que leva à mesma conclusão colocada no enunciado anterior: “*dormir com faca porque tem medo*”. Essa repetição demonstra que

além de sentir medo ela passou a querer se defender de possíveis ataques, principalmente depois de presenciar o deboche com que o ex-marido tratou um caso de feminicídio. Ela até mesmo revela que sentiu vontade de esfaqueá-lo mas, pensando em seus filhos e nas consequências a que esse ato poderia levar, não o fez.

Na Sdr 43, o trecho *“Eu comecei a ver pela TV. A TV que começou a falar que tinha. Eu nunca soube disso, nunca soube. Aí a TV que me falou dai eu falei pra elas, eu falei pra elas [...] eu quero ir para uma casa de acolhimento”* emerge quando eu perguntei se ela já sabia da existência de casas de apoio. Nesse enunciado, Angela repete três vezes seguidas que foi através da TV que ela fez essa descoberta. O interessante é que ela faz uso de uma figura de linguagem: a prosopopeia, isto é, coloca a TV como sujeito do enunciado, como se tivesse vida e pudesse realmente falar: *“A TV que começou a falar que tinha”*; *“Aí a TV que me falou”*. Tanto a repetição como o fato de Angela dar vida a um objeto inanimado reforçam o importante papel que a TV desempenhou no processo de contraidentificação de Angela. Aqui tem-se um bom exemplo do funcionamento dos AIEs.

A TV aberta em geral, como um legítimo Aparelho Ideológico de Estado, pode estar a serviço da manutenção e da reprodução das relações de produção do sistema capitalista e, portanto, das suas ideologias dominantes. Entretanto, conforme preconiza Pêcheux, tanto as relações de reprodução como as de transformação convivem como em uma arena, o que justifica o fato de que, na contradição do seu trabalho de circulação de ideologias, a TV acaba servindo às relações de transformação.

É preciso, no entanto, dar o crédito dessa inserção de informações contra o feminicídio e as violências aos movimentos feministas. Por décadas, mulheres se mobilizaram (e continuam se mobilizando) para o combate à violência doméstica, e à violência machista em geral. Tal movimentação possibilita que práticas e discursos que apontam para o rompimento com as ideologias que reforçam a violência como um instrumento de dominação e inferiorização das mulheres fossem inscritos em alguns AIEs, por exemplo na TV aberta.

Ainda na Sdr 43, o recorte *““eu quero ir pra uma casa de acolhimento”. [...] Eu preciso ver que tem mais gente que passa por isso, que não é só eu”* revela o pedido que Angela fez às assistentes sociais do CREAS que, inicialmente, segundo seu relato,

atendiam ao ex-marido. O enunciado revela que o imaginário que Angela tem de uma casa de passagem é o espaço onde mulheres que querem livrar-se da violência doméstica vivem e, de alguma forma, isso representa um ponto positivo. O enunciado “*preciso ver que tem mais gente que passa por isso, que não é só eu*” demonstra que Angela tem necessidade de pertencer a algum lugar, de provar para si mesma que a violência pela qual ela passou não se deu apenas com ela. Então, com ajuda das assistentes sociais, ela vai para a *Casa Mirabal*. Na próxima subseção, serão apresentadas sequências discursivas de referência que falam sobre o período em que Angela ficou na casa de passagem.

3.1.2.3 Bloco 3 Narrativa sobre a experiência na Mirabal e sua influência sobre a entrevistada

Seguindo a narrativa de Angela, chegamos ao bloco 3, em que ela fala sobre a experiência na *Casa Mirabal*. Ela ficou lá por 2 meses, quando conseguiu retornar para sua própria casa (a que o ex-marido havia construído), mas sem a presença do agressor. As sequências discursivas de referência a seguir foram selecionadas para mostrar como foi a experiência na casa de passagem e como ela influenciou na maneira como Angela passou a perceber as violências que sofreu:

Sdr 44: Quando eu cheguei é aquela coisa né, a gente não tá na nossa casa, é muita coisa diferente. **Eu cheguei depois do natal, então eu olhava tudo assim... Mas fui muito bem recebida**, as gurias vinham pra falar comigo, **eu soltei tudo que tinha que soltar, chorei tudo que tinha que chorar. Então tipo assim, foi bom, sabe? Aí comecei a participar de rodas de conversas, tudo que era coisa eu participava.**

Sdr 45: Aí vindo aqui pra Mirabal, eu via que as mulheres diziam assim assim “bah, tu tem que ter tua autoestima lá em cima, não tem como” “**ah tu é gorda**” e aí gente? “**Ah, que tu tem o nariz torto**” mas o que é que tem? **O problema é teu, não é... É a pessoa... Quer trocar? faz uma plástica, o problema é teu!** Tu que tem que se sentir bem! Que nem dizem assim, **tu tem que se sentir bem, tu não tem que se sentir bem para os outros, não é os outros que têm que achar. Tem que ficar bem pra mim, ficar bem pra ti.**

Sdr 46: **Estando aqui eu aprendi muita coisa, muita coisa, muita coisa, demais assim, sabe? E foi bom, foi muito bom, foi bom pra mim, para**

os meus filhos. Quando eu saí daqui eu já saí com uma cabeça totalmente diferente.

Com as Sdrs acima, Angela narra um pouco da sua estadia na *Casa Mirabal*. O trecho “*Eu cheguei depois do natal, então eu olhava tudo assim... Mas fui muito bem recebida, as gurias vinham pra falar comigo*” da Sdr 44 revela que Angela não se sentiu à vontade num primeiro momento. Isso fica expresso com o enunciado “*eu olhava tudo assim...*” em que o advérbio **assim** coloca a possibilidade de que os olhares que ela lançava para a casa, para as pessoas, etc. fossem, talvez, de desdém. Essa interpretação é corroborada pelo enunciado em seguida que começa com o operador argumentativo **mas**. O segundo enunciado vem para se contrapor, de certa forma, ao primeiro, dando a entender que apesar de Angela ter lançado olhares e se demonstrado insatisfeita, ela foi muito bem recebida na *Casa*.

Então, ela narra que quando era abordada pelas meninas da *Casa*, ela se abria, contava sua história e chorava. Continuando na Sdr 44, o trecho “*eu soltei tudo que tinha que soltar, chorei tudo que tinha que chorar. Então tipo assim, foi bom, sabe? Aí comecei a participar de rodas de conversas, tudo que era coisa eu participava*” demonstra que, apesar de não ser a sua própria casa, ela considera que tenha sido bom. Com o enunciado “*eu soltei tudo que tinha que soltar, chorei tudo que tinha que chorar*”, é possível observar que para Angela, a *Casa Mirabal* não foi apenas um espaço físico que a abrigou. Foi também um espaço onde ela pode desabafar, chorar, falar sobre sua situação, isto é, um espaço de escuta. Depois, ela se direcionou para o espaço de formação fornecido pela *Casa*, a partir das rodas de conversa, onde ela passou a ouvir também sobre o que são as violências sofridas pelas mulheres e a ouvir outras acolhidas.

Na Sdr 45, Angela reproduz algumas falas que ela ouviu na *Mirabal*:

“*ah tu é gorda*” - e aí gente?

“*Ah, que tu tem o nariz torto*” - mas o que é que tem? O problema é teu, não é?

Quer trocar? - faz uma plástica, o problema é teu!

Apesar de não dizer quem são as mulheres cujos discursos Angela reproduz nesta etapa da sua narrativa, pode-se observar que, de certa forma, ela os traz para a narrativa

como enunciados polifônicos que respondem ao ex-marido quando este a chamou de gorda, por exemplo. Tais enunciados são carregados de empoderamento, uma vez que colocam o bem-estar acima da aparência. Isto é, não importa se você é gorda ou tenha o nariz torto desde que você se sinta bem consigo mesma.

Mais à frente, outro trecho da Sdr 45 corrobora esse ensinamento passado pelas rodas de conversa da *Mirabal*, por meio da repetição dos verbos “*se sentir bem*” e “*ficar bem*”: “*tu tem que se sentir bem, tu não tem que se sentir bem para os outros, não é os outros que têm que achar. Tem que ficar bem pra mim, ficar bem pra ti*”. Essa repetição marca um reforço do que foi “aprendido” no período de acolhimento, tanto é que ao final do trecho ela se refere rapidamente a si mesma (*ficar bem pra mim*) e logo retoma o discurso direto, como se ela estivesse falando para outra pessoa, ou apenas reproduzindo *ipsis litteris* o que outra mulher disse para ela.

Já na Sdr 46, o trecho “*Estando aqui eu aprendi muita coisa, muita coisa, muita coisa, demais assim, sabe? E foi bom, foi muito bom, foi bom pra mim, para os meus filhos. Quando eu saí daqui eu já saí com uma cabeça totalmente diferente*” demonstra que Angela aprendeu bastante durante o período em que ficou na *Casa*. O advérbio de intensidade ***muita*** modaliza o substantivo ***coisa***, de maneira que enfatiza que o volume de informações novas passadas dentro da *Mirabal* foi grande. Ao repetir o termo ***muita coisa***, ela acaba enfatizando ainda mais a quantidade de coisas novas que ela aprendeu. Em seguida, ela caracteriza todo esse volume de aprendizado novamente com o advérbio ***muito***, desta vez modalizando o adjetivo ***bom*** e intensificando-o. Reforçando que a sua estadia foi proveitosa no seu ponto de vista.

Com esse trecho, é possível observar que o imaginário de Angela sobre a *Casa Mirabal* é positivo e que ela considera que houve ganhos tanto para ela quanto para seus filhos. Essa influência positiva vai aparecendo na narrativa. Positiva no sentido de que são práticas e saberes da FD feminista que migram e passam a ser identificados no próprio discurso de Angela, caracterizando a possibilidade de desidentificação com a FDrMA. A Sdr 47 abaixo mostra um exemplo de como ela passou a educar o filho a partir da experiência na *Mirabal*:

Sdr 47: Ele cozinha, o meu filho, ele é homem e eu ensinei ele a cozinhar, ele tem nove anos e ele cozinha, ai eu botei assim no face “**Desde**

pequeno ensinando que uma mulher não é empregada.”

No enunciado “*Ele cozinha, o meu filho, ele é homem e eu ensinei ele a cozinhar, ele tem nove anos e ele cozinha*”, Angela vê a necessidade de identificar o gênero do filho, “*ele é homem*”, para enfatizar que tê-lo ensinado a cozinhar é algo incomum. A repetição do verbo “*cozinha/cozinhar*” também é uma forma de Angela colocar foco no fato de que ela ensinou uma pessoa do gênero masculino, isto é, um menino a cozinhar.

E mais do que isso. O enunciado “*Desde pequeno ensinando que uma mulher não é empregada*”, da Sdr 47, que ela usou para descrever uma foto do filho cozinhando, postada em uma rede social, além de demonstrar que ela entende que o lugar da mulher na sociedade não deve ser restrito aos cuidados domésticos, que “*mulher não é empregada*”, também aponta para o fato de que não basta apenas ela ter essa compreensão, ela passa para o filho, ensinando-o que cuidados domésticos podem e devem ser divididos, independente do gênero. Ela ensina seu próprio filho, quebrando de certa forma o ciclo de violência do qual ele também fez parte, uma vez que é filho do agressor e presenciou cenas de violência machista. É assim que ela interfere na realidade, transformando-a. Ao analisar essa Sdr, observamos que o grau de contraidentificação de Angela com a FDrMA avança em direção a uma ruptura. Ela não apenas questiona como também intervém na sua realidade, tentando passar ao filho saberes e práticas da FD feminista que vão de encontro a boa parte do que o ex-marido era/praticava.

Se voltarmos à Sdr 38, no recorte já analisado anteriormente, “*Então ele vem de um ciclo de violência, ele vem de um ciclo que ele era o homem da casa, que ele mandava e que a mulher tinha que limpar o chão, entendeu?*”, veremos que, ao ensinar ao filho que “*mulher não é empregada*”, ela não quer repetir esse ciclo, isto é, reproduzir saberes e práticas que impõem às mulheres o serviço doméstico como uma obrigação e que colaboram com o lugar de “segundo sexo” no qual nós somos colocadas.

No entanto, é importante compreender que não é apenas com relação à criação dos filhos que Angela vai em direção à ruptura com a FDrMA. As Sdrs a seguir foram selecionadas para mostrar como, após sair da *Casa Mirabal*, Angela se transforma e tenta agir para transformar a realidade ao seu redor:

Sdr 48: **Depois que eu tive a separação e saí daqui [Mirabal] eu fiz curso de mulheres afros e me tornei mais poderosa ainda né? Por isso eu coloquei “Poderosa da África” né?! Mais uns cursos de mulheres afros, mais uns cursos assim, então o que vier pra mim eu tô pegando, porque é uma coisa que vai fazer bem pra mim, vai me botar mais pra frente ainda.**

Sdr 49: Porque teve uma amiga minha que tava sofrendo agressão, eu xinguei o marido dela e disse pra ela assim **“No momento que tu quiser, no momento que tu achar que tem que largar ele porque não tá aguentando mais, pode ir lá em casa.** Mas aí é o teu momento e eu vou respeitar o teu momento. Porque vai ter uma hora que tu vai ter que te alertar” e eu disse pra ela “e tu não tá sozinha.”

Sdr 50: As meninas querem que eu me forme em assistência social que nem elas são do CREAS. **E eu também quero me formar sim, porque aí eu vou conhecer uma pessoa que tá passando pela mesma coisa que eu passei e eu vou bater no ombro dela e dizer assim “Eu tô aqui pra te ajudar, amor, eu passei pela mesma coisa que tu. Vamo lá, mulher!”**

Na Sdr 48, o trecho *“Depois que eu tive a separação e saí daqui [Mirabal] eu fiz curso de mulheres afros e me tornei mais poderosa ainda, né? Por isso eu coloquei “Poderosa da África”, né?!”*, demonstra que Angela sai da Casa com bastante autoestima. Para se autodefinir frente às conquistas pós separação, ela usa a construção **“mais poderosa ainda”**. Tal construção, a partir da locução adverbial de intensidade **mais ainda**, aponta que Angela já se considerava poderosa e que, depois de fazer o curso sobre mulheres negras, ela considera que seu “poder” aumentou, a ponto de se dar o apelido *“Poderosa da África”*.

Com base no que vimos em Sdrs anteriores, nem sempre foi assim. Por exemplo, na Sdr 36 em que Angela diz *“Então assim, eu me ofendia com aquilo. Às vezes o verbal dói mais do que um tapa”*. Nesse recorte, ela coloca como os xingamentos do ex-marido a fragilizavam. Majoritariamente, as mulheres que saem de lares violentos demoram muito para esquecer as agressões verbais, a acreditar em si mesmas. Mas com a narrativa de Angela, é possível observar que após a separação e o período em que esteve na *Mirabal* ela passa a ter autoestima com relação ao próprio corpo e também a buscar formas de melhorar, por exemplo, fazendo cursos sobre mulheres afro.

A Sdr 49 apresenta uma conversa que Angela teve com uma amiga que passou pela mesma situação que ela. Além de confrontar o agressor, xingando-o, Angela oferece

ajuda. No trecho *“No momento que tu quiser, no momento que tu achar que tem que largar ele porque não tá aguentando mais, pode ir lá em casa. Mas aí é o teu momento e eu vou respeitar o teu momento”* ela repete a locução adverbial **“no momento que”** de forma a enfatizar para a amiga que ela é quem tem que tomar o primeiro passo de *“largar ele porque não tá aguentando mais”*, quando estiver preparada.

Entretanto, quando Angela oferece sua própria casa para abrigar a amiga, ela estabelece uma relação praticamente de porto seguro, o que é extremamente importante para mulheres em situação de violência que até querem sair de casa, mas não têm para onde ir. Ainda no mesmo trecho, ela repete o termo **momento**, o que reforça que Angela entende que é uma decisão da amiga e que ela respeita essa decisão, mas concluiu sua intervenção dizendo *“e tu não tá sozinha”*. Esse enunciado carrega um sentido de encorajamento, uma vez que coloca para a vítima que ela não precisa suportar a violência doméstica sozinha, ela tem o apoio de Angela, que ofereceu até mesmo sua própria casa para abrigá-la quando ela estivesse pronta para romper com o ciclo de violência.

A Sdr 50 mostra que as funcionárias do CREAS que ajudaram Angela a sair do lar violento a encorajam a seguir a mesma profissão que elas: a assistência social. Observemos o trecho *“E eu também quero me formar sim, porque aí eu vou conhecer uma pessoa que tá passando pela mesma coisa que eu passei e eu vou bater no ombro dela e dizer assim “Eu tô aqui pra te ajudar, amor, eu passei pela mesma coisa que tu. Vamo lá, mulher!”*. A partir do uso do operador argumentativo **porque**, Angela introduz uma justificativa ao enunciado anterior *“E eu também quero me formar sim”*. É possível concluir que faz parte da vontade de Angela ter uma formação de nível superior que a possibilite ajudar outras mulheres vítimas de violência doméstica, conhecidas ou não. A ajuda que ela gostaria de oferecer para outras mulheres agredidas por seus companheiros vem da sua própria experiência, o que fica demarcado no enunciado *“Eu tô aqui pra te ajudar, amor, eu passei pela mesma coisa que tu. Vamo lá, mulher!”*

Com as Sdrs acima, observamos que o atravessamento de saberes e práticas da FD feminista vindos da *Casa Mirabal* permitem a Angela retomar sua autoestima, oferecer ajuda a uma amiga e querer se formar em Assistência Social para poder ajudar outras mulheres, conhecidas ou não, a romperem com seus ciclos de violência.

Diante do relato de Angela, a possibilidade de desidentificação com a Formação

Discursiva de Referência da Mulher Agredida é muito grande. Ela chega à Casa já apresentando resistência, já questionando a forma-sujeito da FDrMA mas, é a partir da experiência na *Mirabal* que ela vai se transformar (reaver sua autoestima) e transformar as relações de produção/reprodução das relações sociais machistas, seja ensinando seu filho que mulher não é empregada, oferecendo ajuda a uma amiga em situação de violência ou almejando se formar como assistente social para poder ajudar outras mulheres.

3.1. 3 Terceira entrevistada Clara Zetkin: “eu não tinha o direito de desistir”

3.1.3.1 Bloco 1 Condições de Produção: Histórico da Entrevistada

Clara Zetkin⁴⁶ tem 35 anos e é natural de Porto Alegre. Quando tinha apenas 9 meses, foi morar com os avós em Alegrete, interior do estado do Rio Grande do Sul, onde a economia da família era baseada em plantação de fumo. Morou com eles até os 11 anos, quando voltou para Porto Alegre e para o convívio com os pais e irmãos. Ela conta que teve que ir morar com os avós devido a uma decisão do conselho tutelar depois que seu pai, que era alcoólatra e usuário de drogas, a esqueceu dentro de um mercado. As sequências discursivas de referência a seguir foram selecionadas pois revelam o imaginário que Clara tem do pai.

Sdr 51: Minha mãe trabalhava muito e meu pai ficava em casa cuidando da gente. E meu pai usava muita droga. Ele sempre usou muita droga. Ele bebia bastante e usava droga. E a minha mãe trabalhava. Aí o que aconteceu? Um dia meu pai foi no mercado e me esqueceu no mercado. E aí, eu fui pro conselho tutelar, bebê, do conselho tutelar, aí o meu avô me tirou do abrigo, que eu passei uma noite no abrigo e ficou com a minha

⁴⁶ Personalidade do movimento operário alemão e internacional, uma das fundadoras do Partido Comunista da Alemanha e importante dirigente do Partido da Social Democracia Alemã. Foi líder do movimento internacional das mulheres e considerada uma figura histórica do feminismo. Em 26 de agosto de 1910, durante a Segunda Conferência Internacional das Mulheres Socialistas, realizada na Casa do Povo (Folket Hus), em Copenhague, Clara Zetkin propôs, com Alexandra Kollontai, a criação do Dia Internacional da Mulher, como uma jornada anual de manifestação pelo direito de voto para as mulheres, pela igualdade dos sexos e pelo socialismo. O primeiro Dia Internacional da Mulher foi comemorado em 19 de março de 1911. Posteriormente, a comemoração passaria a ocorrer no dia 8 de março. Sua principal luta foi pelo sufrágio feminino, sob uma ótica marxista de classe, e a denúncia sobre os perigos que a ascensão do fascismo traria à humanidade.

guarda e me levou embora.

Sdr 52: [...] o meu pai ele era dez anos mais novo que a minha mãe e **ele nunca foi agressivo, mas ele nunca foi um pai muito presente, ele nunca nos levou na escola, contá historinha pra nós dormir, enfim, ele, ele, ele tava ali, entende?**

Sdr 53: **Ele era como se fosse o nosso irmão mais velho, não tinha uma responsabilidade paterna sobre a gente, né? É,** mas eu, eu sempre tive isso, porque eu sempre tive meu avô que sempre foi pai.

Sdr 54: É, então, não tinha esse negócio. Ah, menino não lava a louça não faz nada, não, os meus irmãos sempre limpavam a casa junto com a gente, tanto que o meu irmão mais velho, quando ele ficou maiorzinho assim, né? E ele [o irmão mais velho] meio que **assumiu a responsabilidade paterna pra ele, já que meu pai não fazia nada,** então ele nos organizava pra limpar casa, nos organizava pra tomar banho pra ir pra escola, material escolar, roupa, essas coisas assim foi, irmão, mais velho que fazia, fazia comida pra gente, enfim.

Sdr 55: Então, eu cresci vendo nesse ambiente, assim, que nós éramos todos iguais, todo mundo fazia, limpava a casa, fazia comida, cuidávamos uns dos outros e **e com essa impressão paterna, de ter um pai que era mais o meu irmão, mas ele era super brincalhão, ele fazia mágica pra gente, ele fazia brincadeira, ele, ele, ele, ele é um amigão, assim, sabe? Não era um paizão, mas ele sempre foi um amigão.**

Na Sdr 51, Clara narra como aconteceu o fato que resultou na sua ida para Alegrete para morar com os avós quando ainda tinha apenas 9 meses. No trecho “Minha mãe trabalhava **muito** e meu pai ficava em casa cuidando da gente. *E meu pai usava **muita** droga. Ele sempre usou **muita** droga. Ele bebia **bastante** e usava droga. E a **minha mãe trabalhava**”, Clara manifesta, com certa ênfase, que seu pai era alcóolatra e usuário de drogas a partir do uso do advérbio de intensidade **muita/bastante**. Ela repete a construção “ele usava muita droga” como uma forma de enfatizar que o pai não exercia sua função dentro de casa por estar drogado e alcoolizado, chegando ao cúmulo de esquecer um bebê dentro do mercado. Além disso, ela também enfatiza que a mãe trabalhava, era a provedora da casa. Ela repete a construção “minha mãe trabalhava” como forma de identificar os papéis dentro da sua casa: a mãe era provedora e o pai, que deveria cuidar das crianças, era alcóolatra e drogado.*

Na Sdr 52, o trecho “*ele **nunca** foi agressivo, mas ele **nunca** foi um pai muito*

*presente, ele **nunca** nos levou na escola, contá historinha pra nós dormir, enfim, ele, ele, ele tava ali, entende?”*, Clara utiliza o advérbio de negação **nunca** para enumerar, pela ausência absoluta, ações que o pai não fazia e que ela considera o dever de um pai: estar presente, levar à escola, contar histórias para os filhos dormirem.

Em “ele nunca foi agressivo, **mas** ele nunca foi um pai muito presente”, a partir do uso do operador argumentativo **mas**, que tem valor semântico de objeção, Clara revela que apesar de o pai não ser um homem violento, o fato de ele nunca fazer o que, de acordo com ela, um pai deveria fazer é o que o define como um pai ruim, que apenas “estava ali”. Ele não era agressivo, mas não desempenhava o papel de pai.

A Sdr 53 traz o trecho “*Ele era como se fosse o nosso irmão mais velho, não tinha uma responsabilidade paterna sobre a gente, né?*” que ajuda a confirmar o imaginário de pai ausente. O homem estava ali dentro da casa, mas a sua responsabilidade como pai estava ausente. Clara faz uso de uma comparação “**como se fosse** nosso irmão mais velho” para descrever que o homem adulto da casa não assumia as suas responsabilidades de pai para com seus filhos na ausência da mãe e acabava assumindo uma identidade de irmão.

A Sdr 54 também confirma esse imaginário de pai ausente com o trecho “E ele [o irmão mais velho] meio que **assumiu a responsabilidade paterna pra ele, já que meu pai não fazia nada**”. Ao usar o operador argumentativo **já que**, com valor semântico de explicação, Clara justifica porque seu irmão mais velho é que assumiu a função de pai dentro de casa: o pai de verdade **não fazia nada, bebia e usava drogas**. Em seguida, ela enumera as atividades realizadas pelo irmão mais velho e que, em sua opinião, deveriam ser feitas pelo pai: organizar os irmãos pra limpar a casa, pra tomar banho, pra ir pra escola, ajeitava o material escolar, a roupa, fazia a comida.

A Sdr 55 revela como Clara via o ambiente da casa e traz mais elementos que confirmam o imaginário de pai ausente que ela tinha do próprio pai. Entretanto, com o trecho “*com essa impressão paterna, de ter **um pai que era mais o meu irmão, mas ele era super brincalhão, ele fazia mágica pra gente, ele fazia brincadeira, ele, ele, ele, ele é um amigão, assim, sabe? Não era um paizão, mas ele sempre foi um amigão***”, Clara acaba amenizando a falha da ausência do pai, caracterizando-o também como se fosse um irmão, com os atributos de ser **brincalhão, amigão**. Com o enunciado “*não era*

um paizão, mas ele sempre foi um amigão”, Clara acaba amenizando as falhas do pai, que, apesar de não assumir a responsabilidade de pai, de tê-la esquecido num mercado quando tinha apenas 9 meses, de ser drogado e alcóolatra, era brincalhão e fazia mágica. Como se o fato de ser um brincalhão reduzisse a falha em não ser um pai presente.

O funcionamento das ideologias machistas na família de Clara se dá no sentido de que reforça o imaginário de que homens “têm direito” de não serem bons pais, de não estarem presentes. E mais, como vimos no Capítulo 1, Heleieth Saffioti (1976) em seu artigo *A mulher sob o modo de produção capitalista*, coloca que as mulheres são vistas através de quatro funções fundamentais que elas realizam na sociedade: produção, sexualidade, reprodução e socialização da geração imatura. Tanto a reprodução quanto a socialização das gerações imaturas têm a ver com a maternidade compulsória e com o fato de as mulheres serem incumbidas de serem mães e cuidarem das crianças com ou sem pai.

As ideologias machistas impõem a maternidade e as mulheres que decidem que não querem ser mães são sempre julgadas. Os discursos que atravessam essa escolha vêm sempre carregados de mitos da maternidade: “você ainda não encontrou o homem certo”; “a maternidade está na essência de toda mulher”; “você não gosta de crianças”; “quando você vir o rosto do seu filho pela primeira vez, vai sentir um amor incondicional”. As mulheres que decidem abandonar lares, deixar filhos para trás e viver suas vidas são ainda mais julgadas e definidas como monstros. Já os pais têm esse benefício capitaneado pelo machismo. No Brasil, hoje, são mais de 5 milhões de crianças que não têm o nome do pai no registro de nascimento⁴⁷. Todas nós conhecemos histórias de pais que apenas pagam a pensão alimentícia (muitas vezes à contragosto) e não participam da criação dos filhos. E esses casos se multiplicam dia após dia com respaldo das ideologias machistas.

Como em muitos lares brasileiros, a casa de Clara era sustentada por uma mulher que além de ser a provedora também realizava os serviços domésticos nas horas de folga. Quando ela não estava em casa, as crianças tinham tarefas a cumprir. Clara narra que sua mãe era professora, dava aula em duas escolas e que passava o dia fora

⁴⁷ Disponível em: <https://exame.com/brasil/brasil-tem-5-5-milhoes-de-criancas-sem-pai-no-registro/#:~:text=S%C3%A3o%20Paulo%20%E2%80%94%20Dados%20do%20Conselho,pai%20na%20certid%C3%A3o%20de%20nascimento>. Acesso em 16/01/2021

trabalhando. À noite, quando chegava, estava exausta, mas tentava, dentro das suas possibilidades, como a própria Clara coloca, se fazer uma mãe presente.

Aos domingos, ao invés de descansar, a mãe de Clara passava o dia lavando roupas de 4 crianças e também as do marido, que seguia sem fazer nada, a não ser brincadeiras, mágicas, palhaçadas. As sequências discursivas de referência a seguir remetem ao imaginário que Clara tem de sua mãe.

Sdr 56: então, a minha mãe sempre foi muito companheira, assim, ela sempre me acompanhou eu e os meus irmãos em tudo que ela podia, assim, sabe ela tentava se mostrar presente dentro das possibilidades dela. Então, no final de semana ela dava muita atenção, ela dava muito carinho pra gente, mas ela também era muito braba.

Sdr 57: A minha mãe sempre foi um ser muito político, [...] ela sempre teve muito medo do que a gente, eu e a minha irmã, o que nós íamos encontrar lá fora, né? Então, ela sempre falou muito sobre isso pra gente, ela sempre falou muito sobre abuso, ela sempre falou muito sobre estupro, sempre falou, “olha, homem nenhum, menino nenhum, pode colocar a mão nos peitos de vocês, nas partes íntimas de vocês, vocês não são obrigadas a fazer nada que vocês não queiram. Homem nenhum pode gritar com vocês, homem nenhum pode bater, isso é errado. Se vocês verem alguma amiguinha, alguém com a situação, vocês têm que ajudar ela, vocês têm que ajudar a denunciar”.

Sdr 58: ela falava sobre machismo pra gente, sobre sexismo pra gente e eu não, eu não conseguia entender aquilo, porque não fazia parte da minha realidade do meu cotidiano, meu cotidiano era, tipo, meu avô, que nos tratava muito bem, que sempre foi a favor da minha mãe sempre ajudou muito a minha mãe. **Minha mãe sempre combativa, sempre guerreira, sempre trabalhadora, sempre esforçada.**

O trecho “a minha mãe **sempre** foi muito companheira, **assim**, ela **sempre** me acompanhou eu e os meus irmãos em tudo que ela podia, **assim**, sabe ela tentava se mostrar presente dentro das possibilidades dela” da Sdr 56 mostra que Clara vê a mãe como uma companheira, apesar de ela trabalhar muito e estar fisicamente ausente boa parte do tempo, o que fica expresso em “dentro das possibilidades dela”. O advérbio **sempre** é utilizado para enfatizar o companheirismo da mãe, apesar de Clara reconhecer que de fato não era sempre, mas “dentro das possibilidades dela”. Trata-se da forma que Clara encontrou para enunciar que ela reconhece o esforço da mãe em tentar estar

presente, apesar de trabalhar muito ou de estar cansada no fim do dia. O que é o contrário do pai que estava ali, presente fisicamente, mas ausente no que diz respeito às suas responsabilidades paternas.

Na Sdr 57, Clara descreve a mãe como um ser político e a explicação para tal descrição vem no trecho “**ela sempre falou muito sobre** isso pra gente, **ela sempre falou muito sobre** abuso, **ela sempre falou muito sobre** estupro, sempre falou”. A partir da construção “*ela sempre falou muito sobre*”, Clara enumera os temas sobre os quais a mãe conversava com ela e a irmã e que a tornam um ser político: abuso, estupro. Conforme a narrativa de Clara, esses temas eram recorrentes, pois a mãe tinha medo do que as filhas pudessem vivenciar no mundo lá fora. Pode-se observar que a mãe de Clara era uma mulher de certa forma identificada com saberes da FD feminista e que tentava passar tais saberes para seus filhos e filhas.

A Sdr 58 corrobora essa percepção sobre a mãe, uma vez que o trecho “*ela falava sobre machismo pra gente, sobre sexismo pra gente e eu não, eu não conseguia entender aquilo, porque não fazia parte da minha realidade, do meu cotidiano*” demonstra que a mãe não apenas falava de estupro e abuso como também falava de machismo. Clara coloca que não entendia o que a mãe queria dizer, na época, porque não era parte de seu cotidiano. Entretanto, se analisarmos o imaginário que ela tem do pai, o cotidiano de Clara continha boas doses de machismo, apesar de não conter violência.

Por exemplo, ainda na Sdr 58, o recorte “*Minha mãe sempre combativa, sempre guerreira, sempre trabalhadora, sempre esforçada*” demonstra uma mãe que precisa **sempre** assumir todas essas qualidades porque há um pai que é apenas uma figura decorativa, que não era provedor, **nunca** participava da vida dos filhos como pai e **nunca** assumia responsabilidades para com os afazeres da casa.

Esse trecho dialoga com os recortes que deslindam o imaginário que Clara tem do pai no sentido de que a mãe é definida, descrita, pelo seu cuidado com os filhos, pelos temas das conversas, por suas atitudes para compensar a falta da figura paterna. É importante observar que o advérbio **sempre**, precede todos os atributos conferidos a ela: *guerreira, trabalhadora, esforçada*. Mesmo tendo um trabalho fixo fora de casa, o que faz com que ela tenha que passar muitas horas longe deles, “dentro das suas possibilidades” ela **sempre** se fez presente e por isso é descrita pela filha como *guerreira, combativa,*

esforçada. Já o comportamento do pai é definido pelo advérbio **nunca**, uma vez que apesar da presença física, está ausente como pai e como provedor. Os adjetivos *combativa*, *guerreira*, *trabalhadora* e *esforçada* são, por outro lado, parte de uma visão romântica em torno de mulheres que na verdade estão sobrecarregadas. Lares em que as tarefas domésticas e as despesas financeiras são divididas não precisam de mulheres *guerreiras*, *esforçadas*, *combativas*. Elas podem trabalhar, mas também ter momentos de lazer e de descanso.

Para encerrar o primeiro bloco, é importante dizer que Clara foi uma adolescente que teve contato com saberes e práticas da FD feminista, passados principalmente pela mãe, o que lhe dava liberdade e possibilidade para tocar em uma banda de rock com amigos, majoritariamente homens, ou de fazer magistério e ser professora, ter um emprego. Mas em algum momento, esses saberes foram abafados e entra em cena uma Clara plenamente identificada com a FDR da Mulher Agredida. A próxima subseção trata das violências que ela sofreu e como isso impactou sua vida.

3.1.3.2 Bloco 2 *Narrativa sobre as violências*

Clara narra que aos dezessete anos se casou e teve dois filhos com um homem que havia sido seu professor de violão. Eles ficaram juntos por um tempo até que ele se envolveu com outra mulher e pediu o divórcio.

Depois, Clara começou a se relacionar com aquele que viria a ser seu agressor. Em sua narrativa, ela conta que já o conhecia, pois ele era vizinho da família em Porto Alegre. Clara afirma que mesmo quando ela estava casada com o primeiro marido, ele havia flertado com ela. Depois, ao vê-la divorciada, ele começou a tentar se relacionar com ela, se demonstrando um homem educado, cavalheiro. Clara ficou com o segundo (que viria a ser o agressor) por um ano e meio, mais ou menos. Ela engravidou, mas conta que ele sumiu por alguns anos sem dar notícias.

Ela acaba, então, conhecendo um terceiro homem, com quem também teve um filho. Durante esta terceira relação, o segundo homem com quem se relacionou voltou a aparecer, então, após cinco anos, mas desta vez fazendo ameaças. Ela acabou descobrindo por intermédio de um amigo em comum que o agressor, durante o período em que havia sumido, na verdade, estava preso por tráfico. Quando ele saiu da cadeia,

começou a perseguir Clara e seu então companheiro. Ela conta que um dia, o ex-companheiro e agressor esfaqueou o companheiro com quem ela vivia e este decidiu ir embora, largando Clara para trás. As sequências discursivas de referência a seguir mostram os diferentes imaginários que Clara tem de seu ex-companheiro e agressor:

Sdr 59: E quando ele voltou pra Porto Alegre e viu que eu estava solteira e morando sozinha com duas crianças ele começou a investir muito assim. **Começou a me tratar extremamente carinhoso, dedicado, dando muita atenção pros meus filhos. E enfim, aí ele acabou me conquistando a minha confiança e a gente acabou ficando junto.**

Sdr 60: Meu vô conheceu ele, achava ele um cara bacana. **Porque na frente das pessoas ele me tratava de uma maneira... ai que ódio, ódio, muito ódio disso. Ele me tratava muito bem, ele era daquele tipo que puxava a cadeira pra sentar aqui, abria a porta do carro, que que sabe? Que tava o tempo todo fazendo as coisas pra agradar.** Então, as pessoas tinham uma visão dele que ele era uma pessoa, nossa, um cara espetacular entende? **Era difícil pra mim falar pras pessoas que ele, na verdade, ele era um monstro. Que a maioria das pessoas não ia acreditar em mim.**

Sdr 61: **Ele achava que eu enganava ele o tempo todo, ele achava que eu mentia pra ele o tempo todo. Então, ele começou a ficar muito neurótico com essas coisas. Por isso** que ele pegava o meu celular, **por isso** que eu saía do serviço e quando eu botava o pé pra fora do serviço, ele já tava na frente do meu serviço, **pra me levar** até a escola das crianças, pra escola das crianças já me **trazer pra casa**, pra, **pra eu não ter nenhum tipo de contato com ninguém, pra que eu não contasse o que ele tava fazendo** me obrigando a ficar com ele. E **pra que eu não me relacionasse** com ninguém. Então era uma coisa assim muito de... muito possessiva.

Na Sdr 59, tem-se uma narrativa da época em que o agressor estava tentando conquistar Clara. O trecho “*Começou a me tratar extremamente **carinhoso, dedicado, dando muita atenção pros meus filhos. E enfim, aí ele acabou me conquistando a minha confiança e a gente acabou ficando junto***” demonstra que para se aproximar de Clara, o vizinho/agressor se mostrou uma pessoa **carinhosa, dedicada, atenciosa com os filhos** e, por isso, ele “**acabou conquistando a confiança**” e “**acabou ficando junto**”. Existe uma relação entre a escolha dos verbos **começar**, para descrever o comportamento inicial do agressor, e **acabar**, que ela usa para descrever o próprio comportamento. O

vizinho *começa* a conquistá-la se mostrando carinhoso e atencioso e ela *acaba* cedendo. O verbo **acabou**, no enunciado analisado, tem um valor semântico de resultado. É como se Clara quisesse se justificar que só ficou com ele porque durante o flerte ele tinha qualidades como ser carinhoso e que ela não tinha como saber o monstro que na realidade ele era.

A Sdr 60, por sua vez, já traz uma narrativa sobre o período de relacionamento entre eles em que é possível observar que não era apenas para Clara que o agressor se mostrava uma pessoa diferente. O avô o conheceu e o considerava um “cara bacana”.

O recorte “*Porque na frente das pessoas ele me tratava de uma maneira... **ai que ódio, ódio, muito ódio disso. Ele me tratava muito bem, ele era daquele tipo que puxava a cadeira pra sentar aqui, abria a porta do carro, que que sabe? Que tava o tempo todo fazendo as coisas pra agradar***” revela que o agressor assumia uma identidade cavalheiresca. Clara faz uso dos verbos **tratava bem, puxava a cadeira, abria a porta, fazendo coisas para agradar** para construir o perfil sedutor do ex-companheiro/agressor. Ele é um sujeito ardiloso, sedutor, calculista, que na frente das outras pessoas se mostrava um *gentleman*, enquanto a sós com Clara a realidade era bem diferente.

Em matéria que foi ao ar no portal G1, em 2019, alguns especialistas em traçar o perfil de homens que agredem mulheres chegaram à conclusão de que o padrão de agressor de violência doméstica é um homem que trabalha, tem uma vida social, tem bons antecedentes criminais. Para esses especialistas, na maioria dos casos, o agressor é considerado uma ‘pessoa normal’ e que até quem convive com ele acha difícil acreditar que ele tenha sido capaz de agredir alguém⁴⁸.

Com o relato de Clara, pode-se observar que seu agressor, a princípio, está dentro deste perfil, uma vez que ele demonstra boas qualidades para todos que estão à sua volta. E que Clara considerava essa dupla personalidade um obstáculo para denunciá-lo porque, segundo ela, ninguém acreditaria que um homem tão cavalheiro agredisse uma mulher.

Essa credulidade, sem desconfianças, em uma personagem fictícia gera em Clara

⁴⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/19/especialistas-tracam-perfil-de-agressores-de-mulheres-identifique-caracteristicas-abusivas-em-5-pontos.ghtml> Acesso em 13/01/2021

um sentimento de raiva expresso no trecho **“ai que ódio, ódio, muito ódio disso”** também da Sdr 60. É possível observar que ao narrar toda a situação em que, a sós, ele era um homem violento, perigoso, que a deixava com medo, mas que na frente das pessoas se mostrava um cavalheiro, a remete a uma memória de humilhações, aviltamentos, enganos, abusos que geram nela o sentimento de ódio no presente, no momento da narrativa. E, assim, ela interrompe seu relato, através de uma interjeição, revelando a intensidade de seus sentimentos, o quanto sente ódio do fato de o agressor ter fingido ser um cavalheiro e enganar, em um primeiro momento, a ela e a todos.

A Sdr 61 traz uma descrição do ex-companheiro já enquanto agressor. No trecho **“Ele achava que eu enganava ele o tempo todo, ele achava que eu mentia pra ele o tempo todo. Então, ele começou a ficar muito neurótico com essas coisas. Por isso que ele pegava o meu celular, por isso que eu saía do serviço e quando eu botava o pé pra fora do serviço, ele já tava na frente do meu serviço, pra me levar até a escola das crianças, pra escola das crianças já me trazer pra casa, pra, pra eu não ter nenhum tipo de contato com ninguém, pra que eu não contasse o que ele tava fazendo me obrigando a ficar com ele. E pra que eu não me relacionasse com ninguém”**, Clara traça uma construção lógica para chegar à conclusão de que o seu agressor era um homem paranoico e possessivo. Observe o quadro a seguir:

Ele achava que:	Por isso:	Para ela:
<ul style="list-style-type: none"> • Era enganado; • Clara mentia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pegava o celular; • Esperava ela sair do serviço. 	<ul style="list-style-type: none"> • Não ter contato com outras pessoas; • Não contar o que estava acontecendo; • Não se relacionar com ninguém.

Com a combinação entre esses enunciados, Clara explica que seu ex-companheiro e agressor era um tirano, abusador, paranoico e possessivo e agia com o objetivo de evitar que ela entrasse em contato com outras pessoas, proibia possibilidades de comunicação ao confiscar o celular dela e ao não deixá-la ficar sozinha.

A relação de posse estabelecida pelos saberes e práticas machistas coloca a

mulher em posição de mero objeto, que tem um dono. O ciúmes doentio também pode ser, inicialmente, fruto do machismo, uma vez que pode se revelar com uma espécie de insegurança, medo que uma pessoa tem de perder o seu objeto, isto é, neste caso a mulher.

Perseguir, confiscar celular, impedir que a mulher tenha contato com outras pessoas são uns dos primeiros sintomas de um relacionamento abusivo. No caso de Clara, sua relação com o agressor não ficou restrita a apenas sinais de paranoia e possessividade. As sequências discursivas de referência a seguir foram selecionadas por tratar das diversas formas de sadismo do ex-companheiro e das violências sofridas por Clara.

Sdr 62: Eu chorava. **Eu não conseguia... satisfazer ele da maneira que ele queria. Então aí é que vinha as surras, aí que vinha as torturas, né?** Que era aí que ele me machucava mais e saía comigo no meio da madrugada, me levava na frente de alguns matos, falava, **“ah, eu vou te amarrar, vou jogar teu corpo aí, eu vou te matar, vou te sufocar e vou jogar teu corpo nesse valo, vou jogar teu corpo nesse mato, se tu contar pra alguém eu vou matar teus filhos, a tua filha já tá bem bonita”**.

Sdr 63: Só que aí ele começou a ficar muito neurótico, **ele começou a me machucar demais, demais, demais, demais, começou a me torturar, me amarrar. Me tirava de casa, ficava comigo dois, três dias direto, sabe? Às vezes não me dava nada pra comer, me obrigava a manter relações com ele [...]**

Sdr 64: [...] **ele começou a querer que eu mantivesse relação com ele e outros homens junto. Como castigo, não sei... por prazer, não sei o motivo. E aquilo me deixou com muito medo. E eu disse que não. E ele disse que sim. E assim ele fez.** Um dia eu tô indo buscar minha filha na escolinha. [...] era por volta de umas cinco horas da tarde, dia cinco de maio de dois mil e dezessete. Ele me colocou dentro do carro. [...] Ele me deu um... alguma coisa pra eu beber, acho que tinha droga, não sei. E me levou prum lugar... No meio do caminho, ele me deu uma roupa pra eu trocar. Eu tava de calça legging e camiseta. Ele me deu um vestido de dormir. Eu esqueci como é que chama... uma camisola. E... eu apaguei. E nesse dia eu sofri um estupro coletivo.

Em seu relato, Clara nos conta que foi vítima tanto de violência física como

psicológica e sexual. O recorte da Sdr 62 “*Eu não conseguia... satisfazer ele da maneira que ele queria. Então aí é que vinha as surras, aí que vinha as torturas, né?*” demonstra que Clara apanhava, era torturada, mas ao mesmo tempo também mostra que há um grau de violência psicológica conectada.

Quando ela usa a construção “eu não conseguia satisfazê-lo, **então** vinham as surras, as torturas” o operador argumentativo **então** estabelece uma relação de consequência entre **não satisfazer** o homem e **sofrer agressão** física. É possível observar, portanto, que Clara acreditava que a insatisfação sexual dele era culpa dela e que as surras aconteciam porque ela não conseguia satisfazê-lo. Ela não questiona o sadismo do ex-companheiro agressor, suas exigências sexuais.

Por outro lado, ainda na Sdr 62, através do discurso citado do agressor fazendo ameaças “*ah, eu vou te amarrar, vou jogar teu corpo aí, eu vou te matar, vou te sufocar e vou jogar teu corpo nesse valo, vou jogar teu corpo nesse mato, se tu contar pra alguém eu vou matar teus filhos, a tua filha já tá bem bonita*” demonstra que o jogo de ameaças e de tortura psicológica que ele impunha à Clara funcionava para que ela tivesse medo dele, medo de denunciá-lo, medo de morrer, de ter algum ente querido machucado.

E assim, ela vai se mantendo na relação abusiva, uma vez que se sente imobilizada, impotente, frente às ameaças e à crença de que elas pudessem ser concretizadas. Em seu imaginário, existe uma possibilidade de o agressor atingir outras pessoas de sua família. Para evitar isso, ela vai permanecendo no relacionamento abusivo.

A Sdr 63 traz mais exemplos de violência física. O trecho “*ele começou a me machucar **demais, demais, demais, demais**, começou a me torturar, me amarrar. Me tirava de casa, ficava comigo dois, três dias direto, sabe? Às vezes não me dava nada pra comer, me obrigava a manter relações com ele [...]*” revela que além das surras, ele encontrava outras formas de machucar Clara. Ao usar repetidamente o advérbio de intensidade **demais** para modalizar o verbo machucar, Clara demonstra que a(s) violência(s) sofrida(s) estavam ultrapassando todos os limites da perversidade e aí ela lista exemplos: torturar, amarrar, sequestrar, privar de alimentação e, por fim, estuprar, expresso no enunciado “me obrigava a manter relações com ele”.

O estupro é considerado uma violência sexual, das mais perversas, uma vez que

mexe tanto física quanto psicologicamente com as vítimas. Em entrevista para a BBC Brasil⁴⁹, em 21 de dezembro de 2019, a professora e antropóloga argentina Rita Segato afirmou que o estupro “é um ato de poder, de dominação, é um ato político”. Não se trata de desejo sexual descontrolado, mas sim de um ato que toma posse, “coloca a mulher em seu lugar, a apanha em seu corpo, diz a ela que, mais do que uma pessoa, ela é um corpo”. É um ato político de violência física e psicológica porque, assim como outros tipos de violência contra a mulher, tem o claro objetivo de manter a lógica de opressão, de inferiorizar a mulher em relação ao homem na sociedade. O estupro e os outros tipos de violência contra as mulheres são práticas da ideologia machista.

Clara foi violada por seu ex-companheiro e também por um grupo de homens, um estupro coletivo organizado pelo agressor, como fica expresso na Sdr 64. O trecho “[...] *ele começou a querer que eu mantivesse relação com ele e outros homens junto. Como castigo, não sei... por prazer, não sei o motivo. E aquilo me deixou com muito medo. E eu disse que não. E ele disse que sim. E assim ele fez*” demonstra a perversidade do ex-companheiro de Clara. Não bastasse ele forçar relações sexuais com ela, ele também queria impor o corpo dela a outros homens como forma de provar seu poder sobre ela.

Na sequência de enunciados “*E eu disse que não. E ele disse que sim. E assim ele fez*” é possível observar que o **não** de Clara é insignificante, como são todos os não que nós mulheres falamos todos os dias nas sociedades patriarcais capitalistas em que vivemos ao redor do mundo. A insignificância de seu não e que deu poder ao companheiro deveu-se também à falta de ação dela, de coragem para denunciá-lo à polícia, por torturas, por estupro, de não frear seus atos de sadismo.

Ainda no mesmo trecho da Sdr 64, o enunciado “*como castigo, não sei... por prazer, não sei o motivo*”, Clara especula as razões que levaram seu agressor a organizar o estupro coletivo mas não chega à uma conclusão sobre isso. Ela não sabe se fez algo errado para receber um **castigo**, ou se é o **desejo sexual descontrolado** do ex-companheiro. Além disso, ela não considera a possibilidade de estar atada a um machista perverso, cruel e dominador.

⁴⁹ Esta entrevista está disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50757063> Acesso em 13/01/2021

É preciso evocar Rita Segato novamente e reforçar que o estupro é um exercício de poder, de dominação sobre o corpo feminino. Clara não chega à conclusão de que teve seu corpo subjugado como forma de exercício de poder porque ainda buscando entender as razões *individuais* do agressor: castigá-la ou sentir prazer.

No momento em que Clara relata o estupro coletivo na entrevista, ela fica extremamente emocionada. Faz várias pausas como se quisesse reunir forças para falar sobre o assunto e não chorar. Não seria necessário fazer essa introdução para compreender que o período de verdadeiro terror que ela viveu sob as garras do agressor deixou muitas sequelas. As sequências discursivas de referência a seguir foram selecionadas para mostrar o imaginário que Clara tinha de si mesma no período em que foi vítima de violência doméstica.

Sdr 65: eu não falei pra ninguém da minha família, eu não falei pro meu avô, não falei pros meus irmãos, não falei pra minha mãe, não falei pra ninguém porque eu... nem pro meu primeiro companheiro, **porque eu tinha muita, muita, muita, muita vergonha do que tava acontecendo, sentia extremamente culpada pelo que aconteceu, por todas as coisas que aconteceram. Eu achava que eu merecia passar pelo que eu tava passando por ter me envolvido com uma pessoa que nem ele.** Então, ele me prendeu muito na parte psicológica, assim, sabe? Que eu, ele me prendeu na vergonha porque eu tinha vergonha das coisas que ele fazia comigo e...

Sdr 66: Então eu já não saía mais pra rua por conta disso assim porque eu tinha que esconder as marcas do meu corpo de estar machucada. **Por medo dele, por vergonha. Então, eu me transformei numa outra pessoa. Eu perdi a alegria de viver, eu não, eu não saía mais com os meus amigos, eu parei de tocar, eu parei de sair, eu larguei a faculdade, eu vivia trancada em casa com medo, eu vivia vinte e quatro horas por dia única e exclusivamente pra satisfazer as vontades do que ele queria e quando eu não satisfazia como ele queria, ele me machucava e ele começou a me tratar como se eu fosse algo que pertencesse a ele,** assim, foi um período... muito... difícil na minha vida, assim. Que eu **não me reconhecia como ser humano.**

Na Sdr 65, Clara relata que não contou para ninguém da sua família que estava passando por uma situação de violência doméstica e o trecho “*porque eu tinha **muita, muita, muita, muita vergonha** do que tava acontecendo, sentia **extremamente culpada** pelo que aconteceu, por todas as coisas que aconteceram.*” Ela usa repetidamente o

advérbio de intensidade **muita** para explicitar seu estado emocional através do grau de vergonha que ela sentia por submeter-se aos desejos do companheiro. Em seguida, ela usa outro advérbio de intensidade, **extremamente**, para modalizar o adjetivo **culpada** e reforçar que sentia culpa por estar sendo agredida, como se ela fosse responsável pelo comportamento do agressor.

Ainda na Sdr 65, o trecho *“Eu achava que eu **merecia** passar pelo que eu tava passando por ter me envolvido com uma pessoa que nem ele”* corrobora o funcionamento da ideologia neste caso uma vez que é possível observar, com o uso do verbo **merecia**, que Clara, além de se sentir muito envergonhada e extremamente culpada, ela acha que merecia aquele sofrimento por não ter sido capaz de sair do relacionamento.

Vergonha e culpa são duas constantes em casos de violência doméstica. O funcionamento da ideologia machista, além da eficácia da prática das violências perpetradas pelo ex-companheiro agressor, dentro da FDrMA é muito forte a ponto de que as mulheres agredidas inscritas nessa FDR não conseguem questionar os saberes machistas que as colocam como culpadas mesmo sendo as vítimas. Consideram-se merecedoras de toda e qualquer violência por não terem percebido a tempo quem era o companheiro. E passam por um processo de autopunição. Trata-se de um duplo sofrimento: primeiro porque a mulher está sob a ação de um agressor, o que gera marcas físicas e psicológicas, medo; e segundo porque ela mesma se martiriza, se confina sozinha com seu sofrimento por vergonha das outras pessoas e por achar que merece, que tem culpa. Aí não busca ajuda e se mantém no ciclo.

Na Sdr 66, Clara descreve seu estado emocional, sobre como ela ficou depois de algum tempo sofrendo as diversas agressões relatadas. Com o recorte *“**Por medo dele, por vergonha. Então, eu me transformei numa outra pessoa. Eu perdi a alegria de viver, eu não, eu não saía mais com os meus amigos, eu parei de tocar, eu parei de sair, eu larguei a faculdade, eu vivia trancada em casa com medo, eu vivia vinte e quatro horas por dia única e exclusivamente pra **satisfazer as vontades do que ele queria** e quando eu não satisfazia como ele queria, ele me machucava e ele começou a me tratar como se eu fosse **algo que pertencesse a ele**”*** é possível observar que antes do agressor, Clara era uma mulher muito ativa. Ela saía com amigos, tocava em uma banda, fazia faculdade, queria viver.

Depois que o agressor forçou entrada em sua vida, primeiramente de modo sedutor, após com ameaças e violência, ela deixou de fazer tudo que gostava de fazer. Entretanto, o enunciado que precede a lista de coisas que ela deixou de fazer demonstra que os os fatores emocionais que a paralisaram foram o **medo** e a **vergonha**. Na construção “*Por medo dele, por vergonha. Então, eu me transformei numa outra pessoa*”, o operador argumentativo **então** apresenta as consequências de sua fragilidade, de seu medo e de sua falta de consciência sobre os próprios lugares que poderia ocupar em seu meio como mulher, como mãe, como professora.

Clara sentia vergonha e medo e o resultado destes sentimentos foi abandonar a si própria, quem ela era, as coisas que ela gostava de fazer, até chegar a não se reconhecer como uma pessoa, o que fica expresso no enunciado “*não me reconhecia como ser humano*”. Mais uma vez o funcionamento da ideologia machista obtém sucesso na medida em que até mesmo a sua humanidade é colocada em xeque. A prática das violências, a tortura, configuram a força da ideologia machista para a manutenção da condição de escrava da mulher.

O relato de Clara mostra que ela própria estava refém de sua vulnerabilidade e, por conseguinte da ideologia machista. Não conseguia sair do ciclo de violência em que se encontrava. Seja porque o agressor a ameaçava e à sua família, seja porque estava ainda completamente identificada com a FDrMA, o que a impedia de questionar os saberes e práticas machistas inscritos e romper para se libertar. Foi preciso uma amiga perceber a situação e agir para tirar Clara do ciclo de violência.

Em um dado momento da narrativa, Clara relata que uma amiga que morava em outra cidade a pediu para morar com ela em Porto Alegre. Clara aceitou, porém ficou apreensiva sobre como esconder dessa amiga que estava sofrendo violência doméstica. Ela até tentou mas a amiga a conhecia muito bem, o suficiente para perceber que algo estava errado. Clara acabou contando para a amiga o que estava acontecendo e, em seu relato, demonstra que recebeu bastante apoio. As sequências discursivas de referência a seguir foram selecionadas para mostrar o importante papel que a amiga de Clara teve.

Sdr 67: Aí tava dois dias em casa, eu tentei me matar, tentei me enforcar e aí essa minha amiga que foi um anjo que Deus colocou no meu caminho procurou um lugar chamado Themis. Onde nós havíamos feito um curso sobre cidadania a uns anos atrás. É uma ONG feminista. E...

quando a gente, quando ela foi até esse lugar e contou a minha história, elas ficaram é... bem preocupadas assim com o que tinha acontecido. [...] E aí nesse lugar, lá na Themis, essas meninas falaram sobre essa casa de referência, né?

Sdr 68: Mas aí essa minha amiga conseguiu me convencer da gente ir pra Mirabal. Que... só que eu estava com medo porque eu não conhecia ninguém nesse lugar. Eu não sabia como funcionava, não sabia como as pessoas iam reagir com o que tinha acontecido comigo. Pro estresse emocional que eu tava vivendo, eu... eu queria silêncio, eu não queria ver ninguém, não queria falar com ninguém e **a minha amiga disse “x, a gente tá perdendo tempo, vamos embora, antes que esse cara reapareça, ele vai fazer de novo o que ele fez contigo e aí tu já tá nesse estado emocional crítico, tu vai piorar e as coisas vão piorar e tu vai acabar morrendo, porque tu não tá tendo nenhum tipo de reação, né? Nenhum tipo de ação, então eu vou agir por ti.**

Na Sdr 67 Clara narra eventos que se deram depois que saiu do hospital em que ficou internada após o estupro coletivo. No recorte “*Aí tava dois dias em casa, **eu tentei me matar, tentei me enforcar e aí essa minha amiga que foi um anjo que Deus colocou no meu caminho procurou um lugar chamado Themis***”. O desespero e dor de Clara eram tão grandes que ela tentou se matar, por meio de enforcamento, mas não conseguiu. A amiga que estava morando com ela e já sabia do histórico de agressões começa a agir e Clara a define como “*um anjo que Deus colocou no meu caminho*”. Essa definição corrobora o desespero que Clara sentia, uma vez que ela se via incapaz de sair daquele ciclo de violência e, depois, dos traumas psicológicos que vieram em consequência. Entretanto, é preciso enfatizar que a amiga não age por espontaneidade. Foi preciso que Clara tentasse o suicídio para que a amiga tomasse decisões.

No caso, a amiga procurou a Themis, que é uma associação civil com sede em Porto Alegre cujo objetivo é enfrentar a discriminação contra mulheres no sistema de justiça.⁵⁰ Na Themis, elas ficaram sabendo da existência da *Casa Mirabal* e assim começou o processo de libertação de Clara.

Como visto em Sdrs anteriores, ela não conseguia sair do ciclo de violência por medo, vergonha ou culpa. A Sdr 68 mostra que Clara estava relutante em ir para a casa de apoio e que a amiga precisou convencê-la. O trecho “*a gente tá perdendo tempo,*

⁵⁰ Ver maiores informações em <http://themis.org.br/> Acesso em 14/01/2021

vamos embora, antes que esse cara reapareça, ele vai fazer de novo o que ele fez contigo e aí tu já tá nesse estado emocional crítico, tu vai piorar e as coisas vão piorar e tu vai acabar morrendo, porque tu não tá tendo nenhum tipo de reação, né? Nenhum tipo de ação, então eu vou agir por ti” mostra o discurso citado da amiga, os argumentos que ela usou para convencer Clara a ir para a casa de passagem *Mirabal*. Esse discurso citado possibilita construir um imaginário sobre a apatia de Clara em relação às violências sofridas e o modo como ela tenta “assumir a culpa”.

Mesmo assim, a amiga se vale da possibilidade de o agressor reaparecer e fazer tudo de novo. Em “e *aí tu já tá nesse estado emocional crítico, tu vai piorar e as coisas vão piorar e tu vai acabar morrendo, porque tu não tá tendo nenhum tipo de reação*”, na Sdr 68, os argumentos da amiga apresentam uma sequência de conseqüências que aconteceriam caso Clara não aceitasse ir para a casa de apoio: o estado emocional de Clara e o risco de morte parecem ter sido os argumentos mais convincentes.

O uso do operador argumentativo **porque** em “*tu vai acabar morrendo, porque tu não tá tendo nenhum tipo de reação*” indica que a amiga considera o fato de Clara não estar convencida a ir para a *Mirabal* uma ausência de reação e que isso pode levá-la à morte. Já o operador argumentativo **então** em “*então vou agir por ti*” funciona como uma conclusão em que a amiga toma as rédeas da situação e leva Clara para a *Mirabal*.

Clara, traumatizada, deprimida, machucada, não tem forças para reagir, para se proteger. Entra em cena uma amiga, que também é uma mulher identificada com saberes e práticas da FD feminista, e age. Ela convence Clara a ir para a casa de apoio, ela faz as malas e busca as crianças na escola. Ela inclusive se muda para a *Mirabal* para fazer companhia para Clara. A importância dela para a vida de Clara está no fato de que a amiga interferiu no relacionamento abusivo em que Clara estava, não a deixou continuar imersa na situação de violência, e nem imersa em seu próprio trauma, correndo risco de vivenciar tudo de novo caso o agressor reaparecesse, ou de obter sucesso em uma segunda tentativa de suicídio.

3.1.3.3 Bloco 3 Narrativa sobre a experiência na *Mirabal* e sua influência sobre a entrevistada

Chegamos ao bloco 3 em que Clara narra sua experiência na *Mirabal*. Após ser

levada pela amiga, ela conta que demorou para se adaptar principalmente porque estava sofrendo de transtorno traumático. Em um primeiro momento, ela não conseguia se relacionar com nenhuma outra mulher acolhida pela Casa, passava noites em claro verificando portas e janelas com medo de que seu agressor aparecesse, entre outras coisas. Com o tempo, e também com sessões de terapia e auxílio de remédios, Clara foi começando a participar da Casa e a melhorar sua condição psicológica para conseguir retomar sua vida. As sequências discursivas de referência a seguir demonstram como foi sua experiência na *Mirabal*;

Sdr 69: E aí eu fiquei no abrigo durante um ano e três meses, **eu denunciei ele por estupro, eu denunciei, eu consegui cinco protetivas e as protetivas incluíam os meus filhos e...** e daí nesse período eu sempre fiz a terapia com a medicação, faço até hoje, a terapia com a medicação, faço até hoje a terapia psicológica, **eu consegui aos poucos é... com a ajuda de todas as gurias [da Mirabal], né? Que cuidaram de mim [...]**

Sdr 70: **Então, aquilo foi, isso foi algo que... que foi o que me fortaleceu, foi o que me resgatou, foi o que salvou a minha vida, não me sentir sozinha, ter certeza absoluta que eu não tava sozinha,** receber tantos abraços, é... receber tanta força, tanto carinho, tanta gente se revezando pra dormir comigo, pra não dormir sozinha, tanta gente se revezando, pra ficar nas audiências comigo. É... as gurias pagando Uber pra mim não ter que pegar um ônibus, não ter que me expor, não ter que ficar perto de ninguém que aquilo me causava estresse, correndo atrás da minha medicação, correndo atrás de todas as coisas pra mim, pros meus filhos. **Então, eu não tinha o direito de desistir.**

Na Sdr 69, Clara narra sobre o que ela considera suas conquistas. No trecho “**eu denunciei ele por estupro, eu denunciei, eu consegui cinco protetivas e as protetivas incluíam os meus filhos e...**”, é possível observar que para alguém que passou mais de um ano sofrendo todo tipo de abuso e não conseguiu contar para ninguém, por medo, vergonha ou culpa, denunciar seu agressor, inclusive por estupro, é uma conquista. No entanto, ela reconhece que sozinha não conseguiria e fala da terapia e da medicação, além das companheiras da *Mirabal*, como suportes que a ajudaram a se recompor.

É importante refletir que, da mesma forma que a amiga a pegou pelo braço e a levou para o abrigo, as denúncias poderiam ter sido feitas por outras pessoas. Ou ela poderia simplesmente sucumbir ao trauma e não fazer nada. Mas ela fez. Ela denunciou

e conseguiu protetivas, entre outras conquistas judiciais. No recorte “**eu consegui** aos poucos **é...** com a ajuda de todas as gurias [da *Mirabal*], né? Que cuidaram de mim [...]”, Clara retoma o verbo na primeira pessoa “eu consegui” como forma de reforçar que ela obteve conquistas durante o período em que ficou no abrigo. Aos poucos, como ela mesma coloca. Mas hesita com o “**é...**”, uma marca de discurso, uma espécie de pausa em que parece vir à sua mente que sozinha não teria sido possível. Ela conseguiu, porém com ajuda da *Mirabal*.

Na Sdr 70, Clara traz outros elementos que a ajudaram a superar seu trauma. O recorte “*Então, aquilo foi, isso foi algo que... que foi **o que me fortaleceu, foi o que me resgatou, foi o que salvou a minha vida, não me sentir sozinha, ter certeza absoluta que eu não tava sozinha***” revela como a convivência com outras mulheres acolhidas, com histórias iguais ou piores que as de Clara, foi fundamental para que ela conseguisse superar. Ela usa as expressões catafóricas **o que me fortaleceu, o que me resgatou e o que salvou a minha vida** para descrever os efeitos das ações da amiga, de outras moradoras da casa, da terapia, na sua libertação.

É possível observar que Clara encontra força no fato de não estar sozinha, seja no sentido de não ter sido a única a sofrer agressões, seja no sentido de não ser a única lutando para superar o trauma e retomar a vida. Na *Casa*, ela obteve todo tipo de apoio para recomeçar e expressa seu reconhecimento através do argumento: “**Então, eu não tinha o direito de desistir**”, ainda na Sdr 70. O operador argumentativo **então** funciona como uma forma de fazer a síntese sobre seu comportamento. Depois de tudo que todas fizeram por ela na *Mirabal*, depois de perceber que não estava sozinha e que poderia se fortalecer para enfrentar seu agressor e os traumas que ele deixou nela, Clara não poderia desistir de viver. Ela tira esse direito de si mesma.

Na *Mirabal*, Clara aprendeu a cozinhar, começou um pequeno negócio com uma outra acolhida e começou a planejar sua saída de lá para dar seguimento à sua vida. Um ano e três meses depois, Clara saiu, retomou o relacionamento com o terceiro companheiro e segue fazendo terapia, tomando medicação. Atualmente está desempregada e voltou sua atenção praticamente completa para o cuidado com J., filho que teve com o agressor e que sofre de transtorno de bipolaridade grave. As sequências discursivas de referência a seguir mostram quais são as perspectivas que Clara tem para

o futuro.

Sdr 72: **Mas hoje em dia eu tenho planos, né, de é... quando eu conseguir organizar o J, [...] Porque eu... eu sinto muita vontade de voltar a estudar, eu fiz magistério, eu quero fazer pedagogia, eu iniciei a pedagogia e tive que parar, então tenho muita vontade, tenho vontade de trabalhar fora de novo...** tenho vontade de, eu até tentei algumas vezes assim, né? Só que eu tive que parar, todas as vezes que eu iniciei, eu tive que parar por minha causa, às vezes, por eu não conseguir, por me dar um um receio de ter uma rotina e algumas vezes também por causa do J, porque ele demanda muito de mim, mas eu acredito que eu vou conseguir sim.

Sdr 73: Eu estou lutando pra... por isso. Por mim, pelos meus filhos. É... pelas minhas companheiras que não desistiram de mim. Todas as minhas amigas, pelos meus amigos que não desistiram. Pelas pessoas que sempre me acompanharam e que torcem por mim. **Hoje eu me tornei uma mulher muito mais combativa eu sou uma mulher muito mais feminista, eu sou muito mais mulher, eu sou muito mais confiante, eu me amo muito mais e isso tudo só se transformou dentro de mim pra melhor, porque eu tive essa grande oportunidade, essa, esse divisor de águas na minha vida que foi conhecer a Mirabal.**

Clara é uma mulher que passou por situações extremamente degradantes, impostas por um homem machista, violento, infrator da lei, que queria, a todo custo, provar seu poder sobre o corpo dela. Foram surras, estupros, traumas psicológicos até chegar a um ponto que ela mesma não se reconhecia como um ser humano, até chegar ao ponto de ela tentar tirar a própria vida.

As mulheres que sobrevivem a situações de violência doméstica, ou seja, que não morrem vítimas de feminicídio ou de suicídio, saem muito traumatizadas e machucadas, o que torna o reerguer-se, o retomar a vida, uma tarefa muito difícil. No caso da entrevistada, é possível observar que ela mesma considera que sozinha não teria dado conta e se sente muito grata pela atuação da *Mirabal*. Quanto ao seu futuro, ela sai da casa de apoio disposta a recomeçar, retomar de onde parou, mas ainda encontra alguns obstáculos.

Na Sdr 72, no recorte “***Mas hoje em dia eu tenho planos, né, de é... quando eu conseguir organizar o J, [...] Porque eu... eu sinto muita vontade de voltar a estudar, eu fiz magistério, eu quero fazer pedagogia, eu iniciei a pedagogia e tive que parar, então***

tenho muita vontade, tenho vontade de trabalhar fora de novo...” revela que ela tem sim planos, mas sua hesitação, expressa pela marca de discurso **é...** a faz mudar o rumo da sua narrativa saltando para o motivo que a faz não colocar os planos em prática no momento. O enunciado “*quando eu conseguir organizar o J*” se refere ao filho que sofre transtorno de bipolaridade grave e que demanda bastante da atenção dela. Ela diz que tem planos, hesita e demarca que só depois que conseguir ajudar o J. a ficar bem é que ela vai dar seguimento aos planos: fazer pedagogia, trabalhar fora.

Já a Sdr 73 traz o imaginário que ela tem dela mesma hoje, após passar pela *Mirabal*. O trecho “*Hoje eu me tornei uma mulher **muito mais combativa** eu sou uma mulher **muito mais feminista**, eu sou **muito mais mulher**, eu sou **muito mais confiante**, eu **me amo muito mais** e isso tudo só se transformou dentro de mim pra melhor, porque eu tive essa grande oportunidade, essa, esse divisor de águas na minha vida que foi conhecer a *Mirabal*” mostra uma Clara muito mais empoderada. Ela utiliza o advérbio de intensidade **muito** junto à locução **mais (que)** para reforçar como ela se transformou em relação ao que ela era antes de chegar à *Mirabal*:*

Sou uma mulher **muito mais** combativa (que antes).

Sou uma mulher **muito mais** feminista (que antes).

Sou **muito mais** mulher (que antes).

Sou **muito mais** confiante (que antes).

Eu me amo **muito mais** (que antes).

O interessante do enunciado “*eu sou uma mulher muito mais feminista*” pressupõe que ela fosse de fato feminista antes e que hoje, depois da temporada na casa de apoio, ela se tornou mais feminista ainda. De fato, se levarmos em consideração que ela teve uma mãe que tentou passar saberes e práticas da FD feminista sobre questões de abuso e estupro, entre outros temas, pode-se inferir que Clara pudesse ser uma sujeita que transitava pela FD feminista. Mas como ela não teve orientação sobre violência doméstica, além de ter convivido com a mãe que morava com um marido inútil dentro de casa para preservar o casamento, acabou que esses saberes e práticas passados pela mãe não a auxiliaram muito ao longo de sua trajetória.

É preciso reforçar que ser feminista não é uma garantia de não sofrer violência machista, uma vez que o problema não está só no comportamento masculino, mas está no sistema patriarcal, capitalista e machista em si, que deve ser transformado.

Ao usar os adjetivos **combativa**, **feminista**, **confiante**, Clara se autodescreve como sendo, atualmente, uma mulher que vai à luta, pelos seus direitos e de outras mulheres, que não é insegura. Além disso, ela também afirma ter aprendido a se **amar muito mais** e talvez esta seja uma das transformações mais importantes na vida de uma mulher. Os discursos que transitam pela FD machista com o objetivo de manter a ideia de que as mulheres são inferiores aos homens não encontram eco apenas nos homens. Nós mulheres somos diariamente *bombardeadas* por discursos que nos fazem acreditar que de fato somos inferiores, que não podemos estar felizes com nossos corpos, que não merecemos sermos amadas e respeitadas. Aprender a se amar, dentro dessas condições, isto é, dentro de um sistema que diariamente dissemina saberes e práticas para que as mulheres não tenham amor próprio, é também uma forma de ruptura com os saberes da FD machista, uma vez que passamos a rejeitar os discursos que nos colocam em posição subalterna e nos fortalecemos.

Entretanto, a partir de seu relato, pode-se entender que Clara parte em direção a uma contraidentificação com a FDrMA, e não desidentificação como com as outras entrevistadas. Com ajuda da amiga, da terapia, das outras acolhidas e da coordenação da Casa, ela passa por uma transformação pessoal mas ainda está em vias de reunir forças para organizar a sua vida, voltar a trabalhar e ter sua rotina. Boa parte do seu tempo é para cuidar sozinha do filho que tem problemas psiquiátricos e ela espera essa situação terminar para aí sim voltar a estudar e trabalhar. Infelizmente, esta é a realidade de muitas mulheres. Quando ela conseguir se organizar, talvez possa ir em direção a uma desidentificação e influenciar as vidas de outras mulheres, ou até mesmo as relações de produção/reprodução das relações sociais machistas.

3.2 Analisando semelhanças e diferenças entre as entrevistadas

Esta etapa é importante para que se possa observar quais os pontos de identificação entre as entrevistadas, isto é, quais associações podem ser feitas entre essas mulheres, suas vivências e os modos como elas se contraidentificaram com a

Formação Discursiva de Referência da Mulher Agredida.

Primeiramente, retomo que a FDrMA é onde coexistem saberes heterogêneos que têm relação com o fato de que ao longo da história às mulheres foi relegado um lugar de “segundo sexo” na sociedade patriarcal e capitalista brasileira. Esses saberes remetem a mulheres que não resistem à violência imposta.

As características que dominam nesta FDr que permitem relações de identificação entre as sujeitas entrevistadas demonstram que, em um primeiro momento da narrativa, todas elas estavam à mercê de relações extremamente violentas e, cada uma à sua maneira, ia permanecendo ali. Rosa criava desculpas para si mesma e tentava convencer o marido que ela não merecia apanhar porque estava se arrumando para ele. Angela, bastante pragmática, vai suportando a violência porque vê no agressor a pessoa que constrói a casa dela, além de companhia. E Clara não busca ajuda porque acha que merece passar por tudo aquilo.

Existe uma relação de identificação entre as três no sentido de que todas elas, de certa forma, em um primeiro momento, não apresentaram resistência à violência imposta por seus companheiros. No entanto, é importante salientar que não se trata de uma situação em que conscientemente elas desejassem, aceitassem, estar ali. As ideologias machistas são tão eficazes a ponto de fazer com que não se perceba a violência em si, ou que a mulher acredite que merece apanhar, entre outras coisas. E isso acontece em praticamente todos os casos de violência no espaço doméstico.

Por outro lado, há também nessa FDr saberes que questionam esse lugar inferiorizado das mulheres, que remetem a sujeitas que não aceitam a violência e duvidam que seu lugar é mesmo o de “segundo sexo”. Essa heterogeneidade de saberes dentro de uma FDr é o que torna possível que os sujeitos questionem os saberes dominantes, e que até mesmo rompam com eles.

Rosa, Angela e Clara se contraidentificam com os saberes dominantes da FDrMA, mas em tempos distintos. As três emergem como sujeitas contraidentificadas com a FDrMA quando questionam os saberes dominantes que as colocam não apenas em um lugar de “segundo sexo” mas também em posição de “saco de pancadas”. É interessante perceber que apesar de estarem vivenciando situações muito parecidas e de estarem identificadas com a mesma FDrMA, elas demoram tempos diferentes para se

contraidentificar e o fazem de formas diferentes também.

Rosa leva muito tempo para se contraidentificar. Foram mais de 10 anos se relacionando com o agressor. Além dos saberes machistas dominantes na FDr na qual ela se inscreve, ainda tem os saberes machistas que vêm junto com os discursos do pastor, que a encorajava a se manter no casamento violento. Mas ela percebe que algo não estava certo e vai questionando, buscando ajuda, até que decide sair de casa e ir para a *Mirabal*.

Angela também demora para se contraidentificar, mas essa demora está mais relacionada ao seu pragmatismo. É apenas quando ela percebe que se não sair, ele pode matá-la que Angela busca ajuda com as assistentes sociais e vai para a *Mirabal*. Já Clara só vai se contraidentificar quando tenta se matar, falha, e é levada praticamente à força para a *Mirabal* por sua melhor amiga.

Estando na Casa de Apoio, todas elas receberam cuidado psicológico, formação feminista e formação profissional para que pudessem se recompor e continuar a vida. A atuação das coordenadoras da Casa, que são identificadas com a FD feminista, foi crucial para que novos saberes fossem sendo incorporados às rotinas dessas (e de outras) mulheres.

Rosa se desidentifica e passa a se amar mais, a querer um futuro melhor para ela e para os filhos. Angela também se desidentifica e passa a atuar na realidade contra o machismo quando ensina a seu filho que cozinhar e cuidar de uma casa não é coisa apenas de mulher. Clara, por sua vez, até o fim desta pesquisa, permaneceu contraidentificada. Entretanto, é possível que ela venha a se desidentificar também uma vez que seu relato demonstra certos movimentos em direção a isso como, por exemplo, a simples vontade de mudar de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Colocar um ponto final em um trabalho como este é uma tarefa muito difícil. De fato, há uma certa impossibilidade de se concluir de verdade, uma vez que ainda existem várias formas de seguir esta pesquisa, de aprofundar o debate teórico e as práticas, com vistas a acrescentar elementos à Teoria do Discurso e também a ajudar, em certa medida, a luta pela emancipação das mulheres vítimas de violência doméstica. Porém, é preciso encerrar este ciclo de quase cinco anos, que ultrapassou, dentro do possível, as barreiras de uma pandemia, e que certamente contribuiu para que eu amadurecesse enquanto pesquisadora, analista do discurso e, sobretudo, militante das causas feministas.

Primeiramente, é preciso lembrar a importância social desta Tese uma vez que a proposta aqui foi de não apenas buscar compreender os processos sociais, históricos, ideológicos e discursivos que corroboram para que a violência machista, que mata mulheres todos os dias, continue existindo em pleno século XXI, mas também de refletir sobre possibilidades de interferir na realidade da sociedade patriarcal e capitalista brasileira buscando contribuir para o avanço da luta contra as violências, em especial a doméstica, foco deste trabalho.

A importância social também reside no fato de que, com esta pesquisa, foi possível transpor os muros da universidade e entrar em contato com as forças sociais, aqui representadas por mulheres vítimas de violência doméstica e que deram passos em direção à sua libertação. Através do espaço de escuta fornecido, busquei criar condições para compreender e investigar como se produz a violência contra a mulher no espaço doméstico.

Inscrever esta pesquisa na Análise do Discurso de origem francesa foi fundamental para que essa escuta acontecesse, isto é, para que discursos de mulheres em situação de violência doméstica pudessem ser ouvidos e analisados com o objetivo de investigar a realidade concreta em que as mulheres entrevistadas vivem, a partir do *corpus* experimental construído. Considero de grande importância essas escutas, pois estas mulheres, e muitas outras, ainda não têm espaço na sociedade para falar, seja porque os discursos machistas sobre a violência contra a mulher reverberam com muita

força, seja porque a grande maioria das instituições que deveriam acolher e dar suporte não funcionam.

Sendo assim, para conseguir alcançar os objetivos propostos quando do início desta pesquisa, quais sejam, pensar o funcionamento e as condições de produção da violência contra a mulher no espaço doméstico, a partir de uma ótica histórico-discursiva; refletir sobre o que ocorre no espaço-tempo de transição entre a casa violenta e a casa de passagem; e compreender as condições de produção dos processos discursivos de mulheres vítimas de violência doméstica, foi preciso, primeiramente, mobilizar conceitos-chave da AD.

O primeiro capítulo da Tese tratou, então, de conceitos como ideologia, sujeito para a AD, formações discursiva e ideológica e condições de produção. No que tange à questão da ideologia, o percurso feito aqui parte de Marx e Engels (2007) e sua elaboração sobre a condição da consciência, concluindo que esta não é um organismo vivo que surge sozinha mas, segundo Marx e Engels (2007), trata-se do resultado das relações materiais dos homens, na vida real.

Na sequência, sigo com Althusser (1999) e seu conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs). Tal conceito foi fundamental para esta Tese, uma vez que permitiu que se refletisse sobre o funcionamento das ideologias dentro das diversas instituições e suas maneiras de contribuírem, ao longo do tempo, para que o lugar da mulher na sociedade continue sendo subalterno até os dias de hoje.

Conforme Althusser (1999), é nos AIEs onde se realizam as ideologias, uma vez que estes são o palco da luta de classes. Muitas são as instituições que há séculos contribuem para a manutenção do lugar subalterno relegado às mulheres e, junto com isso, a propagação da violência machista. A Igreja e a Família são os AIEs que mais se destacaram nesta Tese, principalmente na parte das análises, como instituições-palco das ideologias machistas sobre o lugar da mulher na sociedade e sobre a manutenção de diferentes formas de violências machistas.

Em seguida, busco mostrar que é com base em Althusser (1999) que Pêcheux (2014c) cria a sua “teoria não-subjetiva da subjetividade”. Ele demonstra que reconhecer o funcionamento da ideologia no seio dos Aparelhos Ideológicos de Estado e que tal funcionamento acontece por meio da interpelação dos indivíduos em sujeitos, como

postulou Althusser (1999), é essencial.

Entretanto, Pêcheux (2014c) acrescenta que há uma materialidade através da qual esse assujeitamento acontece: o discurso. A materialidade discursiva torna concreto o contato entre as instâncias ideológica e linguística, e ela se realiza por meio de formações discursivas diversas, contraditórias e antagônicas, contidas em formações ideológicas cujas características as tornam igualmente contraditórias dentro dos AIEs.

Para Pêcheux (2014c), a noção de sujeito leva em consideração elementos sociais, históricos e ideológicos como condições que o constituem. Sendo assim, o lugar que o sujeito ocupa nas relações de produção na sociedade, isto é, seu lugar social, determina as posições que este assume em seu dizer. O assujeitamento do sujeito é ideológico, mas Pêcheux (2014c) difere de Althusser (1999) no sentido de que aquele acredita que há espaço para que os indivíduos questionem, duvidem dos processos que os interpelam.

Dessa forma, não há apenas o assujeitamento pleno como postulava Althusser (1999). Isto é, para Pêcheux (2014c), ao ser interpelado como sujeito, o indivíduo pode aceitar plenamente a interpelação, identificando-se com os saberes e práticas de uma determinada FD. Este é o bom sujeito. Ainda, ele pode contraidentificar-se com esses saberes e práticas, sendo caracterizado como um mau sujeito, que quando tem dúvidas, questiona tais saberes e práticas. Ou ainda, pode desidentificar-se com esses saberes e práticas de modo que a interpelação vem a funcionar ao contrário, como uma condição de desarranjo dos saberes que o interpelaram.

O conceito de tomadas de posição proposto por Pêcheux em *Semântica e Discurso* é muito importante porque, para além de estabelecer que não há apenas uma forma de se tornar sujeito, ainda defende que há espaço para a constituição de sujeitos que se contrapõem às ideologias das classes dominantes em direção à transformação das relações de produção vigentes.

A prática revolucionária é um exemplo de como a desidentificação pode funcionar como um contraponto em relação às ideologias das classes dominantes. Conforme Pêcheux (2014c), isso não significa que a prática revolucionária anule as ideologias e liberte os sujeitos de sua interpelação. Porém, com a modalidade de desidentificação, é possível que, seja no campo da práxis ou da teoria, da ciência ou da luta de classes,

formações ideológicas e discursivas sejam rearranjadas/desarranjadas. Que sujeitos (e sujeitas) caminhem em direção à transformação das relações de produção das classes dominantes e não mais para reproduzi-las ou maquiá-las (como os setores reformistas tendem a fazer).

A categoria de condições de produção na Análise do Discurso de origem francesa, que também é debatida no Capítulo 1 desta Tese, ajuda a compreender o trabalho dos sentidos no discurso. Isto é, ajuda a observar que ao longo da História, houve a cristalização de práticas e discursos, mas também mudanças, revoltas e revoluções aconteceram e transformaram a realidade das pessoas, o que significa que há espaço para que os saberes e práticas que representam as ideologias dominantes sejam questionados, vindo a configurar o fato de que os rituais falham.

No que tange à questão da mulher e ao lugar subalterno imposto pelas sociedades patriarcais, capitalistas, ocidentais, para refletir sobre as condições de produção da violência contra a mulher no espaço doméstico, a partir de uma ótica materialista-discursiva, o percurso histórico que fiz, desde a época do comunismo primitivo até a contemporaneidade, desvendou como se deu o processo histórico-discursivo de construção do mito da inferioridade da mulher e como a violência contra as mulheres, tanto física quanto psicológica e patrimonial, é consequência desse processo.

Com os estudos de Engels (1980), cuja importância está no fato de o autor ter feito uma relação entre a produção das condições materiais de existência, a reprodução humana e a família, foi possível observar que as formas como essas relações se estabelecem, inclusive no que tange à opressão das mulheres, foram, e continuam sendo, historicamente determinadas.

Em um dado momento da história da humanidade, as mulheres tinham praticamente a mesma importância que os homens, embora desempenhassem papéis diferentes. No entanto, à medida que a família vai diminuindo com o surgimento de casais monogâmicos (com monogamia compulsória apenas para as mulheres) e a propriedade privada vai aparecendo, as mulheres vão sendo encarceradas dentro de seus próprios lares, sendo escravizadas, perdendo prestígio. Engels (1980) demonstra que o lugar de submissão da mulher não tinha relação com um desejo de um deus e nem era eterno, mas fruto das formas de organização familiar e da divisão do trabalho a partir dos

gêneros.

É preciso, no entanto, fazer uma diferenciação de classe: as mulheres das porções mais pobres da sociedade sempre trabalharam fora de seus lares, mas isso nunca significou emancipação, liberdade econômica ou qualquer coisa que o valha. De fato, com o advento do sistema de produção capitalista, um grande contingente de mulheres (e de crianças) foi jogado nas fábricas. Além de não acarretar uma libertação, essa entrada na linha de produção se tornou um fardo para mães e donas de casa que ainda se viam, e continuam se vendo, presas aos serviços domésticos, depois de horas de trabalho remunerado.

Com Heleieth Saffioti (2013) é possível concluir que o modo de produção capitalista lucra muito com a mão-de-obra feminina, que recebe um salário inferior ao dos homens. Isso se dá porque discursos sobre a fraqueza física, a pouca inteligência, a instabilidade emocional, dão força para os saberes da FD machista que se reproduzem na sociedade. A mão-de-obra feminina se transforma em secundária e desvalorizada. As violências contra as mulheres, por sua vez, são práticas provenientes das ideologias patriarcal e machista e constituem um importante aliado na manutenção do mito da inferioridade da mulher. Aqui se coloca em pauta a importância de as forças políticas, movimentos feministas, que lutam contra as violências machistas, lutarem também pela transformação das relações de produção.

A partir da pesquisa feita para esta Tese, é possível constatar que a vida das mulheres mudou bastante dos tempos de Engels para cá. Ainda que sigamos à mercê das ideologias machistas, é preciso reconhecer essa mudança, mas reconhecer sobretudo que ela só foi concretizada a partir das várias lutas de mulheres adeptas aos movimentos feministas.

A História demonstra que, seja na luta de classes ou “fazendo ciência” dentro das universidades, lá estavam mulheres com seus discursos e práticas que ousaram se contrapor aos das classes dominantes e conseguiram rearranjar, como diria Pêcheux (2014c), formações discursivas e ideológicas, incidindo na realidade e, de certa forma, transformando-a.

Foi assim que conquistamos direito ao voto, direito ao uso da pílula anticoncepcional, mas também que a violência contra a mulher fosse reconhecida como

uma categoria diferente de violência em geral e que precisa urgentemente ser combatida, que a morte de mulheres causada pelo simples fato de ser mulher fosse tipificada como *feminicídio*, que hoje haja uma lei que trate de casos de violência doméstica. No entanto, ainda é pouco, já que, na prática, muitas sociedades organizadas ainda fingem ignorar os direitos da mulher. Muito ainda deve ser feito para mudar completamente a realidade das mulheres e, mais uma vez, quero enfatizar a importância de trabalhos como este, que trazem para dentro da academia o debate sobre como transformar a realidade.

Feitas essas considerações sobre o primeiro capítulo, importa dizer que o segundo capítulo desta Tese tratou da constituição do *corpus* de pesquisa. Conforme a nomenclatura proposta por Courtine (2014), o *corpus* desta Tese é experimental, uma vez que não se trata de um arquivo pronto que se serve de documentos pré-existentes, mas que foi montado a partir da construção de questões elaboradas para compreender a realidade das mulheres em situação de violência doméstica bem como por narrativas e relatos livres.

O *corpus* de base qualitativa foi constituído por meio de entrevistas feitas com três mulheres que foram acolhidas pela *Casa de Referência da Mulher – Mulheres Mirabal* quando decidiram fugir de seus lares violentos em busca de ajuda. A entrevista foi estruturada em torno de três blocos principais. Com duas delas, consegui marcar um encontro presencial no espaço físico da *Casa* e gravar a conversa. Com a terceira, em decorrência da pandemia do Coronavírus e da impossibilidade de sair do isolamento, a entrevista se deu por áudios de *WhatsApp*.

No primeiro bloco, pedi para que cada uma narrasse fatos da sua infância, família e crenças. No bloco 2, solicitei que elas narrassem como conheceram os companheiros agressores e como foi o relacionamento, como se deram os episódios de violência, até o momento em que elas decidiram que fugiriam. E por fim, no terceiro momento da conversa elas narraram como foi a experiência na *Mirabal* e quais suas perspectivas para o futuro. As entrevistas foram gravadas, transcritas e, posteriormente, as 73 sequências discursivas selecionadas foram analisadas. O Capítulo 3 da Tese apresenta a análise das sequências discursivas. Passo, portanto, a discorrer sobre os principais elementos apreendidos com as análises.

O primeiro bloco, nas três entrevistas, se constituiu de narrativas livres sobre a

infância, as crenças, a relação com os familiares, entre outros elementos que foram surgindo na medida em que elas contavam suas histórias. Esse bloco é importante porque foi o que me permitiu alcançar um dos objetivos propostos nesta pesquisa: compreender as condições históricas que explicam parte do surgimento da violência na vida dessas mulheres, dos processos discursivos de mulheres agredidas considerando uma retomada histórica de suas próprias reflexões sobre as suas condições de existência e socioeconômicas.

As três mulheres que entrevistei contaram que tiveram infâncias perpassadas pela dificuldade financeira e pelo abandono paterno ou materno. Rosa foi abandonada pela mãe biológica quando tinha apenas 7 dias e pelo pai que, apesar de estar presente fisicamente, não assumiu a responsabilidade como pai, delegando a tarefa para a irmã e a mãe. Angela, por sua vez, foi abandonada pela mãe biológica ao nascer e depois foi adotada por um homem. Este se mostrou um bom pai, mas dividiu algumas responsabilidades paternas com as vizinhas. Já Clara foi esquecida pelo próprio pai, dentro de um mercado, quando era apenas um bebê. Isso fez com que a guarda dela fosse temporariamente passada para os avós. Depois de voltar a morar com os pais, ela sofreu um segundo tipo de abandono paterno: ele estava presente fisicamente, mas também não assumia as responsabilidades de pai ou de provedor, se portando mais como um irmão, o que resultou em sobrecarga para a mãe.

Esse primeiro bloco demonstra que o funcionamento das ideologias machistas nas famílias das entrevistadas é bastante forte e isso contribui para que elas tenham imaginários de mulheres que ocupam a função de cuidado dos lares. Elas são vistas como *mães* mesmo quando não são as mães biológicas ou como *guerreiras* e *esforçadas*, quando na realidade estão sobrecarregadas pelo fato de assumirem completamente a responsabilidade de cuidado com os filhos, com a casa e também trabalharem para sustentar a todos.

O bloco 2 compreendeu o momento das narrativas em que as entrevistadas contaram como conheceram seus agressores e como foi o convívio até decidirem fugir de seus lares violentos. Nesse bloco, também foi possível alcançar outro objetivo proposto, a saber, refletir sobre as posições-sujeitos das mulheres em fase de transição do espaço doméstico violento para a Casa de Apoio em relação à sua condição de

objetos da violência, com o objetivo de entender o que aconteceu com elas no espaço-tempo de transição.

Todas narraram histórias constituídas de muita violência, crueldade, perversidade por parte daqueles a quem elas amaram e achavam que eram amadas em contrapartida. As violências sofridas foram de ordem física, psicológica, sexual e patrimonial, confirmando que quando a violência doméstica começa, ela vem em vários formatos de agressão, e não apenas a física, como o senso comum acredita. O fato de que outras violências estão acopladas a esta última torna o rompimento da relação muito mais difícil.

A emergência destas mulheres enquanto sujeitas se dá no processo de identificação com os saberes da Formação Discursiva de Referência da Mulher Agredida. Nessa FDr, circulam saberes heterogêneos que têm relação com a historicidade do lugar subalterno relegado às mulheres na sociedade patriarcal e capitalista brasileira, que remetem a uma sujeita que não apresenta resistência à violência que lhe é imposta, mas também saberes que questionam esse lugar inferiorizado das mulheres. O Sujeito Universal da FDrMA, por um lado, pode disseminar saberes e práticas que reproduzem o imaginário de que uma mulher precisa aceitar a violência que sofre do marido, e, por outro, questionar o lugar subalterno da mulher na sociedade.

Enquanto mulheres agredidas, elas sentem vergonha, culpa, medo, acham que podem mudar as atitudes dos agressores e, por isso, não buscam ajuda, permanecendo por anos a fio nessas condições. Os saberes e práticas da FD machista, e de outras FDs como por exemplo a religiosa, trabalham com força para incutir nas mulheres vítimas de agressões domésticas que, de uma forma ou de outra, elas são culpadas pelo que lhes acontece e merecem passar pelas situações de violência.

É nessa etapa das narrativas que podemos observar como os AIEs Igreja e Família funcionam com sucesso na manutenção da condição de escravizadas dessas mulheres. Saberes e práticas machistas migram desses AIEs para a FDrMA contribuindo para que essas mulheres não encontrem forças para se libertar da situação de violência, permanecendo submissas e, pior, acreditando que merecem passar por aquilo.

Os imaginários que elas apresentam de seus agressores mostram que se trata de homens completamente identificados com a FD machista, que se portam como donos delas e que entendem ter o direito garantido de intervir nas escolhas, de usar os corpos

delas seja como fonte de prazer sexual, seja como “saco de pancada”. Eles se valem da violência psicológica e torturam suas vítimas, tornando-as ainda mais vulneráveis e submissas.

Outro ponto-chave no bloco 2 é que a narrativa delas sobre as violências também compreende o momento em que elas decidiram fugir, deixar para trás seus lares violentos, em busca de ajuda. Rosa procurou a Igreja Universal e ouviu do pastor que ela deveria continuar ao lado do agressor mesmo que isso pudesse significar sua morte. Ela não aceitou isso e questionou, duvidou, foi atrás de maiores informações e encontrou psicólogas que disseram que o que ela estava vivenciando se chamava *violência*. Rosa se contrai-identifica com a FDrMA nesse momento e daí vai para a *Mirabal*.

Angela por sua vez, começou a ouvir na TV muitas histórias de violência parecidas com as que ela estava sofrendo mas que resultavam na morte de mulheres. O medo da morte falou mais alto do que suas necessidades materiais e então ela procurou assistentes sociais e pediu para ir para uma casa de apoio. É aqui que ela se contrai-identifica com a FDrMA, foge de casa e também entra na *Mirabal*.

Clara, em contrapartida, tem uma história um pouco diferente. Ela já estava em um estágio de vulnerabilidade tão intenso que para ela a única saída era o suicídio. Ao tentar e falhar, é a amiga que age em seu lugar levando-a praticamente à força para a *Mirabal*. A sua contrai-identificação com a FDrMA vai se dar em uma situação-limite mais tarde.

O que há de comum, portanto, nas histórias de Rosa e Angela é que saberes da FD feminista sobre violência doméstica migram para a FDrMA por meio do discurso de profissionais (psicólogas, assistentes sociais) e das histórias de outras mulheres que não tiveram o mesmo desfecho (reportagens na TV). Tais saberes começam a ter efeito e sua consequência é gerar tanto em Rosa como em Angela a desconfiança com o socialmente estabelecido, com a naturalização de saberes machistas, isto é, que a mulher deve ser submissa ao homem.

No bloco 3, as entrevistadas contam sobre suas experiências na *Mirabal* e quais seus planos para o futuro. É nesse bloco que conseguimos observar a possibilidade de movimentos sociais incidirem, na prática, com vistas a gerar questionamentos e rompimentos.

Como visto no Capítulo 2, a *Mirabal* é uma casa de apoio diferenciada em alguns sentidos. Primeiramente, ela é fruto de uma ocupação, isto é, movimentos sociais exigindo que o Estado garanta direito de sobrevivência a mulheres vítimas de violência doméstica. Segundo, a *Casa* funciona com um regime de diferentes coordenações que tratam, separadamente, do acolhimento, das terapias psicológicas, da gestão da casa por meio de assembleias e da formação feminista. A direção da casa se inscreve na Formação Discursiva Feminista propiciando às mulheres discutir e se apropriar de conceitos como violência, machismo, feminismo, empoderamento. Além disso, as acolhidas participam de cursos de formação profissional e são encorajadas a trabalhar para ter seu próprio sustento e não dependerem financeiramente do agressor, podendo retomar suas vidas.

Ou seja, as mulheres que chegam até a *Mirabal* não vão ter apenas um lugar para dormir em paz, elas vão ter acompanhamento psicológico para curar as cicatrizes da alma geradas pelos inúmeros traumas que sofreram nas mãos dos agressores. Elas podem começar a se organizar financeiramente até conseguirem sair da *Casa* para dar sequência às suas vidas sem que precisem contar com apoio financeiro do agressor. E, mais importante, elas vão ter formação feminista, o que vai possibilitar que elas saiam dali sabendo exatamente o que aconteceu e com possibilidades de transformar suas próprias vidas e a de outras mulheres, configurando-se como sujeitas contraidentificadas ou desidentificadas com os saberes da FDrMA. É o que aconteceu com as mulheres entrevistadas nesta Tese.

Rosa sai da casa de apoio querendo voltar a estudar, falando abertamente que se vir alguma mulher sendo agredida ela vai ajudar, e passando os saberes que abraçou dentro da *Casa* para suas filhas e filhos. Angela, por sua vez, sai com bastante autoestima, aprendeu a se amar do jeito que é e não mais se deixa ofender quando a chamam de gorda, entre outras coisas. Ela também deseja continuar seus estudos e sonha em ser assistente social para ajudar outras mulheres que passam pela mesma situação que ela passou. Além disso, já está em processo de formação feminista com seu filho, ensinando-o a cozinhar e que isso não é uma tarefa exclusiva das mulheres. Ela já intervém na realidade ao seu redor com o objetivo de transformá-la. É possível dizer que tanto Rosa como Angela se desidentificaram com a FDrMA.

Já Clara passa por um processo um pouco diferente. Foi preciso uma tentativa de suicídio para que ela fosse levada, praticamente contra a sua vontade, para a *Mirabal*. Lá, ela aprende a cozinhar, começa um negócio com as suas companheiras e, em pouco mais de um ano, consegue sair da casa de apoio para dar seguimento à sua vida. Das três mulheres entrevistadas, ela foi a que passou mais tempo na *Casa*.

Clara diz que, depois dessa estadia na *Mirabal*, aprendeu a se amar mais e se considera mais *forte* e *combativa*, características inerentes às mulheres que ousam se revoltar contra o machismo. No entanto, embora almeje voltar a estudar e ser professora, ela está bastante envolvida com os cuidados com o filho que tem problemas psicológicos. Clara, diferentemente das outras entrevistadas, contrai-identificou-se com a FDrMA, mas tem possibilidades de avançar para uma ruptura.

Considero o bloco 3 uma espécie de exemplo concreto do que Pêcheux apresenta como sendo a segunda e a terceira modalidades de tomada de posição. Com a contrai-identificação, os indivíduos duvidam, questionam, não aceitam como verdades incontestáveis os saberes e práticas disseminados pelas FDs das classes dominantes, o que no meu entender já significa um grande avanço em direção às transformações tão necessárias.

Já a desidentificação “[...] constitui um *trabalho* (transformação-deslocamento) *da forma-sujeito* e não a sua pura *anulação* (PÊCHEUX, 2014c, pp 201- 202, grifos do autor). Essa modalidade é muito mais do que apenas deixar de se identificar com uma FD e passar a se identificar com outra porque ela vai necessariamente gerar sujeitos que não apenas questionam mas querem mudar a realidade. É, de fato, a tomada de posição das práticas políticas revolucionárias.

No caso analisado aqui, a coordenação da *Mirabal* por meio de práticas, saberes, rituais de acolhimento e de formação feminista contribui com sucesso para que mulheres que chegam arrasadas, sem perspectiva, completamente vulneráveis, possam se tornar fortes, capazes de retomar a vida, e mais, de seguir em frente para ajudar outras mulheres, numa rede que tende a aumentar. Daí a necessidade de mais casas de apoio para acolher mulheres vítimas de violência doméstica em todo o país. Mas não só o espaço físico. É preciso que as demais casas se espelhem no exemplo da *Mirabal* e atuem de forma a quebrar saberes e práticas das ideologias dominantes que trabalham

para manter a condição de subordinada relegada às mulheres na sociedade machista, capitalista e patriarcal brasileira.

Sabemos que o Estado não tem interesse em fazer as devidas transformações para combater de fato a violência contra a mulher. De um lado, o investimento em delegacias especializadas, profissionais qualificados, casas de apoio e outras políticas é quase escasso. No momento em que finalizo esta Tese, a própria *Mirabal* está em disputa com a prefeitura de Porto Alegre que quer confiscar a casa sem dar nenhum tipo de contrapartida para evitar que as mulheres que estão lá sejam jogadas no olho da rua. Por outro, as políticas de combate à violência no campo da ciência, da educação, da divisão do trabalho, da justiça, são poucas também. E sabemos que a falta de interesse se dá porque não há vontade política para empoderar mulheres uma vez que, como visto no Capítulo 1, o mito da inferioridade feminina é lucrativo para o modo de produção capitalista e as violências machistas são práticas que ajudam a manter esse mito.

A experiência da *Casa Mirabal* demonstra que uma das formas eficazes de combate à violência contra a mulher deve se dar através do combate ao machismo, isto é, incidindo sobre o Sujeito Universal da FD machista com o objetivo de desestabilizar seus saberes e práticas e gerar cada vez mais sujeitas (e por que não sujeitos do sexo masculino também?) que se contraidentificam ou se desidentificam com saberes e práticas machistas. Cabe aos movimentos sociais, feministas tomarem a frente desse processo, tanto na luta de classes como na luta pela transformação das políticas públicas, de um lado enfrentando a falta de política do Estado, colaborando para a construção de projetos e de medidas que de fato combatam o machismo e, do outro, investindo em formação política feminista. A *Casa Mirabal*, com as práticas feministas adotadas e a atuação de profissionais qualificadas que trabalham em prol da libertação das mulheres e pelo fim da violência machista, é um bom exemplo de que dá certo.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Sobre a Reprodução**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

_____. **Por Marx**. Trad. Maria Leonor F. R. Loureiro. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2015.

BANDEIRA, Lourdes Maria. **Violência de gênero**: a construção de um campo teórico e de investigação. Revista Sociedade e Estado Volume 29 Número 2, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. de Maria Helena Kühner. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. **Lei Maria da Penha**. Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 27 jul. 2019.

BRASIL. Secretaria de Políticas para as Mulheres – SPM. Diretrizes Nacionais para o abrigo de mulheres em situação de risco e violência. Brasília, DF, 2011.

BRASIL. **Decreto nº 8.086 de 30 de agosto de 2013**. Presidência da República. Institui o Programa Mulher: Viver sem Violência e dá outras providências. Brasília, DF, 2013.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

_____. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. **Policromias**, v. 1, n. 1, p. 14-35, jul. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/policromias/article/view/4090/3058>. Acesso em: 12 set. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado** [1884]. Trad. H. Chaves. Lisboa: Editorial Presença, 1980.

HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. [1971]. **A Semântica e o corte saussuriano**: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007, p. 13-32.

MARCELLESI, J.B. & GARDIN, B. Introdução à Sociolinguística: a Linguística Social. Tradução: Maria de Lourdes Saraiva. Lisboa: Aster, 1975.

HEGEL, G.W.F. **A Fenomenologia do Espírito**. Trad. Paulo Meneses. 2a ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1992.

KOLLONTAI, Alexandra. **A mulher mulher trabalhadora na sociedade contemporânea** [1908]. Tradução Denise Sales. In: SCHNEIDER, Graziela (Org.) A revolução das Mulheres. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. **O comunismo e a família**. Disponível em https://www.marxistsfr.org/portugues/kollontai/1920/mes/com_fam.htm Acesso em 30 de agosto de 2019.

LÊNIN, V. I. **Obras completas**. Madri: Akal, 1976.

MACHADO, Lia Z. **Feminismo em movimento**. São Paulo: Francis, 2010.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 4a ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

_____. **A ideologia alemã**. Organização e Tradução Marcelo Backes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MENESES, Paulo. **Para ler a Fenomenologia do espírito**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

PÊCHEUX, Michel. **Ousar pensar e ousar se revoltar**. Ideologia, marxismo, luta de classes. Décalages: Vol. 1: Iss. 4. 2004. Disponível em: <<http://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss4/15>> Acesso em 25 de abril de 2018.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux Trad. Bethania Mariani [et al.]. 5a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a p. 59-106.

_____; FUCHS, C. (1975) A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania Mariani [et al.]. 5a ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b. p. 159-249.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Ed. Universidade Estadual de Campinas, 2014c.

_____. **O discurso**: estrutura ou acontecimento? Tradução Eni P. Orlandi. São Paulo: Pontes, 2008.

REED, Evelyn. **Sexo contra sexo ou classe contra classe**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

ROSADO-NUNES, Maria José; JURKEWICZ, Regina S. Aborto um tema em discussão na Igreja Católica - O surgimento de “Católicas pelo Direito de Decidir” in: **Cadernos Católicas pelo direito de decidir**. São Paulo: Editora Josefa Buendía Gomez, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **A mulher sob o modo de produção capitalista**. Revista Contexto. São Paulo: Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia, 1976.

_____. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**. Cadernos Pagu (16) pp.115-136. Unicamp, 2001.

_____. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3ª edição. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2013.

SEGATO, Rita L. **Las estructuras elementales de la violencia** - ensayos sobre gênero entre antropología, psicoanálisis y derechos humanos. Buenos Aires: Prometeo, 2003.

ZANDWAIS, Ana. A forma-sujeito do discurso e suas modalidades de subjetivação: um contraponto entre saberes e práticas. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M.C.L. **Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar**. São Paulo: Claraluz, 2005.

_____. **Perspectivas da análise do discurso fundada por Michel Pêcheux na França: uma retomada de percurso**. Série Cogitare. v. 8. Santa Maria, RS: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009.

ZOPPI FONTANA, Mónica. Lugares de enunciação e discurso. LEITURA—Análise do Discurso. **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística**. Maceió, v. 23, jan/jun 1999.

ANEXOS

ANEXO I

NARRATIVAS LIVRES

Primeira Entrevistada: Rosa Luxemburgo (entrevista feita em dois momentos)

Então, eu não sou daqui, né? Eu sou do interior. Sou de Bagé. Faz dezoito anos que eu moro aqui em Porto Alegre, eu vim de fora quando eu tinha quatorze anos... vim para cá... Os meus avós vieram para cá trabalhar e pra tentar uma vida melhor aqui, porque a gente passou muita dificuldade lá fora e aí eu vim morar aqui com eles. Aí aqui eu casei a primeira vez, tive meu primeiro companheiro, meu primeiro marido, que eu tenho um filho com ele de quatorze anos, que meu filho foi embora, foi pra casa do pai agora devido toda essa violência que eu sofri no segundo casamento. No primeiro casamento eu não sofri a violência física. Mas hoje eu consigo ter uma visão de que já existia violência psicológica, né? O fato de prender a mulher dentro de casa... Meu primeiro marido também não gostava que eu trabalhasse fora, queria que eu fosse só dona de casa, fez eu sair da escola, daí eu tive meu primeiro filho que eu perdi, que se fosse vivo ele teria dezessete anos. Depois tive o segundo com ele que está com ele hoje. Mas eu não tinha essa visão do que era violência, a gente não tinha muita informação naquele tempo, né? Hoje eu consigo ver porque é tem muito informativo, a gente passa também por todo um tratamento psicológico para poder identificar o que é violência psicológica que a gente não sabe o que é. Na maioria das vezes, a grande maioria das mulheres que sofre violência não sabe identificar que é violência. Porque ela vem maquiada pelo sentimento, a gente pensa que é cuidado demais “Ah, tu não pode botar essa roupa”, a gente acha que “Ah, tá com ciúme de mim é porque eu sou bonita”, então a gente tem também esse costume errado de maquiar, de dá outro nome para aquilo e na verdade aquilo já é violência.

Com certeza...

E aí eu vim a me separar do meu primeiro marido, meu filho era bem novinho, era bem recém-nascido, ele tinha dois mesinhos mesmo e aí eu fiquei sozinha, criei ele até os dois anos, depois me envolvi com meu segundo marido, que eu vim a casar e fiquei com ele agora exatos doze anos. Aí com ele já era, a violência já era mais intensa assim, a violência psicológica era bem mais constante, mas eu também não tinha no começo do relacionamento não tinha essa visão. Eu achava que ele não queria que eu estudasse porque ele não estudou, então ele se sentia inferior a mim, eu não queria parecer superior também, não fui estudar. Todo o lugar que eu trabalhei nesses últimos doze anos nunca foi do agrado dele, eu nunca permaneci muito tempo no emprego, acabei prejudicando muito muito meu lado profissional por causa disso e a grande maioria das vezes eu trabalhei só em casa de família e como diarista, porque eu também já não tinha muito estudo, né?

Sim.

E não conseguia muita estabilidade no emprego por causa dele, porque ele não gostava, porque aí via homem no serviço, porque tavam me cuidando, porque eu não podia me arrumar. Eu era nova e já não podia me maquiar. A gente caba abandonando certos valores que a gente tem quando é novo, acaba abrindo mão daquilo, já não se arruma mais, não usa brinco, não bota uma saia, não bota salto alto. Eu fui abandonando os meus gostos e fui modificando. E isso demorou bastante anos assim para mim identificar, porque a gente não se queixa. Eu não tenho família aqui. Nenhuma, nenhuma. A minha família, depois que os meus avós morreram, a minha irmã mais velha que venho junto comigo foi embora de volta para Bagé. E aí eu fiquei sozinha aqui, só com o marido e os filhos. E aí depois de sete anos de relacionamento começaram as agressões físicas e aí foram bem intensas assim. Foram formas de violência bem marcantes: queimadura de cigarro, facada, surras, estupro. Mas aí eu ainda persisti, ainda tentando salvar o relacionamento por mais cinco anos. E aí agora nos últimos dois anos eu comecei a ter outra visão das coisas, outra percepção. Porque no momento que a mulher... por desespero, no meu caso foi por desespero, não foi nem por coragem... Mais no momento que a mulher toma uma atitude, seja motivada por qualquer coisa, por instinto de sobrevivência, por desespero, por medo... Eu adoeci psicologicamente muito, me sinto muito doente, porque eu não consigo ver uma perspectiva de vida daqui para frente. Eu não consigo acreditar que eu vou conseguir reconstruir tudo o que eu perdi. Porque eu perdi muito tempo.

Quantos anos você tem X?

Trinta e seis.

Perdeu não. Tá nova ainda.

Eu me sinto velha, me sinto cansada, sabe? E fico pensando assim “Voltar a estudar agora? Agora eu tenho que ajudar eles [os filhos] a estudar”. Eu tenho que tentar me manter forte por causa, porque eles me cobram isso: “Mãe, como é que vai ser daqui para frente?”. Agora, semana que vem, mais tardar na outra semana, eu tô indo embora daqui de Porto Alegre de novo, vou para o interior de novo, mas para outra cidade, para Ijuí eu vou ir, que eu tenho uma tia minha lá, que me criou desde a infância assim, desde muito pequena. Porque eu e a minha irmã mais velha nós somos abandonadas pela minha mãe de sangue, quem nos criou foram os avós paternos e essa tia que vivia junto, né?

Sim.

Então a gente vai embora daqui para lá [choro de criança ao fundo] que é a pessoa que me disponibilizou ajuda. Então lá eu tenho que reconstruir tudo de novo. As gurias aqui vão me encaminhar para o centro de referência lá, para mim ter atendimento também, para mim colocar eles na escola, né, para tentar reconstruir. Mas o que eu posso dizer assim para outras mulheres é que só tem que buscar informação, tem que conversar com uma terceira pessoa, porque, ficar tentando resgatar um relacionamento que não tem jeito, não adianta.

Só para eu pensar aqui uma coisa... Você mora só numa casa, só com ele e com seus filhos, né?

Sim.

Aí a violência começou a acontecer e tudo mais, até que você chega num desespero de sair de casa...

Sim.

Como é que você saiu assim?

Eu fui.

Fugindo...

Eu apanhei... Eu apanhei três anos, mas eu não pensava em abandonar ele. Eu pensava que ia melhorar, eu pensava que eu podia mudar ele, eu pensava que com o amor que eu tinha ia conversando e dizendo “Não, eu tava trabalhando. Eu me arrumei, mas eu me arrumei para ti. Eu fui trabalhar. Eu estou tentando te ajudar a sustentar a casa, as crianças...” Eu fui tentando, fui criando para mim mesma várias desculpas para aquilo, até chegar num limite de apanhar muito, muito, ficar muito machucada, ter medo de morrer e ver que aquilo ali não ia mudar, porque foram mil e uma tentativa de todas as formas, foi buscando no lado religioso, foi buscando atendimento psicológico. E aí quando foi buscar atendimento psicológico que eu acho que comecei a ter uma visão diferente das coisas, porque as pessoas que estão de fora assim, enfermeiro, enfermeira, médica, psicóloga, é... coordenadora, as gurias que trabalham com esse tipo de situação, elas tem uma visão diferente para mostrar para a gente: “Não, olha só, não é amor. É controle. É obsessão. É violência. Tu não poder te arrumar, não poder tomar um banho e sair, não poder pentear o cabelo, não poder botar uma roupa que tu goste, é violência”.

E na Igreja que você foi antes de buscar assim... O que você achou lá assim?

Não achei nada.

Nada.

Sinceramente, não achei conforto nenhum. Não achei solução nenhuma. Eles têm... Eu posso dizer o nome da Igreja? Ele gostava muito da Igreja Universal e eu acompanhava ele por ele gostar, não por opção minha. E eles acham que a mulher tem que permanecer no casamento.

E era isso que você ouvia quando você buscava ajuda?

Eles acham que a gente tem que permanecer naquele casamento violento, esperando só que Deus haja ali. Esperando um milagre, que Deus vai reconstruir teu casamento, que Deus vai mudar teu marido, que Deus vai mudar a visão dele de ver as coisas e esse milagre não acontece nunca.

Nessa história muitas mulheres morrem, né, por aí, nas mãos dos maridos.

É, daí eu vi que nem a Igreja ia melhorar ele e nem, na verdade, religião nenhuma, porque isso é uma doença que tá dentro da cabeça dele.

Tá, aí você saiu de lá e venho direto para cá?

Não, a primeira vez que eu fugi, há dois anos atrás, eu fui para a casa do meu irmão que na época era vivo, meu irmão que morava aqui em Porto Alegre e aí tive ajuda dele e da minha cunhada, fiquei onze dias na casa deles e acabei retornando para casa, por opção própria. Aquela foi a primeira chance, foi a primeira vez que eu sai e a primeira vez que eu retornei.

E você voltou... O que passou assim na sua cabeça para você voltar?

Ah, eu voltei porque eu fui até em casa conversar com ele, para ver como a gente ia fazer com as crianças, como é que ele ia me ajudar e ele prometeu mudar. Prometeu que ia mudar, que ia melhorar, que ia se tratar, que ia deixar eu trabalhar, queria que eu voltasse a estudar. Me prometeu mundos e fundos e não cumpriu com nada disso. E passado pouco tempo depois dessa data, dois meses para ser mais precisa, ele voltou a me agredir de novo e depois daí até aqui essa é a décima quinta vez que eu saio da minha casa.

Isso dá quantos anos?

Dois anos.

Dois anos. Quinze vezes indo e voltando...

Quinze vezes saindo de casa, indo e voltando, tentando um relacionamento que... Com pena dele... Antes eu não tinha essa visão de que ele é doente.

E ele te procurava nessas quinze vezes?

Não, ele não ia atrás de mim nos lugares. Ele ia assim, quando eu saía para trabalhar, quando eu menos esperava ele estava na frente do trabalho “Aí, eu vim te buscar”, mas ali eu vim te buscar ele viu o porteiro do prédio e o porteiro tava me cuidando, ele via alguém sentado na praça que estava me esperando, se passasse um carro e buzinasse era para mim. Então sempre tinha uma desculpa...

[Interferência]

Sempre tinha uma desculpa para gerar dali uma violência. Mas assim, fora a violência psicológica que durante todos esses anos eu vivi com ele, de não poder me vestir, de não poder me arrumar, de não poder me maquiar... A violência física começou de uma forma muito agressiva assim. Não foi um puxão de cabelo primeiro, um tapa no rosto, um empurrão, não, foram surras assim. Ele imaginava coisas, criava as coisas na cabeça dele que ele não via, que não existiram na verdade e... De tá andando na rua de ônibus, de me ver na rua e eu estar no trabalho, sabe? De ele me ver na televisão uma mulher parecida comigo, de tá vendo um vídeo pornô no celular com outros colegas de serviço e enxergar eu, que era eu que tava ali, que eu que tinha gravado, que eu tinha mandado para todo mundo. Então eram coisas assim que... As coisas que ele imaginava e que vinham ao meu conhecimento “Ah, hoje eu te vi lá na praça. Tu tava lá na praça, tinha um cara sentado e vocês estavam conversando”. Eu não podia estar na praça porque eu estava no trabalho. Então isso me fez ver que tinha alguma coisa errada, muito errada acontecendo e era dentro da cabeça dele. E a Rede, que a gente chama de Rede... [Interferência]. A Rede que a gente chama de suporte, que é atendimento médico, que é psicológico, eles dão essa visão diferente para gente que aconteceu alguma coisa errada,

que tem alguma coisa errada acontecendo. A última vez que eu voltei para casa agora faz cinco dias. Eu não voltei para ele, mas eu fui até minha casa, minha casa estava fechada, com tudo que é meu dentro e aí é de aluguel, a casa é de aluguel, o dono da casa disse pra mim “Olha, faz tempo que ele saiu daqui, nunca mais voltou. Ele deixou a chave e disse que era para entregar para ti, que ele não viria mais aqui e aí eu voltei para a casa com as crianças para tentar viver aqui, porque aqui tem o colégio deles, tem a creche da pequena, tem o SASI que eles frequentam, já tem todo um atendimento que eu tenho, não deu certo. Quando eu menos esperei ele apareceu lá.

Ele já te agrediu?

Não me agrediu fisicamente, mas “Eu vim ficar na minha casa, que meu lugar é na minha casa com os meus filhos. Tu é a minha mulher, tu tem que viver comigo”. E aí mais uma vez eu aproveitei uma chance que ele virou as costas e sai para sobreviver de novo com os meus filhos.

Aí você veio para cá?

Vim para cá porque eu já estava aqui. Eu fiquei um mês aqui.

Ah...

Eu fiquei um mês. A última violência física que eu sofri dele faz... 45 dias. Foi a outra vez que eu saí, deu ocorrência de novo e eu estou com muito problema de justiça com ele assim, né? Ele teve preso. Ele ficou 26 dias preso no ano passado. Ele foi preso dia 08 de outubro e saiu 3 de novembro...

Maria da Penha?

Maria da Penha. Foi preso dentro de casa. A Brigada invadiu a minha casa, o meu filho mais velho ainda morava comigo e ele chamou a Brigada. E aí a Brigada invadiu a minha casa e levou ele preso. E mesmo assim não melhorou em nada a forma dele pensar, as atitudes que ele tem, não ajudou em nada.

Como é que assim quando você compara a sua casa lá com ele e a Casa aqui? O que vêm na sua cabeça?

Aqui a gente tem um... Eu me sinto segura, sabe? Mesmo das outras vezes que eu tentei reatar o relacionamento, em nenhuma vez eu me senti segura suficiente. Eu não vi mudança e estando aqui eu me sinto segura. Eu sei que aqui ele não vai vir, ele não tem como me bater, não tem como me agredir, nem verbalmente. E aqui a gente tem uma acolhida boa assim, a gente tem um atendimento carinhoso das gurias, que escutam o que a gente tem a dizer, que não dão conselho, mas elas tentam junto com a gente vê a melhor forma de... Quem nem agora, elas vão me dar as passagens para mim ir embora, a Casa Mirabal, a rede Mirabal, todas as mulheres que fazem parte da coordenação, todas elas vão arcar com esse, com essa ajuda. Elas vão me dar condição para mim ir embora daqui.

Ai, que legal! Muito bom. Isso é muito importante, né?

Ter um recomeço assim. Tentar pelo menos recomeça, eu preciso tentar pelo menos, porque na verdade eu nunca tentei recomeçar. Eu tentei dar continuação da onde eu estava e não deu certo.

Mas não desiste. Você é muito jovem. [Risos]

Obrigada.

Tem que recomeçar. A gente tem que recomeçar.

Eu vou tentar.

Não, vai dar certo. Eu acho que o primeiro passo foi se salvar assim, tentar se salvar, você já deu. Isso é muito importante. São poucas as mulheres que conseguem.

É, a gente ouve falar muito isso, sabe? E a mídia tem batido muito em cima disso também, muita mulher morrendo, muita mulher que não... Hoje eu tenho uma visão... Se eu vejo um casal brigando na rua, se eu tiver um celular eu chamo a polícia na hora, porque a onde eu vejo um homem agredir uma mulher, eu já vejo ali uma vítima igual a mim. Porque a mulher vai ser sempre a vítima, ela sempre é o lado mais fraco, por mais que ela tente reagir... Eu tentei reagir várias vezes e não consegui. A mulher não tem força e a mulher precisa de ajuda, seja do governo, seja da polícia, seja de outras mulheres. Eu acho muito importante que tem essa campanha que fazem de denunciar. Denuncie.

Isso é muito importante mesmo. Você se sentia em casa lá na sua outra casa?

Não. Parecia que ali não era o meu lugar assim. Eu não podia, eu não tinha opinião própria. Eu não podia opinar pela comida que eu ia fazer, eu não podia opinar pelo modo que queria comprar. Eu tive que viver todos esses anos como ele quis que eu vivesse, então não sentia que era um lugar meu. Eu não mandava na minha casa. Eu não podia receber uma amiga para tomar um chimarrão. Eu não podia receber uma visita, uma vizinha para conversar. Então não era um lugar meu. Nunca chegou a ser a minha casa. Era a casa que eu vivia, mas não minha. [Pausa] Tu pode me perguntar o que tu quiser também.

É, eu estou pensando aqui. Sua história é muito comovente assim...

Eu sei que é forte, mas tem histórias piores que a minha. Bem piores.

É.

Eu cheguei a fazer parte de um grupo de autoajuda no Foro Central aqui em Porto Alegre, que é um grupo interno de mulheres vítimas de violência. Mulheres que têm processo lá dentro, que nem eu tenho contra ele, que sofreram violência bem piores do que eu. Tem mulher que levou 70 facadas. Tem mulher que foi queimada, que tem o rosto deformado. Então, eu sei que tem histórias bem mais fortes do que a minha, mais o que eu posso te dizer assim é o que mais machuca é, o que mais marca e o que mais... prejudica a gente é a psicológica. Psicológico é o que mais inviabiliza a mulher a seguir em frente, a lutar, a trabalhar. E a gente ouve muito que "Ruim com ele pior sem ele", "Melhor ficar na tua casa", "Na casa de parente não dá certo", "Ninguém vai te ajudar com dois, três filhos". A gente ouve muito isso e gera muito medo, sabe? Eu te digo que a parte psicológica é

pior, porque o medo ele se torna uma doença tão grave que te paralisa. O medo não te deixa reagir. O medo não te deixa acreditar que vai melhorar. O medo não te deixa acreditar que tu vai superar.

[Interferência]

O medo é terrível. Foram as piores violências que eu sofri assim, foi as agressões psicológicas, porque a física depois de um determinado tempo tu esquece, né? Fica as marca, mas tu esquece. Eu tenho o rosto todo marcado, eu tenho marca de queimadura, tenho marca de facada. Mas tu aprende a conviver com isso, mas o que fica aqui dentro não sai nunca mais. E toda a mulher vítima de violência precisa de ajuda psicológica, precisa de tratamento para conseguir superar isso, para conseguir dá um passo adiante assim para frente. Precisa de ajuda.

Isso é verdade. Deixa eu pensar se eu vou perguntar mais alguma coisa. Que dia que você vai embora mesmo?

Semana que vem, no mais tardar na outra.

Na outra. Porque se, ouvindo de novo, surgir uma dúvida nesse meio tempo eu mando mensagem para a Andressa ou...

Pode mandar para ela, pode falar comigo por telefone também. Ela pode passar o telefone e eu falo contigo. Tem o telefone da casa ali também.

Beleza.

Aí se tu quiser mais alguma informação para o teu trabalho...

Isso. É, qualquer coisa se eu... Porque a gente ouvindo de novo, esse aqui eu vou ter que ouvir, ouvir, ouvir várias vezes, né? Aí lá no meio do trabalho surge um “Nossa, podia ter perguntado isso...”

Aí pode ligar para cá e falar comigo...

Segunda etapa da entrevista com Rosa

A minha infância foi bem difícil assim, né? Eu sou do interior, eu não sou daqui como eu já tinha te dito. Primeiramente eu tinha te falado que eu tinha vindo embora do interior, eu sou de Bagé, que é bem interior mesmo assim. É uma cidade grande falando assim em tamanho, né, mas é um lugar muito restrito economicamente: não tem muita indústria, não tem muita perspectiva de crescimento lá, né? Então quando a gente atingiu uma certa idade assim os meus avós na época, que eu fui criada por eles, eles tinham aqui em Porto Alegre o filho do meio que já morava aqui há muitos anos e esse filho ele era a nossa... Esse meu tio, ele era nossa principal fonte de renda assim.

O que ele fazia?

Ele era vigilante aqui em Porto Alegre. E aí ele ajudava muito os meus avós lá fora, ele mandava dinheiro para comprar comida para gente assim.

E os seus avós, eles trabalhavam?

Não. O meu avô ele, a profissão dele, ele era tanuero, que é uma profissão muito antiga que fazem barris para guardar vinho, para guardar pólvora. Isso é muito antigo mesmo. E ele trabalhava muitos anos na SICAD lá em Bagé, que era como se fosse uma indústria, mas era uma indústria que produzia só coisa a distância: era frigoríficos de carne, faziam esses barris que era parte da tanuagem. E quando fechou, que faliu, foi muita gente para a rua, e o meu avô ficou desempregado com 40 e poucos anos.

E a sua avó?

A minha avó era dona de casa. O que ela fazia para ajudar assim, a gente plantava no pátio, né? A gente criava galinha, plantava, a minha avó plantava que era como a gente sobrevivia assim né.

Vocês sobreviviam das coisas que vocês que plantavam?

Isso.

Consumiam...

Consumiam aquilo ali e o meu avô fazia, ao longo da vida, porque ele ficou desempregado nessa área e não sabia fazer outra coisa, ele passou a trabalhar em obras. Mas também isso lá é muito, muito difícil assim. Lá não sai grandes construções que nem aqui, né? Que a gente sai aqui estão fazendo um prédio, sai ali eles estão fazendo outro, que é uma fábrica, lá não. Lá é muito, muito restrito o trabalho mesmo, então quando ficou inviável de viver lá, que a gente passava muita necessidade, muita *muita* fome, esse meu tio entrou num consenso com a esposa dele aqui e achou melhor trazer os homens, que eram meu avô e o meu pai na época. Meu pai sempre viveu comigo, né? Ele tinha um problema de alcoolismo. Toda a minha infância, toda a minha juventude, a minha adolescência, foi marcada pelo alcoolismo do meu pai...

E ele... Como é que era a relação que você tinha com ele?

Era muito violenta. Ele era muito violento em casa assim. Não comigo e com a minha irmã que erámos crianças, mas com meu avô o relacionamento deles era muito violento assim, era de muita briga, muita violência física mesmo. Eles brigavam assim de se agredirem, né? Isso foi toda minha infância.

E o seu vô agredia a sua vó?

Não, só o meu pai. Violência doméstica entre homem e mulher eu vivenciei só no meu casamento. Em casa, o meu vô e a minha vó nunca brigaram, nunca. Só o meu pai que agrediu meu avô, se agrediam mutuamente e eu tenho a minha tia, que é essa para onde eu vou ir amanhã, que era a única filha mulher dos meus avós que agredia muito o meu pai também, *muito*. Era muita violência dentro da minha casa nesse sentido familiar, mas de matrimônio assim não. E aí quando a gente, quando eu tinha 12 anos, esse meu tio trouxe o meu vô e o meu pai para trabalhar aqui, no mês de julho de [19]98 e depois em dezembro aí ele conseguiu trabalho para o meu vô e para o meu pai aqui em obra. Ele conseguiu que eles se empregassem, na época era a reforma do Palácio da Polícia aqui em Porto Alegre, fizeram uma grande obra e ele tinha um amigo que trabalhava dentro

dessa obra e esse amigo conseguiu vaga para eles. Trouxeram eles dois do interior para cá e já vieram trabalhar. Depois eles juntaram um dinheiro... O meu pai e meu avô ficaram morando numa pensão que era de propriedade do sogro do meu tio, que o meu tio morou toda a juventude dele até casar nessa pensão. E aí trouxe o meu avô e o meu pai para ali e eles ficaram ali até dezembro desse mesmo ano e conseguiram juntar um dinheiro suficiente para trazer as mulheres e as crianças, que era a minha avó, a minha tia, eu e a minha mãe e meu tio que éramos adolescentes.

E aí nesse tempo que o seu pai e o seu avô saíram, vieram para Porto Alegre, vocês ficaram lá em Bagé?

Ficamos sendo mantidas por eles, né? Eles mandavam um dinheiro para gente, para a minha tia e para minha avó sustentarem a gente.

Entendi.

Foi a melhor época assim, porque aí tinha uma renda. O meu tio fazia eles mandarem... O meu tio mandava via correio, que naquela época ninguém tinha conta em banco era tudo mais difícil. E aí a minha tia, minha avó, ficaram suprindo a família, ficaram cuidando da gente até a gente vir embora de lá.

E aí, quem é que cuidava da educação de vocês em casa?

Era assim, a minha avó ela era responsável mesmo pela casa, sabe? Ela era aquela mãe que fazia comida, lavava a roupa, fazia pão, ela estava sempre a volta dos bichos, ela era muito carinhosa com a gente. Eu chamo, chamava ela de mãe, né? Porque eu fui criada por ela desde que eu tinha sete dias. A minha mãe se separou do meu pai grávida de mim ainda e aí ela levou a minha irmã que tinha três anos. Aí na época, ela ganhou eu e daí com sete dias ela retornou na casa dos meus avós deixando a minha irmã e eu com sete dias, e, a minha vó criou nós dali até a nossa fase adulta. E a minha... O meu pai... O meu pai trabalhava lá em Bagé muito na rua assim. Ele descarregava caminhão nas lojas, ele limpava pátio, mas muito do que ele ganhava era para o vício dele, então a gente passa muita *muita* necessidade mesmo ele trabalhando. Eu cresci com o meu pai na rua, assim, dentro de casa eram raros os momentos que ele estava. Quando ele estava ele estava bêbado. Então eles tiraram a gente do convívio dele, sabe? Afastavam a gente, porque ele estava sempre bêbado e o meu vó não deixava a gente ter contato com ele quando ele estava bêbado. A gente cresceu assim. Quem cuidava da educação da gente muito, se envolvia muito com escola, com dentista, com médico, quando a gente ficou moça eu e a minha irmã, era essa tia que eu vou para lá amanhã. Ela fazia esse papel assim administrativo, sabe? Mais burocrático. Ela tinha nossa guarda. O meu pai passou a minha guarda e da minha irmã para ela quando a gente ainda era bem pequena, antes da fase da escola, para que ela tivesse toda a autonomia para mandar na gente, vamos dizer assim, né? Para resolver tudo que precisasse a interferência dele, porque ele fazia esse trabalho de rua e era muito envolvido com vício, ele estava a grande maioria da parte da vida dele ele passou alcoolizado. Eram raros os momentos que ele estava sóbrio. Então ele não ia em escola, não participava de reunião, não fazia matrícula, ele não levava a gente no médico, ele não fazia nada disso, só quem fazia era ela. Então, ela tinha nossa guarda, ela ficou com a nossa guarda até a gente ficar adulta.

Certo. E assim, o que você lembra... Tipo... Do que era mais importante para elas assim, por exemplo, o que você não podia fazer de jeito nenhum em casa, tipo de valores morais assim que elas passaram para você?

Essa minha tia ela sempre ensinou muito para gente assim tudo sobre cuidar de uma casa, tudo que eu sei de cozinhar que eu aprendi de cozinha antes da minha adolescência eu aprendi com ela. Ela ensinou eu e minha irmã a cozinhar, ela ensinou eu e minha irmã a lavar uma roupa, tudo que a gente tem, que a gente sabia de higiene pessoal foi ela que ensinou também, da fase que a gente ficou adolescente, que a gente ficou mocinha, né? Ela que ensinou tudo e valores que elas passaram para a gente sempre a honestidade. O não mentir, o não roubar, não mexer em nada que não fosse da gente por mais dificuldade que a gente passasse dentro de casa, que muitas vezes a gente juntava coisa na rua para comer, resto de bolacha, de bolachinha recheada no colégio. A gente levava comida da escola para casa, lá no interior tem muito disso, né? As pessoas se compadeciam sabendo que a gente era as crianças mais carentes assim, era colégio de vila, de cidadezinha pequena, então a gente levava os baldezinhos de comida para casa. Então sempre ensinaram a gente muito a parte da honestidade, que por mais dificuldade que a gente passasse a gente jamais mexesse no que não era da gente. Pedir não era feio, mas roubar era muito feio. Então esses eram os valores que eles passavam para gente assim.

E sobre ser mulher?

Sobre ser mulher era bem complicado para mim assim...

O que elas te ensinaram?

Eu sempre tive uma visão de ser mulher daquilo que eu vi na minha casa, né? A minha avó sempre foi dona de casa, sempre naquela vidinha cozinhando, criando galinha, lavando roupa, ela nunca saiu daquele mundo ali. E a minha tia ela abdicou de toda a vida dela. Ela era adolescente também quando o meu pai casou com a minha mãe e aí quando a minha avó se viu sozinha com três crianças para cuidar, porque a minha mãe simplesmente largou a gente ali e foi embora, ela nunca mais voltou para visitar, eu fui conhecer ela depois disso com doze anos de idade. E aí essa minha tia, na verdade ela adotou três crianças, né? Porque a minha avó além de mim, da minha irmã, antes de nós duas ela já tinha adotado uma criança, que a minha tia tinha uma amiga mocinha que ficou órfão de pai e mãe, a casa dela, dessa moça, queimou em Bagé e o pai e a mãe dela morreram queimado. E essa menina ficou sem família, ela só tinha o pai e a mãe e aí ela era amiguinha assim de escola da minha tia, a minha tia era menina, era criança ainda, tinha doze, treze anos; essa moça foi morar na casa da minha avó e lá no momento da adolescência dela engravidou. E aí ela não tinha para quem dá a criança, ela resolveu ir trabalhar numa estância longe em Bagé e chegou para a minha avó e pediu para minha avó cuidar da criança que ela não poderia cuidar. E aí a minha avó acabou adotando esse menino que se tornou o meu tio. Então a minha tia já cuidava do irmão adotivo e aí vem mais duas crianças para casa e ela acabou cuidando de todo mundo. Então, era essa a visão que eu tinha de mulher assim, era a vida que a minha avó tinha, que era dona de casa, eu queria mais: eu queria estudar, eu queria fazer faculdade quando era nova. A minha irmã fez magistério, mas acabou não trabalhando na área também, hoje em dia ela trabalha numa lancheria, auxiliar de cozinha, ela não gostou, né? Ela fez todo

o magistério, se formou, fez todo o estágio probatórios, fez concurso, passou, e não quis trabalhar como professora. E eu acabei me desviando da escola também para ir trabalhar, para ajudar a minha avó, porque a minha irmã com dezoito anos ela voltou para Bagé, nós já morávamos aqui, mas ela foi embora para Bagé e a minha avó ficou aqui doente. Essa minha tia que depois que veio embora para cá acabou casando e foi fazer a família dela também. Também já tinha criado nós, já tinha ajudado a minha avó toda a vida dela, aí ela acabou casando e saindo de casa e eu fiquei sozinha com a minha vó. Eu fiquei cuidando dela mais e aí parei de estudar para trabalhar e aí interrompi a escola, interrompi daí os sonhos também, né? Não pude me formar, parei no último ano do segundo grau, mas não terminei e aí acabei casando com 19 anos no primeiro casamento, tive meu primeiro filho que eu perdi. E aí foi assim, da infância para adolescência para fase adulta foi essas...

[Interferência]

E aí foi assim a minha fase, a minha adolescência foi marcada muito pelo alcoolismo do meu pai assim, eu tive muita experiência com violência, sabe? Mas era uma violência diferente da violência que eu vivi depois.

E na escola assim, como é que... Você gostava de ir para a escola, como é que era?

Eu aprendi a gostar de estudar na minha fase adolescente assim, depois que a gente veio para cá, que a nossa vida mudou um pouco economicamente, porque na escola lá fora a gente tinha, como a gente tinha muito pouco recurso a gente se vestia muito mal, a gente quase não tinha material escolar, a gente era... Hoje em dia tem o nome que é bullying, né, mas lá antigamente para nós era um sofrimento assim, porque a gente era muito marcado pela pobreza. A nossa casa era a pior da rua. A nossa casa era a única casa de madeira e praticamente estava caindo e depois de dois anos que a gente se mudou para cá a casa literalmente caiu.

Vocês eram humilhados pelos colegas?

Muito, muito, *muita* humilhação. Muita humilhação assim. Vivia eu e a minha irmã sozinha, a gente tinha assim raríssimos, raríssimos amiguinhos que brincavam com a gente, porque a gente era aquelas crianças mais pobre, a gente era as mais feias que eles diziam assim, que se vestiam mal, que não tinha roupa, não tinha calçado, andavam de chinelo. Então era muita humilhação mesmo assim. Tudo o que eu vivi na minha infância eu tento não deixar os meus filhos viverem, sabe? Quando eu trabalho, tudo o que eu trabalho é para eles: é para vestir, é para calçar eles, para que eles se sintam um pouco melhor do que eu me sentia.

E em relação aos professores assim como era...

A relação com os professores era boa assim, eles tentavam fazer a gente se sentir bem, conversavam até com as crianças para não fazerem aquilo, para não baterem, para não empurrem, mas até violência física a gente sofreu na escola.

Nossa!

De empurrão à “Não chega perto de mim feiosa”, “Ai, tu está suja”, sabe? Era muito marcante. Muito difícil mesmo. E isso é inesquecível, né? Uma coisa assim que a gente

não... Eu estou com 36 anos e eu me lembro assim quando eu estava na segunda série o que eu passava, que eu vivia.

Com certeza. É um trauma, né?

Até hoje eu digo para a minha filha mais velha, ela diz “Ai, mãe, eu tenho poucas amigas. Eu tenho dez amigas só”, eu falei “Meu Deus! Tu tem uma multidão, porque a mãe não tinha ninguém. E eu tento dizer para ela, ensinar para eles assim: a gente tem que crescer ao longo da vida sabendo que a gente é autossuficiente, a gente não precisa da aprovação de uma segunda, de uma terceira pessoa para a gente saber dos nossos valores, para a gente se gostar. Eu disse para ela “Tu tem que aprender...” e digo para ela “Tu tem que aprender a te gostar. Tu tem um cabelo bonito, tu tem que ver que tem muito mais criança que tem muito, mas muito menos do que tu tem, se tu acha que tu tem pouco...”, eu tento mostrar para eles uma realidade que é dura, mas que é necessário. Tem criança que tem muito menos do que eles. Eu tive muito menos do que eles e eu digo para eles “E eu sobrevivi. Então vocês vão passar por tudo isso e quando vocês estiverem adultos vão ter garra e firmeza para adquirir o que vocês querem”.

E religião? A sua família tinha uma religião?

Tinha. A minha avó toda a vida dela foi católica. O meu pai toda a vida foi de religião umbandista e tinha muito atrito em casa por isso também, porque eles não aceitavam que o meu pai levasse certas coisas para dentro de casa. Eles brigavam muito assim, não entravam num consenso, né? Eu cresci toda minha vida dividida entre as duas religiões assim, a minha avó tinha lá a santinha, botava lá no armário, acendia velinha, levava... A gente foi batizado, a gente fez crisma, fez primeira comunhão. Depois que eu vim para cá até a gente participava de um grupo de jovens da Igreja Católica, lá em Sapucaia. E agora, depois da minha fase adulta, eu pendo mais para o lado da religião também.

É?

Sim.

Qual religião?

Religião umbandista. Foi o que consigo... Que eu consegui assim um pouco de alento, sabe? Um pouco de conforto para tudo isso que eu vivi. E eu gosto também desse lado, eu me identifico mais. Mas eu já fui tudo o que tu pode imaginar: já fui católica, já fui em casa espírita, já fui kardecista, já fui em casa de religião, já fui para igreja evangélica, porque eu tentei tudo para tentar salvar o meu casamento. Então, se uma pessoa dizia para mim assim ó “Ai, vai numa casa Espírita kardecista, pede uma psicografia que vão te dizer o que aconteceu [que] de repente tu está pagando uma coisa da vida passada”. Lá eu ia. Aí diziam para mim “Faz uma promessa para Santo tal que tu vai conseguir”. Lá eu fazia. E na verdade não resolveu nada. Nada resolveu. Só resolveu mesmo quando eu tomei a decisão de sair do relacionamento e buscar ajuda na justiça, ajuda jurídica, ajuda psicológica, só assim. Resolveu quando eu tomei a atitude de sair do relacionamento... [...] Só quando eu tomei a atitude de sair do relacionamento e partir para outra forma de viver, não dá para viver mais junto, não dá tem que aceitar e pronto.

Depois que você veio para cá, na Mirabal, como é que a Mirabal te ajudou no que você é agora, nesse exato momento?

Eles me ajudaram a ter mais autonomia, a acreditar mais em mim. Elas fazem um trabalho com a gente que o impacto dura assim. Eu acho que não é todo mundo que está preparado para isso, sabe? Para mim não foi fácil chegar aqui e eu ouvi “Olha, o teu marido não tem jeito, ele é um agressor, ele não vai mudar, não adianta tu amar ele, não adianta tu gostar dele, isso não vai melhorar. E se tu não quer morrer...”. Porque a gente vê vídeo sobre outras agressões, a gente ver testemunho de outras mulheres e é bem difícil assim tu ver outra mulher ser agredida, porque elas colocam para a gente ter uma visão da realidade do que pode acontecer de pior ainda comigo, né? Então, mas elas me ajudaram a ter mais confiança de que eu vou conseguir, por mais difícil que seja, vai ser mais fácil sozinha do que se eu continuar naquele relacionamento e ficar sendo agredida fisicamente, psicologicamente e emocionalmente. Isso que eu vou levar daqui, que eu sou capaz de conseguir.

E amanhã você está indo para Bagé?

Não, para Ijuí.

Ijuí.

Ijuí. Amanhã meio-dia e meia eu embarco no ônibus. Aí a minha tinha lá já está me esperando, eu falei com ela agora há pouco no Whats. Ela disse “A mana já está te esperando, a mana já conseguiu colchão”. Já está tudo pronto lá para mim. Eu sei que...

O que está passando na sua cabeça?

Medo. Eu não sei o que me espera lá, né? Faz 18 anos que eu não vejo ela. Ela me criou, até os meus 18 anos eu vivi com ela dentro da mesma casa, convivi junto, ela é uma pessoa de gênio forte, mas ela é muito boa de coração assim. Ela é a mãe que eu tive toda a minha infância, toda a minha juventude, mas ela era aquela mãe dura, forte, mais tudo o que a gente tem de referência, de amor, de carinho, as fases críticas assim, aquelas cenas que não sai da cabeça da gente quando a gente passou muita, quando eu passei muita fome. A gente chegou a ponto de estar todo mundo dentro daquela casa ali, os adultos e as crianças e um olhar para o outro e não ter nada, *nada*, nem uma galinha no pátio para matar e ela estava ali, eles estavam ali. Era uma família difícil de conviver pelo fato do alcoolismo do meu pai se tornar mais difícil, ainda mas eles sempre tiveram ali, ela sempre esteve ali comigo, essa minha tia. Então, eu tenho um pouco de medo assim porque criança, né? Eles são todos adultos, são quatro adultos na casa hoje, porque é ela, o marido e os meus dois primos que já são adultos também, um tem 19 [anos] e o outro tem 17 [anos]. Então vai ser uma outra realidade para eles conviverem em agora com três crianças, a Kátia adolescente, o Abel é imperativo, é muito agitado, muito, muito. E tem toda essa parte que eu vou ter que tratar eles ainda, do psicológico deles né? Eles estão indo embora para outra cidade, eles não vão mais ver o pai deles de jeito nenhum, eles vão ter que crescer e aprender a lidar com isso também, né? Então eu tenho medo, mas eu acredito que lá ainda assim com toda essa dificuldade vai ser melhor do que aqui, tanto para mim quanto para eles, porque isso elas me ensinaram aqui na Casa, eu não tinha essa visão antes. É, muito do que eu vivi dentro desse relacionamento, eu dava desculpa para mim mesma que eu estava deixando acontecer

tudo aquilo por causa deles. Na verdade, eu estava transferindo a culpa para eles, porque eu achava assim “Não, não vou me separar por causa das crianças, eles precisam do pai. Por pior que seja eles precisam do pai”. Isso é errado. Elas me ensinaram a ver que isso é errado, eu não posso transferir a culpa para eles. Eles não têm culpa de eu viver um relacionamento agressivo, violento, ruim, por causa deles. Então eu tenho, elas me ensinaram a conversar muito com eles e falar a verdade por pior que ela seja. Esse meu guri de oito anos é muito agarrado com pai, muito, *muito*. Porque, por mais agressivo que ele tenha se tornado ao longo desses anos, violento, ele teve bons momentos com as crianças e esses bons momentos fazem eles acreditar que um dia eles possam ver o pai de novo, conviver com o pai de novo e eu acho que isso é quase impossível. Então a primeira palavra que vem na cabeça quando tu... É medo assim. Eu tenho medo do que está por vir, né? Eu sei que não vai ser fácil, mas eu conto com ela, a minha esperança é a compreensão deles, dela, do meu tio... É, um dos meus dois primos é meu afilhado. Eu vi ele pequenininho, com meses, eu batizei ele. Depois de 18 anos eu vou reencontrar eles agora já estão adultos. Mas eu acho que mesmo assim, com todas as dificuldades que vão vir, eu acho que ainda vai ser melhor lá do que aqui.

E para você? Porque você falou tudo na perspectiva dos seus filhos. Isso para você o que significa esse ir embora?

Para a gente começar. Recomeçar.

Recomeçar.

É, eu quero... Eu aprendi aqui na Casa, com todas as mulheres que me acolheram e que eu conversei, que trouxeram a psicóloga para falar comigo, as outras coordenadoras, a própria Andressa, que eu tenho que estar bem para mim deixar eles bem. Eu tenho que estar bem psicologicamente, eu tenho que estar bem emocionalmente, eu tenho que estar bem fisicamente, eu tenho que cuidar de mim para mim poder cuidar dele. Eu quero voltar a estudar. Claro que eu vou ter que trabalhar lá, em qualquer ramo, fazendo faxina, de limpeza, de auxiliar de cozinha, qualquer coisa, para mim poder suprir a necessidade deles, ajudar em casa e suprir a necessidade deles, mas eu pretendo melhorar bastante. Eu pretendo evoluir bastante. Eu parei a minha vida lá atrás quando eu casei, no meu primeiro casamento, já anulei a Maria. A Maria não existe mais, dali para cá veio a mãe e a mãe ficou, depois venho a esposa e a esposa ficou e a Maria morreu. E agora eu quero descobrir a Maria de novo. Quero ver a Maria melhorar, eu preciso melhorar a minha aparência, preciso melhorar minha saúde, eu preciso melhorar minha cabeça, sabe? Eu preciso me curar. É isso o que eu vou buscar, minha cura, para que os meus filhos tenha outra visão de mim, de uma mulher forte... Ontem um dos meus filhos teve aqui, o de quatorze anos venho aqui para se despedir de mim. O pai dele trouxe ele para me ver, para ver os irmãos, né? Porque ele fica com o pai e aí ele disse para mim “Mãe, eu quero ver tu melhor, eu quero ver tu bonita, quero ver tu se arrumar, eu quero ver tu sair, eu quero ver tu estudar, quero ver se formar, eu vou lá ti ver. Quando eu começar a trabalhar, [com] o meu primeiro salário eu vou lá te ver”. Sabe, eu quero que os meus filhos tenham orgulho de mim, porque a visão que eu tenho que até hoje eles tiveram pena por tudo o que eles viram eu passar e eles tiveram vergonha eu acho, sabe? Porque muito eu ouvi do meu filho mais velho e da minha filha “Mãe, porque tu deixa acontecer isso? Reage, vamos embora.” E eu fui deixando e deixando até as coisas chegarem em

um ponto que [PAUSA] destruiu uma boa parte da minha vida, e que agora eu vou ter um trabalho para mim reconstruir.

Mas vai.

Vou sim. Se Deus quiser eu vou sim. Tenho bastante esperança que eu vou conseguir reconstruir lá com a minha tia, que eu vou conseguir alinhar as crianças, que eu vou botar eles colégio, botar a pequena na creche e trabalhar, voltar a estudar.

Quando as suas filhas crescerem, começarem a se relacionarem, a namorar...

Eu tenho medo também.

Que você vai dar de conselho para elas?

Ontem de noite eu já estava conversando com a mais velha, conversa muito comigo ela. Eu disse para ela assim, ela tem que ter muita... Muita inteligência para saber notar quando um relacionamento começar a ficar abusivo, eu disse para ela. Controlar a roupa que tu veste, querer olhar o teu celular. Achar que tu pode gostar de um amigo ou não gostar, que pode te dar [bem] com alguém ou não te dar [bem], isso não é saudável. A pessoa tem que gostar do que tu gosta, se a roupa que tu está te faz bem é a roupa que tu vai vestir, não a roupa que ele quer que tu vista. Controlar o teu celular não é prova de amor, dizer que tu pode te dar com tal amigo ou não te dá com um amigo “Aí, eu não quero que converse com o fulano”. Isso não é amor. Ciúme, não é prova de amor. [PAUSA] Eu tento mostrar para ela que ela é autossuficiente sozinha, não precisa da aprovação de outra pessoa. Ela já está mocinha, está grandinha, né? Já está na fase dos namoricos no colégio e tal, eu digo para ela assim “ô primeiro prioriza a tua formação, tua educação, tua formação. Vai ficar bonita, vai viver tua adolescência, vai ter as tuas amizades, tuas amigas, vai sair, vai no shopping, vai passear, vai lanchar, vai fazer um, vai fazer curso, vai te formar, para ti não depender financeiramente de ninguém, para ti ter autonomia, autossuficiência, autodeterminação e depois tu vai aprender a se relacionar com alguém”.

Tu teve esse tipo de conselho?

Não. De ninguém.

Aprendeu do jeito mais difícil.

Sozinha.

E... Ai, uma pergunta que venho na minha cabeça antes...

É, porque assim, depois que essa minha tia foi embora de casa, eu tinha 18 anos, eu ainda era solteira. A minha tia se apaixonou e casou, rapidinho assim. A gente veio embora de Bagé e aí ela se apaixonou por um senhor, eu digo assim porque ele é mais velho que ela, né? Meu tio... Ela tem 54 [anos] agora e ele tem 62 [anos]. Ela se apaixonou e como ela já estava com 40 anos ela achou que tinha que ir logo viver junto, fazer a família dela, daqui a pouco ela não ia conseguir nem ter filho mais, então ela já saiu de casa e aí ficou eu e a minha irmã ali. Aí a minha irmã, deu um sei lá o quê que eu vou te dizer que deu na cabeça dela assim, deu um estalo e ela decidiu que ia embora de casa: “Vou voltar para Bagé”. E simplesmente arrumou tudo em uma mochila, deu

tchau para a gente “Mãe, eu vou morar em Bagé” e eu fiquei sozinha com a minha avó. Eu, a minha avó, meu avô e o meu pai alcoólatra. Então não tinha...

Isso já aqui em Porto Alegre?

Isso, já aqui. Eu com 17 anos, a minha irmã foi embora, a minha tia foi embora de casa no mesmo tempo, eu fiquei sozinha com eles, não tinha com quem conversar. O meu pai não tinha... Não tinha condições, nenhuma, psicológica, emocional, de dar conselho, ainda mais para uma filha mulher. Ele se separou da minha mãe quando a minha irmã tinha três nos e eu era recém-nascida, e nunca mais se relacionou com ninguém. Eu cresci toda a minha infância e minha adolescência eu nunca vi o meu pai com uma mulher. E ele não... Ele delegou toda formação e educação da gente para essa minha tia e para minha avó. Quem conversava com nós e quando a gente começou a namorar, eu fui namorar com 16 anos o meu primeiro namorado, e ninguém sentou comigo e me passou isso. É que nem eu te disse, a visão que eu tinha de mulher, de como ser uma mulher era aquilo que eu cresci vendo a minha vó fazer, ela era totalmente submissa e dependente ao meu avô. Ela comia o que eles traziam para dentro de casa, o que tinha para comer.

Não reclamava, não brigava?

Não reclamava, não brigava, se tinha o que comer tinha, se não tinha se passava fome. Eu fui aprender... Tanto que a minha avó ela era mais velha que o meu avô. Ela era nove anos mais velha que ele, então, automaticamente ela se aposentou primeiro que ele, quando a gente venho embora para cá para Porto Alegre logo em seguida ela fez sessenta anos e o meu tio, esse que trouxe nós... Ele ainda era vivo, porque ele venho a falecer depois de um tempo, ele faleceu num acidente de carro, e aí piorou muito a cabeça dela assim, ela ficou muito doente e veio a falecer também pouco tempo depois. Ela se aposentou primeiro que o meu avô, mas toda a aposentaria dela, ela dava na mão dele. Ela não sabia administrar dinheiro, não sabia lidar com dinheiro e essa era a visão que eu tinha também.

Aqui em Porto Alegre ela se manteve dona de casa?

Se manteve dona de casa.

E quando no seu segundo casamento que você começou a sofrer violência chegou a contar para a sua tia?

Não.

Ela não sabia?

Não. A violência física... hoje eu consigo... Eu consigo entender, lembrando tudo, porque o trabalho que elas fazem aqui com a gente, a parte psicológica que a Casa faz, parece assim meio que torturante, mas é fazer a gente reviver, lembrar toda a violência que a gente passou, para a gente ter aquela visão [de] “Eu não quero voltar para isso, eu não quero isso de novo para mim”. Hoje eu consigo ver que todo o meu relacionamento, desde o começo, era abusivo, era violento, não fisicamente, mas era violento psicologicamente, era aquela coisa assim maquiada, sutil: “Ah, eu não gostei dessa roupa. Tá muito marcado no teu corpo. Ah, mas tu vai sair comigo assim para chamar

atenção. Bota um batom mais clarinho”, sabe? Aquela coisa assim se vir uma vizinha na frente do portão me chamar para alguma coisa, eu não podia me relacionar com ninguém. Quando eu falava em voltar a estudar [ele dizia] “Tu não tem mais idade para isso. Quem vai cuidar das crianças? Eu não vou ficar com eles a noite inteira sozinho para ti estar no colégio”. Então hoje eu consigo ter essa visão que já era abusivo, que já era uma violência que eu sofria, mas é um pouco por causa do sentimento, a gente tem aquela coisa que vai empurrando com a barriga “Vai melhorar, com o tempo vai melhorar”.

Naquela época, ninguém nunca te disse assim “Sai disso, vai embora.”?

Não, ninguém. E eu também não falava, eu não tinha contato com ninguém na verdade, porque assim, eu casei com esse meu segundo marido a minha avó era recém falecida, aí ficou o meu avô e o meu pai, dois homens. A gente teve que separar eles, porque eles se matavam dentro de casa os dois sozinhos. Então o meu tio, que foi esse que foi criado comigo adotivo, levou o meu avô para morar com ele, que era o pai adotivo, né? E o meu pai ficou morando sozinho na casa que a minha avó tinha. Depois o meu avô veio adoecer e passou a morar comigo e com o meu segundo marido. Então eu não tinha com quem conversar sobre aquilo que eu estava vivendo. Eu achava também que um pouco era normal, era do comportamento dele, ele era ciumento, ele era inseguro porque ele era de pele escura, então ele tinha complexo de inferioridade, ele também veio de uma família muito pobre. Não teve mãe, ele foi criado pelos avós também. Uma criança muito sofrida, muito judiada. Primeiro casamento dele foi marcado por muita violência também. Muita, *muita*, mais até do que comigo. E eu achava que ia melhorar. Só depois que começou a violência física e mesmo assim eu aguentei três anos, sozinha, só eu e os meus filhos dentro de casa com ele e calada. Eu não fui na delegacia na primeira surra, eu não busquei ajuda médica, eu curei os meus machucados sozinha. A ajuda que eu tive foi a dos meus filhos, que me ajudaram a levantar da cama, que me ajudaram a fazer os curativos, sabe? Só depois de três anos que eu tomei a primeira atitude de sair de casa, de fugir. Eu não sabia, eu não entendia que eu tinha que conversar com alguém sobre aquilo, que eu tinha que buscar ajuda. Eu achava que sozinha eu ia resolver, que ele ia ver que eu amava ele, que eu não estava traindo, que eu queria estudar para ter uma vida melhor.

Sim.

Não tinha com quem falar, porque quando a minha avó morreu e essa minha tia foi embora, eu perdi toda a referência de mulher, não tinha mais mulher nenhuma perto de mim e eu nunca tive contato íntimo, de afeto, com a minha mãe de sangue. Ela é viva, mora lá em Bagé até hoje, mas a gente não tem contato, a gente não tem afinidade, a gente não tem... Sabe, assim, não tem...

Sim. E você tinha me dito que ele frequentava a Igreja Universal.

Ele frequenta até hoje. Até hoje ele frequenta a Igreja Universal.

E você ia junto com ele?

Eu ia com ele.

Aí você chegou a conversar com o pastor...

Sim, nós conversamos junto com o casal de pastores. A gente abriu toda a nossa vida para o casal de pastores, que é um casal que atende casal, né? E aí o pastor disse para ele que ele tinha que ser mais compreensivo, que ele não podia de usar violência física comigo, que ele tinha que entender as minhas necessidades, que ele tinha que me dar espaço, que eu tinha que dar espaço para ele, que o fato de eu estar conversando com uma pessoa no celular ou com a minha irmã ou até com essa minha tia... Em um determinado período conversei com essa minha [Interrupção]... Que isso não necessariamente não seria uma traição. Só que... [Interrupção] O pastor disse que eu tinha que ser compreensiva.

Que você tinha que ser compreensiva?!

Que eu tinha que ser compreensiva, que com o tempo ela iria mudar. Que eu tinha que esperar em Deus, que Deus ia fazer uma obra nele e que ele ia deixar de ser violento. Mas que deixar dele não seria a solução. Que eu era a responsável pela alma dele. Se eu abandonasse ele eu seria cobrada por Deus por ter abandonado ele se acontecesse alguma coisa com ele. É inacreditável, mas é isso que a gente ouve hoje da igreja. Que a mulher não pode abandonar o marido mesmo apanhando. E aí eles dão exemplos, um pior que o outro. O pastor disse para mim “A minha mãe apanhou 30 anos do meu pai, mas ela perseverou até Deus mudar ele”.

30 anos depois?!

Trinta anos depois. Sei lá se já estava velhinho a pessoa também, aí acabou morrendo, veio a falecer, mas os dois unidos. Eles preservam que a união do casal deve permanecer mesmo existindo violência física, mesmo existindo violência psicológica, mesmo a mulher sendo uma prisioneira dentro de casa.

Aí você saiu dessa conversa e foi tentar fazer o que ele disse?

Casei na igreja, por quê? Eles dão 1001 razões para o casal estar vivendo aquilo, “Ah, vocês vivem em Pecado, porque vocês não são casados”. Aí a gente foi para o cartório e casou no civil para poder casar na igreja. A gente foi para Igreja, fiz o curso do Casamento Blindado, que é uma papagaiada que não serve para nada. É um livro que inventaram, tu já deve ter ouvido falar, tem para vender em qualquer lugar e a Igreja Universal dá para a pessoa também, que é um casal que ensina as pessoas a viverem bem. Na prática não funciona. Como é que tu vai botar na cabeça de uma pessoa doente que ela tem viver daquele jeito? Não tem como. A gente fez o tal do curso do Casamento Blindado, fez lá as tarefinhas, levámos para casa, eu li o livro, ele não leu, se recusou a ler, nem fez nada. Estava lá ouvindo o que pastor dizia entrava por um ouvido e saía pelo outro, chegava em casa e fazia tudo ao contrário, batia, brigava, oprimia. Casamos na igreja porque o pastor achou que nós vivia em Pecado, então era o diabo agindo ali naquele casamento: “Ah, mas então quem sabe se ele não muda a senhora muda o seu jeito de ser. A senhora tem que ir no seu guarda-roupa e fazer uma limpeza do que não agrada o seu marido, a senhora se desfaz. O que agrada a senhora aprende a gostar para se sentir bem”. E eu fiz. Eu tirei todas as roupas que eu gostava, blusa de alcinha não podia, tomara que caia não podia, bermuda abaixo do joelho não podia, acima do joelho não podia, sapato de salto nem pensar, saia acima do joelho nem pensar. Tirei tudo. Batom vermelho, batom mais escuro, nem pensar. Perfume? Não pode chamar

atenção, mulher não pode chamar atenção. Essa é a ajuda que a igreja dá para os casais. A grande maioria das mulheres que vivem na igreja são submissas àquela doutrina. Eu tentei uma época... Eu fui uma época para uma outra igreja, para outra organização, que a mulher não podia se depilar. Eles fazem como se fosse um curso também ensinando como a mulher deve se comportar até no ato sexual muito.

Completamente fechado.

Muito sufocante. Muito, muito, muito! A gente deixa de viver. Até sorrir incomoda o marido. A gente até olhar um programa de televisão, um filme, incomoda o marido. Então a gente passa, a gente deixa de viver, para viver um mundo mais para mim para viver pra ele, mas não adiantou. Não adianta, na verdade não adianta nada do que se faça dentro de um relacionamento abusivo aonde existe a violência psicológica, aonde existe violência física, aonde a outra pessoa não consegue entender que aquilo não é sadio, não tem como ajudar. Eu busquei todo o tipo de ajuda que eu podia. O meu filho disse para mim ontem assim ô, o pequeno falou “Mano, agora eu não quero que a mãe volte mais com o pai”, aí o Pedrinho pegou ele [e falou] “Abel, teu pai está doente e ele vai fazer mal para a mãe, se a mãe continuar com ele. Então tu tem que viver com a mãe e cuidar da mãe agora. Tu é o homem da casa. Tu tem que cuidar da mãe, da Kátia e da Rafaela”. Então eles já entenderam que o pai tá com problema, mas eu não posso tratar esse problema. Durante muitos anos eu achei que eu podia resolver os problemas dele, fazendo tudo isso que eu estou te dizendo: eu vou para a igreja, me convertendo, usando saia comprida, deixando de tomar banho, deixando de me maquiarem, deixando de me arrumar, para tentar melhorar ele, para tentar curar ele e eu não consegui. Só que assim ó é nesse.... Tudo isso que eu vivi... Tu me perguntou assim “Ah, ninguém sabia?”, o meu pai sabia. Porque determinado período o meu pai viveu comigo, eu tive que ajudar ele, ele adoeceu, ele tem problema grave de coluna, fora o alcoolismo ele tem problema grave de coluna e ele ficou durante 11 meses numa cadeira de roda e eu levei ele para a minha casa, para cuidar ele, porque ele não tinha onde morar. Ele é praticamente um morador de rua. Ele vive de retiro em retiro assim, de clínica em clínica. Essas clínicas de recuperação. Ele não tem mais uma casa fixa, porque a casa que a minha avó deixou, que ficou para ele, ele vendeu. Botou todo o dinheiro fora em álcool e mulher e droga e tudo, ficou sem ter onde morar. Então ele vivenciou muita violência dentro da minha casa da parte do meu marido comigo, mas ele não reagia, não tinha reação nenhuma.

Ele não te falava nada?

Não. Nada. A única coisa que eu ouvi dele uma vez assim é “O papel da mulher é ajudar o marido”. Eu tentei ajudar de tudo que foi jeito, até de jeito errado, sabe? Fui para a religião, fui para a igreja evangélica, fui para a igreja católica. Não tinha mais onde buscar ajuda. Tentei fazer um acompanhamento psicológico com ele, quem adoeceu mais fui eu, quem tomou remédio para depressão fui eu. [Interrupção] Foi assim, como eu estou te dizendo. Não tive ajuda assim da família, não tinha. Essa minha tia só na primeira vez que eu sai da minha casa, que eu tive contato com ela por telefone, que foi um acaso do destino. O meu tio esse ainda era vivo e ele conseguiu localizar ela em Ijuí, aí se manteve contato de novo, porque durante muitos anos a gente perdeu contato com eles. A gente perdeu o contato com ela, ela ficou lá vivendo a vida dela com os filhos e com o marido e a gente aqui cada um vivendo a sua. Depois de muitos anos o meu tio conseguiu

contato com ela de novo e a gente voltou a se falar, aí num desses momentos que foi a primeira fuga que eu tive de casa ela veio a saber, porque eu fui parar na casa dele, ele que me acolheu, ele é mulher, né? Ele é a minha cunhada. Foi a primeira vez que ela disse para mim “Vem embora para cá que a mana te ajuda. Traz os teus filhos, vamos criar eles aqui, a mana te ajuda a cuidar deles”, ela era bem pequena, bem pequenininha, tinha um aninho, né? [a irmã disse] “A gente te ajuda a cuidar deles para ti trabalhar, sai desse casamento que vai te matar”, porque ela ficou sabendo que eu estava muito machucada, estava com o pé quebrado e...

Ele quebrou o teu pé?

Ele quebrou o meu pé. Ele quebrou aqui, eu tenho meu pé quebrado aqui em cima.

Ele usou alguma coisa?

Não, ele chutou, ele bateu, pisou em cima. Ele quebrou o meu pé aqui, rachou aqui e eu estava com rosto todo queimado de cigarro.

Ai, que horror...

Fora os hematomas assim, os machucados e tal e eu levei uma facada aqui assim. Aí, o meu tio, que eu considerava como irmão, que ele foi criado comigo, conversou com ela e aí ele estava tentando achar uma solução para me ajudar também, não queriam me deixar aqui para mim não sofrer mais violência, ficaram com medo dele e aí estava se buscando uma solução para onde eu ia. Aí o meu tio entrou em contato até com a minha mãe de sangue, mas ela não quis que eu fosse para Bagé, porque lá é muito difícil emprego e tal e como a gente não convive junto, a gente não tem afinidades, né? Aí essa minha tia disse “Manda ela para cá que eu ajudo ela, eu cuido dela, eu cuido das crianças”. Então já era para mim estar lá há muito tempo. Eu acho que se eu tivesse tomado essa iniciativa antes, eu não teria vivido muito mais violência do que eu vivi durante esses anos tentando buscar uma solução que não existe.

Sim.

Porque o grande problema da maioria das mulheres é buscar uma solução que não existe. É muito difícil, muito difícil, é assim ó, nem um por cento dos casos o homem muda, o agressor deixa de ser um agressor. Ele jamais vai deixar de ser um agressor. Homem que bate em mulher gosta de bater. Não muda. A solução é deixar o relacionamento. A solução é buscar ajuda realmente.

Beleza. Acho que agora...

Foi? Agora foi [risos].

Agora foi [riso]. Nossa, muito bom. Não, assim, é triste demais ouvir esse relato. Triste saber que você sofreu tanto assim na vida.

Mas eu tenho uma felicidade que eu sobrevivi. Eu posso contar isso para outras pessoas, que outra mulher... Se eu consegui, se eu conseguir que uma mulher escute isso e caia na realidade que eu caí, tem que sair desse relacionamento, tem que buscar ajuda. Se uma mulher se salvar já ganhei a minha vida, entendeu? Porque uma mulher morre a cada minuto. É bem o que a gente vê na televisão, porque tropeçou no tapete, caiu no

banheiro, tem as desculpas que a gente dá, sabe? Até porque eu briguei com outra mulher, briguei com uma vizinha, está toda machucada, toda deformada, toda roxa, tu está vendo que tu não foi uma mulher que fez, mas tu disse “Ai, briguei com a vizinha”... Para passar a mão na cabeça de um agressor, de uma pessoa doente que precisa de tratamento, que muitas vezes precisa de uma cadeia, precisa de anos preso para aprender que mulher é mais fraca, que mulher é mais frágil, que mulher não merece ser tratada assim. E muitas mulheres dão essa desculpa: tropecei no tapete, cai banheiro, briguei com a vizinha. Porque tem medo, tem vergonha, porque acha que vai mudar, porque acha que vai casar na igreja e vai melhorar.

Sim. É verdade.

Ficam presas a esses relacionamentos abusivos, deformados, diabólicos. Eu falei, perguntei para o pastor quando eu sai de lá... Eu fui na igreja e perguntei para o pastor “Qual é a explicação que eu tenho que dar para os meus filhos do pai deles nunca deixar de me bater? Eu tenho que dizer que a culpa é do diabo? É essa a desculpa que eu tenho que dar? Eu tenho que aceitar que ele está com o diabo no corpo, que é por isso que ele age assim, que ele é um coitadinho? Que ele precisa de ajuda? Quer dizer que quem bate, quem é cruel, precisa de ajuda?” O pastor não me disse nada. Não consegui me responder nada. E na religião não, eu ouvir outras coisas bem diferentes.

Na umbanda?

“Sai desse relacionamento porque isso é abusivo, é traumatizante, tu vai viver a tua vida toda se vestindo com outra pessoa quer, daqui a pouco tu está com 50 anos, com 60 anos, sem profissão nenhuma, dependendo da caridade de outra pessoa”. Ele ficou muito tempo desempregado ao longo desses anos que eu vivi com ele, quem manteve a casa fui eu fazendo faxina. Se eu tivesse uma profissão, se eu tivesse terminado o segundo grau e feito o magistério que eu queria ou ter feito técnico enfermagem, os meus filhos teriam uma condição de vida muito melhor hoje. E eu não vivi, não fiz, por medo do que outra pessoa ia pensar, por medo de como outra pessoa ia agir.

Medo de morrer.

Por medo de morrer. Porque eu me defrontei com a morte muitas vezes, muitas vezes. Não foi uma, nem duas vezes, que eu tive que ficar quietinha encolhida em cima da cama para não levar uma facada. Que eu tive que implorar para não botar fogo na casa, a casa cheia de gasolina, os filhos dormindo dentro de casa. É isso que uma mulher vítima de violência sofre, tem que calar e consentir para não piorar ainda mais a situação. Na maioria das vezes quanto mais submissa se é pior fica a situação, mas eles acham que podem fazer “Ela tem medo de mim”. Eu ouvi ele dizer que não tinha medo de polícia, que não tinha medo de bandido, que não tinha medo de ninguém. A Brigada entrou na minha casa, derrubou a porta, levou ele arrastado, usando de muita violência contra ele e ele defrontando a Brigada que era meu dono, que ele podia fazer o que ele estava fazendo porque eu era a mulher dele, estava dentro da casa dele e que tinha todo direito. Então...

E aí a polícia soltou ele uns dias depois?

26 dias depois. É porque a lei ela existe, mas ela é falha, né?

É. A Maria da Penha precisa de muita, muita...

Muito melhora.

Muita melhora.

Eu perdi empregos, bons empregos, perdi carro, perdi casa própria, por causa de violência.

Nossa! Mais uma pergunta, você já pensou em revidar, você já conseguiu revidar alguma das vezes?

Sim, eu tentava reagir. No começo a gente tenta reagir, nas primeiras vezes a gente age mais pelo impulso do que pela razão. Então, eu tentava revidar, reagir, eu empurrava também, eu batia também, e aí quando se usou de muita mais força... Quando se usa de muito mais força, a mulher cai naquela dura realidade de que o homem sempre é mais forte e reagi é pior. A reação da mulher nunca tem que ser física, nunca. A mulher nunca vai conseguir ser mais forte que um homem, bater. Claro, que se ouve relatos de mulheres que deu uma facada no marido e matou por legítima defesa, deu um tiro e matou por legítima defesa, mas na força física uma mulher nunca vai ganhar do homem. A mulher tem que buscar ajuda fora: na delegacia, na assistente social, no posto de saúde, buscar ajuda jurídica, ajuda psicológica, mas nunca revidar fisicamente.

Sim. Eu não me lembro se a gente conversou sobre isso, mas só para fechar, como é que você veio parar aqui na Casa Mirabal mesmo?

Eu fugi.

Aí você veio direto para cá?

Não, eu fugi de casa e fui na delegacia. Aí cheguei na delegacia e disse para eles que eu estava saindo de casa, eu não tinha sido agredida fisicamente, naquele momento, mas era muito psicológico assim, era muito ameaça psicológica “Eu vou fazer, eu vou te matar, eu vou picar o teu corpo e vou atirar um pedaço em cada lugar e ninguém nunca vai achar, ninguém nunca vai saber o que aconteceu contigo, tu não tem família...”, sabe? “As crianças vão esquecer, não vão mais lembrar de ti, eu vou arrumar uma outra mãe para eles”. Isso foi durante muitos dias até chegar o dia que eu consegui sair de dentro da minha casa, ele não estava no momento, ele saiu sozinho e eu peguei as criança e fugi e fui para a delegacia. E aí eu disse lá que eu queria um abrigo, um lugar para ficar, que eu não queria mais voltar para casa, que eu estava sofrendo ameaça, aí eles me mandaram para cá.

Te trouxeram para cá?

Sim, me trouxeram para cá. Aí vim parar aqui na Mirabal.

Está bem. Vou parar por aqui que já deu uma hora de gravação. Muito bom [Riso].

Segunda Entrevistada: Angela Davis

Vamo conversar aqui gravando. X, eu queria que você primeiro me contasse da sua vida de criança. Aonde você morava... quem...

É, eu sou adotada. Meu pai me pegou com uns 18 dias. Minha mãe me abandonou e daí ele pegou pra adotar

Ele não é seu pai biológico?

Não, ele é homossexual. Me criou muito bem né, não tenho queixa disso .Não é drogado nem bêbado, ele é uma pessoa super... E, tipo assim, eu fui criada bem. Minha infância foi muito boa, eu tive infância, eu brincava, tudo...

Aonde você morava?

Eu morava na Otávio de Sousa, quando eu era criança. Então eu brincava. Até minha comadre que tá ali é minha amiga já da idade de quando a gente era pequena. Eu tinha meus... eu era... eu tinha, como uma criança normal, horário pra tudo né? Como se tem... E tipo assim, eu brincava, ele fazia campeonato pra nós, pras menina. A gente fazia campeonato de vôlei. Então, tipo assim, eu tive uma infância muito boa.

Na sua vizinhança?

Minha vizinhança sempre foi boa. Tipo assim, todos os vizinhos têm briga , mas minha vizinhança de quando eu era pequena e de hoje são muito boas. São as melhores vizinhanças que eu tenho.

E assim, você foi pra escola?

Sim, eu fui pra escola, eu estudei, fiz até o quinto ano e comecei na fase de dar trabalho, de andar com as amigas, ai eu desleixei do colégio.. Ai meu pai me chamando e aí teve uma hora que meu pai largou... Aí quando eu fechei 17 anos eu me casei, meu marido que eu fiquei casada 10 anos.

E mais uma pergunta ali do passado.

Uhum

Vocês frequentavam igreja?

Não. A gente é... (pausa) é africanistas. Que é umbandas... é batuque, bem dizer. Aí tipo assim, ele não lida com a batida dos exus, que é a parte da escuridão, ele lida com a outra parte. Mas eu sempre fui assim. Igreja eu só fui pra batizar meus filhos.

Qual é a igreja que você batizou seus filhos?

Evangélica.

E aí você não frequentava igreja?

Não, eu nunca fui de frequentar igreja. Porque tem igrejas que eu fui e me decepcionou muito, mas não pela igreja, entendeu? Meu filho diz “ah, mãe tu não gosta de Deus” - eu gosto de Deus, porque Deus a gente tem só um. Mas não pelo caso de Deus, mas os seres humanos. Ser humano deixa muito a desejar os lugar. Então é isso, nunca frequentei uma igreja, nunca fui. Fui uma vez e vi coisas que pra mim só aquilo já bastava pra mim não ir mais entendeu? Pra mim não tem fé naquilo, aí não fui mais. Fiz... quando eu era pequena eu frequentava aulas de igreja sabe? pra rezar... Meu pai deixava, mesmo a gente sendo africanistas ele nunca proibiu. Ai eu frequentei aulas de igreja, ia lá comer lanche. Eu frequentei um bom tempo quando eu era pequena, mas quando eu fui crescendo eu fui vendo coisas, não onde eu frequentava, mas em outros lugares que eu tentei ir, mas...

Ai na escola você estudou até o quinto ano?

Sim, na escola eu fiz até... não, eu fiz até o sexto ano. Fiz até o sexto ano e... é, estudei lá e depois quando eu fui pro outro colégio aí quando eu comecei essa função de baile eu desleixei.

E como era sua relação dentro da escola. Tinha amigos, gostava dos professores?

Era boa. Sim... Eu era muito braba, era muito barraqueira. Mas minhas professoras não tinham queixa de mim, minhas professoras eram muito boas pra mim. Tipo, não.. eu tive duas professoras racistas, mas minhas outras professoras eram muito boas pra mim, porque - pra mim e pro meu pai - porque ela via como era a gente sabe? Porque era totalmente diferente. Se alguém olhar meu documento vê que não tem o nome da mãe, só o nome do pai, então isso naquele tempo era “Al...” é incrível.

E ele era relacionado com sua mãe?

Não.

Ele te adotou...

Ele me adotou, ela me largou com outra mulher e ele me pegou dessa mulher e me adotou. Ela largou eu e meu irmão.

Ah, então foi os dois?

Sim, porque eu tenho um irmão gêmeo só que eu sei dele, mas ele não sabe de mim. A gente foi separados, então ele ia pegar nós dois, mas como chegou outra família e pegou meu irmão, aí ele me pegou.

Nossa, e ele não sabe de você?

Ele nem imagina.

E você não tem coragem, não tem vontade assim...

Olha, já tive pensando em procurar ele, mas sabe aquela coisa, assim oh, que às vezes pode piorar né? Tipo assim, se ele tá bem.. Porque ele tá fazendo tudo que eu queria fazer, ele terminou a faculdade de educação física. Ele tá bem profissionalmente, ele tá bem financeiramente, então não adianta eu querer ir lá e “ah, vou revelar pra ele” e aí ele vai brigar com a mãe dele... vai ser uma coisa muito turbulenta. Então se ele tá bem... porque eu fico sabendo dele, sabe? Se ele tá bem não adianta eu mexer. Eu acho que tem que deixar assim. É, tem que deixar assim porque aí vai criar muita confusão, porque aí ele vai pra cima da mãe dele “Por quê tu não me contou a verdade? Por quê tu me mentiu? Eu sou adotado e coisa e tal” Então, eu quero deixar assim. Se algum dia a gente tiver que se ver a gente vai se ver, mas enquanto isso eu não procuro ele, nem... deixa ele viver a vida dele e eu vivo a minha né?

Tá, aí você me disse que conheceu seu marido, que ficou 10 anos, aos 17.

É.

Antes você teve outros namorados?

Tive, tive outros namorados sim. Tive vários... Eu tive muitos relacionamentos, tive demais (risos)

E assim, quem conversava com você sobre sexo, sobre ser mulher...

Quería saber tipo com quantos anos de idade, é isso? (risos)

Não, não... se alguém conversava com você, se você descobriu tudo sozinha.

Não, no tempo do colégio eu fazia aula de sexologia, que chama, então eu sabia tudo. Não sabia, não é saber como se faz, mas eu sabia que tu tem que usar uma camisinha porque tem proteção pra várias coisas, é saber o jeito que tu tem que fazer alguma coisa, é muitas conversas. É nessas rodas de conversas que eu tinha, deixa eu ver, uns 12 anos. Então aquilo ali já abriu meus olhos. E meu pai também quando viu que eu tava com um calorzinho ele começou a fazer eu tomar comprimido. Então meu pai também já afetou muita coisa né?

Sim... Vocês tinham essa abertura pra falar sobre?

Sim, tinha que ter porque ele era meu pai né? Quando eu menstruei, que foi que eu tomei um susto, que fiquei com as pernas abertas e eu comecei a chamar ele e ele tava dormindo - “pai, olha aqui!”. Aí ele botou um balde, foi na minha vizinha, pegou um absorvente e me deu. Aí ele pegou e me levou no posto “eu quero dar anticoncepcional para minha filha” aí eu comecei a tomar anticoncepcional, tudo... mas tinha que ter, porque não tinha como, ele era meu pai. Mas quando eu não queria falar coisas com ele assim, eu tinha amigas dele, as amigas, vizinhas, mulheres que vinham falar comigo.

Ah, então você tinha contato com mulheres...

Sim, tinha.

E como elas eram?

Elas eram boas pra mim, tipo assim... Como eu e meu pai passamos muita necessidade no tempo, elas pegavam faziam pote de comida e mandavam pra mim e pra ele. Ou ele ia comia na casa dos outros e levava pra mim, não comia na casa dos outros e trazia pra mim. Então até hoje eu me dou com elas, muitas morreram né? Mas até hoje eu me dou com muitas delas. Então quando eu tinha algum problema que eu queria falar com mulher, eu falava com elas. Ai elas "Ai, X., vamo lá em casa" "Ai, a X. vai lá em casa". Muitas pegavam eu pra dar banho, pra arrumar direitinho... Porque meu pai é bem... sendo homossexual, ele é homem né? Então assim, quando eu virei mais mocinha meu pai não encostava mais em mim. Ai elas começaram a dizer "não.. que tem fazer assim... assim... assim..." então elas mesmo me ajudavam.

Elas te ajudaram e foram te ajudando a ser mulher, né?

Sim, foram me ensinando a ser mulher.

E elas eram casadas?

Não, muitas não. Tipo assim, metade era casada.

E como era os relacionamentos que elas tinham em casa? Como elas eram em casa, assim, como mulheres?

Pelo que eu vi eram boas.

Não tinha violência?

Não, assim, por causa... Elas mais batiam nos marido.

(risos)

Muitas que eu conheço batiam no marido, né? Mas pelo visto eram boas, porque elas eram boas mãe, não deixava os filhos pra nada. Então eu sempre via aquilo, assim, "É meu filho em primeiro lugar. É meu filho pra isso, meu filho pra aquilo" Então aquilo ali já me... entendeu? Mas eram boas, boas... Tipo assim, elas me adotavam como segunda filha delas, terceira filha delas. Tinha uma, a mãe dessa minha comadre que tá ali, ela tinha doze filhos e ela ia lá na minha casa pra me buscar pra eu ir comer na casa dela, pra mim comer, pra me arrumar, pra ficar lá, pra conversar... Porque ela tinha mais filha mulher, então as gurias tudo... E até nessa violência que eu tive ela me ajudou, ela tava junto comigo. Em tudo de ruim que eu passei a mãe dessa minha comadre, a minha

comadre e as irmãs dela tudo tava junto comigo. Tudo, tudo... sempre tavam ali pra me incentivar, abrir meus olhos... sempre, sempre, sempre. Até hoje.

Então você tinha essas mulheres como retaguarda, teve vários relacionamentos até conhecer seu..

Até conhecer essa praga.

Como é que você conheceu ele?

Num baile.

Num baile?

Eu achei que ia achar um médico, um advogado, mas me dei mal. É, foi num baile, eu fui pro baile... Primeiro a gente se conheceu no Marinha, eu tinha ido fazer um documento, o título de eleitor, ali perto e eu tava vindo com a minha amiga a pé, que eu tava indo fazer o documento a pé, aí ele meio que... eu vi que ele tava discutindo com uma mulher, ele tava discutindo com uma mulher mas sendo grosso sabe? Aí depois ele passou correndo por nós e encontrou a gente lá na ponta. E ele queria ficar comigo e eu disse que não ia ficar com ele, aí o outro amigo dele queria ficar com a minha amiga e minha amiga queria ficar com o amigo dele. Aí eu disse “não, tu não vai ficar com o outro porque eu não vou ficar aqui sozinha com esse cara.” aí ele me xingou, eu xinguei ele, discutimos, aí ele “ah, mas olha tua cara” “ah, mas vá te fuder, o que é que tu tá pensando?” Tá, aí depois passou um tempão e a gente se encontramos de novo, e eu tava no baile, tava bebendo e acabei tendo uma relação com ele. Fiquei com ele, me apeguei e aí fiquei 10 anos com ele.

10 anos... E você tem filhos?

Tenho, dois filhos com ele.

Qual foi a primeira vez que ele foi violento contigo?

A primeira vez foi por causa de... deixa eu me lembrar. Foi porque eu disse que queria ir embora.

Isso já tinha quanto tempo de relacionamento?

Aí, era começo. Era começo, acho que não fazia nem um mês e eu falei que queria ir embora, e ele “não, que não sei o que”. Eu sei que teve uma discussão, aí ele pegou e me deu um soco no olho. Aí inchou e ele me mandou embora, aí eu fui pro meu pai. Aí eu cheguei no meu pai, meu pai queria saber o que foi que houve e eu disse “não, eu me machuquei, não sei o que, não sei o que...”

Você escondeu?

Não, eu não contei pra ninguém. Nem pras minhas amigas, ninguém sabia. Aí tá, aí ele começou a me ligar, vir atrás de mim, me pedir desculpas. Aí eu aceitei ele de novo, e aí ficou esse vai e vem. Esse vai e vem. Aí ele caía preso.

O que ele fazia?

Ele roubava, roubava no Marinha. Aí ele caiu preso e eu visitava ele, muitas vezes eu visitava ele. E tipo assim, a primeira agressão foi isso, foi que ele me deu um soco no olho, que eu nem me lembro mais assim...

E aí depois o que que ele...

Depois foi pior, foi só aumentando.

Só aumentando?

Sim, foi só aumentando. Eu comecei a ter marca, aqui na testa foi uma coronhaça que eu tomei dele. Ele me deu em mim quando eu tava grávida, ele me deu rapa e eu caí de barriga, do Max, do meu mais velho. Ele já me deu de pau, de pedaço de pau. Ele uma vez, eu desci do ônibus e ele me deu um rapa, ele desceu primeiro, eu desci e em seguida ele desceu e botou o pé e eu caí no chão (barulho com as mãos). Então, tipo assim, eu sofri várias agressões dele, sofri várias... Muitas, muitas.

E ele, assim, eu sei que é ruim usar essa palavra, mas o que ele justificava?

Que eu era culpada. Que tudo que... se eu apanhava, a culpada era eu. E ele botava aquilo na minha cabeça e de tanto ele botar era aquilo que eu achava. "Ah, mas se eu não tivesse feito de repente ele não ia bater em mim." É o que passa pra todas as mulher. "Ah, se eu tivesse feito isso ele não faria isso comigo." Nesses 10 anos foi só agressão, foi só agressão. Só não tinha agressão quando ele tava preso.

Nossa, triste.

Pra ti ter uma noção, eu só tinha paz, e olhe lá, quando ele tava preso. Porque era assim, sabe?

Ele tinha ciúme de você?

Tinha. Eu não podia me arrumar, eu não podia nada. Eu não podia olhar pro lado, eu não podia sair pra rua.

Você trabalhava?

Sim, trabalhava e ele pegava todo o meu dinheiro como ele usava droga, usava cocaína. Mas ele já vem de um ciclo de violência, porque o pai dele batia na mãe dele, o avô dele batia na avó dele. Então ele vem de um ciclo de violência, ele vem de um ciclo que ele era o homem da casa, que ele mandava e que a mulher tinha que limpar o chão,

entendeu? Então ele já vem de uma vida assim. A mãe dele mesma falou... ele já bateu na mãe dele, entendeu? E isso começou a me dar medo quando eu vi. Muitas vezes eu não me separava por medo. Porque muitos dizem assim “A mulher não se separa do homem que bate porque ela gosta.” Não, nenhuma mulher gosta de apanhar. Eu tomei uma paulada que meu crânio aparecia. Então eu gostava daquilo? Claro que não! Eu tive que curar em casa pra não ir no hospital, pra não dizer o que é que era porque eu tinha medo. Porque ele me ameaçava e ameaçava o meu pai. Então aquilo ali, sabe? Então eu fiquei grávida com 17 anos, 18, 17. Ai perdi o primeiro neném e disse pra ele que “agora eu vou me cuidar, porque não quero mais ter filho”. Ai engravidei do Max com 20 anos. Aí foi assim, mais ou menos, entendeu? Mas só que as minhas agressões começou a afetar o meu filho. Uma vez ele deu no meu filho de soco com 4 anos, eu me meti. Ai tá, me meti, ele me empurrou e foi jogar o guri na parede, foi jogar o guri assim e eu grudei no guri, ele pegou e me empurrou e disse “Tu nunca mais te mete, porque não sei o que, não sei o que...” aí eu disse - tá, tranquilo. Aí fugi dele, ele não quis me entregar o guri, fiz um processo tudo e peguei o guri de volta. Aí ele caiu preso.

Você fugiu e deixou ele com a criança lá?

Sim, porque ele não queria me entregar o guri.

E você foi pra onde quando fugiu?

Eu fui pra casa de uma amiga minha. Ai fui no fórum, fui no oficial de justiça, dei parte e fui pegar meu filho de volta, porque eu disse que não ia deixar com ele.

Sim...

Porque meu filho toma remédio controlado. E não por tomar remédio controlado, porque do jeito que ele era ele nunca ia ficar com o meu filho. Aí fui, aí, tipo assim, teve várias voltas, teve vários vai e vem. Mas o último agora que teve, que já faz um ano que eu me separei dele, graças a Deus.

Sem volta?

Não, não tem volta, não, não tem. Porque eu me separei dele faz um ano. Ele fez a casa pra mim e eu voltei com ele porque também, assim oh, antes de coisa. Eu voltei com ele porque eu tava morando com meu pai, meu pai tinha um companheiro e não tava dando certo eu conviver com eles. O meu pai sim, mas com o companheiro dele. Então tava uma coisa... Ai meu pai me deu o terreno, mas faltava fazer a casa. Aí quando ele saiu, ele fez a casa pra mim, o pai dos meus filhos, aí eu voltei com ele, mas voltei ainda naquele inferno. Comecei a trabalhar na rua com ele de cuidar de carro, coisa que eu não me via fazendo isso, entendeu? Não digo que é uma coisa humilhante, não é, não é uma coisa humilhante. Mas para uma mulher que é acostumada a ter uma carteira assinada ou uma mulher que é acostumada a fazer um extra, tipo assim, é horrível tu trabalhar ali catando moeda.

Com o que você trabalhava antes?

Eu trabalho com serviços gerais de condomínio, de shoppings, de tudo assim. Ai eu peguei e voltei com ele... terminou a casa, tudo. Ai ele tava muito na droga, ele tava demais na droga. Ele usa droga desde os 9 anos, ele usava com a mãe. Eu entrei numa família totalmente complicada. Todo mundo tinha medo dele, os irmãos dele tinham medo dele, a mãe dele tinha medo dele, todo mundo tinha medo dele. Agora por último ninguém mais tem medo dele, muito menos eu tenho medo dele. Foi que nem eu disse, que eu tava falando que se eu encontrar ele na rua eu não olho correndo, eu grito e chamo a polícia. E se ele vir pra cima de mim, eu vou pra cima dele. Eu não aceito mais. Ai ele me acusou de ter roubado ele, a gente trabalhou, a gente fazia 700 reais toda sexta. Ele comprava as coisas pra casa, ele nunca me deixou faltar nada, mas ele não me deixava ter paz. Então eu prefiro comer o arroz e feijão e ficar tranquila. Ele me dava tudo, mas eu não tinha sossego. Ele cheirava, eu dizia pra ele não cheirar. Fui no CAPSI com ele, fui no CRAS com ele, nada adiantou porque ele não tentou. Aí ele pegou e disse assim “quanto é que foi dado?”, ai ele me acusou de ter roubado o dinheiro dele, só que ele guardou no bolso, o dinheiro caiu no buraco da cama e foi pra debaixo da cama. Ele fez eu tirar tudo de dentro de casa, ele fez eu tirar tudo de dentro de casa. Ele me fez... ele disse que eu tinha roubado ele e que tinha botado um homem, passado pela janela pra roubar ele - o meu amante. Porque quando ele caiu preso eu abandonei ele na cadeia, deixei dois anos na cadeia. Foi quando minha filha nasceu, a Eva. E tive relacionamento com outro homem e eu engravidei desse outro homem (risos). Quando ele saiu eu estava grávida do outro.

E aí ele ficou bravo?

Não, ele não ficou bravo. Ele ficou feliz e disse que o filho era dele. Mas eu não deixei ele registrar, porque eu deixei o pai do guri registrar ele. E eu voltei com ele porque o pai do meu último filho não tomava uma decisão se queria ficar comigo ou não queria. Eu queria uma pessoa ali do meu lado pra gente andar juntos e ele não sabia o que ele queria. Então pensei eu vou voltar com esse que esse ai vai terminar a minha casa. Eu voltei com ele e ele disse que eu tinha roubado ele, ai quando foi ver a minha filha, que é filha dele, a Eva, foi pedir geladinho. “Pai, me dá geladinho” ai ele “Ai, Eva, não fica me incomodando que hoje eu vou quebrar todo mundo, não sei o que...” “Pai, me dá geladinho.” e ele empurrou a Eva e quando ele empurrou a Eva tem um pau, assim, e a Eva deu de cabeça no pau e criou um galo, ela tonteou e fez um corte. Aquilo ali pra mim foi demais. Ai o que ele fez, ele viu que eu ia fugir e me prendeu dentro de casa e não deixava eu sair, por que eu dizia pra ele “eu vou embora”. Eu comecei a arrumar minhas coisas uma semana antes, escondida dele. Arrumei umas cinco mochilas tudo escondida dele. Ai minha comadre foi lá, porque minha comadre sempre soube da minha situação porque eu sempre me abri com ela e sempre falei com ela. E naquele dia ela foi lá e eu não deixava ela ir embora, ela achou estranho e eu falei pra ela “não, ele fez isso e isso com a Eva e eu cansei. Cansei e quero me livrar, quero sair”. Ai o que aconteceu, nesse meio tempo que eu tava trabalhando com ele na rua eu conheci as mulheres do CREAS, as Janainas. As duas se chamam Janaina, uma Rosa, eu sei que uma é a Rosa. Aí eu conheci as Janainas, só que elas tavam indo lá pra ajudar ele, elas estavam indo lá na minha casa pra ajudar o Michel. Por quê? Porque ele tava esquizofrênico já e elas estavam querendo ajudar ele. Só que não sei o que deu e elas foram lá no dia que eu

tomei um soco dele. Eu tava dormindo, ele disse que eu tava traindo ele e eu dormindo ele me deu um soco, quando ele bateu a mão dele pegou na boca e cortou minha boca. Quando elas chegaram lá eu disse “Olha, tá demais! Olha o que ele fez comigo” e aí eu mostrei, elas olharam e disseram assim “olha, quem tá precisando de ajuda é tu e não ele”, uma delas falou “ele tá muito esquizofrênico a gente vai ajudar ele”. Aí quando deu essa função que eu disse pra minha comadre que eu ia fugir eu liguei pra elas “Gurias, eu fugi porque tá demais! Ele agrediu minha filha e eu quero me livrar”. Só que bem antes eu tava vendo TV e tava dando muita coisa sobre mulher, muita coisa, muita coisa.

Isso era em que ano mais ou menos?

Deixa eu ver, foi o ano passado. É, já faz um ano. Mas tá dando até hoje, tá dando muita coisa. Qualquer jornal que tu botar, o jornal do cinco, do SBT, ele dá muita coisa sobre a mulher e eu tava vendo aquilo ali. Eu tava vendo. Um dia tava eu e ele vendo um senhor que matou, a mulher morreu, dormindo. Porque ele disse que a mulher tava traindo ele, mas a mulher tava dormindo do lado dele. Aí ele começou a rir! E eu disse assim “do que é que tu tá achando graça?” e ele “ah, isso aí que é amor” e eu disse “não, isso é loucura, é obsessão” e ele disse “é, eu vou fazer isso contigo” e eu disse “não, tu não vai fazer. Eu vou me livrar”. Aí eu comecei a dormir com faca, porque eu tinha medo, então eu dormia com faca. Muitas vezes eu tive vontade de esfaquear ele, mas eu falei com minha comadre e ela disse “Se tu fizer isso, tu vai perder a guarda das crianças, eles vão ficar com teu pai, mas não é a mesma coisa de ficar contigo. Pensa bem, tu vai destruir tua vida”. Aí pensei, não fiz e disse “então me ajuda a fugir”. Preparei nas semanas umas mochilas, tudo, e ele sem saber, eu me acordava cedo, mais cedo que ele. Aí a gente foi trabalhar e eu disse assim pra ele “eu vou comprar um refri pra nós” e ele disse tá. E eu esperando ele me entregar a chave, porque a chave ficava com ele, e ele disse “eu vou colocar a chave na tua bolsinha” e eu disse “bota, é até melhor daí a gente não perde trabalhando aqui”. Aí eu fui buscar o refri, como a gente trabalhava de frente (incompreensível) (23:50) eu entrei por trás pra buscar o refri pra ele no Nacional, só que eu não fui no Nacional. Eu entrei por trás, sai pela frente e peguei o primeiro ônibus que tava vindo. Liguei pra minha comadre e disse “me pega aqui na esquina.” Ela me pegou e foi na minha casa. Eu peguei tudo que tinha lá, peguei até comida. Peguei tudo que tinha lá”

E pra onde você foi?

Fui pra casa da minha comadre. Liguei prasurias, pra essas duas do CREAS, e falei pra elas se elas não tinham como conseguir uma casa de acolhimento pra mim. Porque como eu não queria tá dando estorvo pra ninguém e eu tinha três filhos eu queria ficar num lugar que eu via que não era só eu que passava por aquilo.

Você sabia da existência desse tipo de lugar?

Eu comecei a ver pela TV. A TV que começou a falar que tinha. Eu nunca soube disso, nunca soube. Aí a TV que me falou daí eu falei pra elas, eu falei pra elas - “eu quero ir pra uma casa de acolhimento”. Aí minha comadre me olhou assim “tu não vai ficar aqui?!”

e eu disse “não, eu vou pra uma casa de acolhimento. Eu preciso ver que tem mais gente que passa por isso, que não é só eu” Ai foi quando eu vim pra cá.

Aí você veio pra Mirabal

Vim pra Mirabal

Quanto tempo você ficou aqui?

Dois meses. Fiquei dois meses, mas parecia que eu fiquei oito meses.

E como foi a experiência?

Quando eu cheguei é aquela coisa né, a gente não tá na nossa casa, é muita coisa diferente. Eu cheguei depois do natal, então eu olhava tudo assim... Mas fui muito bem recebida, as gurias vinham pra falar comigo, eu soltei tudo que tinha que soltar, chorei tudo que tinha que chorar. Então tipo assim, foi bom, sabe? Aí comecei a participar de rodas de conversas, tudo que era coisa eu participava. Aí nesse meio tempo a mãe dele me ligando pra saber aonde é que eu tava, e ele me ligando, mas eu não atendia e a mãe dele começou a me ligar. E ela disse assim, oh “ Vocês vão voltar, tu ama ele ainda” e eu disse “não, não vamos mais voltar porque essa agressão já tá espalhando muito. Já pegou no Max, e eu aguentei. Agora pegou na Eva” e o meu medo era que pegasse no terceiro que não era filho dele, tu imagina!

Poderia matar! “Ah, não é meu, é fruto de uma traição”. Porque pra ele era uma traição, pra mim não era, porque eu tinha abandonado ele dois anos na cadeia, porque quem tinha caído na cadeia foi ele! Foi quando eu cansei, mas pra ele não, pra ele eu tava com ele e fui lá e fiz filho com outro - pra ele era uma traição. Ai foi quando eu peguei e vim pra cá. Ela me ligava e eu troquei de chip, troquei de celular, tudo pra não me acharem. Ai fiquei aqui dois meses. Foi bom, foi muito bom.

É?

Sim.

E daqui você foi pra onde?

Não, aí daqui eu fiquei aqui e ele não saia da minha casa e os vizinhos queriam saber aonde eu tava. Porque ninguém via eu nem meu pai, porque eu mandei pai ir lá pra Taquara com meu filho mais velho e ia vir pra cá. Aí meu pai ficou lá, ai ele pegou e disse que... ele tentava ligar pro meu pai e até começou a ameaçar, fazer as coisas dele, tudo... E eu dizia pro meu pai “tu não volta pra casa até a hora que eu dar um jeito”. Ai os vizinhos pegaram ele e queriam saber onde é que eu tava, ele disse que eu tinha ido embora com o pai do meu filho mais novo, era mentira, eu tava aqui. E meu pai falou “não, aconteceu isso e isso, ele deu na Eva e a X não aceitou e foi embora”. Aí como a casa era minha, tiraram ele da minha casa, os próprios moradores tiraram ele. Deram uma camaçada de pau nele e tiraram ele. Ai parou no Hospital e tudo. Ai quando ele saiu eu esperei dois meses e fui embora. Voltei pra minha casa.

E ele não voltou lá?

Não voltou porque eles falaram que se ele fosse lá iam botar fogo nele. Então ele não voltou. Mas ele tentava entrar em contato comigo. Meu filho tava com whatsapp, o mais velho, e a avó incomodando o neto, “Ai, meu pai passou um whatsapp” e ele falou com o filho dele e ele disse bem assim “meu pai tá casado, tá morando em Santa Maria” “ O pai tá casado, o pai casou de novo, mas o pai ama muito tua mãe” ai ele começou a ligar pro meu filho dizendo que queria falar comigo. Ai eu atendi “o que é que tu quer cara?” “A gente tem volta?” “A gente não tem volta, bota isso na tua cabeça que eu já tô com outra pessoa” Eu não tava com ninguém, tava sozinha mas eu disse que já tava com outra pessoa - “ e tu me larga de mão, porque se não eu vou dar parte de ti de novo” “ah, mas eu tô te ligando...” “não me interessa! tu não pode nem entrar em contato comigo”. Aí eu vi que ele tava incomodando e quebrei o chip do meu filho, mas fiquei em contato com a mãe dele por causa do meu filho. Porque meu filho mais velho gosta deles, por mais que seja né... Mas a minha pequeninha não. Aí continuei o contato com aquela velha desgraçada, mas daí falando com ela tudo... E ela pegou e bem assim pra mim “Ah, o Michel tá bem...” e aí eu dizia pra ela “Eu não quero saber de nada do teu filho. Quer falar comigo é falando sobre a criança, mas sobre o teu filho a gente não tem nada pra falar. E diz pra ele que se ele me incomodar eu vou entrar na justiça pedindo pensão!” Porque ele não pagou, ele nunca pagou pensão e eu falei pra ela “e tu sabe muito bem que ele não vai pagar então vai cair no teu! Então é melhor tu também me deixar em paz.” Ai ela “ah, mas eu gosto muito de ti. Tu é uma mulher guerreira, não sei o que, não sei o que...” ai eu disse pra ela “teus elogios não me valem de nada. Não é tu saber, quem tinha que saber disso era eu. E agora eu sei. Então, agora pra mim vindo da tua boca é a mesma coisa que nada.” Eu saindo da minha boca, me olhar e dizer assim oh “Tu superou tudo isso. Ba, tu é uma mulher fantástica” então né... aí eu disse pra ela. E como eu tinha sofrido também violência verbalmente, porque as vezes a violência não é só te dar um soco. “Fulana, tu tá sofrendo violência doméstica.” “Não, ele não bate em mim” “Tá, mas ele te chama de que?” “Ele me chama de gorda, diz que eu tô horrível, diz que ninguém vai ficar comigo.” Porque ele dizia pra mim quando eu tava com ele! “Ah, tu é gorda, não vão te querer. Ah, tu tem três filhos, qual é o homem que vai querer uma mulher com três filhos? Ah porque tu é isso... Ah porque teu pai é viado, tu acha que vão te querer?” Então assim, eu me ofendia com aquilo. Às vezes o verbal dói mais do que um tapa. Coisa verbal te dói bem mais do que um tapa, porque às vezes sua boca quer falar mas o ouvido não quer ouvir. Então tipo assim né, dói. Eu aguentava tudo no osso. Agora por último, antes da gente se separar, eu disse pra ele, no que já tava em crise nosso relacionamento, eu disse pra ele “cara, olha pra ti, tu é um verme! Olha pra eu, bah, eu do teu lado eu tô muito melhor” e ele “tu tá demais” e eu falava pra ele “Pra ti ver.” Aquilo já tava me desgastando. Mas quando teve a função da Eva, foi ai que eu resolvi sair.

Aí vindo aqui pra Mirabal, eu via que as mulheres diziam assim assim “bah, tu tem que ter tua autoestima lá em cima, não tem como” “ah tu é gorda” e aí gente? “Ah, que tu tem o nariz é torto” mas o que é que tem? O problema é teu, não é... É a pessoa... Quer trocar, faz uma plástica, o problema é teu! Tu que tem que se sentir bem! Que nem dizem assim, tu tem que se sentir bem, tu não tem que se sentir bem para os outros, não é os outros que têm que achar. Tem que ficar bem pra mim, ficar bem pra ti. Estando aqui eu

aprendi muita coisa, muita coisa, muita coisa, demais assim, sabe? E foi bom, foi muito bom, foi bom pra mim, para os meus filhos. Quando eu saí daqui eu já saí com uma cabeça totalmente diferente. Eu estava crescendo pra ir embora. Quando deu o dia de ir embora as gurias disseram “não vai X” e eu falei “oh gente, eu tenho que ir pra minha casa” porque elas já tinham conseguido creche para os meus filhos e tudo. Tudo, tudo. Eu disse “não gurias, eu tenho a creche dos meus filhos, eu tenho tudo.” Então, tipo assim, tu largar tudo para trás te dói muito. Eu disse “não, eu vou voltar pra minha casa”.

Isso que você falou é muito interessante que é o que impede que muitas mulheres tomem esse passo que você tomou né, que é o largar tudo pra trás.

É que tipo assim, se tu quer mesmo se livrar de um relacionamento tu tem que largar tudo pra trás. Tu tem que largar sem olhar pra trás, porque se tu largar e ficar “pô, mas a minha casa” “pô mas eu tinha isso e eu vou pra um lugar que eu não vou ter nada” Se tu quer sair de um ciclo de violência tu tem que largar tudo. “Ah, mas meu ex marido mora na mesma rua que eu” troca de rua. “Fulano que bateu em mim mora do lado da minha casa” vende tua casa, consegue outra.

É como se tu morresse, entendeu? Quando tu morrer tu não vai levar nada também, mas tu estando viva, tu reconstrói tudo de novo. É difícil? É difícil! Mas não é impossível. Não é impossível! Nada nessa vida é impossível. A única coisa que não é possível é quando tu tiver morto, aí não consegue nada. Mas eu larguei tudo pra trás.

Quando eu voltei, aí, minha casa tava horrível. Tudo quebrado, tudo... sabe? Mas eu fui arrumando pouco a pouco e tá lá. Mas se tu quiser sair do ciclo de violência tu tem que largar tudo.

E você se sente bem?

Eu me sinto maravilhosa! Agora? Ai! Eu até apelidei meu nome, agora me chamam... onde foi que eu coloquei? No whats! No whats as gurias botam A Poderosa da África. E agora eu digo que sou assim né? (risos) Só digo que sou assim! É que tipo assim, eu me olhava no espelho e dizia “Bah, ele tá certo, eu tenho três filhos, quem é que vai me querer?” É que as vezes, sabe o que é que é? O erro nosso, das mulheres que sofrem violência, a gente quer sair de uma violência e já quer ir em outro, quer sair do relacionamento violento e já quer entrar em outro. Mas não é assim. Por isso que muitas vezes tu sai de uma violência abusiva e entra em outro que é abusivo também!

Por que tu acha que tem esse, essa?

Porque não pode!

Mas por que tu acha que geralmente as mulheres fazem...

É uma proteção! É um meio de proteção, entendeu? “Eu tô com um que tá batendo em mim, vou pegar outro. Esse aí não vai bater em mim, esse aí vai me proteger” só que não é assim. Quando dá um mês tu já casou com o cara, tá morando com ele, aí começa tudo de novo. Então não é assim. É um meio de proteção que a gente quer ter, a gente quer ter alguém do nosso lado pra dizer “olha, tu não vai passar por mais nada que tu passou.”

mas as vezes tu pega uma pessoa que é do mesmo jeito que o outro ou pior. Então o certo pra tu sair de uma relação abusiva é tu pensar em ti e nos teus filhos. Não pensa em relacionamento. “ Ah, eu vou sair e casar com aquele fulano.” não! “ Eu vou sair do relacionamento, eu vou andar para frente, eu vou dar um jeito na minha vida, eu vou superar isso e eu vou lutar contra isso!” Relacionamento? Vem depois! Vem depois. “Ai, perdi minha casa” eu vou tentar reconstruir minha casa. “Ai, perdi meus documentos” vou refazer meus documentos. “Perdi meu serviço” vou arrumar um trabalho. Não interessa, eu vou me virar, eu vou dar um jeito. Porque mulher é forte, mulher é bem mais forte que o homem, só que quando a gente tá num relacionamento abusivo a gente fica fraca, porque a gente não vê o que a gente tá passando, então os de fora vêem mais do que a gente tá passando do que a gente mesmo. Porque quando a gente gosta, a gente não quer enxergar. O amor nos torna bobos e ridículos. Nos torna sim! Porque tu não quer ver o que tá te acontecendo. Tu pode tá comendo arroz puro com o teu amor, mas tu tá com ele, tu tá feliz.

Verdade...

Então é uma coisa assim... O erro de nós, eu digo de nós, porque eu mesmo que passei isso aí, eu não tô livre de sofrer disso de novo, entendeu? Por isso que eu digo de nós. De nós mulheres que sofrem violência o erro é esse aí: tu sair de um relacionamento e partir para outro. Não é assim.

Mas você acha que você passaria por isso de novo?

Agora não, porque eu conheço muito bem o homem abusivo.

Pode até ele levantar a mão para você uma primeira vez...

Eu saio, eu não deixo ele levantar. Eu não deixo ele levantar nem a voz. Eu digo “Eu tô falando o mesmo tom contigo, então tu fala o mesmo tom comigo”. No momento que perder o respeito entre ele, eu já saio. Mesmo que eu goste, eu posso gostar, mas aí é o gostar e tu querer persistir numa coisa que não vai dar certo.

Gostar de si primeiro, né?

É, o negócio é tu te amar. Ai diz assim “ai, mas a lei é fraca, muitas mulheres morrem.” por quê muitas mulheres morrem? Porque umas mulheres não procuram uma casa de acolhimento, não procuram um abrigo, se separam e entram em outro relacionamento; ou se separam e moram na rua do lado da casa do homem; ou se separam e vão pra mesma casa... tu não pode! Se tu quer se separar tu tem que sair daquilo ali, tu tem que sair, tu tem que tirar telefone, tu tem que perder contato com todos aqueles que têm contato com ele. E dizer pra tua mãe, se é muito perigoso, dizer “mãe, pai te protege! Te protege!”. Eu pedi, como é que se diz... eu pedi medida protetiva até para o meu pai. Pedi até para meus cachorros, e pedi mesmo!

(risos)

Tu tem que te livrar de tudo. “Aí, X, como é que eu faço para sair desse relacionamento com esse cara?” Sabe o que tu faz? Troca teu chip, vai para uma casa de acolhimento... “ah, mas as crianças têm colégio” eu sei que é ruim! Eu passei por isso e eu sei que é ruim tu deixar tudo para trás, mas deixa por enquanto até resolver tudo. Uma hora vai ter que resolver isso aí, uma hora ele vai ter que largar de mão, mesmo que seja casando com outra, porque um cara que é assim para ele te largar de mão só estando com outra.

E a outra passa a ser a próxima vítima...

Com essa aí que ele tava em Santa Maria, ele deu um pau na mulher e largou ela no hospital. Tive vontade de chegar nela e dizer de coração, sabe? Dizer assim “Olha, ele é assim, assim, assim”, mas tu sabe que quando a gente gosta se uma pessoa alertar a gente, a gente acha que aquela pessoa é nossa inimiga. A gente não acredita. O que ela ia dizer pra mim: “ah, mas tu quer ele de volta, né? Por isso que tu tá falando mal dele”. Toda ex fala mal do ex. As vezes te dá raiva porque tu tem que ficar calada porque ela não quer entender e deixar sofrer. Mas foi o que eu disse pra ele, eu penso assim, que se um dia ela chegasse e falasse assim “ele tá me agredindo” eu ajudava ela com certeza. Eu falava “vem pra cá que aqui na minha casa ele não vai te pegar”. Até na minha casa eu botaria! Eu não tenho problema nenhum... Dá vontade de dizer, mas tu não pode dizer. Ou tu diz, mas tem que ter um jeito de dizer, é que nem tu chegar numa mulher, tá tendo uma reunião e tem um monte de mulher, qual mulher que apanha do marido? nenhuma.

Ninguém abre.

Nenhuma. Ficam tudo te olhando: “ah, que absurdo” até sofrer agressão... “Ah, que absurdo! Ele nunca me deu um tapa...” “Ah, que absurdo, ele nunca fez isso...”. Mas se tu tiver numa reunião com tuas amigas, conhecidas, está todas minhas amigas aqui da vila, aí eu tô ali e começo a falar: Gente, eu sofri violência por 10 anos... (barulho de espanto) “Mentira, X! Sofreu, capaz! Não sei o que...” “Gente, é isso, isso, isso...” aí começa o “bah, ela sofreu o que eu sofri... ela sofreu o que eu tô sofrendo. Posso me abrir com ela, posso me inspirar nela porque ela já passou por isso. Se eu perguntar pra ela, ela vai me dizer o que fazer”

Já aconteceu, assim, de você ajudar?

Não, ainda não, mas vai acontecer ainda. Eu e as gurias vamos ver agora, a gente quer ir numas vilas fazer umas reuniões assim. Mas é difícil pra ti chegar, entendeu? Porque uma mulher de um traficante que tiver ali e tu perguntar quem é que apanha ou tu contar tua história, às vezes a mulher do traficante pode contar pra ele “ah, ela tá vindo pra alertar a gente porque a gente apanha” - ele pode se sentir ofendido. Então tu tem que saber como chegar nessa gente, sabe?

Sim, com certeza...

Porque tu não pode dizer assim “Gente! Só a mulher que apanha, a violência fica só em nós” não! Tu tem que tocar aonde dói, e onde dói? nos filhos. “Gente, uma violência passa

para os filhos. Vocês acham que tomando um tapa tá atingindo vocês, não, tá atingindo os filhos de vocês. Ele não tomou um tapa mas tá vendo tua dor, ele tá sentindo tua dor.” Então tu tem que tocar nos filhos para elas verem que não é só nelas.

E seus filhos, você conversa com eles sobre isso?

Sim! Meu filho de 9 anos eu sempre falei “quer ter a vida que nem teu pai? Vai ser uma vida desgraçada” Eu sempre fui assim, eu sou assim, eu sou uma mãe que mostra assim... Eu não fico “aí” ver um morador de rua, ver um ladrão, eu não fico “aí, coitadinho roubou porque tava com fome” não, ele roubou porque usa droga. “No momento que tu usar droga, beber e fazer merda, pronto, tu vai tá preso. É isso que tu quer para a tua vida? Ficar longe de mim, ficar longe do teu avô, ficar longe das pessoas que gostam de ti? Não. Então pensa bem o que tu quer da tua vida.” Eu sou muito realista, eu não sou de ficar “aí, capaz” não! Eu acho que tem ser muito realista. “Ai, mas às vezes a criança tem quatro anos não vai entender nada... tem cinco anos...” entende! Meu filho via, ele não via as agressões, ele sabia, ele sentia. Tanto que ele não dizia pra eu voltar com o pai dele, ele dizia “ah, mãe, eu nem quero esse cara aqui perto da gente”. Ele gosta do pai dele, mas se eu disser assim “tu vai morar com teu pai” ele chora “não quero morar com meu pai. Meu pai vai ficar usando droga e eu vou comer pão com mortadela”.

Tadinho. E sobre violência contra mulher, você conversa com ele?

Sim, eu já falei com ele. Eu falei para ele, eu falo assim “Max, no momento que uma mulher te dar um tapa na cara, tu não dá um tapa na cara dela. Sabe o que tu faz? Arruma as coisas dela e manda ela embora, porque ela não serve pra ti. E no momento que tu bater numa mulher... quer bater numa mulher? Saí pra rua, vai pra rua. Se te deu vontade de bater numa mulher, vai pra rua. Tu não tem que bater em mulher, como também ela não tem que bater em ti. No momento que acabar o respeito no teu casamento, vai acabar tudo.” Ai sabe o que ele diz? Ele diz que quer ter uma namorada, que ele vai trabalhar, que os filhos dele vão estar na creche, quando chegar do serviço ele vai pegar o carro e ir buscar os filhos dele, ir buscar ela e quando eles chegarem em casa vão fazer comida os dois juntos.

(risos) Romântico ele.

É, ele é uma pessoa bem família, sabe? É que nem eu digo pra ele assim “o negócio tem que ter respeito.” Tem que respeitar, no momento que acabar o respeito acaba tudo. Eu disse pra ele “uma mulher tem que ser respeitada.” Ele cozinha, o meu filho, ele é homem e eu ensinei ele a cozinhar, ele tem nove anos e ele cozinha, ai eu botei assim no face “Desde pequeno ensinando que uma mulher não é empregada.”

Ah, que legal.

Botei bem assim no face, ensinando a ele que uma mulher não serve pra ser empregada, que uma mulher não serve pra tá esquentando a barriga no fogão, não! Uma vez eu tava doente e falei “tu vai lá fazer comida” ele foi lá e fez, serviu e me trouxe. E eu disse pra ele “é assim que tu tem que tratar uma mulher, do mesmo jeito que tu tá me tratando tu

tem que tratar ela assim.” “Ah mãe, mas se ela andar com outros caras na rua? E se ela não me respeitar?” Pega as coisas dela e manda embora, porque ai tu é um homem de valor e quem não quer te dar valor é ela. Tu tem de dar valor para aquele que te dar valor. Ai ele fica me olhando... Minha guriuzinha ainda nem dá bola pra isso, ela fez quatro anos mas eu to esperando para também pegar ela. Com ela vai ser bem mais fácil, porque ela odeia o pai dela. Ela diz que nem é o pai dela, ela diz que o pai dela é o meu pai. Todos eles chamam o meu pai de “pai”. Todos eles chamam de pai. De pai, de vô... as vezes “pai! vô! vem cá!”

Uma coisa aqui que voltou... você disse que batizou eles na igreja evangélica, mas não era a igreja que vocês frequentavam. Por quê que...

Não, é que a gente batizou só o Max. Porque eu queria batizar ele e aí batizei, mas só por batizar, só para ter um batizado, sabe? Dizem que agora, com uma nova lei, se não for batizado não casa na igreja né?

Uhum

Então eu batizei ele. Agora eu perguntei pra ele se ele quer fazer catequese, se ele quiser fazer catequese, ai eu coloco ele na catequese. Mas eles frequentam, se a gente tiver que frequentar uma igreja, eles frequentam porque a gente não impede nada, sabe? Ele vai no centro espírita, o meu filho frequenta todo sábado um centro espírita. Agora com o corona ele não tá mais frequentando, mas todo sábado tem centro espírita. Lá eles rezam, falam de Deus, falam tudo que tiver que falar pra ele, entendeu?

Sim...

E ele vai, ele participa. Ele é super de boa. Ele é super tranquilo. Ele é um guri, que assim olha, ele é um guri que por tudo que eu e ele passamos... eu já dormi até na rua com ele pra esperar o ônibus. Então o que eu e ele passamos, ele é um guri assim olha, bah! Se tu conversa com ele, tu te apavora, tu diz assim “Capaz que tu passou por isso, guri!”, porque ele é tranquilo, ele é carinhoso, ele é uma criança que tá ali para ajudar. Ele não é de briga, ele apanha no colégio e ele não bate em ninguém, ele não dá tapa em ninguém.

Entendi.

Agora a minha de quatro...

Nervosa.

Uh, aquela ali me dá trabalho! Responde... não pra mim assim, sabe? Mas ela retruca, se tiver que bater de frente com qualquer um ela bate, se tiver que dar no irmão dela, ela dá. Ela é tihosa, ela tem uma personalidade muito forte. Mas é que nem eu disse, é bom, mas tem que controlar. Tem que controlar...

Sim, verdade. Alguma consideração que você tem pra dar?

O que eu digo é assim, a mulher tem que ver, a mulher tem que botar na cabeça que ela não é culpada de nada. Se ela tá sofrendo violência, “ah, a culpa é tua”, a culpa não é tua não. A mulher tem que abrir o olho, ela tem que abrir os olhos e ver que a violência não tá atingindo só ela. Ela tem que se olhar no espelho “bah, eu tô acabada, eu tô mal... Não tá me fazendo bem isso aí, vou ter que tomar uma atitude”. Se tem medo procura um lugar, procura uma amiga de confiança, procura um... tenta se informar! Tem internet, tem google, casa de mulheres, casa para mulheres que sofrem agressão. Procura, tenta procurar! Se tu quer se livrar mesmo, tá cansada, não aguenta mais... porque isso deixa a gente cansada, a gente não dorme, a gente passa mal, a gente pensa em tudo que é ruim, não acorda bem. Procura um lugar e saí. “Ah, mas eu vou deixar minha casa” - bens materiais não são a preocupação agora, a preocupação é a tua vida porque vida a gente tem só uma. A gente tem uma vida e se a gente tem filho, como eu que tenho 3 filhos, eu tenho quatro vidas. Então se eu perco uma vida, como é que fica essas 3 vidas que eu vou deixar? Não tem como. Eu não digo “ah, mas tem que pensar nela” se tem filhos, tem que pensar nela e nos filhos. Porque não é assim, mas tem que pensar nela e nunca pensar “ah, eu tô acabada. Bah, bem que ele disse, eu tô muito gorda” não tá, meu amor! Gordura a gente dá um jeito, corre na praça e tira tudo... para com isso, não tá! Mulher sempre foi maravilhosa, sempre vai ser maravilhosa! A mulher já é maravilhosa porque a mulher que colocou o homem no mundo. Infelizmente, né... mas a mulher sempre vai ser maravilhosa, só que não dá pra deixar ninguém botar para baixo, tua autoestima tem que tá lá em cima. Quando tu tem autoestima lá em cima tu já fica feliz. Eu quando tive minha autoestima... meu deus do céu! Maravilhosa! E agora tô com um namorado, ah, meu namorado fica louco comigo! E eu disse pra ele “eu sou linda né?!” e ele disse “você é muito linda!” e eu digo “Eu sei!”. (risos)

E ele é legal?

Ele já sabe que também assim... já vai fazer 8 meses que a gente tá junto e ele já sabia o que eu passava antes de eu conhecer ele. Porque ele andou com a tia do meu ex, então todas elas falavam “bah, a X sofre na mão do Michel.” Elas muitas vezes viram a agressão que eu apanhei na rua dele, que ele quis se aparecer na frente dos outros. Então ele já sabe tudo. Então se eu fosse ter um relacionamento com outra pessoa, eu também contaria, porque isso não é vergonhoso pra mim. Uma mulher tomar um tapa na cara não é vergonha, sabe? É uma dor, uma dor que tem que ser compartilhada com todo mundo, para todo mundo ver que ela precisa de ajuda. A gente não tem que condenar, a gente tem que estender a mão para ajudar. “Ah, conheci outro cara...” fala pra ele como foi a tua relação e começa a prestar atenção no jeito que ele vai te tratar em todos os detalhes, em todos! Eu presto atenção em todos os detalhes. Eu e ele a gente tem discussão, mas quando começa a aumentar o tom eu “psiu! Eu tô falando a mesma voz que tu, então vamo parar por aqui!” e ele “não... o que é que a gente tava falando mesmo?” “eu não sei” e aí já troca de assunto. A gente nunca deixa a raiva ir lá pra cima, não, a gente conversa. Se dá alguma coisa vamos sentar e conversar. “O que é que tá acontecendo?” ou ele fala “O que é que é que tá acontecendo?”. Ele tem ciúmes, mas o ciúmes dele não é aquela coisa obsessiva. Eu tenho mais ciúmes que ele ainda, mas eu dou uma chamada nele “olha, vamos se alertar né?!” ai ele já meio que me olha assim... Mas ele sempre soube. E eu e ele a gente vê muito jornal, então tá dando muita

coisa sobre mulher e ele disse assim “eu acho palhaçada isso aí” e aí eu olho assim... E quando ele falava isso eu não sabia que ele sabia que eu sofria violência, aí ele dizia “eu acho uma palhaçada isso de um homem bater na mulher” e olhava pra mim, e eu dizia “tu quer me dizer alguma coisa?” e ele olhava pra mim como quem dissesse assim “tu que tem que me falar”, aí eu disse pra ele “tu sabe que eu sofri violência né?” e ele “eu sei o quanto tempo tu ficou com esse cara, né? 10 anos...”. Aí eu contei pra ele. E agora faz três semanas atrás o pai dos meus filhos tá preso, e a assistente social me mandou mensagem para o número do meu pai: “O Michel fez uma carta para você...” e eu disse “Olha, vai fazer um ano que eu e ele estamos separados. Estou em outro relacionamento e não faço questão de saber nada dele.” “Ah, eu não sabia, ele não me falou nada.” e eu disse “Olha, ele nunca ia te falar. E eu tô com ele na Maria da Penha” “Ah, ele não me falou nada. Ele se mete em cada uma.” e eu disse “É”. Aí ela bem assim “Tu quer que eu diga pra ele não te procurar mais?”, aí eu mandei um áudio e disse “Dá esse áudio para ele ouvir.” e disse para ele me largar de mão, que eu estou muito bem, que se ele vier me incomodar vai ter de novo para ele, porque eu e ele não temos mais volta. O que a gente tem é os filhos e se ele quer os direitos dele vai no juiz. Quer direito? “Ah, que...”... Porque ele queria que eu mandasse o meu filho mais velho ir lá ver ele, mas eu não vou mandar. Quer? Então procura os teus direitos. Eu procurei os meus “Procura tu os teus direitos agora!”. Aí eu disse para ele procurar o direito dele, para ele me largar de mão que eu tô fazendo a minha vida e ele é uma cruz que nenhuma mulher merece carregar. E ela disse “ai, desculpa...” e eu disse “Não, eu que peço desculpa pra ti se eu fui grossa, mas eu quero que ele não me procure mais e nem meus filhos.” Meus filhos não estão precisando de nada, graças a Deus, porque a mãe dele nunca me ajudou em nada com meus filhos e eu não faço nem questão. Eu não botei ele pra pedir pensão porque é uma incomodação e eu não quero ele perto dos meus filhos. Então deixa assim como tá, que tá tudo bem, tá tudo uma maravilha. Daí eu disse pra ela “Se ele quer saber das crianças, é para ele falar com a mãe dele! Quer foto das crianças? Eu mando pela mãe dele. Mas eu e ele... eu não quero ele ligando pro meu pai, eu não quero ele mandando mensagem pro celular do meu pai, eu não quero ele tentando entrar em contato comigo. Eu quero ele longe de mim!”. Aí ela pegou e disse “Não, tu tem toda razão...” aí eu disse “então tá, avisa aí.”

Aí eu eu já fui na mãe dele, já liguei pra ela na hora “ Tu dá um jeito de falar com teu filho, pro teu filho me largar de mão. Se tu quer teu filho contigo ou preso, não me interessa, mas diz pra ele me largar de mão. Tu sabe muito bem que eu tô fazendo a minha vida e tô muito bem, né.” Ela disse, “não, eu vou falar com ele”. Daí eu disse “ Se ele me incomodar eu vou entrar pedindo pensão e é tu que vai pagar! E eu vou dar parte dele na Maria da Penha de novo” e ela disse que ia dar um jeito. Porquê não dá. E eu tava falando com esse meu namorado e eu falei pra ele toda a conversa que eu tive com a assistente social. E ele mandou na carta que me amava, e não sei o que, pedindo desculpas, pediu perdão por não ter sido um bom marido, por não ter sido um bom pai. Ele nunca vai mudar.

Um agressor ele não muda, ele muda de vítima, mas ele mesmo ele não muda. Ele muda de pessoa, ele largou de mim e bateu na outra. Agora ele mudar... ele fica três dias sem te bater, quatro dias, até uma semana, mas na outra semana tu apanha mais aqueles dias que ele ficou sem te bater. Então, tipo, ele nunca muda. A mulher tem que colocar na cabeça: o agressor nunca vai mudar! Ele muda de vítima, ele não muda o jeito dele.

Aí eu falei pro meu namorado, mandei os prints, os áudios, tudo... e ele disse “Se ele vir incomodar, ele vai ver só! Não vou deixar”. Eu disse pra ele “Eu não quero problema nem contigo e nem com ele. É só fazer assim, se ele vir incomodar a gente, a gente vai na polícia. Eu e tu vamos dar parte dele e eu vou até pedir uma medida protetiva para ti.” Aí ele pegou e disse “Não, ele não vai vir.”

É o que eu digo para as mulheres “olha, tem que ser forte.” porque não é fácil e elas nunca vão estar sozinhas, sempre vai ter uma que vai ajudar - uma melhor amiga, uma vizinha, uma pessoa que não aguenta mais ver tu passando aquilo. O que vai te dar força, para aquelas que têm filho, é olhar para o teu filho. Quando tu tá sofrendo violência ele muda totalmente o jeito dele e tu vai ver os alertas, uma mãe vê o filho que ele era e depois o filho que ele vira. Aquilo ali vai te dar força, tu vai falar “bah, mas tá atingindo ele também. Vou me alertar, chega”. A mulher tem que dar um basta, tem que dar um basta e botar na cabeça assim “Eu sou mulher, eu sou forte, eu sou poderosa. Eu botei meu filho no mundo e eu consigo sair dessa.”

Você acha que essas iniciativas do pessoal daqui da casa, por exemplo, de não só acolher mas conversar e ensinar...

É muito bom! É muito bom! Uma casa de acolhimento é muito bom porque tu vê pessoas que passaram pelo mesmo que tu! Tu é bem recebida! Se tu tiver quieta num canto elas vão querer saber o que houve contigo, elas se preocupam contigo.

“Ah, mas numa casa de acolhimento eu fico presa, eu não vou nem na esquina, eu não vou numa festa, aí eu vou deixar de beber e de fumar...” Gente, você tá preocupada com o que? Tá preocupada com isso aí ou preocupada em ter tua vida?

Hoje eu posso ir numa praça com meus filhos e se eu tivesse com ele, de repente, eu não poderia. Tempo pra beber, depois que tu se livrar do agressor, tu vai ter bastante! Tempo para curtir uma festa tu vai ter bastante! Tempo pra curtir qualquer coisa, tu vai ter bastante! O negócio é tu resolver essa tua situação, tu te livrar do agressor e cuidar da tua família. Não é pensar “Me livre do agressor e vou fazer uma churrascada, vou tomar uma beberagem” não, meu amor, não é assim que a vida toca. Como é que tu quer ir pra frente assim? Eu sei que é uma alegria de se comemorar, mas o que é que tu faz? Vou pegar meus filhos, vou levar eles no McDonalds, vou me divertir com eles. Coisas que tu não tava fazendo com o agressor, porque o agressor não tava deixando tu sair. Não é pensar “ah, vou tomar uma cerveja! Vou para um baile funk, vou descer até o chão e deixar meu filhos dormindo!” não, querida! Pega teu filho e vai em um parque.... “aí, tem aquela amiga pra visitar lá de não sei da onde!” pega teus filhos e vai visitar a amiga, fazer um churrasco com a amiga e com os teus filhos tudo junto brincando com os filhos da vizinha. Depois que passar um bom tempo e tu curtir teus filhos aí tu bebe, aí tu faz o que quiser, aí tu te droga, faz o que tu quiser. Mas sempre pensando nas crianças! Moderação totalmente.

O certo é a mulher abrir o olho e se cuidar. Se cuidar porque tem muitos agressores. Achar um homem bom tá difícil.

Eu andei 10 anos com um homem que usava droga e bebia, eu não bebo e não fumo, então tu aguentar um relacionamento assim com uma pessoa... bah...

Nossa, todo mundo deve te perguntar como é que você conseguiu. Como você aguentou 10 anos?

Eu também não consigo acreditar. Sabe que agora, até hoje, eu vejo e penso “Bah, meu deus!”. Eu vi uma foto dele, e disse “Bah, tu tá acabado cara, tu tá velho.”, que a mãe dele mandou para o meu filho e aí eu pensando “como é que eu aguentei 10 anos contigo?”. E eu não sei como eu aguentei, eu sei que eu aguentei. Eu sei que eu aguentei e o melhor é que eu aguentei viva! Isso pra mim que foi bom!

É, aguentou viva...

Aguentei viva! Porque olha por tudo que eu passei, já era pra mim tá morta há muito tempo. Há muito tempo, bah! Há muito tempo mesmo, mas tudo que eu aguentei, eu aguentei viva. E consegui consertar meu erro que foi ficar com ele. Eu sai do meu relacionamento, eu não procurei outro relacionamento. Não! Eu vim pra cá. Quando eu saí daqui que eu disse “Eu vou voltar a estudar. Vou arrumar minha casa. Vou arrumar trabalho. Meus filhos vão tá no colégio.” Vou voltar ao que eu sempre fazia - recebia e saia com meus filhos, comprar as coisas para os meus filhos, eu sempre fui assim com meus filhos. Vou ter minha vida com eles e relacionamento vem depois. E esse homem que eu tô, eu enrolei muito ele... ih, fiquei um tempão ainda enrolando ele pra ficar com ele, porque eu achava que não tava preparada ainda. E aquele medo meu era meu e dos meus filhos.

Ai agora eu to com ele, assim... porque no momento que eu fiquei com ele eu disse “olha, eu tenho três filhos, aí você me diz.”

Você tá estudando?

Tô, tô estudando. Agora com essa situação parou, mas tô estudando no Marista. As gurias do CREAS me conseguiram uma bolsa no Marista.

Que legal!

Eles dão uma bolsa gratuita para terminar o fundamental. Como agora eu tô ainda no fundamental e já passou as inscrições do Encceja, ano que vem eu vou tentar me inscrever pro Encceja de novo para tentar terminar o ensino médio.

Ah, que legal...

E depois as gurias vão ver se não conseguem me colocar no curso... depois que eu tive a separação e saí daqui eu fiz curso de mulheres afros e me tornei mais poderosa ainda né? Por isso eu coloquei “Poderosa da África” né?! Mais uns cursos de mulheres afros, mais uns cursos assim, então o que vier pra mim eu tô pegando, porque é uma coisa que vai fazer bem pra mim, vai me botar mais pra frente ainda.

O que você tem de plano?

De plano eu tenho terminar minha casa, fazer um quarto para meus filhos. Conseguir um serviço primeiro, né, pra conseguir fazer isso antes tenho que conseguir um serviço.

Conseguir um serviço e arrumar minha casa. Arrumar bem minha casa e deixar ela do jeito que eu quero pra mim e para os meus filhos.

Agora você está desempregada?

Agora eu estou desempregada.

Mas também tem toda essa função da covid....

Mas antes já tava ruim também. Mas vamos tentando, o importante é não desistir.

É, e se você tem plano pro futuro é...

Tenho, tenho, tenho plano de fazer minha casa, eu quero deixar minha casa linda. Minha casa tem dois quartos e uma cozinha. Eu quero aumentar minha casa, arrumar para as crianças, quero fazer tudo direitinho para eles. Tô afim de fazer o curso de vigilante também. E o que tiver que vir pra mim de curso e coisa eu vou fazer. As meninas querem que eu me forme em assistência social que nem elas são do CREAS. E eu também quero me formar sim, porque aí eu vou conhecer uma pessoa que tá passando pela mesma coisa que eu passei e eu vou bater no ombro dela e dizer assim “Eu tô aqui pra te ajudar, amor, eu passei pela mesma coisa que tu. Vamo lá, mulher!”

Que legal!

Sim, aí eu vou dizer pra ela “Vamo lá, mulher, que nós somos fortes”. Porque teve uma amiga minha que tava sofrendo agressão, eu xinguei o marido dela e disse pra ela assim “No momento que tu quiser, no momento que tu achar que tem que largar ele porque não tá aguentando mais, pode ir lá em casa. Mas aí é o teu momento e eu vou respeitar o teu momento. Porque vai ter uma hora que tu vai ter que te alertar” e eu disse pra ela “e tu não tá sozinha.”

Ai quando eu voltei todo mundo “Ah, tu voltou, X”. Minhas vizinhas me abraçavam, meus vizinhos me abraçavam, todo mundo “tu voltou, tu voltou!” e aí tu vê como tu também é querida pelos outros e isso também ajuda muito, porque quando tu tá com um homem violento ele te faz ficar excluída de todo mundo, ele te isola só pra ele pra te maltratar e acabar contigo. E aquelas pessoas que gostam de ti estão tudo lá fora esperando um dia tu se alertar e dizer “Olha, eu consegui gente! Eu tô aqui, poderosa! Maravilhosa!” E até hoje eles falam “Tá sumida, X!” “Não, gente, tô na casa do meu namorado” “Ah, tá de namorado?!” digo “Tô, gente” Namorado, já falei, casar por enquanto não. Primeiro quero colocar todos os meus planos em ordem e depois casar é outros quinhentos. Esse ano eu vou fazer 30 anos, tô muito nova ainda! Tenho muito ainda... (risos) muito ainda o que aproveitar.

Super jovem.

E eu disse pra ele, ele fez 30 anos também, eu disse pra ele “tu é mais velho que eu e eu tenho que aproveitar ainda” ai ele disse assim “não, mas tu vai aproveitar comigo”, eu disse “não, claro, a gente aproveita juntos.”

Mas é isso, as mulheres tem que abrir o olho, se cuidar e botar na cabeça que a vida delas é uma só. É uma vida que vai e não volta. A gente não é gato que tem sete vidas.

É, a gente tem só uma

E elas nunca estão sozinhas. Tu viu agora a da máscara roxa?

Vi, interessante.

Eu gostei muito!

Eu achei bastante interessante porque tem toda uma problemática da denúncia. Muitas mulheres não conseguem denunciar e agora na pandemia aumentou, assim, uns 50% o número de denúncias.

É difícil, tu não sabe a dor que te dá tá denunciando. Sabe o que é às vezes também, às vezes é doloroso tu denunciando e ver uma mulher que diga assim pra ti “mas tu gosta”, eu muitas vezes ouvi isso. Mas tu acha que por causa deles eu me deixei pra baixo? Não, eu disse “não, eu não gosto. A senhora não estava na minha pele pra saber o que eu sentia, então acho melhor a senhora fazer seu serviço. Como eu estou aqui pra pedir defesa, o seu direito é de me defender.”

Muito bom

É tudo isso, então deu?

Terceira Entrevistada: Clara Zetkin

Ai menina, tomara que dê certo, sim. É então, assim ó, pra primeiro pra te explicar, não é bem assim, tipo, uma entrevista de pergunta e resposta, tá? Então, assim, você está livre pra falar o quanto você quiser, entendeu? Inclusive, quanto mais você fala melhor pra mim, tá bom? Então, assim, o primeiro bloco de conversa, digamos assim, é pra você me contar a sua história, onde que você nasceu, né, primeiro, quem é você, quantos anos você tem, onde que você nasceu, como que era a sua família, falar sobre a escola, vizinhança, as suas amiguinhas, tudo que você quiser falar sobre a sua infância e adolescência, né? É como é que eram as mulheres na sua casa, teve, teve, teve violência, enfim, assim, tipo, vai, vai me contando, vai narrando, finge que você tá da história da sua vida e aí assim, é isso, quanto mais você falar, melhor. É bem, bem livre mesmo, assim. Não tem problema se der dez minutos de áudio. Quinze, não tem problema, tá? Aí, aí, a gente parte depois pro segundo bloco e pro terceiro bloco depois, tá? Aí eu explico cada um

deles. Então, nesse primeiro, fala pra mim como é que, como é que é a sua vida, como é que era a sua vida, como que, como que foi a sua infância, a adolescência, a sua família, participou de igreja? Como é que era a escola? Questões de tudo, tudo que você achar que que é importante falar sobre a sua vida, sobre quem é você, quem é a X, definir isso de vida, cê pode contar pra mim, tá?

Então, vamos lá, né? Meu nome é x, eu tenho trinta e cinco anos, eu sou natural de Porto Alegre, mas eu passei a minha primeira infância em Alegrete. Nos meus nove meses de idade, até os meus onze anos de idade, eu morei com meu avô e com a minha avó, no interior do Rio Grande do Sul, que é Alegrete. E lá a gente vivia de plantação de fumo. Então, eu desde muito nova, levantei, sempre levantei muito cedo, tipo, quatro horas da manhã, pra ajudar a tratar dos bichos, que a gente tinha e depois a gente ia pra roça, é, meu avô e minha vó, os dois trabalhavam lá. Aí quando eu tava com uns sete pra oito anos, a minha vó teve câncer e daí ela faleceu. E eu continuei morando com o meu avô na roça. Eu a gente diz roça, né? Mas enfim, no interior do Rio Grande do Sul. Ah eu sou a irmã mais velha de quatro irmãos, por parte de pai e mãe. Na verdade, eu tenho um irmão mais velho, né? Que tem quarenta anos que é, também é filho de pai e mãe, meu irmão de pai e mãe. Depois a minha mãe faleceu e o meu pai casou de novo e aí eu tenho mais três irmãos, né? Duas irmãs e um irmão. Bom, eu fui morar em Alegrete com o meu avô, porque eu era, quando eu era bebê, é, o meu pai, ele morava, eles moravam aqui em Porto Alegre, minha mãe, meu pai. o meu irmão mais velho, que é cinco anos mais velho do que eu. Minha mãe trabalhava muito e meu pai ficava em casa cuidando da gente. E meu pai usava muita droga. Ele sempre usou muita droga. Ele bebia bastante e usava droga. E a minha mãe trabalhava. Aí o que aconteceu? Um dia meu pai foi no mercado e me esqueceu no mercado. E aí, eu fui pro conselho tutelar, bebê, do conselho tutelar, aí o meu avô me tirou do abrigo, que eu passei uma noite no abrigo e ficou com a minha guarda e me levou embora. Aí, quando eu tava com onze anos a gente retornou pra Porto Alegre, eu retornei com meu avô pra Porto Alegre, porque daí o meu avô teve câncer, né? Enfim, eles lidavam com muito veneno na roça, aquela coisa toda pra por causa da plantação de fumo e eu acredito que esses venenos tenham acelerado, né? É, pra que eles tivessem câncer e enfim. Mas aí meu vô conseguiu se curar, mas aí a gente ficou morando em Porto Alegre e aí foi quando eu comecei ter mais contato com os meus irmãos, porque depois de mim o meu pai e minha mãe tiveram é... mais duas crianças, né? Que é minha irmã, que é dois anos mais nova do que eu, e depois meu irmão, que é quatro anos o mais novo do que eu. Cinco anos mais novo do que eu. Daí, a partir dos onze anos de idade, eu vim morar em Porto Alegre, era uma outra realidade completamente diferente. Eu tive que me adaptar, até com um jeito de falar, porque eu falava diferente, né? Eu tinha um sotaque assim mais, mais mais gaúcho, né? Eu falava presente, leite, eu tinha uma coisa assim, então eu era muito zoada pelos meus irmãos, porque eles sempre moraram na vila, eles eram malandros, né? Enfim, passavam o dia inteiro na rua e a minha vida era, era mais diferente, assim, né? Eu ficava mais tempo com o meu avô, que era uma pessoa já bem velha, então eu tinha um entendimento do mundo bem diferente do entendimento que eles tinham. Ah, a eu nunca, a gente nunca sofreu violência, meu pai nunca foi um homem violento. Minha mãe era depressiva, mas também não era, não era violenta, bem pelo contrário, minha mãe era uma mulher muito esforçada, minha mãe era professora, ela levantava muito cedo, ela trabalhava muito, trabalhava até de noite, ela cuidava do jeito que podia, né? De nós quatro, mas o meu

pai ele era dez anos mais novo que a minha mãe e ele nunca foi agressivo, mas ele nunca foi um pai muito presente, ele nunca nos levou na escola, conta historinha pra nós dormir, enfim, ele, ele, ele tava ali, entende? Ele era como se fosse o nosso irmão mais velho, não tinha uma responsabilidade paterna sobre a gente, né? É, mas eu, eu sempre tive isso, porque eu sempre tive meu avô que sempre foi pai. Então era meio diferente, assim, pra mim, porque eu, quando aconteceu uma coisa, eu corria pro meu avô, né, então, sempre tive muito carinho, muito amor pela minha mãe, pelo meu pai, pelos meus irmãos, mas acho que pelo fato da minha primeira infância ter sido só com o meu avô, né? E um e um pouco com a minha vó, então eu acho tinha, eu tenho esse laço afetivo paterno é, com o meu avô. Daí eu vim, vim morar em Porto Alegre e aí eu fui morar com os meus pais, com a minha mãe e meu pai, os meus irmãos e aí o meu avô construiu uma casa no pátio da minha mãe, então eu tinha contato com o meu avô e com os meus irmãos.

Bom, continuando. Eu cresci assim, então, daí, eu vim morar em Porto Alegre, com os meus irmãos, meu avô, minha mãe, meu pai. Comecei a estudar aqui em Porto Alegre, eu, eu vim, comecei a estudar, que eu acho que eu tava no quarto ano, quarto, quinto ano, não me lembro direito. Ah, tive muita dificuldade, até conseguir me adaptar com uma nova rotina com os meus irmãos, é... morar com o pai e a mãe também era muito diferente, morar numa cidade grande pra mim também foi um impacto assim que me mexeu muito comigo, né? Porque enfim, em cidade do interior lá onde eu morava, a maioria das pessoas eram pessoas mais de idade, anoitecia, ficava escuro, a gente já vinha pra dentro. Então, aqui não, as crianças ficavam brincando mais tempo na rua, e na rua, na rua mesmo, não, em pátio, então, eu me perdi, assim, porque é, meus irmãos tinham um ritmo de vida bem, bem diferente do ritmo que eu tinha, mas me adaptei. E aí, e a gente sempre foi criado, apesar do meu pai ser uma pessoa que usava droga, ele, como eu te, te falei, ele nunca foi um homem violento, meu avô também não, sempre foi muito amoroso. E os meus tios por parte de pai também, né, porque minha mãe não tinha irmãos. Eles sempre foram muito muito amorosos com a gente. Então, a gente cresceu num ambiente de apesar de um ambiente pobre, da gente ter muitas dificuldades em muitas coisas, a gente cresceu num ambiente de muito amor, a minha mãe também sempre tentando mostrar pra gente o que é certo, o que é errado, né? educando a gente de uma maneira positiva. Então, na minha infância e na minha adolescência, eu não tive nenhum tipo de contato com é um ciclo de violência doméstica, né? Meu pai nunca bateu na minha mãe, eu nunca presenciei ninguém batendo em ninguém, enfim, um homem batendo numa mulher. É os meus irmãos, meu irmão sempre me tratou com muito respeito, meu pai sempre me tratou com muito respeito, meu avô, todo mundo, todos os homens da minha família sempre me trataram, nos trataram, né? Tanto a mim, quanto a minha irmã, os meus irmãos, a minha mãe, enfim, a gente sempre é... nós crescemos com muita proteção, né? Com muito carinho muito zelo. Então eu não tive contato, assim, né? Nesse... talvez a gente já tivesse tido contato com o machismo já nessa época, obviamente, agora fazendo uma retrospectiva, eu consigo enxergar isso, mas eu não entendia porque tinha carinho, entende? Então, eu não conseguia... e eu era muito nova, não tinha passado por nada do que eu, do que, enfim, eu passei mais tarde. Então, a minha mentalidade era outra quando eu era impactada com machismo, né? Eu não conseguia compreender o machismo. Apesar de ter uma mãe que sempre foi muito, muito combativa, muito revolucionária, sempre falou muito sobre machismo, sempre falou sobre drogas, sexualidade, sobre tudo. Minha mãe era um livro aberto com a gente, assim, a

gente, a gente teve boas orientações, né? Mas a gente nunca tinha, eu nunca tinha vivido na prática, então é... a vida era boa. Era tudo tranquilo, assim. Eu tive uma infância muito gostosa, eu tive uma adolescência bem tranquila, é... eu tocava numa banda de punk rock, com treze anos, quando eu vim pra Porto Alegre, eu conheci uma, uma galera do rock. E daí, eu me interessei, minha família me apoiou e tal, a gente nunca fez grandes shows, nem nada, era coisa da família, assim, mas a minha infância foi nisso, sim, na minha adolescência né? Eram, era um grupo de onze meninos, eu era a única menina, ahm, a gente, nós nos reunimos até hoje, a gente tem amizade até hoje, eu sou madrinha do filho do vocalista e o baterista é padrinho do meu filho, enfim, a gente cresceu e a amizade continuou e às vezes a gente ainda se reúne pra tocar. E também não, na minha adolescência, com esses meninos, né, eu sofri um pouco de machismo com a família deles. Porque, por eu ser a única mulher, né, única menina, tocando numa banda, então, a gente virava madrugada ensaiando, a gente ia pra festivais e tal. As pessoas me olhavam, tipo, meio que torto, assim, ué, mas ela é única menina, no meio do monte de homem e tal, aí, aí começou o preconceito, né? Ela é puta, ela é vadia, ela é não sei o que. Mas eu passei por isso, assim, tranquilamente, porque os meus amigos, eles, eles sempre me respeitaram muito, eles tinham livre acesso à minha então eles conheciam os meus irmãos, meu pai, meu avô, minha mãe e eles dormiam lá em casa, eles dormiam na casa deles, a minha mãe sempre confiou em mim, sempre confiou neles também, nunca aconteceu nada. Então, eu enfrentei essa pequena frase, ãhn fase do machismo, do primeiro impacto que eu tive com o machismo, né? tranquilidade, porque eu sempre tive um respaldo na minha casa, né? Minha mãe sempre dizia dizer, mãe, bá, eu gosto tanto de tocar, eu gosto muito de cantar, eu gosto tanto do que eu faço, né? Mas as pessoas elas me olham duma maneira diferente, eu fico com vergonha, eu fico e ela sempre disse, olha, é o que tu gosta, é o que tu quer, corre atrás tá te fazendo bem, não te não importa o que os outros tão falando, tu tem que pensar no, no teu bem-estar e ela não se incomodava quando as pessoas vinham falar pra ela assim, ai a tua filha, a X tá andando, chegou de madrugada, com um monte de cara, não sei o que, ela respondia na hora, ela dizia, ué, mas o que que tem? Só porque ela é mulher, ela não pode. Então elas ela sempre me apoiou e os meus irmãos sempre me apoiaram nisso, assim. Então, eu tive uma adolescência tranquila, enfrentei um pouco desse, desse machismo já no início, assim, é com treze, quatorze anos e tirei de letra, porque eu sempre tive essa base, assim, da minha família, né, dos meus irmãos, da minha mãe. É... então minha adolescência foi tranquila também e sem nenhum tipo de violência doméstica

É a sua mãe, a sua mãe faleceu quando? Quando você tinha quantos anos? E o que que aconteceu? Fala, fala um pouquinho mais da sua mãe. Eu achei bastante interessante o que que você coloca sobre ela. Aí eu queria que você desenvolvesse mais assim o que foi a sua relação com ela e dar exemplos de, porque você chama ela de combativa. Já naquela época, cê já tinha essa noção? Ou é uma coisa que você cê parou pra pensar agora? Me dá exemplos, assim, daquela época que você já olhava e admirava é na sua mãe. Isso assim. Fala da sua mãe.

Então, a minha mãe faleceu. Eu tinha vinte e cinco anos de idade. Minha mãe faleceu há dez anos atrás. E a minha relação com a minha mãe é... a gente foi, assim, estreitar mesmo laços de amizade, quando eu tinha onze anos de idade, quando eu vim morar em Porto Alegre. E antes disso, eu tinha um pouquinho de mágoa, assim, porque eu não

conseguia entender porque que eu, só eu fui morar com o meu avô, meu, meus outros irmãos, não, enfim, mas aí, depois, com o tempo, eu consegui entender que tinha uma diferença muito grande, né? De idade, assim, o meu irmão tinha cinco anos, quando eu nasci. E aí, a minha mãe não, eles não tavam preparados pra cuidar de mim, né? Minha mãe tinha muito medo que acontecesse, eu era uma bebê. Hm... Pequeninha, né? E enfim, meu pai, muito irresponsável e ela tinha medo e aí foi o que aconteceu, né? Que ele acabou me esquecendo no mercado e... mas aí depois com o tempo eu consegui entender, a gente pegou, conseguiu é... manter uma relação muito boa, assim, e eu sempre, sempre tive muito respeito, muita, muita admiração, o meu avô sempre falou pra mim, né? A tua mãe é uma grande mulher, a tua mãe, é uma pessoa muito responsável, a tua mãe, muito dedicada, tua mãe te ama muito. Então, eu nunca fui uma pessoa que falou assim, ah, apesar dele ser pai do meu pai, né, ele sempre foi muito a favor da minha mãe, assim, né. Ele sempre brigou muito por causa do meu pai. Ele falou, ele tinha muita vergonha do meu pai, ele nunca falou, ele não falava isso pra nós, assim, porque ele sempre teve muito cuidado com isso, né, porque ele não queria que a gente, que, que nós crescêssemos com raiva do meu pai, né, tanto que a gente cresceu morrendo de amores pelo meu pai, apesar dele ter feito a gente passar por situações hilárias, assim, por causa da, da, das irresponsabilidades dele, né? Mas o meu vô sempre, sempre, é, incentivou muito amor, né? E respondendo junto, acho que não há outra pergunta que tu, tu tinha feito junto também sobre religião, eh, o meu vô ele era crente. E então, eu cresci num ambiente de crente, acho que não ia pra igreja com ele lá em Alegrete, né? É... só que eu nunca gostei assim, eu ia mais porque tinha que ir porque eu respeitava o meu avô, porque eu era criança, né? Então ahm, foi mais por isso assim. E aqui em Porto Alegre meus pais eles eram católicos, então quando eu vim morar em Porto Alegre, às vezes eu ia na igreja com o meu avô, a igreja que ele frequentava, que era a Universal e aí eu ia com a minha mãe na igreja católica, mas a minha mãe nunca forçou nem eu, nem nenhum dos meus irmãos a seguir algum tipo de religião assim, né? Tanto que a gente não fez catequese, ela sempre nos incentivou a conhecer é... outras religiões culturas. Então, a gente frequentou casa espírita, a gente foi em casa de religião umbandista, a gente foi em... conhecer, né? Ela tinha a convicção católica dela, mas ela sempre deixou é... opcional, ela nunca nos obrigou a seguir nenhum tipo de religião. O meu vô me obrigava... a seguir, a ser crente como ele era, né? Mas aceitou de boas, assim, quando a gente, quando eu não quis, nem eu, nem os meus irmãos, assim, dar continuidade, sendo que cada um, eu e os meus irmãos, cada um tem uma religião diferente, né? Eu sou espírita hoje, eu tenho uma irmã que é umbandista, eu tenho um irmão que não acredita em religião nenhuma, e tem o meu irmão mais velho que é católico, então a questão da da religião sempre foi bem aberta assim. A gente nunca, a gente sempre teve, pode escolher. É... e com a minha mãe, assim, a imagem que eu tenho dela era, é, é, é, é isso, né? Ela levantava seis horas da manhã, já deixava nosso café pronto e aí só ia ver ela de novo seis horas da tarde, sabe? E ela não, durante a semana, assim, ela interagia muito pouco com a gente, ela chegava exausta em casa, ela dava aula em duas escolas, daí ela tinha que fazer, corrigir prova e um monte de coisa, então, ela não tinha muito tempo pra gente, assim. Mas aos finais de semana ela tentava compensar, né? Ela, ela fazia comida de cada um de nós mais gostava, é ela gostava de sair com a gente, minha mãe ia pra, pro, pros festivais de rock junto comigo, minha mãe era roqueira, também, então, ela, os meus irmãos também iam, apesar dos meus irmãos não gostarem de rock, né? Eles têm que cada um gosta dum estilo musical,

mas eles iam junto e a minha mãe, muitas vezes, é só eu e a minha mãe, assim, tipo, ela ia pra me assistir mesmo, sabe? Depois a gente saía, tomava uma cerveja junto, ficava rindo e tal, então, a minha mãe sempre foi muito companheira, assim, ela sempre me acompanhou eu e os meus irmãos em tudo que ela podia, assim, sabe ela tentava se mostrar presente dentro do das possibilidades dela. Então, no final de semana ela dava muita atenção, ela dava muito carinho pra gente, mas ela também era muito braba. Então, gente. Final de semana a gente levantava cedo igual, aí, todo mundo tinha que limpar a casa junto. É, então, não tinha esse negócio. Ah, menino não lava a louça não faz nada, não, os meus irmãos sempre limpavam a casa junto com a gente, tanto que o meu irmão mais velho, quando ele ficou maiorzinho assim, né? E ele meio que assumiu a responsabilidade paterna pra ele, já que meu pai não fazia nada, então ele nos organizava pra limpar casa, nos organizava pra tomar banho pra ir pra escola, material escolar, roupa, essas coisas assim foi, irmão, mais velho que fazia, fazia comida pra gente, enfim. Então, eu cresci vendo nesse ambiente, assim, que nós éramos todos iguais, todo mundo fazia, limpava a casa, fazia comida, cuidávamos uns dos outros e e com essa impressão paterna, de ter um pai que era mais o meu irmão, mas ele era super brincalhão, ele fazia mágica pra gente, ele fazia brincadeira, ele, ele, ele, ele é um amigão, assim, sabe? Não era um paizão, mas ele sempre foi um amigão. E... ele e minha mãe, eles brigavam um pouco, assim, mas eu acho, né? Mas eles não deixavam a gente perceber muito essas coisas... quando eles discutiam, é eles se trancavam no quarto, eles escondiam, porque geralmente era minha mãe que falava, e meu pai só ouvia. Nunca não discutiu com ela assim. Ele concordava porque ele sabia que ele estava errado. Então, eu sempre vi, na minha mãe, uma pessoa muito forte, assim, muito, não entendia. Talvez hoje eu consiga entender um pouco melhor, por que que ela não separava dele, né? Porque a gente não deixava. Toda vez que a minha mãe dizia, ah, tu vai embora e tal. A gente entrava num desespero, eu e meus irmãos, a gente começava a chorar e o pai ia com a mochila de roupa pra fora de casa e a gente se revoltava com a mãe. Não, deixa o pai aqui e tal. E aí ele acabava ficando, ficando, ficando e foi ficando. Até uns três anos antes da minha mãe falecer, eles se separaram, né? Meu pai casou com uma outra pessoa, uma mulher que morava perto da nossa casa, que ele é casado até hoje, teve os, meus, meus três tesourinhos, né? meus amores, que são os meus irmãos.

Como é que era a divisão de tarefas na casa do seu avô? Quem fazia o quê? Quem ficava responsável pelo que, é, você tinha tarefas também? Vocês tinham uma condição financeira OK? Era, era difícil, como é que era? E também depois que a que você ficou só com seu avô, como é que era? Essa divisão de tarefas, ela modificou de alguma forma. E aí, como é que foi? E até vocês, vocês voltarem pra Porto Alegre, isso foi quanto tempo?

É na casa do meu, quando eu morava com meu avô, na sua casa lá em Alegrete, é, eu era muito pequena, né? Eu vim de lá com onze anos de idade. Então, é, a minha vó também trabalhava na plantação de fumo, é, e nós saíamos, nós acordávamos quatro horas da manhã, a gente alimentava os bichos que a gente né? Tinha porco, tinha cavalo, tinha galinha, pato, ganso, enfim, é uma minifazenda, né? E aí quando tava amanhecendo o dia, por volta das seis, seis e meia, mais ou menos, a gente ia pra pra plantação de fumo, daí a gente levava almoço, a gente comia lá, eu ia junto, porque não tinha ninguém pra ficar comigo em casa, né? Então, eu lembro muito disso, assim, é uma

coisa muito forte na minha lembrança, na minha infância é... eu na cacunda do meu avô, nas costas do meu avô. Dormindo. E a gente, a gente indo com ele, assim. Daí, almoçava meu avô. E daí minha vó me levava pra escola, uma da tarde. E depois o meu avô e minha vó iam me buscar às cinco da tarde, cinco e meia. Na escola. Então, eu estudava de tarde, eu fiz até o terceiro ano de tarde na escola que tinha lá. E daí, como a escola já era no caminho da, do, da plantação de fumo, era, era, era longe de casa, a plantação, mas a escola era perto da plantação de fumo, então a gente ia dali. E aí, quando chovia, a gente não ia nem trabalhar, porque não tinha como trabalhar no, na plantação, com chuva, né, daí. E também não ia pra escola, porque era muito barro, enfim. As tarefas em casa eram divididas igualmente meu avô cozinhava, limpava a casa, cuidava dos bichos, a minha vó também. E depois, quando a minha avó adoeceu, ela já nem fazia mais nada. E aí, eu ficava em casa com ela. Meus sete. Minha vó começou, desculpa. Descobriu, eu tava com câncer, eu tava com sete anos. Aí, ela morreu, eu tava com, não, ela tinha seis anos, ela descobriu que tava com câncer, quando eu tava com oito, a minha vó faleceu. Já nesse período de dois anos, assim, a gente passou muita, muita dificuldade mesmo, porque caiu pela metade nossa renda, porque minha vó não, já não entrava mais o dinheiro da minha vó, né, era só o dinheiro do meu avô. E meu avô teve que trabalhar mais horas pra compensar, pra poder manter as coisas dentro de casa, né? Eu não vou te dizer que a gente passou fome, porque a gente tinha plantação, né? A gente tinha uma hortinha, a gente plantava, a gente tinha bicho, é... mas a minha vó tinha que tomar umas medicações, a gente tinha que tá vindo pra Porto Alegre mais seguido pra ela fazer exame, então isso custava dinheiro, né? Então, isso dificultou muito e a minha vó não quis de jeito nenhum vim morar em Porto Alegre, a gente tinha parentes aqui em Porto Alegre, tinha como ela fazer o tratamento aqui em Porto Alegre com um pouco mais de conforto, mas ela não queria sair de Alegrete de jeito nenhum, ela vivia repetindo que ela queria morrer lá. E foi o que aconteceu nela, ficou até o último dia de vida dela lá em Alegrete. E eu junto com ela. Eu e meu avô. Mas os meus irmãos, a minha mãe, meu pai, os meus tios, eles iam direto pra lá, eles iam muito, eles passavam Natal, Ano Novo, férias, hoje iam, se finais de semana, enfim. A gente sempre manteve um contato muito forte com... porque todo mundo era lá de Alegrete, né? Aí, aos poucos que foram vindo pra Porto Alegre atrás de emprego e pra se estabilizar. Então, mas enfim, a nossa, a gente morava lá em Alegrete num bairro chamado que a, não sei se ainda é o mesmo nome, que faz muitos anos que eu não vou pra lá, que era o Rincão da Madalena. Era uma rua, o bairro a gente morava em Alegrete e aqui em Porto Alegre a gente morava no bairro Navegantes, na Vila Dona Teodora. Os meus irmãos inclusive, tenho dois irmãos que ainda moram ali. Não, eu tenho o meu pai e a minha madrasta e meus três irmãos, o meu irmão de quinze, a minha irmã de treze, minha irmã de nove, que moram todos na mesma casa, ãh, na Vila Dona Teodora. E o a minha irmã que tem trinta e três anos, que mora ali perto também. E o meu irmão de trinta que mora ali também, ali perto. Daí eu tenho um, um irmão que tá morando em Guaíba. Mas a maioria dos meus irmãos ficaram ali, os meus tios, os que moravam ali, já faleceram todos. O meu pai é o único que está vivo ainda. A relíquia da família.

Aí na sua casa, em Porto Alegre, ficava em qual bairro? E também, como é que era a divisão de tarefas nessa casa? É... você e os seus irmãos tinham tarefas, quais eram essas tarefas da casa, é a sua mãe você diz que sua mãe trabalhava e o seu pai, não, se manteve, é como é que como é que funcionava a casa em Porto Alegre

depois que você foi morar, foi morar com seus pais, depois dos onze anos.

Então, hum, a gente tinha a divisão de tarefa, porque a minha mãe fazia uma listinha do que a gente tinha que fazer, só que era quatro crianças em casa, praticamente sozinhas, porque meu pai sumia, né? E a gente fazia, a gente fazia do nosso jeito, mas a gente tinha sim é... era um rodízio, é um dia um lavava a louça, no outro dia o que lavava a louça varria, então a gente tinha um rodízio, assim, do meu irmão mais velho, até o meu irmão menor, é... todo mundo tinha que fazer. E aí minha mãe chegava em casa, ela ia ver a lista do que ela tinha dado e do que tinha sido feito. Aí o que não tinha sido feito, né? Aquela pessoa que pulou essa tarefa que não fez, é... ficava de castigo e às vezes até tomava umas palmadas dependendo do que era pra ter sido feito e não foi feito. Mas nada demais assim também. Ahn mas todo mundo tinha que fazer ah igualmente... meu pai também, às vezes ele, ele, quando ele tava sóbrio, né? Ele ajudava a limpar a casa também e a minha mãe só, a minha mãe só lavava roupa, assim, minha, meu pai não lavava roupa, né? E a gente não tinha máquina em casa, então, é no domingo, de noite, a minha mãe ficava, tipo, da das cinco da tarde até umas onze horas da noite lavando roupa. E isso também é uma imagem que eu tenho bem forte gravada na minha memória assim dela do esforço dela, né? No outro dia ela tinha que levantar seis da manhã, ela tinha quatro filhos, ela lavava roupa dos quatro filhos, mais as roupas dela, mais as roupas do meu pai. E enquanto a gente tava brincando, sabe? A gente ficava na rua brincando, jogando bola, jogando taco, se divertindo e às vezes a gente passava correndo na frente de casa e a minha mãe no tanque há mais de quatro horas. Então, minha mãe era uma baita de uma mulher, assim, que ela fazia tudo por nós. Então, a gente tinha divisões e era tudo muito igual. A minha mãe nunca as vezes meu irmão falava, ah por que que eu tenho que fazer? Não sei o que, minha mãe também sempre diz pro meu irmão "Ah, você tem que cuidar das tuas irmãs, não deixa ninguém machucar tuas irmãs, deixa ninguém se passar com elas", enfim. E ele assumiu muito esse papel assim, ele era muito, muito cuidadoso com a gente.

Então, assim, minha mãe, minha mãe, ela tinha isso, né? Ela era muito amorosa com a gente, mas ela também era muito, ela cobrava muito da gente. Ela odiava receber, saber que a gente aprontou alguma coisa na escola e isso era surra, com certeza absoluta, a gente apanhava assim. Nunca aconteceu, eu pelo menos não comigo, mas com meu irmão mais velho sim, mas é aquilo a gente sabia que aquilo era o auge do absurdo assim. Tu cometeu uma falha na escola era o a piores das coisas. Então a gente a gente cresceu muito nesse ambiente de respeitar, de obedecer, mas é... sempre questionando as coisas a nossa volta, nunca aceitando nada é... o primeiro fato, sem investigar se as coisas, como, como aconteceram as coisas, né? Não só nas coisas na vida, mas as coisas que a gente aprendia na escola, se aquilo que a gente tava recebendo como matéria realmente foi assim, foi isso que aconteceu, tu acha que foi isso? Então, a gente, a gente sempre foi bem questionado nessas coisas assim, o que é, facilitou pra que a gente aprendesse as coisas e conseguisse absorver melhor as coisas também, né? E enfim, e o meu avô, pra mim, meu vô sempre teve uma relação muito boa com os meus irmãos, mas é como ele me criou até os onze anos de idade, continuou sendo a minha referência, né? Até hoje ele é, já faleceu, mas até hoje ele é um uma grande referência na minha vida, eu aprendi com ele é a ser solidária, a ser carinhosa, é... a ter muita paixão pelas plantas, pelos animais, por cada conquista, por minúscula que fosse. Então, não ter vergonha de quem eu sou, isso também aprendi com a minha mãe. Então, a gente

cresceu, a gente teve, a gente teve bons valores, assim, a gente foi criado com é... tendo meu pai como um exemplo, digamos que negativo em alguns sentidos, né? Mas serviu de exemplo tudo que meu pai sofreu pra tentar se livrar das drogas, serviu pra que a gente repensasse, pensasse muito nesse caminho de enfim, né? De quando a gente era adolescente, essas facilidades que a vida traz, né? De conseguir droga muito fácil, essas coisas assim então, eu acredito que a gente cresceu num ambiente com bons valores e bons exemplos.

A sua família frequentava alguma igreja? Vocês tinham alguma religião? E você, você ia, enfim, como é que eram os valores na sua casa, assim? Como é que quem que passava o, os valores, que tipo de valores foram passados? E enfim como é que, como é que era esse tipo de, de ensinamento dentro da, da casa e na escola assim, você tinha também uma, um, você sente que você tinha essa relação de aprender valores dentro da escola como é que, como é que é?

Não gente, é todos os valores que eu aprendi, eu aprendi com a minha mãe e com o meu avô, né? Meu pai, eu aprendi a fazer mágica (risos). E na escola, assim, a minha mãe sempre ensinou a gente a ser muito crítico, sabe? tudo, a minha mãe era uma pessoa muito crítica com as coisas, assim, então, tudo tinha um questionamento, ela conversava com a gente, a gente respondia, ela perguntava sempre por que?, como assim?, como foi?, o que aconteceu? Da minha mãe, era a melhor das perguntas, né? E aquilo me irritava ao extremo, porque a gente tinha que detalhar as coisas pra ela. o que hoje eu consigo entender que ela tava fazendo aquilo pra que a gente conseguisse entender melhor as coisas, pra que não chegasse nenhuma informação e aquela, aquela informação fosse aceita da maneira que chegou, sem nenhum tipo de questionamento. Então, ela sempre instigou muito a gente, assim, a questionar tudo, é, sou uma pessoa extremamente crítica, até assim, muito por conta desse disso que minha mãe é nos ensinou, né? de questionar, de querer sempre saber a verdade, é como as coisas aconteceram, sempre ouvi os dois lados, isso é uma coisa era uma coisa muito forte na personalidade da minha mãe, a gente não conseguia enrolar ela, mentir, enganar ia contar alguma coisa pra prejudicar um irmão, ou um irmão contar alguma coisa pra minha mãe pra me prejudicar porque ela sempre tinha uma tá mas como assim? Como é que tá, sua irmã fez isso de graça? Do nada? Ela sempre ia mais a fundo assim, sabe? Então eu aprendi muito isso com ela e isso eu levei pra escola, ela nos ensinou a isso pra escola, né? Tudo que a gente aprendia na escola, depois ela por ser professora, ela, ela vinha com questionamento sobre... ela sempre foi muito rígida com essa questão da escola com a gente, né? A gente sempre teve que ter os melhores cadernos, os cadernos mais limpos, os cadernos mais organizados, coisas mais organizadas. Eu... ela falava muito, “cês não vão... eu sou professora, vocês não vão fazer eu passar essa vergonha, né?” Essa frase da minha mãe, assim. Então, ela nos ensinou sempre a respeitar muito o, os nossos mestres, né, os nossos professores. Então, isso também é uma coisa que eu passo muito pros meus filhos. Esse respeito, as as pessoas que ensinam, as pessoas que nos cuidam, né? Que que que que estão aqui pra nos trazerem algum, algo de bom, né? Então, ela sempre nos ensinou a respeitar muito as pessoas, principalmente as pessoas mais velhas. Isso também foi uma coisa que eu aprendi bastante com o meu avô.

E sobre os seus amigos da banda Punk, é onze meninos e você, né? E já naquela época, você já tinha noção que cê, cê tava sendo oprimida, né? Que você tava sendo sofrendo um preconceito machista por ser, a única mulher no meio de um monte feminino, ou você é uma coisa que você foi perceber depois, assim. É como é que, como é que era pra você aquilo, assim? E os seus próprios colegas, assim, como é que esses amigos, assim, os, eles, eles te tratavam normal como mais de uma amiga ou também tinha toda uma diferença, você acha que tinha toda uma diferenciação, porque você era mulher e enfim. Como é que era?

Então, é... sobre essa questão, se eu saber se tava sendo oprimida e sofrendo de machismo, ahm eu tinha treze anos quando eu iniciei na banda e eles eram meus amigos de escola, né? Que a gente se conheceu na escola e tal, é... e eles também não eles não praticavam, os meus amigos, machismo comigo porque que eu talvez... eles entendessem e nem eu entendia direito. É porque eu não eu não cresci nesse ambiente assim de machismo, essa coisa que há o homem pode, a mulher não pode. Eu sempre podia, minha mãe nunca disse que eu não podia fazer as coisas. Então, se a minha mãe, né? Meu avô, que eram as pessoas que que eram minhas referências, diziam que eu podia fazer e que eu não tava fazendo nada de errado, eu não me importava muito, assim, com o que as mães e os pais, os meus amigos pensavam sabe? É... eles me criticavam, eu vi assim que tipo as vezes não me convidavam pra entrar, quando a gente ia se despedir dos amigos, ia cada um ia, eu não morava no mesmo bairro, que eu que esses meus amigos, eu morava na Vila Dona Teodoro, eles moravam em uma umas quatro quadras pra cima, assim, todos eles moravam numa vila chama Vila dos Ferroviários, todos eles moram lá e ainda hoje, inclusive. E era uma vila com um pouco que as pessoas tinham um pouco mais de dinheiro do que o lugar onde eu morava. Então, eu achava que era mais por isso, assim, por ser um pouco mais pobre, sabe? Tinha um pouco de nojo, sei lá. Mas aí, um dia, eu tive essa conversa com a minha mãe, falei, olha, mãe, bá não sei as mães, pensam muito mais as mães que os pais me tratavam de uma maneira, ah, mas essa guria aí, mas tu sai de madrugada, com, com os meninos, tu é tão nova, me questionavam muito, assim. E a, aí, a minha mãe falou, olha, isso é machismo e tu não deve te importar com isso, é elas que tem que procurar ajuda, porque elas que tão sofrendo por isso e estão... e querem que tu sofra também. E elas não tem esse entendimento, minha mãe sempre foi muito, muito franca com essas coisas assim. Então, meu primeiro, digamos que meu primeiro impacto, assim, meu, meu primeiro contato com o machismo foi uma coisa mais sutil, porque eu, a minha mãe disse pra mim que eu não tava fazendo nada de errado e eu sabia que eu não tava dando de errado, eu não tava usando droga, nem matando ninguém, nem roubando e nem é me prostituindo e nem, enfim, eu estava tocando rock, cantando e fazendo o que eu gostava e tava tudo certo. Muitas pessoas pensavam, os meus vizinhos falavam com a minha mãe, a minha mãe me defendia. Então, isso me dava um, “ah, minha mãe tá me defendendo”, sabe? Então, pra mim foi tranquilo. Eu não percebi, minha mãe que me falou que aquilo era, era machismo, fui entender mesmo toda essa questão estrutural, cultural que a gente vive, conforme eu fui amadurecendo. A minha mãe sempre foi e sempre foi um ser muito político, então, minha mãe sempre trouxe essas questões que minha, como a gente vivia, minha mãe sabia que a gente vivia num ambiente de muito carinho, muita proteção, ela sempre teve muito medo do que a gente, eu e a minha irmã, o que nós íamos encontrar lá fora, né? Então, ela sempre se falou muito sobre isso pra gente, ela sempre falou muito

sobre abuso, ela sempre falou muito sobre estupro, sempre falou, olha, “homem nenhum, menino nenhum, pode colocar a mão nos peitos de vocês, nas partes íntimas de vocês, vocês não são obrigadas a fazer nada que vocês não queiram. Homem nenhum pode gritar com vocês, homem nenhum pode bater, isso é errado. Se vocês verem alguma amiguinha, alguém com a situação, vocês têm que ajudar ela, vocês têm que ajudar a denunciar”. Então, a gente nunca, eu, eu não tinha vivido essa situação, mas é... eu sabia que existia o porquê a minha mãe passou muito por isso, minha mãe foi adotada, né? Então, a minha vó faleceu no parto da minha mãe e aí a minha mãe ficou rolando pela família dela por um tempo, até que ninguém mais quis, ela foi prum abrigo, do abrigo, ela foi adotada. Então, lá nesse abrigo, ela sofreu os diversos tipos de, de, de maus tratos e abusos e... mas aí ela conheceu uma pessoa lá que foi a salvação da vida dela que era uma monitora desse abrigo que que passou todos esses valores e todas essas questões pra minha mãe até minha mãe ser adotada e ir pruma família muito boa que também ensinou valores, minha mãe foi adotada com treze anos de idade é... que também ensinou valores ela, né? E ela passou esses valores pra gente, mas ela viveu na pele muita coisa, então ela tentava, ela, eu via, assim, uma preocupação muito forte nela sobre essas questões e às vezes eu acho até que ela queria que a gente visse algum tipo de situação pra que... pra que a gente tivesse na prática o entendimento daquilo falando, porque ela falava sobre machismo pra gente, sobre sexismo pra gente e eu não, eu não conseguia entender aquilo, porque não fazia parte da minha realidade do meu cotidiano, meu cotidiano era, tipo, meu avô, que nos tratava muito bem, que sempre foi a favor da minha mãe sempre ajudou muito a minha mãe. O meu pai que era um brincalhão, um bobo, nunca fez mal pra ninguém e fazia mal pra ele mesmo, minha mãe sempre combativa, sempre guerreira, sempre trabalhadora, sempre esforçada. Então, meus irmãos, a gente sempre com os meus tios, minhas tias, sempre trataram a gente com muito carinho, então que mundo é esse que minha mãe tá falando? Sabe? Eu não via, eu não, dentro da minha família não tinha, na minha casa não tinha. Eu fui, eu ouvia história das minhas amigas contando, ah, meu pai bateu na minha mãe, meu pai bebeu, não sei o que, eu ficava pensando, poxa, meu pai também bebe, mas meu pai não bate na minha mãe. Sabe? Aí, aí eu ficava questionando essas coisas, mas que realidade é essa? Que aí eu fui amadurecendo isso aí com quinze anos eu entrei pra um movimento chamado o UJS né? União da Juventude Socialista que a minha mãe fazia parte também quando ela era adolescente e dali sim aí eu comecei também ser um ser político e comecei também a entender e ver outros casos, outras coisas e aí eu consegui entender um pouco mais, mas a gente aprende é na prática, infelizmente, eu aprendi muita coisa, me tornei uma outra pessoa, depois da violência que eu vivi.

Tá, então agora pro segundo bloco, é mais pra você falar sobre a sua vida junto com o seu ex-companheiro, que era o agressor. Como que você conheceu ele, como é que era a vida morando com ele, quanto tempo vocês ficaram juntos? Fala, fala das agressões, fala do que fazia, como que você via ele, assim, antes e depois, descreve ele pra mim, enfim, qual o marido? Não precisa descrever fisicamente, mas assim, eu, como que ele era enquanto companheiro, assim. E a isca pode detalhar eu sei se você se sentir à vontade, né, detalhar bastante, assim, a situação que você estava com ele. Por durante todo o tempo que vocês ficaram juntos e, enfim, o que que você, como é que, como é que, como é que era, assim, tanto como que eram as violências, as agressões, físicas, verbal, patrimonial, como é que era?

E se você sabia que aqui era que aquilo que você tava vivenciando era violência ou não, você tentou fugir, você ia ficando, porque achava que ele ia melhorar, como é que era isso, assim, tipo, me conta essa, essa etapa da sua vida junto com ele. Bastante detalhe também.

Então, é... isso aconteceu há fazem três anos. Não. Calma, tá? ahm enfim... eu fui casada, eu me casei com dezessete anos, com o meu primeiro marido e eu tive dois filhos com ele. Eu tenho uma filha que tem dezesseis anos e um filho que tem quinze. Aí me separei e tive mais dois. Mas então... Foi nesse período que eu conheci o que futuramente seria o meu agressor. Eu fiquei casada durante oito anos com o meu primeiro marido. E ele sempre foi um cara muito gentil, ele era amigo da minha família, ele foi meu professor de violão, a gente se conheceu logo quando eu vim morar em Porto Alegre e aí começou a me dar aula de violão e a gente começou... ele é oito anos mais velho do que eu, a gente começou a ficar e a gente namorou e aí eu perdi a identidade com ele vou descobrir e a gente casou. Mas eu casei gostando dele. Só que aí a gente casou e em seguida já tive a minha filha e aí um ano depois tive meu filho. E eu fiquei muito sobrecarregada. Ele trabalhava muito, né? Ele largou... ele parou de dar aula de violão e começou trabalhar de garçom pra poder sustentar a gente. E aí eu era muito nova, eu gostava de sair, eu gostava de tocar na noite, enfim. E a gente acabou se desentendendo muito por conta disso, mas ele nunca foi um homem violento comigo, ele sempre me tratou bem né? E aí ele acabou se apaixonando por uma colega de serviço dele, chegou em casa e falou, "olha, estou apaixonado por uma outra pessoa, eu não quero te enganar, eu não quero te trair". Só que aquilo foi um choque muito grande pra mim, porque eu já tava acostumada, né? Apesar de, da gente levando uma vida um pouco difícil, eu era muito nova, mas eu gostava, eu gostava muito dele. Então, eu fiquei muito magoada. Eu sofri muito com a nossa separação, né? Fui embora com as crianças, saí de casa, fui muito infantil, eu não deixava ele ver as crianças, eu incomodei ele por um bom tempo, porque eu não conseguia aceitar ele estar se relacionando, a gente terminou e aí um ou dois meses depois ele já estava com essa já tinha assumido o relacionamento com essa outra pessoa, né? Então, aquilo me machucou muito e eu era muito nova e enlouqueci minha cabeça. Incomodei ele no sentido de não deixar ele ver as crianças, fui mega infantil. E aí, eu não conseguia me relacionar com ninguém, assim, eu me bloqueei por causa da mágoa, né. Que eu... que eu tinha passado. E eu fiquei extremamente carente também. E aí, eu já conhecia o meu agressor, ele era um vizinho, um vizinho nosso, assim, um vizinho da minha família aqui em Porto Alegre. E só que ele tinha casado, tinha ido embora, então não fazia já um, uns oito anos, nove anos que eu não sabia dele. E ele retornou e aí ele já tinha dado em cima de mim antes. Aí inclusive quando eu estava casada. E quando ele voltou pra Porto Alegre e viu que eu estava solteira e morando sozinha com duas crianças ele começou a investir muito assim. Começou a me tratar extremamente carinhoso, dedicado, dando muita atenção pros meus filhos. E enfim, aí ele acabou me conquistando a minha confiança e a gente acabou ficando junto. Por um, um período bem curto, assim. Nós ficamos junto por um ano, um ano e meio, mais ou menos, namorando, né? A gente nunca morou junto, a gente ficou namorando e só que eu achava muito estranho, assim, porque a gente namorava e ele tinha família ali perto, a mãe, as irmãs dele moravam perto da onde eu tava morando. Então, ele ia ali, aí ele me via, a gente ficava junto durante o dia, até um período e depois ele ia embora, sabe? E foi assim, por um tempo e aí a família dele sabia que a gente tava junto, almoçava na casa da mãe dele, das irmãs dele e tal, mas aonde ele morava, de fato, ele não me

levava. Sempre inventava uma desculpa que tava se mudando, que não sei o que, que tinha algum problema. E aí eu fui me saturando disso, assim. E aí eu engravidei do meu filho, que hoje tem dez anos e quando eu engravidei, falei que eu tava grávida, disse pra ele que eu tava grávida, ele sumiu, ele sumiu. Nunca mais eu vi ele durante cinco anos. Ele simplesmente, eu não peraí... aí eu disse que tava grávida, ele sumiu por uns sete meses, uns dois meses antes do meu filho nascer, ele, ele apareceu, aí ele me contou uma história que ele tava muito confuso, que ele tava perdido, que, enfim, que ele tava bebendo muito, porque foi um impacto muito grande, ele saber que ele é ia ser pai e tal. E aí eu não quis mais, sabe? Eu disse, bom, passou sete meses, eu passei sete meses da minha gravidez sem ter notícia dele, ele vai chegar aqui, do dia pra noite, não tem como retomar uma relação assim, né? Tem que ter um, tem que saber o que que tá acontecendo. E aí meu filho nasceu, a gente sem ter um relacionamento mais. Ele registrou o meu filho e sumiu de novo. E aí sim, ele sumiu durante quatro anos, na verdade, foram quatro anos. Bom, neste período de quatro anos, eu com o filho, com três crianças, morando sozinha, é... quando o J tava com um ano e meio, eu, um ano e meio eu acho, eu comecei a namorar uma outra pessoa, a gente casou, a gente ficou junto, a gente morou junto por dois anos. E... nesse período que a gente tava juntos, eu sem saber notícias do pai do J, eu soube uma notícia que, por um amigo dele que eu não via também há muito tempo, que ele tinha sido preso, que ele tava preso, por isso que ele não tinha vindo mais me ver, nem ver o J., mas eu não e quando a gente, quando ele tava solto ainda, né? a gente já tinha terminado o nosso relacionamento. Então, eu estava tranquila por já ter iniciado, depois de um ano e meio, ter iniciado um outro relacionamento. Só que daí ele começou, ele conseguiu o número do meu telefone, através desse amigo dele, ele começou a me ligar de dentro da cadeia, ele começou a me ameaçar, começou, enfim, começou a falar que quando ele saísse, ele ia me matar e tal, um monte de coisa assim. E assim foram os cinco anos e os cinco anos que ele que ele ficou na cadeia, foram cinco anos que ele ficou me ameaçando

E aí isso acabou prejudicando o meu novo relacionamento que eu tava. Né? E aí a gente acabou brigando. E eu terminei com esse outro relacionamento que eu tava. E quando eu terminei descobri que eu estava grávida. Aí meu filho... aí eu fiquei nesse relacionamento por dois anos, né? Meu filho já tava com quase quatro anos e aí eu descobri que eu tava grávida e aí nesse meio tempo quando eu descobri que tava grávida o meu agressor ele foi solto e aí começou o inferno porque eu tava sozinha com três crianças e grávida da minha quarta filha e aí meu companheiro, né, meu ex-companheiro que tava comigo na época era um cara um pouco mais novo do que eu e ele se assustou muito com as ameaças, né? E aí o pai do J. foi solto, né? O meu agressor foi solto e... e eu tava morando ainda relativamente perto da onde eu tava morando antes. E aí ele começou a nos incomodar, assim, ele começou a nos perseguir. E aí, um dia meu, meu companheiro tava voltando do serviço e ele atacou meu companheiro, ele deu duas facadas, ele foi, ele foi pro hospital, né? Disse que tinha sofrido um assalto, mas na verdade tinha sido o pai do J., que tinha dado dar chocada nele, ele ficou com sequelas, ele não morava em Porto Alegre, a família dele era do Piauí e ele voltou pro Piauí. E eu fiquei sozinha com três crianças, uma criança na minha barriga e um agressor atrás de mim. E aí a minha vida virou de ponta a cabeça, porque ele queria retomar o relacionamento do zero como se não tivesse acontecido nada nesse período de cinco anos e eu não queria de jeito nenhum, porque daí ele se mostrou como ele realmente era, um cara extremamente violento, que não aceitava um não como resposta e aí eu

não conseguia trabalhar, eu não conseguia viver, eu não conseguia fazer nada, porque ele começou a me seguir em todos os lugares onde eu tava. Quando eu menos esperava, ele aparecia? E eu comecei a ficar muito nervosa, eu comecei a ficar muito ansiosa, comecei a ficar depressiva por causa disso, porque ele vivia me ameaçando, mas até então ele nunca tinha me agredido. Ele dizia, “não, tu vai voltar pra mim, porque eu sei que tu me ama” e eu disse, “olha, não existe, eu não quero, olha o que tu fez, estragou meu relacionamento, mas enfim, pra ele, ele não tinha feito nada demais, sabe? Só que eu já tava com muito medo dele. E aí ele começou a me ameaçar e aí, por conta desse medo que eu tava sentindo dele, eu resolvi entregar meus filhos mais velhos pro pai deles cuidar porque eu tava me mudando toda hora pra tentar fugir desse, desse cara, né? E eu não queria contar nada pra ninguém, porque era um problema que eu tinha criado, fazia, era o que eu imaginava na época, hoje eu tenho um outro tipo de entendimento, mas eu não, não, não tinha coragem de falar pras pessoas que ele tava me ameaçando, tava me perseguindo e aí eu comecei a fugir, eu morava de aluguel e eu comecei a trocar de casa e aí eu não conseguia mais trabalhar, tinha que tá trocando de emprego e... e tava passando por muita dificuldade, né? E por conta disso, também, eu resolvi entregar os meus filhos, porque o pai deles sempre teve condições financeira de cuidar, sempre foi um bom pai, é até hoje. Então, eu tava tranquila nesse sentido, né, depois, com o tempo, ele conseguiu entender, na época, ele não conseguiu entender direito o que tava acontecendo, hoje em dia ele entende que foi porque eu tava eu tava completamente desesperada, né? E, inclusive, pra própria segurança das crianças, né? E aí eu fugi muitas vezes, ele começou a me ligar, me ligava de madrugada, ele aparecia na frente da minha casa três horas da manhã, bêbado, quatro horas da manhã, ele arrebatava minha janela, eu chamava a polícia. Só que nesse meio tempo o meu vô adoeceu novamente, adoeceu de novo por causa do câncer. E eu fui morar com o meu avô pra poder cuidar dele. Então, aí eu tive um endereço fixo, né? Tava morando na casa do meu avô. Então, ali que foi o auge do inferno, assim, porque eu consegui um serviço perto da minha casa, as crianças, aí a minha filha nasceu, coloquei ela na escolinha, e ela ficava inclusive na mesma escola que eu dava aula, né? Que sou professora... E aí eu não conseguia mais me concentrar pra fazer as coisas, porque a cada cinco minutos ele me mandava uma mensagem, ele me ligava, se eu não atendia o telefone, ele aparecia onde eu tava, parecia que ele tava vivendo exclusivamente pra me torturar.

E aí foi quando ele decidiu que a gente ia morar junto. Porque... não tinha escolha. Eu ia morar com ele porque ele achava que eu tinha cometido um erro gravíssimo de ter casado com uma outra pessoa quando ele tava preso. Então eu merecia um castigo e meu castigo era querendo ou não eu ficaria com ele. E eu batendo o pé e dizendo que “não, a gente não tava se relacionando”. E aí um dia ele, eu fui buscar minha filha na, meu filho na escola, né? Que inclusive era filho dele, ele nunca se interessou pela criança, ele colocou uma faca na minha cintura, fez eu entrar dentro do carro e me obrigou a ficar com ele. E aí começou isso. Ele queria que eu dissesse por livre espontânea vontade que eu amava ele, só que eu não conseguia. Então, é... eu saía do serviço, ele tava sempre na frente do meu serviço me esperando. Ele me levava até a escola pra mim pegar as crianças, ele me levava até em casa, se eu saísse na rua, pra rua, pra fazer qualquer coisa e ele ficar sabendo, ele me ligava, perguntava onde eu tava, o que eu tava fazendo, com quem eu tava. Às vezes ele pegava meu celular, ficava três dias com o meu celular, pra saber as pessoas que tinham me mandado mensagem, as pessoas que falavam comigo. Aí ele começou a me bater. Muito. várias vezes por semana, inclusive.

Me ameaçava... ele começou a beber muito, então ele, ele bebia e ia atrás de mim, ele me ligava, "onde é que tu tá? O que que tu tá fazendo?" Começou a me maltratar, nesse sentido psicológico e fisicamente também.

O seu, o seu primeiro marido, você disse que ele era oito anos mais velho que você, com qual a idade que cês começaram a se relacionar? É ele era o seu professor, né? Qual a idade que você tinha quando vocês começaram a se relacionar.

Eu tinha treze anos quando eu conheci ele, que ele foi meu professor de violão. E daí com dezesseis pra dezessete, com dezesseis a gente começou a namorar e com dezessete a gente casou, com dezoito eu tive minha primeira filha, com dezenove, eu tive meu segundo filho. E com vinte e três anos a gente separou.

O seu segundo companheiro que foi o agressor, né? Ele trabalhava de alguma coisa e por que que ele tinha sido preso? Aí você diz também que ele sumiu por quatro anos, aí você não sabia e aí depois você ficou, você descobriu, aí ele pegou o o seu telefone e aí ele passou um período te ameaçando, via telefone de dentro da cadeia, é isso? Aí esse período do telefone durou mais cinco anos, no total ele ficou nove anos preso, foi isso? ou eu que me perdi aí nas contas. Desculpa.

Então, o meu agressor, ele trabalhava, ele tinha um caminhão e ele trabalhava de transporte, carga e descarga de caminhão, alguma coisa nesse sentido. É... ele foi preso porque ele estava envolvido com o tráfico, coisas que eu descobri, eu fui descobrir quem ele era, descobri as coisas sobre a vida dele. É... depois, depois de muito tempo, assim, na verdade, quando eu já tinha ido pra abrigo, quando eu já tinha ido pra Mirabal, a gente, quando eu comecei a processar ele, quando eu comecei a, enfim, a colocar protetiva e tudo mais, que eu fui descobrir que ele tinha mais cinco protetivas contra ele, cinco mulheres diferentes, que ele já tinha sido acusado de estupro, que o que ele fez comigo ele fez com outras mulheres. Então coisas que foram aparecendo depois. E não foram dez anos, foram só cinco, nesse período desses cinco anos ele ficou me ameaçando de dentro da cadeia e aí quando ele saiu, meu filho já tava com cinco anos, o meu filho, filho dele, né? Quase cinco anos, na verdade. E... eu já tava vivendo um outro relacionamento. E... que daí eu foi que eu engravidei da minha filha, né? Que hoje tem sete anos de idade.

E o companheiro que foi pro Piauí, ele assumiu a filha dele, colocou nome, ele tem contato, ou ele só simplesmente foi embora e com medo e nunca mais falou com contigo.

Então, quando a gente se separou, quando aconteceu dele levar as facadas, e... ir embora eu tava com um mês e meio, mais ou menos, eu nem sabia ainda que eu tava grávida. E aí ele foi embora, ele não... os primeiros cinco anos da minha filha, os primeiros quatro anos da minha filha, ele não teve nenhum tipo de contato, a gente falava pelo Facebook, às vezes ele depositava um dinheiro na minha conta, às vezes não. A família dele tinha muita raiva de mim, porque ele ficou com sequelas, eles me culpavam por causa disso então a gente só se afastou e... e foi um período bem difícil assim, tanto pra ele quanto pra mim, porque a gente gostava muito. Mas ele quase morreu, ele me culpou no primeiro momento por isso, né? Família dele me culpou também. Ele era o único, a única pessoa que sabia que eu tava sendo ameaçada, mais ninguém, eu não falei pra ninguém da minha família, eu não falei pro meu avô, não falei pros meus irmãos, não falei pra minha mãe, não falei pra ninguém porque eu... nem pro meu primeiro companheiro, porque eu tinha muita, muita, muita, muita vergonha do que tava acontecendo, sentia extremamente culpada pelo que aconteceu, por todas as coisas que aconteceram. Eu achava que eu merecia passar pelo que eu tava passando por ter me envolvido com uma

pessoa que nem ele. Então, ele me prendeu muito na parte psicológica, assim, sabe? Que eu, ele me prendeu na vergonha porque eu tinha vergonha das coisas que ele fazia comigo e... por já ter uma filha, minha filha já tava grandinha, ela me questionava muito. “Mãe, por que que tu tá com o rosto machucado? Mãe, por que que tu tá com, sei lá, com o nariz machucado? Por que que tu tá com essa mancha de roxo no braço?” e tal, eu chegava em casa, porque ele me pegava nos lugares quando eu tava indo pro serviço ou indo pra faculdade ou indo buscar uma das crianças em algum lugar. E aí ele chegava nesses lugares e se ele estava bêbado era sempre violento, assim. Então eu já não saía mais pra rua por conta disso assim porque eu tinha que esconder as marcas do meu corpo de estar machucada. Por medo dele, por vergonha. Então, eu me transformei numa outra pessoa. Eu perdi a alegria de viver, eu não, eu não saía mais com os meus amigos, eu parei de tocar, eu parei de sair, eu larguei a faculdade, eu vivia trancada em casa com medo, eu vivia vinte e quatro horas por dia única e exclusivamente pra satisfazer as vontades do que ele queria e quando eu não satisfazia como ele queria, ele me machucava e ele começou a me tratar como se eu fosse algo que pertencesse a ele, assim, foi um período... muito... difícil na minha vida, assim. Que eu não me reconhecia como ser humano.

E aí você diz que que deu um determinado momento que você decidiu pegar os seus filhos mais velhos e entregar pro pai que é o músico, seu ex-professor de violão. Aí você diz que ele num primeiro momento não entendia, mas depois ele entendeu. Por que que ele não entendia? Ele sabia o que que tava acontecendo? Ou você, você não contou? Ele achou ruim ter que ficar com os filhos, achava que era você que tinha que ficar com eles? Como é que era? Essa situação.

Ah, o meu primeiro companheiro ele estranhou porque eu sempre quis ficar com as crianças, ele sempre me ofereceu, né? Por eu morar de aluguel e ele ter uma casa, que ele morava com a mãe dele, enfim, ele tinha uma estrutura financeira melhor. Ele sempre falou, “deixa as crianças morando aqui, tu não vai perder nenhum tipo de contato, não vai...” E eu nunca quis assim, sempre quis ficar, posso esquecer de casa com as crianças e tava seguindo a minha vida com os meus filhos, né? Estava na escolinha, na creche, eu trabalhando e a vida seguindo. Então, nesse sentido, assim, que ele estranhou, que do dia pra noite, eu decidi, eu conversei com ele, disse, “olha, não tem condições”. Ele achou estranho porque ele, a família dele pagava no o aluguel da casa onde eu tava morando, né, do apartamento onde eu morava. Então, ele não conseguia entender. E aí, ele perguntou, “tá te faltando alguma coisa, tá precisando de mais alguma coisa?” E eu não tinha coragem de falar, “olha, eu quero entregar as crianças, porque eu não quero que a minha filha, né? que já tem um entendimento maior tá? já tá maiorzinha, cresça vendo a mãe dela sendo espancada, chegando em casa machucada”. Ou às vezes eu tinha que deixar as crianças em casa sozinhas, e sair. Aí então era uma situação assim caótica, só que eu não tive coragem de dizer o motivo real, né? Aí por um tempo ele achou que eu tava me relacionando com alguém que não aceitava meus filhos, enfim... eu passei por um período bem conturbado com ele nesse primeiro momento, porque eu não contei pra ninguém o que tava acontecendo, então as pessoas não entendiam o porquê que eu tinha mudado tanto. Por que que eu não ia mais ser os domingos, almoçar com a minha família, por que que eu não ia mais tocar? Por que que eu não ia mais em aniversário de amigo? Por que eu não saía? Eu era uma pessoa que tava sempre saindo, tava sempre na noite, tava sempre esperando alguma coisa e, de repente, eu fiquei só dentro do meu mundo e o meu mundo era trabalhar, cuidar do J., da minha filha, que

depois nasceu, né? E satisfazer as vontades dele porque ele tinha que me castigar. Porque eu, no pensamento dele, eu cometi um... cometi um erro.

É uma coisa que eu acho que eu não entendi direito, sim. Ele você diz, ah, ele decidiu que a gente ia morar junto. E aí, você foi morar junto com ele? como é que ele pegava o celular e ficava com ele três dias e só te devolvia depois. Ele ficava, era a tortura da perseguição, mas vocês chegaram a estar no mesmo teto, sob o mesmo teto?

Então, não, a gente nunca chegou a morar junto. É... ele sabia onde eu morava e eu, na época, tava morando sozinha. Não, eu tava casada. E aí, aconteceu o que aconteceu, eu fiquei morando sozinha. E aí, ele não aparecia todos os dias. Ele aparecia quando ele tinha vontade de aparecer. E aí quando, só que, quando ele, ele não tava junto comigo, ele me ligava pra saber onde eu tava, o que eu tava fazendo e se eu dissesse “ah, eu tô no mercado”. “Ah, mas tu não pode ir no mercado”. Ele aparecia no mercado. Então, ele tava sempre por perto. Ele ficava com o meu celular pra saber se eu tinha recebido ligação de alguém, se eu tava saindo com alguém, se eu tava com alguém. Então, ele decidia ficar com o meu celular, eu pegava o meu celular, eu levava, se eu dissesse que não, ele me batia. E assim, ele me obrigou, ele queria que perante as outras pessoas que a gente fosse um casal, um de namorados normal, que eu gostava dele, ele gostava de mim, só que na verdade não era isso, na verdade ele me obrigava e aí as pessoas acharam que a gente tinha voltado, que a gente tinha reatado e ele fazia questão de transparecer isso pras pessoas, de andar comigo na rua, de mão dada, de mostrar pras pessoas, de sair comigo, mostrar pras pessoas que a gente estava junto. E... quando na verdade eu já tinha dito um milhão de vezes pra ele que eu não queria ficar com ele de jeito nenhum. Mas ele não entendia o não. E aí também ele acabou ficando... eu descobri algum tempo depois que ele era bipolar, né? E só que ele não fazia tratamento e ele tomava medicação. Então ele começou a ficar extremamente paranoico assim, sabe? Ele achava que eu enganava ele o tempo todo, ele achava que eu mentia pra ele o tempo todo. Então, ele começou a ficar muito neurótico com essas coisas. Por isso que ele pegava o meu celular, por isso que eu saía do serviço e quando eu botava o pé pra fora do serviço, ele já tava na frente do meu serviço, pra me levar até a escola das crianças, pra escola das crianças já me trazer pra casa, pra, pra eu não ter nenhum tipo de contato com ninguém, pra que eu não contasse o que ele tava fazendo me obrigando a ficar com ele. E pra que eu não me relacionasse com ninguém. Então era uma coisa assim muito de... muito possessiva. E às vezes eu me desesperava. Eu chorava. Eu não conseguia... satisfazer ele da maneira que ele queria. Então aí é que vinha as surras, aí que vinha as torturas, né? Que era aí que ele me machucava mais e saía comigo no meio da madrugada, me levava na frente de alguns matos, falava, “ah, eu te amarrar, vou jogar teu corpo aí, eu vou te matar, vou te sufocar e vou jogar teu corpo nesse valo, vou jogar teu corpo nesse mato, se tu contar pra alguém eu vou matar teus filhos, a tua filha já tá bem bonita”. Coisas desse tipo assim, “vou matar teu, teu avô”, porque meu avô já tava doente, então...

É que o que ele queria era que as pessoas achassem que a gente tinha um relacionamento. Só que depois que... da... Bom, aí ele começou a me a me perseguir. Muito. E eu... como eu morava de aluguel eu me mudei algumas vezes, só que daí nesse meio tempo o meu vô descobriu que tava com câncer e eu fui morar com o meu avô. E o meu avô achava que a gente tinha voltado e que nós tínhamos um relacionamento. Nós éramos namorados. E pro meu avô era tranquilo assim, sabe? Meu vô conheceu ele,

achava ele um cara bacana. Porque na frente das pessoas ele me tratava de uma maneira... aí que ódio, ódio, muito ódio disso. Ele me tratava muito bem, ele era daquele tipo que puxava a cadeira pra sentar aqui, abria a porta do carro, que que sabe? Que tava o tempo todo fazendo as coisas pra agradar. Então, as pessoas tinham uma visão dele que ele era uma pessoa, nossa, um cara espetacular entende? Era difícil pra mim falar pras pessoas que ele, na verdade, ele era um monstro. Que a maioria das pessoas não ia acreditar em mim. Então, também por conta disso eu não contei. Por que meu avô estava muito doente e eu não queria preocupar também o meu vô. Não queria deixar meu avô nervoso. Só que aí ele começou a ficar muito neurótico, ele começou a me machucar demais, demais, demais, demais, começou a me torturar, me amarrar. Me tirava de casa, ficava comigo dois, três dias direto, sabe? Às vezes não me dava nada pra comer, me obrigava a manter relações com ele, daí eu vinha pra casa, daí meu avô ficava brigando comigo, “porque que eu deixei ele sozinho, com as crianças e tal”. Então, começou a se tornar uma coisa bem difícil e eu tava ficando, eu tava enlouquecendo, eu tava enlouquecendo. Eu tinha conseguido um emprego num lugar onde eu queria há muito tempo, uma escola que eu queria há muito tempo dar aula, que eu tinha uma amiga minha que trabalhava lá e ela sempre falou muito bem da escola e tal. E aí eu consegui passar no concurso e consegui esse emprego. E eu não queria largar esse emprego de jeito nenhum. Eu tava com um salário bacana, num lugar bacana. Só que todo mundo percebeu que eu não tava conseguindo me dar conta do serviço. Eu não conseguia dar atenção pras crianças, eu não conseguia ministrar uma aula, eu não conseguia me concentrar em nada e eu tava apática a qualquer situação que tivesse acontecendo. E também, porque as minhas colegas, né? na grande maioria, mulheres, elas começaram a perceber que eu, que eu tava machucada, que eu ia com o olho roxo, que eu ia com o braço machucado, que eu ia com uma mordida, que eu ia, eu tava sempre muito num calorão, eu tava sempre com muita roupa. Então, todo mundo começou a perceber que tava acontecendo... as pessoas começaram a perceber que tava acontecendo alguma coisa muito de errado comigo. Porque eu tava o tempo todo assustada, eu tava o tempo todo tensa, eu tava o tempo todo irritada, eu tava o tempo todo chorando, eu tava eu, eu não comia, eu mal dormia, então eu virei um zumbi e aí eu comecei a fugir. Eu fugi dele, a primeira vez eu fiquei vinte dias escondida na casa um amigo meu, eu não contei o que aconteceu, eu inventei uma desculpa qualquer, fiquei vinte dias e consegui me tranquilizar, pensar no que eu ia fazer, eu decidi que eu ia denunciar, que eu ia contar pra todo mundo e aí eu voltei pra casa do meu avô e quando eu voltei, nossa, ele, ele me machucou muito, assim, no outro dia quando eu tava em casa, ele ele foi, esses vinte dias ele foi todos os dias na casa do meu avô, ele me ligou todos os dias, eu não atendi o telefone, meu vô também não sabia onde eu tava. E aí, quando eu voltei, ele, ele, eu saí do serviço, inclusive, por causa disso... Ele me machucou muito. E aí, quando ele me largou em casa, eu peguei as crianças e eu fugi de novo. Aí foi pra casa de uma amiga minha, contei o que tinha acontecido. Ela, “não, tu vai denunciar, tu vai denunciar”. E eu fiquei com muito medo. Voltei. Aí, foi quando ele me amarrou e... e ficou andando comigo por horas. Dizendo que se eu fizesse aquilo de novo ele ia acabar me matando e aquilo entrou muito forte na minha cabeça, porque eu tinha muito medo de morrer e deixar meus filhos, deixar meu avô. E aí, eu comecei a obedecer e fazer tudo o que ele queria.

Na terceira etapa, eu preciso que você me fale qual foi o clique que te deu, assim, pra você fugir, ou tipo assim, você fugiu várias vezes, ou, como que foi, assim, que

você resolveu sair disso assim e buscar ajuda, que tipo de ajuda você buscou primeiro, depois, enfim. E e aí, onde que, como que entra a Mirabal na sua vida, assim? A dica vai falar, depois, depois disso, né? Assim, cê me diz, como é que era viver quanto tempo você ficou lá, o que que você fazia lá, como que você foi acolhida, eh você aprendeu coisas lá, como que foi essa, essa vivência, essa experiência na Mirabal e e como que ela te transformou de certa forma, assim.

Bom, daí como eu comecei a obedecer todas as coisas que ele queria que eu fizesse e as pessoas começaram a entender que a gente tinha um relacionamento é... uma amiga minha, minha melhor amiga, ela foi morar comigo. Ela morava em Bagé e aí ela tinha conseguido um emprego bacana aqui, ela tava fazendo assistência social, alguma coisa assim. Ela conseguiu um serviço bacana, perguntou, “ah, posso ficar morando contigo um tempo até, eu consegui alugar alguma coisa e tal”, eu disse, “não, tranquilo.” Pra mim era ótimo pra eu ter alguém pra conversar, né? Que, enfim, era a minha melhor amiga, né? E aí, eh, só que tinha um porém, nessa história, eu tinha que esconder da minha amiga, que eu sofria agressões, que eu sofria ameaças, né? Mas ela me conhecia demais, ela me conhece demais, assim, ela, ela me conhece no olhar sabe? E ela começou a perceber que eu sumia durante dois, três dias, que eu chegava em casa machucada, que eu não comia, que eu tava fumando demais, que eu comecei a beber de noite, eu chegava em casa, eu tava tomando, tava bebendo, tava tomando cachaça, tava enlouquecida, assim, tava... eu tava transformada numa pessoa que não era eu, assim, sabe? E a gente tava vivendo só com a pensão do meu avô, que eu não tava mais trabalhando. E meu, meu primeiro companheiro, pai dos meus filhos mais velho, ele continuava me ajudando, né? Então, mas enfim, não tinha grandes dinheiros e ela achava estranho porque ela, ela me conheceu sempre trabalhei, sempre fiz um monte de coisa, sempre fui muito ativa e ela começou a perceber que tinha algo de muito errado acontecendo comigo. E... e a primeira coisa que ela desconfiou foi que eu tava sendo agredida porque ela percebeu os machucados, né? E eu sempre dando desculpa, “é os meus nervo, um aluno, ahm um aluno meu me machucou, não sei o que, eu caí”, tava sempre com uma desculpa e ela, “não. Tá acontecendo alguma coisa”. E aí, ela começou a me incentivar, a contar, primeiramente, pra ela, né? E aí, eu contei pra ela e pros meus dois outros melhores amigos, são meus irmãos de coração, assim, e todo mundo se chocou. Eles não acreditaram. No primeiro momento fui julgada porque eles... “porque tu não falou isso pra gente isso antes, porque que tu tá passando por isso sozinha, a gente percebeu que tava estranha”. Tava todo mundo de mal comigo, as pessoas tavam de mal comigo, porque eu tinha me transformado numa pessoa estúpida, tinha me transformado numa pessoa irritada, eu não atendia telefonema, eu não falava com ninguém, eu tava sempre estressada, eu comecei adoecer, tava sempre com enxaqueca, eu tava sempre, sempre doente, sempre gripada, meu corpo tava adoecido. Então, eu não, eu não falava com as pessoas. E aí, quando eu contei o que tava acontecendo, as pessoas que tavam próximas de mim, elas se chocaram e começaram a me apoiar, pra que eu denunciasse, mas eu tinha muito medo de denunciar e acontecer alguma coisa com essas pessoas mais porque ele ele vivia me ameaçando “se tu contar isso pra alguém eh eu vou...” ele sempre sempre tocou no nome da minha filha, “vou matar tua filha, vou não sei o que”, então ele me dominava assim mentalmente, psicologicamente, muito. Só que um dia ele pegou o meu telefone e um dos meus amigos que tocavam na banda junto comigo, ele já tinha piorado bastante, né? Meu agressor já tinha pirado bastante, tava bebendo muito,

tava me agredindo muito, tava me obrigando a manter relação com ele direto, que é estupro, né? Porque eu nunca quis, então tava me estuprando direto, ele tava me maltratando direto. E... ele pegou meu telefone e esse casal de amigo meu, a esposa dele tava grávida e eles eram muito meus amigos. E aí eles ficaram me mandando notícias, eles tavam morando longe da gente, né? Eles tavam morando no Rio de Janeiro na época e eles me mandavam notícias pelo WhatsApp. “Ah, a gente fez a ecografia do nenê, é um menino, não sei o que”. E eles me tratavam como me chamavam de meu amor, de, “ah, meu amor, tu nem sabe”. Que eu sou madrinha do, de, de, desse bebê, né? “Ah, porque o bebê mexeu, não sei o que.” E aí, um dia, aí quando a minha amiga, minha comadre, a x, foi pra dar luz pro x, que foi de madrugada, eles me mandaram um, um, o meu amigo, eh, me mandou uma mensagem do celular dele pro meu celular e dizia assim, “meu amor, tu nem sabe o que que vai acontecer hoje. A luz das nossas vidas, alguma coisa assim tá chegando eh pra trazer muito amor, pra gente”, coisas assim, sabe? Falando sobre o nascimento do meu afilhado, né? E ele achou que eu tava tendo um caso com esse homem. Com esse meu amigo e ele enloqueceu. Muito. E aí ele disse que... que eu ia pagar isso. E eu tentei conversar e explicar que não não tinha acontecido nada, que ele era só meu amigo. Eles moravam no Rio de Janeiro, eu não tinha contato nenhum com eles. Que enfim, ele estava falando sobre o nascimento do meu afilhado, que a esposa dele tinha, tava indo dar à luz e tava participando de tudo, porque, enfim, eu conheci, eles já, né, desde que eu vim morar em Porto Alegre, desde que eles começaram a namorar e ajudei no relacionamento deles, então, eles me participavam de tudo que tava acontecendo essa gestação. Só que aí pra ele aquilo foi um absurdo, ele ter me chamado de amor e aí foi quando foi o o clique, o ápice. Que... que ele começou a querer que eu mantivesse relação com ele e outros homens junto. Como castigo, não sei... por prazer, não sei o motivo. E aquilo me deixou com muito medo. E eu disse que não. E ele disse que sim. E assim ele fez. Um dia eu tô indo buscar minha filha na escolinha. E eu chego lá na frente da escola, ele tava lá, ele ficou acho que uns quinze dias, dez dias, sem falar comigo depois que eu disse que não. Eu tava morrendo de medo todos os dias, porque nesse período de dez dias ele não me ligou, ele não mandou mensagem, ele não apareceu, ele simplesmente ficou em silêncio. E eu tinha certeza absoluta que esse silêncio significava algo muito ruim, né? E aí... um dia, nesse dia, eu tô indo buscar minha filha, era por volta de umas cinco horas da tarde, dia cinco de maio de dois mil e dezessete. Ele me colocou dentro do carro. Eu liguei pro meu avô, pedi pro meu avô ir buscar minha filha na escola. Que ele disse pra mim que a gente ia demorar e que eu ia ter uma surpresa. Eu comecei a gritar desesperada dentro do carro. Ele me deu um... alguma coisa pra eu beber, acho que tinha droga, não sei. E me levou prum lugar... No meio do caminho, ele me deu uma roupa pra eu trocar. Eu tava de calça legging e camiseta. Ele me deu um vestido de dormir. Eu esqueci como é que chama... uma camisola. E... eu apaguei. E nesse dia eu sofri um estupro coletivo. E... Eu fui pro hospital. Esses meus amigos foram também. Quando eu... eu tinha que contar pra alguém onde eu estava o que que tinha acontecido comigo. Essa minha amiga que estava morando comigo foi até o hospital. E ela disse “chega”. Aí eu fui pra casa, depois de três dias... tinha uma delegada lá no hospital, me encheu de pergunta, eu não quis, no primeiro momento, falar sobre nada. Aí tava dois dias em casa, eu tentei me matar, tentei me enforcar e aí essa minha amiga que foi um anjo que Deus colocou no meu caminho procurou um lugar chamado Themis. Onde nós havíamos feito um curso sobre cidadania a uns anos atrás. É uma ONG feminista. E... quando a gente, quando ela foi até esse

lugar e contou a minha história, elas ficaram é... bem preocupadas assim com o que tinha acontecido. E nesse curto tempo eu não saí da cama, não falei com ninguém, eu não comi, eu não... eu não, não me lembrava do que tinha acontecido direito. Só sabia que tinha acontecido. E aí nesse lugar, lá na Themis, essas meninas falaram sobre a essa casa de referência, né? Falaram sobre a Mirabal e aí eu, eu não queria ir, eu tava com muito medo, assim, de tudo, não sabia nem mais o que eu pensava? Eu não sabia nem quem eu era, mas eu não tinha mais. Eu vi a vida tinha acabado ali naquele dia. Eu tinha desistido de tudo.

Mas aí essa minha amiga conseguiu me convencer da gente ir pra Mirabal. Que... só que eu estava com medo porque eu não conhecia ninguém nesse lugar. Eu não sabia como funcionava, não sabia como as pessoas iam reagir com o que tinham acontecido comigo. Pro estresse emocional que eu tava vivendo, eu... eu queria silencio, eu não queria ver ninguém, não queria falar com ninguém e a minha amiga disse “x, a gente tá perdendo tempo, vamos embora, antes que esse cara reapareça, ele vai fazer de novo o que ele fez contigo e aí tu já tá nesse estado emocional crítico, tu vai piorar e as coisas vão piorar e tu vai acabar morrendo, porque tu não tá tendo nenhum tipo de reação, né? Nenhum tipo de ação, então eu vou agir por ti.” E aí... E aí, no dia nove de, dia dez de maio de dois mil e dezessete, a gente... ela chamou um Uber, eu coloquei uma mala de roupa dentro do carro, algumas comida pras crianças, um pouco de dinheiro, me despedi do meu avô que tava doente, com câncer que eu tava cuidando e fui, fui embora, abandonei minha casa, meu avô, minhas roupas, minhas coisas, meus livros, minha vida. E... e fui. Na verdade eu fui levada, né? Minha amiga, minha amiga foi na escola das crianças, pegou as crianças no meio da tarde e... e ela que fez a mala de roupa, a gente levou uma mala de roupa só. Que nessa mala de roupa tinha roupa pra mim, pra ela e pras crianças. e uns brinquedo pras crianças e foi, foi só isso. E uma televisão, a gente levou minha televisão. Ela tinha ido um pouco mais cedo lá nesse lugar, ver se a gente realmente poderia ir, como que era o ambiente, ela gostou, organizou as coisas e me levou. E aí, os primeiros... o primeiro mês, assim, foi um absurdo pra mim, porque eu odiava todo mundo. Eu odiava todas as gurias, eu me odiava, odiava meus filhos, eu odiava minha amiga, eu odiava a vida, eu odiava tudo. Eu não saía do quarto, eu não falava com ninguém, eu não dormia. Aí as gurias conseguiram um atendimento clínico pra mim, é minha médica orientou uma avaliação psicológica, conseguiram uma psicóloga pra mim, a minha psicóloga é... orientou uma avaliação psiquiátrica. E o psiquiatra começou a me medicar. E aí eu comecei fazer terapia com mais um anjo que Deus colocou na minha vida que foi a minha psicóloga, a x. Que foi uma pessoa, é uma pessoa extraordinária, que teve muita paciência que... que me cuidou e me tratou com muito amor, muito respeito, muito carinho, muita paciência. Eu acho que eu não teria conseguido é... vencer essa etapa, sem essa, essa ajuda, sem essa, essa humanidade dessa mulher de ter insistido e persistido em me ajudar. E aí foi isso, assim. Aí com o tempo eu, com as medicações, né? Aí claro, no primeiro momento assim, eu tinha muito medo de tudo, não fui pra rua, não falava com ninguém, ficava trancada no quarto, eu tinha pesadelos, eu tomava medicação é... não dormia sozinha de jeito nenhum, a minha amiga tinha que dormir na cama comigo, de mão dada, com a luz acesa, eu comecei a ouvir vozes, comecei a ver vultos, então eu tava enlouquecendo, mas aí com a terapia é... dos medicamentos e com a terapia psicológica aos poucos, né? E aí, claro, eu tive muito, muito amor, muito carinho, muito respeito por todas as meninas lá da Mirabal. A x,

inclusive, foi uma das primeiras que conheceu a minha história, que me ajudou, que me levou nas audiências, né? Que ficou noites acordada cuidando de mim, porque eu dei muito trabalho. Quando eu fui pra Mirabal, eu dei muito trabalho porque eu incomodava, eu não dormia, eu ficava que nem um zumbi andando pela casa e fechando porta, trancando janela, porque tinha medo que alguém entrasse e me machucasse, fizesse alguma coisa pra mim, então eu desconfiava das minhas companheiras o tempo todo, tive que ficar num quarto só pra mim, os meus filhos, né? E geralmente os quartos eram, eles eram coletivos, mas eu não conseguia dividir o espaço com ninguém, porque eu tinha medo das pessoas o tempo todo. E aí eu fiquei no abrigo durante um ano e três meses, eu denunciei ele por estupro, eu denunciei, eu consegui cinco protetivas e as protetivas incluíam os meus filhos e... e daí nesse período eu sempre fiz a terapia com a medicação, faço até hoje, a terapia com a medicação, faço até hoje a terapia psicológica, eu consegui aos poucos é... com a ajuda de todas as gurias, né? Que cuidaram de mim, a x, se tornou minha amiga até hoje, a gente se fala, eu vou na casa dela, ela vem na minha casa, a x, a x, enfim, nossa, muitas, muitas, muitas, muitas pessoas que eu conheci, que as próprias companheiras, né? As acolhidas que me contaram a história de vida delas, também, isso foi me fortalecendo, eu conhecer outras histórias de outras mulheres que passaram tanto quanto o que eu passei, ou até mais coisas do que eu passei e que tavam ali tentando sobreviver e reconstruir a vida. Então, essa troca de experiência com essas outras mulheres também foi algo muito impactante na minha vida, algo que me deu muita força, né? de conseguir entender que eu não tava sozinha e eu não tô. E eu sei disso. E... e que outras pessoas tinham passado pela mesma coisa que eu e que isso não era uma culpa minha e que eu poderia, sim, fazer alguma coisa. E aí, eu decidi abrir o jogo. Aí, eu contei pra todo mundo da minha família, contei pro meu ex-companheiro, eu eu contei pros meus filhos, eu contei pra todo mundo o que tinha acontecido. Aí muita gente se revoltou e aí ele tava exposto porque eu já tinha denunciado ele pra polícia, já tinha protetiva, eu já tava lutando pela guarda do meu filho e ele não sabia onde eu tava, porque eu tava muito bem escondida, tava, não tinha como ele me achar, tava muito bem protegida, as gurias me protegiam muito, faziam todas as coisas comigo, eu nunca fui numa audiência sozinha, isso também foi algo muito, muito, muito marcante na minha vida, porque quando a gente tinha as audiências, a gente fica numa sala com as outras mulheres que vão ter audiências também pela questão da violência doméstica, né? E eu via aquelas outras mulheres sozinhas naquela sala, desacompanhadas de advogado, desacompanhadas de familiares, de amigos, de enfim, sozinhas. E todas elas muito assustadas, com muito medo, algumas chorando, e eu via e eu olhava pra mim pra situação que eu tava vivendo, que eu deveria tá daquela mesma maneira e eu não tava, porque eu tinha cinco, seis mulheres ali junto comigo, que faziam parte dessa rede de proteção, as mulheres da, da, da Mirabal, mais umas milhares me mandando mensagem no telefone, “força, não desiste, a gente tá contigo, não vai te acontecer nada, nós tamo junto”. Então, aquilo foi, isso foi algo que... que foi o que me fortaleceu, foi o que me resgatou, foi o que salvou a minha vida, não me sentir sozinha, ter certeza absoluta que eu não tava sozinha, receber tantos abraços, é... receber tanta força, tanto carinho, tanta gente se revezando pra dormir comigo, pra não dormir sozinha, tanta gente se revezando, pra ficar nas audiências comigo. É... as gurias pagando Uber pra mim não ter que pegar um ônibus, não ter que me expor, não ter que ficar perto de ninguém que aquilo me causava estresse, correndo atrás da minha medicação, correndo atrás de todas as coisas pra mim, pros meus filhos. Então, eu não tinha o direito de

desistir.

Nossa X, eu vi aqui agora esse último, esses últimos áudios que você mandou que deu uns vinte minutos assim. Eu estou impactada, senhor. Vou precisar. Nossa. Meu Deus do céu. Você é muito heroína, assim. muito. Não te admiro assim, muito mesmo que estou arrepiada e cara, foi difícil segurar o choro aqui também, porque que foda. Ai.

Bom, tá. Deixa eu te perguntar uma coisa pra você. Você, então, considera que a estadia de um ano e pouco na Mirabal, foi determinante pra você, pra sua sobrevivência você, enfim, e ir atrás, né, dos seus direitos, de enfim, de denunciar o etcétera. Você acha que foi determinante? Eu fiquei, que além de tudo isso, assim, que você já sobre todo o apoio pessoal, né? Das meninas que são envolvidas na coordenação, que mais? Assim que cê consegue identificar na casa que tenha, que tenha te auxiliado nisso

E e a X de hoje está está como, assim? Eh e como é que você está hoje? Eh você tem planos pro futuro? Você você se vê de uma forma diferente. De quando você estava ou ou não, eh como é que você se vê assim nesse eh hoje, hoje em dia, assim, depois de todo esse processo, depois de toda essa história eh e o que que cê almeja assim, tudo, pro futuro, o que que cê deseja pro futuro?

Então... não, com certeza absoluta a casa foi um divisor de águas na minha vida assim. Eu... sem... se eu não tivesse ido pra Mirabal eu acho que eu não estaria conversando contigo agora. Eu acho não. Tenho certeza que eu eu não estaria agora conversando contigo porque eu tinha, eu já tinha desistido de tudo, assim, eu não tinha mais vontade de, eu tinha cansado, entende? Eu não queria mais, eu achava que... que não tinha mais a possibilidade d'eu... d'eu voltar a viver, de ter uma vida normal. Mas, enfim, porque eu tava passando, eu desenvolvi estresse pós-traumático, né? Quando eu fui pra Casa, eu descobri isso, que eu tava sofrendo desse estresse traumático e aí, quando eu saí do ciclo de violência, o estresse pós-traumático e aí junto veio agorafobia, que eu também desenvolvi. Então eu dei muito, muito trabalho pras gurias da Mirabal assim, porque como eu te comentei nos áudios anteriores, é... eu não dormia, eu tinha uma dificuldade gigantesca de dormir, porque eu tinha pavor noturno, assim, eu tinha uma insegurança muito grande, eu chorava muito e eu não conseguia interagir com outras pessoas, né, porque eu tinha medo das pessoas. Eu não conseguia consultar com a médica, eu não conseguia ir até o posto porque eu não conseguia ter pessoas perto de mim, eu não conseguia ser uma pessoa normal que vai até um posto de saúde, esperar junto com outras pessoas, porque eu, se alguém tocasse em mim, um médico, tocasse em mim, enfermeiro, sendo homem, né? Aquilo me causava uma repunção, um enjoo, um nojo muito forte. Então, eu não conseguia. É... sentir perfume de homem com suor, misturado com cheiro de bebida, coisas assim me direcionavam é... pro dia do trauma. Então, eu tinha pavor... eu tinha medo de sentir medo, não sei se tu consegue entender isso, assim. Eu tinha, eu tinha, eu tinha um pânico constante, vinte e quatro horas por dia, porque eu tinha a sensação que alguma coisa ia me acontecer a qualquer momento, alguma coisa de ruim, muito, muito, muito ruim ia acontecer comigo a qualquer momento. Então, eu tava o tempo todo me protegendo, eu parecia um bicho. A x pode te confirmar

isso assim, eu não olhava nos olhos das pessoas, eu não conversava com as pessoas e eu acho que o mundo aqui fora, ele não tá é... As pessoas não tão preparadas pra cuidar duma pessoa que tava no estado é... psicológico que eu tava. Por preconceito, por machismo, por achar que isso é besteira, por culpar a vítima, por um milhão de motivos assim, sabe? Eu acho que a sociedade não tem estrutura pra cuidar de uma pessoa que passou por um estupro coletivo, que passou por um tipo de violência é... tão impactante como o que eu, o que eu passei, assim, porque eu tô te contando o resumo do básico, do básico, dos três anos que eu vivi é... única e exclusivamente sendo propriedade de uma pessoa. Então, isso foi uma coisa, é uma coisa que... que eu tô tentando vencer todos os dias. Então, se eu não tivesse passado pela Mirabal, porque eu... eu penso muito nisso, assim, lá do tamanho da gratidão que eu tenho... porque como, quem ia cuidar de mim? Quem ia cuidar de mim? Como que eu ia ser cuidada, né? Porque eu ia ter que continuar eu tinha, eu ia ter que voltar a trabalhar, eu ia ter que sustentar meus filhos, eu ia ter que cuidar do meu avô, e quando eu tava na Mirabal já há três meses, acho que três, quatro meses, assim, o meu vô faleceu de câncer, então isso aumentou a minha depressão, aumentou a minha falta de segurança, então só piorou minha situação com, com a morte do meu avô, é... eu fiquei um mês trancada no quarto, sem falar com ninguém, logo após a morte do meu avô e eu comecei a me cortar, comecei me machucar. Então, tipo assim, eu eu eu sei que eu dei muito trabalho, sabe? Por isso que eu sou muito, muito, muito grata por eu ter sobrevivido, porque é... depois do que me aconteceu... se eu tivesse continuado em casa... Eu, eu não ia ter coragem de... de voltar a viver, de fazer as coisas que eu fazia, de trabalhar, de estudar, de ser um ser humano normal. Eu não ia conseguir. Sozinha eu não ia conseguir. Minha cabeça não, não, não tava, não suportava mais. Então, eu posso te afirmar com certeza absoluta que é... tudo que eu passei dentro da Mirabal foi o que me salvou, foi o que me resgatou porque aí eu comecei a fazer as terapias, né? Pra tratar esses traumas e tal que eu faço até hoje essas terapias, eu nunca fui é... a médica nunca me deu alta, né? Porque eu vivo em altos e baixos, só que a diferença é que hoje eu consigo me identificar, eu consigo entender, eu consigo... eu me respeito mais, eu me cobro muito menos, então a aceitação de quem eu sou, do que, do que eu sou a partir disso, né? E do que que eu posso fazer depois de tudo que me aconteceu. Então, agora eu tenho essa consciência, logo nos primeiros meses, no primeiro ano, talvez eu, eu não, não tivesse essa compreensão, né? Me culpava muito, então, toda essa paciência que as gurias tiveram comigo, é... do apoio da minha amiga, que foi morar no abrigo junto comigo, que virava madrugadas dormindo comigo, me dava a mão pra mim, dizia, “olha, não precisa ter medo”, eu com as minhas paranoias de de pegar os guarda-roupa, colocar na porta do quarto, e trancar a janela, e acordar de madrugada... então tipo ela me acompanhou nisso, sabe? E não me julgou em nenhum momento, não disse “tu tá ficando louca, para de fazer isso, tem cuidar dos teus filhos”, não. Foi tudo, foi tudo pensado no meu tempo. Então, meu tempo foi respeitado demais, assim. As minhas dores, meus choros, tudo foi, foi respeitado demais. E a sensação de... de não tá sozinha também é algo, assim, muito importante quando a gente tá dentro do ciclo, quando a gente resolve sair do ciclo, porque é... não é que eu, eu tenha resolvido ser do ciclo, me tiraram, entende? Depois eu entendi que aquilo realmente foi o melhor que me aconteceu, mas se tivesse deixado por mim, eu não teria, não teria tido esse tino, essa coragem, esse impulso, não, não teria feito isso de maneira nenhuma, eu não tinha mais é... força pra isso. Então, quando essa minha amiga me levou a pra Mirabal, ela deu o primeiro passo pra salvar a minha vida. Então, eu também

sou muito grata a ela pelo que ela fez é... de ter parado a vida dela e ter cuidado de mim.

Mas as gurias da Mirabal tiveram um papel fundamental nessa minha conquista, né? Nessa minha vitória, porque ahm imagina, se tu tá na casa dum parente, tu tá na casa dum amigo, tu não vai ficar na casa dessa pessoa durante um ano, um ano e três meses, sem trabalhar, como eu fiquei lá na Mirabal, elas ahm custeando todas as minhas, as, as minhas, todas as coisas que, todas as minhas necessidades, né? É... comida, vestimenta, ahm medicação, tudo, eu ia pras audiências, eu não tinha dinheiro, eu não tava trabalhando, elas pagavam o Uber pra eu ir até a audiência pra que eu tivesse menos contato possível com outras pessoas, porque era o que eu queria. Então, elas cuidaram de mim, de uma maneira, elas cuidaram, elas cuidaram de mim nos mínimos detalhes. Então, foi muito importante pra eu conseguir. E aí, depois, acho que um, eu comecei a melhorar já com sete, oito meses na Casa, né? Ainda não saía pra rua, não ia pra lugar nenhum, mas eu comecei a interagir melhor com as outras meninas, comecei a conhecer outras histórias, é... comecei a fortalecer amizades, né? Que foi também uma coisa que me ajudou muito, foi conhecer, muito importante pra mim, foi conhecer é... as histórias das outras companheiras que tavam na casa, né? As outras as outras acolhidas que tavam na casa, isso também foi uma coisa que me fortaleceu muito, eu tenho amizade com muitas delas até hoje, posso dizer que algumas se tornaram minhas irmãs de vida, assim, de alma, porque a gente se fala, a gente, a gente se entende, porque às vezes ainda hoje, né? ainda em algumas crises de choro, de de sensação que alguma coisa vai acontecer e algumas pessoas perto de mim não sabem como lidar, mas uma ex-acolhida ela ela vai saber como agir comigo, como eu vou saber como agir com ela, daquele momento que ela tá passando. Então, isso também é uma coisa que me fortalece muito quando eu tô muito pra baixo, assim, eu, ah, respiro fundo, eu lembro de tudo que aconteceu, de tudo que eu consegui vencer e penso, “ow não, não baixa, não, te acalma que que vai passar”. E eu sei que vai passar e passa. Então, isso tudo isso tudo me... me fortaleceu assim mesmo. Essas outras histórias dessas meninas que eu conheci na casa. E aí eu comecei a fazer coisas na casa assim também. Eu... eu nunca cozinhei, não gostava de cozinhar. Nem tinha tempo, levantava e ia trabalhar e criança na escola, criança na creche e faculdade, tal, não tinha tempo pra outras coisas, né? E aí, lá na Casa, eu, eu queria me ocupar, eu tinha essa necessidade, eu tenho essa necessidade, porque eu não consigo ficar muito tempo sem fazer nada. Então, eu tô sempre procurando alguma coisa pra me entreter. E aí eu comecei a cozinhar lá na casa, quer dizer, o almoço, eu me, me, me colocava, né? Que a gente tinha uma tabela de, de coisas que a gente tinha que fazer, de tarefas, né? Hoje fulana é lava louça, ciclana limpa o banheiro e tal. E aí eu sempre me colocava na cozinha porque eu eu queria cozinhar, tinha uma, uma, uma senhora que é muito minha amiga, que a gente se fala até hoje, que é a dona x. Que era quem ficava na cozinha. E aí, ela me adotou, assim, ela virou tipo minha mãe, porque a gente, eu ia pra cozinha, né, na época, aí eu não, não fazia comida, era ela quem fazia, mas eu lavava a louça, limpar o fogão e a gente se acertou e ela começou a me ensinar a cozinhar ou as coisas do dia a dia, tipo o arroz, feijão, uma carne, alguma coisa assim, coisas que geralmente eu não fazia, não fazia em casa, assim, no meu dia a dia, no meu cotidiano. E aí surgiu uma professora maravilhosa, transformadora e ela foi dar aula de culinária na casa. A x. E eu fiz o curso junto com ela. De culinária. E aí eu me apaixonei. Pela cozinha, pela culinária. Não... não fui em todas as aulas, porque algumas vezes eu não conseguia interagir, mas quando eu tava na aula,

eu tentava absorver o máximo possível, porque era o dia que eu tava bem, então, eu tentava extrair o máximo possível. E aí, aquilo se tornou uma coisa na minha vida, assim, transformou a minha vida lá dentro da casa, porque eu ficava até três horas da manhã fazendo bolo pro pessoal no outro dia de manhã. E daí, os primeiros saíram horríveis, depois comecei a acertar, começaram a sair bons e aí o pessoal começou a elogiar, aí comecei a fazer o almoço, junto com a Dona x, daí as pessoas começaram a elogiar comida, claro, eu errei muito, né? Mas eu comecei a fazer todos os dias e era o que eu fazia, é... eu acordava, eu, eu me enfiava na cozinha e ficava ali, fazendo bolo, fazendo salgados, fazendo todo, todo mundo quando alguém tava de aniversário lá na casa eu sempre fazia bolo pras pessoas. É... festival, eu vendia coisas, então, isso me deu um, uma luz, assim. E aí, eu comecei a vender quentinha, comecei a vender marmita, quando eu tava lá na casa, é... pra fora, assim, né? Eu, e uma outra companheira, uma outra acolhida da casa, a gente se juntou e aí a gente, eu comecei a fazer a comida, né? E ela saía pra vender lá no centro, ahm, pras que, a Mirabal já era no centro, né? Aí ela descia ali e vendia as marmita e deu certo. Aí a gente começou a fazer clientela e com isso eu comecei a juntar dinheiro “nossa, poxa, eu tô conseguindo ao ponto de conseguir juntar dinheiro”. Porque eu não imaginava, assim, eu pensava, bom, vou vender pra sei lá, né, porque eu fumava, né, pra comprar um cigarro, pra comprar um doce, pra uma das crianças, uma fruta, alguma coisa que faltasse na casa, então, eu não tinha, não, eu não iniciei, assim, a primeira ideia não era juntar dinheiro pra alugar uma casa e ir embora. Primeira ideia era, ver se dá certo. E ocupar minha cabeça.

E aí começou a dar super certo. Só que eu perdi minha... minha companheira, né? A dona x que vendia junto comigo. Ela arranjou um serviço de carteira assinada. E aí ela parou de vender as quentinhas. E aí chegou uma outra companheira na Casa. Que topou fazer junto comigo, a gente continuou o negócio e aí eu comecei a guardar dinheiro. Bom, vamo, vamo tentar, né? Aí eu já tava já quase há um ano na Casa, eu comecei a guardar dinheiro e aí eu comecei a pensar na possibilidade, é... porque as crianças também já, apesar da Mirabal ser um ambiente muito bom as crianças... tinham outras crianças pra brincar, enfim, mas eles sentiam falta de ter o canto deles, de ter a casa deles, o quartinho deles, né? E começaram “a, mãe, quando que a gente vai voltar pra nossa rotina normal”, porque eles também, eles trocaram de escola, eles tiveram que modificar toda a vida deles, né? Então foi... foi difícil pra mim, mas também foi muito difícil pra eles. E eu comecei a pensar nessa possibilidade de sair da casa e as gurias, é, no começo, assim, elas meio que rejeitaram a ideia, assim, sabe, que eu sempre fui, eu sou muito extremamente apegada a todas elas, assim, elas também têm um carinho muito grande por mim. Então, quando eu falei a primeira vez assim, ah, eu acho que eu vou, vou tentar sozinha. Não sozinha, porque eu... depois que a gente entra pra Casa, que a gente faz parte desse grupo, que a gente se torna uma Mirabal, uma mulher Mirabal, tu nunca mais tá sozinha, né? Tanto que eu falo com as gurias, né? Quase que diariamente. É... então é... só se fortalece, né? Não tem, não, não existe mais o sozinho. Mas elas não queriam, assim, que eu... acharam que era prematuro, porque ainda tava fazendo a terapia, não tinha ganhado alta e a minha psicóloga, a x que foi um ser, é um ser muito, muito, eu tive muita sorte, um ser muito iluminado, ela também achou assim, que não era o momento e tal. Então, eu, aí, eu, eu dei mais uma segurada, continuei trabalhando, vendendo e aquilo foi, me animando muito, foi... só que é... eu... eu me sentia muito segura porque eu fazia tudo dentro da casa e outra pessoa saía pra vender pra mim. Então eu.. eu

entendi o receio das gurias de eu ir pra um outro lugar, trabalhar e eu ter que sair pra rua pra é... vender e fazer clientela e tudo mais porque eu tinha ainda, esse é... esse pequeno problema assim de não conseguir interagir muito com as outras pessoas, mas já tava muito melhor, já conversava, já saía às vezes, sempre acompanhada, raramente saía sozinha, mas já tava conseguindo algumas vezes. Pra ti ter noção, eu não ia na... nós morávamos bem pertinho do gasômetro, não sei se tu conhece, muito perto, assim. E eu não conseguia sair da casa, que era na mesma rua que a gente morava, só que no final da rua, ir até o gasômetro, porque eu não me sentia confiante de andar sozinha numa rua. Então as gurias tinha esse receio de eu iniciar, começar sozinha, porque daí eu já tinha perdido o meu avô, né. A minha amiga ficou um período comigo, mas aí ela acabou indo embora. Então, não tinha, elas tinha esse receio, assim, de de se eu ia conseguir, né? Mas aí eu, eu fortaleci essa ideia, aos poucos e decidi que seria melhor, que eu ia continuar fazendo o tratamento com a medicação, fazendo o tratamento, a terapia com a minha psicóloga e... mas que eu ia tentar. E aí, eu fui. Depois de um ano e dois meses que eu tava na casa, de ter amadurecido bem a ideia. É... a companheira que vendia as quentinhas comigo, foi morar junto comigo, nós saímos juntas, eu, ela, e as crianças, né? A F e o J saíram comigo da casa também. Fomos, alugamos uma casa e fomos, fomos tentar. Aí, no começo não deu muito certo, porque a gente saiu do centro, né? E a gente fazia muito dinheiro por tá no centro, porque o centro tem um movimento gigante, aí a gente tentou outras coisas, a gente começou a fazer pão, daí a gente... ela conseguiu um trabalho numa, numa padaria, e aí ela foi trabalhar na padaria e eu fazia em casa, pra vender com uma outra... com uma outra companheira que também era ex-acolhida, que morava perto da gente, né? Então, eu fui criando assim mecanismos pra eu conseguir me sentir forte o suficiente pra pra conseguir retomar minha vida, né. É, mas eu não consegui retomar vida ainda cem por cento. Eu ainda, eu não, aí quando a gente tava na casa também, eu acabei descobrindo que o meu filho, né, filho do meu agressor, ele ele herdou a bipolaridade do pai. Então, eu eu não tô trabalhando, porque eu fico em casa cuidando dele, que ele precisa de um pouquinho mais de atenção e... eu voltei pro meu, pro meu segundo, meu terceiro companheiro, que é o pai da minha filha. A gente tá casado, a gente tá morando junto. E ele voltou, assumiu a filha, se arrependeu da, né? Do que aconteceu, dele não ter me apoiado, ele sofreu muito, ele ficou com sequelas, então eu também consegui entender um pouco, assim, do sofrimento dele e... aí a gente sentou, conversou e a gente decidiu retomar e eu retomei a minha vida quase do... daquele momento, assim, daqueles três anos do que tinha acontecido. Mas eu fico em casa, a maioria do tempo, assim, agora, né, nesses últimos tempos, porque eu tô... quando a gente descobriu a bipolaridade do J, o J tomou a medicação, o J faz terapia, três vezes por semana. Agora não tá fazendo por causa da pandemia, né? Mas ele faz terapia três vezes por semana no CAPSI com um psicólogo, e um psiquiatra, ele toma medicação, ele já foi internado algumas vezes no Hospital São Pedro, então ele tem bipolaridade agressiva, né? Que é quando a pessoa se machuca, são dois tipos... a dele é agressiva, tem agressiva, e depressiva, a dele é agressiva. Então, eu me dedico agora, no momento, faço uns bicos, faço algumas coisas, né? Mas eu, a maioria do tempo eu fico em casa e o meu companheiro tá trabalhando. Eu continuo fazendo as terapias. É... a minha psicóloga teve uma filhinha há pouco tempo, teve uma gravidez de risco, então a gente deu uma pausa da terapia presencial, né? Mas a gente faz por telefone e a medicação, que a medicação, eu sei que ainda por um tempo, né? Eu não tenho pressa, assim, eu não tenho pressa de nada de dar, “ai eu preciso me curar, eu preciso me livrar

da medicação, eu preciso pra de fazer terapia”. Eu não eu não me cobro nesse sentido assim, eu eu tô deixando com o tempo, né? É... eu tenho me sentido melhor, cada dia melhor, eu noto que eu melhorei muito. É... de tudo que eu passei, eu sei que eu evolui bastante, assim, eu consegui me abrir mais pro mundo. Minha vida tá muito mais tranquila. Eu nunca mais tive contato com o meu agressor. Depois que eu coloquei ele na justiça, que... que começou a rolar os processos, né. É... os primeiros quatro meses ele me procurou, ele ameaçou amigos, ele fez horrores de coisa, mas ninguém sabia onde eu tava, porque eu fui pra Mirabal, não falei pra ninguém, apenas o meu avô sabia, mais ninguém. Então, ele não conseguiu me achar, me mandou, eu bloqueei ele, eu troquei de chip, eu bloqueei ele no Face, daí ele conseguiu, fez um, um Face fake e... me mandou umas mensagens, me ameaçando uma época e aí eu peguei aquelas mensagens, levei até a delegada, registrei uma ocorrência e aí ele recebeu a notificação e aí quando a gente começou a processar, ele começou a receber as notificações que eu tava pedindo a guarda do meu filho, sobre toda as coisas que aconteceram, é... ele parou de me procurar, parou de me ameaçar, até mesmo porque daí a minha família toda já sabia, meus amigos todos já sabiam, a gente tinha alguns amigos em comum que comentaram com ele, “cara, sério que tu fez isso? que aconteceu tal coisa e tal?”, e aí isso acabou fazendo com que ele não tivesse é... como ter tanto acesso, assim, não, não que ele não não conseguisse ter acesso, mas que ele não, não fosse uma coisa assim, que as pessoas não fossem acreditar, porque era muita gente sabendo. Então, se ele fizesse, acontecesse alguma coisa comigo, a primeira pessoa que ia ser culpada, que as pessoas iam imaginar, seria ele. Então, ele, ele sumiu, ele foi em duas das nossas audiências só, eu... nós tivemos onze audiências, nessas onze audiências, ele foi em duas ou três, não me lembro, e depois as outras eu fui sozinha e fui ganhando porque ele não, ele não aparecia, né? Ele não, ele não, nem o advogado dele, enfim, daí então, eu fui ganhando os processos, ganhei a guarda do meu filho, que foram quatro audiências e ele não foi, não demonstrou nenhum tipo de interesse. E aí, eu ainda tenho é..., eu o renovo, renovei durante um ano as protetivas enquanto tava no abrigo, depois a juíza não quis mais renovar porque não tinha mais nenhum tipo de fato novo acontecendo e realmente não tinha, porque ele nunca mais me ameaçou, nunca mais mandou recado por ninguém. Então, eu não vou te dizer que eu hoje vivo tranquila cem por cento porque eu não vivo, Porque eu sei que ele é uma pessoa, uma pessoa que foi capaz de fazer o que fez comigo e fez com outras mulheres que a gente descobriu mais tarde, que ele tinha mais cinco protetivas e que ele... e ele já tinha... o que ele fez comigo, ele fez com uma menina de dezessete anos, a gente conseguiu, teve acesso, né? A algumas partes do processo dela. Então, ele foi tão cruel com ela quanto ele foi comigo, com outras mulheres também, porque no dia que eu fui registrar o, a, meu, meu boletim de ocorrência, pedi a minha protetiva, a advogada que tava lá, me acompanhando, ela conhecia a delegada e ela conseguiu ver que tinha outros cinco registros de cinco mulheres diferente. Há pouco tempo atrás, muito... pra ti ver ao ponto que ele tinha tava enlouquecendo, assim, que ele, ele tava fazendo isso comigo e tava fazendo isso com outras mulheres, ao mesmo tempo, porque a gente deu um basta quase que perto, assim, meses de diferença. Eu foi a última a... a criar coragem, a conseguir é.. pedir uma protetiva e dar um basta no que tava acontecendo. Então, hoje em dia a gente não tem mais nenhum tipo de contato, nunca mais vi ele, ouvi falar nele, nem nada, mas eu não vou te dizer que eu vivo cem por cento tranquila, porque eu tenho, a gente sempre, eu, eu fiquei com esse sentimento, essa sensação de perigo, de medo, né? É... eu me sinto

muito mais segura hoje em dia por ter conseguido expor o que aconteceu comigo, eu consigo falar, eu me emociono muitas vezes, eu choro, ainda quando eu conto a minha história pra alguém, né? Mas eu, eu consigo hoje, eu consigo falar. Ah, um ano, um ano e meio atrás eu... as pessoas, só as gurias que cuidaram do meu caso mesmo, lá na Mirabal é... quem me acompanharam na delegacia, que me acompanharam em hospital, que me acompanharam, que sabem o que, o que aconteceu, porque detalhadamente, assim, como eu tô abrindo pra ti, eu contei em algumas entrevistas, né? Que as gurias me pediram e ponto, assim, porque eu não, não é uma coisa que eu tenha tanta facilidade, mas eu já consigo falar assim, do que antigamente, antigamente, as pessoas, ah, “mas por que que tu foi parar no abrigo e aconteceu contigo?” Ah, eu passei por um ciclo de violência. Eu não conseguia contar, contar meus, como, tu, tu, tu apanhava em casa, sabe? Eu não conseguia elaborar a história, assim, pra conseguir é uma coisa que me desestabiliza muito, assim. Mas hoje em dia eu tenho planos, né, de é... quando eu consegui organizar o J, que eu estou esperando agora pra ele receber um auxílio do INSS e daí conseguir. Quero colocar ele fazer algum tipo de esporte, alguma coisa pra ele ocupar mais a mente, daí eu conseguir também voltar, né? Porque eu sinto muita vontade de voltar a estudar, eu fiz magistério, eu quero fazer pedagogia, eu iniciei a pedagogia e tive que parar, então tenho muita vontade, tenho vontade de trabalhar fora de novo... tenho vontade de, eu até tentei algumas vezes assim, né? Só que eu tive que parar, todas as vezes que eu iniciei, eu tive que parar por minha causa, às vezes, por eu não conseguir, por me dar um receio de ter uma rotina e algumas vezes também por causa do J, porque ele demanda muito de mim, mas eu acredito que eu vou conseguir sim. Eu estou lutando pra por isso. Por mim, pelos meus filhos. É... pelas minhas companheiras que não desistiram de mim. Todas as minhas amigas, pelas meus amigos que não desistiram. Pelas pessoas que sempre me acompanharam e que torcem por mim. Hoje eu me tornei uma mulher muito mais combativa eu sou uma mulher muito mais feminista, eu sou muito mais mulher, eu sou muito mais confiante, eu me amo muito mais e isso tudo só se transformou dentro de mim pra melhor, porque eu tive essa grande oportunidade, essa, esse divisor de águas na minha vida que foi conhecer a Mirabal.